

ESTUDOS: LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

Dora Leal Rosa

VICE-REITOR

Luiz Rogério Bastos Leal

INSTITUTO DE LETRAS

DIRETORA

Risonete Batista de Souza

VICE-DIRETOR

Márcio Ricardo Coelho Muniz

O Corpo Editorial da revista *Estudos: Linguísticos e Literários* interfere apenas nos aspectos técnicos de formatação dos artigos.

A matéria veiculada nos artigos é da estrita responsabilidade dos autores.

Estudos: Linguísticos e Literários - n. 46 - Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, julho/dezembro 2012,

301 p. 15x21,5cm.

Semestral

ISSN 0102-5465

Letras - Periódicos I. Mestrado em Letras, Universidade Federal da Bahia.

CDU 8 (05)

ESTUDOS: LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA



Número 46

julho de 2012/dezembro de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

COORDENADORA DO PPGLINC
Célia Marques Telles

COORDENADOR DO PPGLITC
Sérgio Barbosa de Cerqueda

EDITORA
Suzana Alice Marcelino Cardoso

CO-EDITORA
Lígia Guimarães Telles

CONSELHO EDITORIAL
Célia Marques Telles (UFBA/PPGLL)
Celina de Araújo Scheinowitz (UFBA/UEFS)
Décio Torres Cruz (UFBA/PPGLL)
Evelina Hoisel (UFBA/PPGLL)
Ilza Maria de Oliveira Ribeiro (UFBA/PPGLL)
Jacques Salah (UFBA/PPGLL)
Lizir Arcanjo Alves (UCSal)
Maria Helena Mira Mateus (Univ. de Lisboa)
Maria Teresa Abelha Alves (UEFS)
Myriam de Castro Lima Fraga (FCJA)
Norma Lopes (UNEB/FJA)
Regina Zilberman (UFRGS)
Rita Olivieri-Godet (Univ. de Rennes II)
Serafina Maria de Souza Pondé (UFBA/PPGLL)
Sílvia Rita Magalhães de Olinda (UEFS)
Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

APOIO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO
Hélida Silva Magalhães

PROJETO GRÁFICO
Simone Silva



INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Rua Barão de Jeremoabo, 147
Campus de Ondina, CEP 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil
Telefones (71) 3283-6781, Fax: (71) 3283-6208
E-mail: pgetba@ufba.br; estudos@ufba.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
O ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS (APFB) E O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL	13
<i>Dinah Callou</i>	
SOM E SENTIDO: INTER-RELAÇÕES	33
<i>Carlota Ferreira</i>	
<i>Suzana Alice Marcelino Cardoso</i>	
VARIAÇÃO E MUDANÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PROPRIEDADES DE PRONÚNCIA DA FALA URBANA CULTA E DE OUTRAS VARIEDADES COMO FUNDAMENTOS DE DIVISÕES NA DIALETOLOGIA GEOGRÁFICA	47
<i>Brian Head</i>	
REVISITANDO O APFB: NOVOS ESTUDOS E NOVA APRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA DE DADOS FONÉTICOS	81
<i>Jacyra Andrade Mota</i>	
<i>Ana Regina Torres Ferreira Teles</i>	
O ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS E OS ATLAS NORDESTINOS: VARIAÇÃO LÉXICA	101
<i>Maria do Socorro Silva de Aragão</i>	
A PROPOS DE DEUX COURANTS D'EXPANSION DE LA LANGUE PORTUGAISE A BAHIA.....	121
<i>Nilton Vasco da Gama</i>	

ENCONTROS VOCÁLICOS ÁTONOS EM FINAL DE VOCÁBULO: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA	167
<i>Silvia Figueiredo Brandão</i>	
<i>David dos Santos Rocha</i>	
NOMES PARA A PATELA EM CORPORA DE SINCRONIAS E DIATOPIAS DISTINTAS:	
APFB, ALPR, ALIB-BA E ALIB-PR.....	189
<i>Vanderci de Andrade Aguilera</i>	
O APFB: UMA FONTE PARA ESTUDOS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICOS	215
<i>Denise Gomes Dias</i>	
DIVERSIDADE LEXICAL DO PORTUGUÊS	
FALADO NA BAHIA	233
<i>Marcela Moura Torres Paim</i>	
A DELIMITAÇÃO DE ÁREAS DIALETAIS NO ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS.....	255
<i>Márcia Verônica Ramos de Macêdo</i>	
VARIAÇÃO E MUDANÇA SEMÂNTICAS NO LÉXICO RURAL DA BAHIA	281
<i>Maria Lúcia Souza Castro</i>	

Apresentação

Estudos Linguísticos e Literários, número 46, complementa as comemorações dos 50 anos do lançamento do *Atlas Prévio dos falares baianos-APFB* (1963). Obra que inaugura os estudos de Geolinguística brasileira, fruto do pioneirismo de Nelson Rossi que se debruça pelos caminhos da variação da língua no Brasil e encontra na Dialectologia o rumo para as suas pegadas, o *APFB* constitui-se em trabalho pioneiro no campo da Geolinguística brasileira produzido pela Universidade Federal da Bahia.

Ao se organizar este número temático, presta-se uma homenagem especial a Nelson Rossi (*1926 - † 2014), professor titular da Universidade Federal da Bahia, onde atuou até a sua aposentadoria. Carioca de nascimento, veio para a UFBA em 1955, a convite do Reitor Edgard Santos, tendo sido, nesta Universidade, o iniciador dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, responsável pela criação de um grupo de pesquisa de ação continuada até o presente, na UFBA, alcançando a sua atuação outras universidades brasileiras. Instalou na UFBA o primeiro Laboratório de Fonética, no Brasil. Foi o autor do primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos*, e responsável pela implantação, no Brasil, do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Integrou, juntamente com Heron de Alencar, Aryon Rodrigues, Darcy Ribeiro, Agostinho da Silva, entre outros, o grupo que criou, em 1963, a Universidade de Brasília. Participou da Comissão de Linguística e Dialectologia Iberoamericana (CLDI) do PILEI, foi membro da Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL) e sócio fundador e presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Tinha uma consciência muito clara

da importância da pesquisa em grupo e da validade do trabalho conjunto.

Passado meio século da publicação do *APFB*, o caminho aberto alargou-se com a adesão de muitos pesquisadores que acorreram a essa área do conhecimento; floresceu com a produção de monografias dialetais; ganhou corpo com realização de atlas regionais, de atlas de pequenos domínios e, por fim, com o atlas linguístico do Brasil.

Para comemorar, reúnem-se, neste número, trabalhos de autores diversos, do país e de fora do Brasil, de gerações que acompanharam o desenvolvimento do *APFB*, de gerações que se têm beneficiado dos princípios metodológicos e teóricos difundidos pela obra.

Figuram, assim, neste número, trabalhos das colaboradoras principais do *APFB*, Dinah Callou (naquela época, Dinah Isensee) e Carlota da Silveira Ferreira, este em colaboração com Suzana Alice Marcelino Cardoso; de pesquisadores seniores que viram nascer o atlas da Bahia e têm compromisso com estudos no campo da Dialetoologia brasileira — Brian Head (Universidade de Albany), Jacyra Andrade Mota (UFBA), em co-autoria com a engenheira e cartógrafa do ALiB Ana Regina Torres Ferreira Teles (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC), Nilton Vasco da Gama (UFBA), Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ), em co-autoria com o bolsista IC David dos Santos Rocha, e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL); e de jovens pesquisadores que se debruçam sobre a Geolinguística, fortalecendo a área no Brasil e assegurando a continuidade dos estudos nesse campo específico, Denise Gomes Dias (UNEB), Marcela Moura Torres Paim (UFBA), Márcia Verônica Ramos de Macêdo (UFAC) e Maria Lúcia Souza Castro (UNEB).

Os temas tratados trazem reflexões sobre dados diversos que, de forma diferenciada, se relacionam com o APFB.

Dinah Callou, em o *Atlas prévio dos falares baianos (APFB) e o estudo da variação linguística no Brasil*, discute o papel desse atlas para o início da pesquisa linguística no Brasil, apresenta uma visão geral sobre os estudos dialetais e a interação da Dialectologia e Sociolinguística na análise da variação e mudança e ressalta a realização do *Atlas linguístico do Brasil (ALiB)* e seu caráter multi-dimensional.

Carlota da Silveira Ferreira e Suzana Alice Marcelino Cardoso retomam artigo apresentado no III Encontro Nacional de Fonética e Fonologia (João Pessoa, 1988) e publicado nos *Anais* desse Encontro, intitulado *Som e sentido: inter-relações*, no qual refletem sobre mecanismos diversos que atuam na formação ou transformação de lexias, propiciando o aparecimento de novas configurações fônicas, transformações em que interagem expressão e conteúdo, significado e significante.

Em *Variação e mudança no português brasileiro: propriedades de pronúncia da fala urbana culta e de outras variedades como fundamentos de divisões na dialetologia geográfica*, Brian Head compara algumas propriedades de pronúncia típicas da linguagem de falantes cultos de cinco das principais capitais brasileiras, baseado em dados do Projeto NURC, a materiais do *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul*, considerando alguns dados do primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos*.

Jacyra Andrade Mota e Ana Regina Torres Ferreira Teles, em *Revisitando o APFB: novos estudos e nova apresentação cartográfica de dados fonéticos* mostram, em nova formatação, a variação

alveolar *versus* palatal para o /S/ em coda silábica, no *Atlas prévio dos falares baianos*, reunindo as informações que se encontram em vocábulos documentados em diversas cartas léxico-fonéticas em uma carta fonética elaborada sobre base cartográfica oficial, com o georreferenciamento dos 50 pontos que constituem a rede de localidades do atlas.

No artigo *O Atlas prévio dos falares baianos e os atlas nortdestinos: variação léxica*, Maria do Socorro Silva de Aragão destaca o papel do *APFB* e apresenta a produção que a ele se segue, especificamente no Nordeste brasileiro, para, a seguir, destacar aspectos do léxico da região e apresentar estudo comparativo de algumas formas registradas pelos diversos atlas nessa área.

Nilton Vasco da Gama, no artigo *A propos de deux courants d'expansion de la langue portugaise a Bahia*, examina cartas do *Atlas prévio dos falares baianos* que revelaram a existência de áreas linguísticas no território da Bahia e a possibilidade de delimitá-las com base em fatores extralinguísticos, sobretudo o fator histórico, relacionando-as a duas direções seguidas pelas incursões dos conquistadores no momento da penetração no território brasileiro nessa área.

Sílvia Figueiredo Brandão e David dos Santos Rocha, em *Encontros vocálicos átonos em final de vocábulo: uma abordagem sociolinguística*, focalizam os encontros vocálicos átonos em final de vocábulo com o objetivo de determinar os processos que atuam para evitar a emergência do hiato no nível superficial, com base em amostra de perfil sociolinguístico, representativa da fala de Nova Iguaçu-RJ, servindo-se, também, de dados registrados em duas cartas linguísticas do *Atlas prévio dos falares baianos*.

Discutindo os resultados de uma pesquisa geolinguística acerca das variantes lexicais para a *patela*, realizada em quatro *corpora* distintos, Vanderci de Andrade Aguilera, no artigo *Nomes para a patela em corpora de sincronias e diatopias distintas: APFB, ALPR, ALiB-BA e ALiB-PR*, após comparar dados da Bahia e do Paraná, apresenta a realidade dos dois estados, destacando os usos mais frequentes e mostrando que as mudanças no nível lexical para nomear essa parte do corpo estão acontecendo muito lentamente.

Denise Gomes Dias em *O APFB: uma fonte para estudos linguístico-etnográficos* apresenta caminhos possíveis para abordagens etnográficas empregando dados do *APFB*, oferece um panorama das origens de um produtivo relacionamento entre a Geolinguística e a Etnografia, especificamente no domínio da cultura material, e aponta algumas perspectivas para investigações de fenômenos culturais a partir de dados linguísticos.

Em *Diversidade lexical do português falado na Bahia*, Marcela Moura Torres Paim analisa as denominações para *animal sem chifres* utilizadas por baianos, com base no primeiro atlas linguístico regional brasileiro e nos dados constantes do *corpus* do Projeto Atlas linguístico do Brasil, com vistas a registrar as denominações para o referente considerado e verificar o tipo de relação que se pode estabelecer entre o léxico baiano em 1963 e o coletado 40 anos depois.

Márcia Verônica Ramos de Macêdo, retomando dados da sua Tese, defendida em 2012, estabelece subáreas linguísticas no estado da Bahia a partir dos dados cartografados no *APFB* e apresenta mapas com traçados de isoglossas que delineiam as áreas identificadas,

Em *Variação e mudança semânticas no léxico rural da Bahia*, Maria Lúcia Souza Castro verifica a variação e a mudança semânticas no léxico rural da Bahia, a partir de dados coletados em 1995,

em três localidades e os de quarenta e nove cartas do *APFB* e doze cartas-conjuntas Bahia-Sergipe, do *ALS*, observando se as ocorrências de alterações no conteúdo semântico das bases lexicais resultam de restrição, ampliação ou transposição de significado e se existem fatores externos que as condicionem.

O conjunto de artigos, que evoca de diferentes maneiras os dados e o papel do *APFB*, traz a contribuição de pesquisadores que representam categorias diferenciadas de compromisso com *esse primeiro atlas* e revela sua importância uma vez que, presentemente, motiva juniores e seniores e ainda hoje serve de base a artigos, teses e dissertações, o que mostra a continuidade do trabalho dialetal no território brasileiro.

Esta apresentação se conclui com um profundo agradecimento a todos que responderam ao nosso apelo e colaboraram para a construção deste número 46 da nossa *Estudos Linguísticos e Literários*, número este que, por razões alheias à nossa vontade, edita-se em 2014, o que veio a permitir que alguns autores procedessem a atualizações nos seus textos.

Salvador, novembro de 2014.

As Organizadoras.

Jacyra Andrade Mota
Suzana Alice Marcelino Cardoso

O Atlas prévio dos falares baianos (APFB) e o estudo da variação linguística no Brasil

The Linguistic Atlas of Bahia (APFB) and
the study of linguistic variation in Brazil

Dinah Callou

(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

RESUMO: Neste artigo discute-se o papel do *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)* para o início da pesquisa linguística no Brasil. Apresenta-se uma visão geral sobre os estudos dialetais e a interação da Dialectologia e Sociolinguística na análise da variação e mudança. Ressalta-se a realização do *Atlas linguístico do Brasil (ALiB)* e seu caráter multi-dimensional e também a importância de levar em conta a variável regional para a compreensão de processos fonético-fonológicos e morfossintáticos variáveis no português brasileiro.

Palavras-chave: Atlas linguístico. Dialectologia. Sociolinguística. Variação regional.

ABSTRACT: In this paper we discuss the role of the *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)* to the beginning of linguistic research in Brazil. An overview of dialectal studies and the interplay of Dialectology and

Sociolinguistics to variation and change analysis are presented. We point out to (i) the accomplishment of the linguistic Atlas of Brazil (ALiB) and its multidimensionality and also (ii) the relevance of taking into account regional variable to the understanding of phonetic-phonologic and morpho-syntactic variable processes in Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic Atlas. Dialectology. Sociolinguistics. Regional variation.

Introdução

Uma retrospectiva.

A Dialetoлогия tradicional, em que se insere a metodologia cartográfica, teve origem no método histórico-comparativo e os trabalhos sobre a língua portuguesa no Brasil seguiram durante muito tempo a tradição filológica clássica, mesmo aqueles que marcaram o início do estudo dialetológico entre nós. No Brasil, nasceu, por assim dizer, com o *Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, em 1920, já que, antes, havia apenas trabalhos esparsos, em geral, glossários regionais, e incidiam sobre poucas áreas do nosso território.

Em 1922, o carioca Antenor Nascentes, seguindo os passos do paulista Amadeu Amaral, descrevia o falar do Rio de Janeiro, afirmando, no prefácio da primeira edição, que seu trabalho não era para a sua geração e que somente daí a cem anos os estudiosos encontrariam nele uma fotografia do estado da língua e nesse ponto seriam mais felizes do que ele, que nada encontrara do falar de 1822. Filho de pais cariocas, nascido e criado no então Distrito Federal, considerava-se um *legítimo representante da fala genuinamente carioca [...] habilitado a fazer o estudo dela....* (Nascentes, 1953, p.26)

Pode-se afirmar, com segurança, que o *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)*, idealizado e realizado sob a coordenação de Nelson Rossi, o primeiro Atlas linguístico regional brasileiro, representa o início dos estudos dialetais – geolinguísticos – e vai além, ao introduzir a pesquisa linguística, propriamente dita, entre nós.

Este Atlas constitui, assim, um marco na história dos estudos dialetais, por ser o primeiro que emprega de forma sistemática uma metodologia científica. O *Atlas prévio* parece, nas palavras de seu idealizador, *pela própria natureza do tecido emaranhado que se procura deslindar [...], mero instantâneo do resultado de quatro séculos de indisciplina geral desenfreada* (ROSSI, 1965, p. 50). Um atlas linguístico, como já dizia Gilliéron, nos oferece apenas um instantâneo da fala de um sujeito concreto num momento determinado.

O interesse de um estudo dialetológico transcende o estritamente científico e pode ser traduzido pelas palavras de Cintra (1983, p. 15), ao relatar *a profunda e decisiva influência que ele pode assumir na atitude e na orientação geral de um linguista que alguma vez a ele se dedicou*.

O objetivo de um atlas linguístico é, em linhas gerais, oferecer um retrato do país — no caso específico, “um retrato do Brasil” — isto é, dar conta da diversidade existente, ou melhor, da dialeção da língua portuguesa, a fim de, quem sabe, confirmar ou infirmar a tese (TEYSSIER, 1982) de que as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais e as diferenças nas maneiras de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, originários de duas regiões distantes uma da outra.

Os primeiros atlas revelavam uma preocupação maior com a variação diatópica, mas os atlas linguísticos modernos acrescentaram uma dimensão vertical — social — à geográfica — horizontal, e passaram a ter um caráter pluridimensional. As pesquisas dialetológicas passaram a observar toda e qualquer variação de natureza sócio-cultural, ciente de que mesmo no dialeto rural mais isolado há elementos de diferenciação. Os chamados dialetólogos tradicionais estavam mais interessados em estudar a fala dos informantes mais idosos, não-alfabetizados, de áreas rurais, e que pouco tivessem viajado, na busca para detectar as variantes mais conservadoras.

Pesquisas dialetais monográficas, talvez por pressuporem uma permanência mais prolongada do pesquisador, são raras, entre nós, e visam a oferecer um quadro mais sistemático do falar da comunidade, que abarque também o nível morfossintático, não ficando restrito, portanto, ao nível fonético e lexical.

A monografia de que dispomos é fruto da realização dos inquéritos para o *APFB*, que fez surgir o interesse por investigar alguns pontos, a partir da observação de características locais específicas. O trabalho intitulado *O falar de Mato Grosso (Rio de Contas/BA: Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do léxico)* (ISENSEE, 1964) pode ser considerado uma monografia dialetal modelar e exigiu uma inserção na comunidade e a aplicação de questionários linguísticos, gerais e fonéticos, a um número considerável de falantes. Esse material, registrado magnetofonicamente, foi confrontado, 30 anos depois, com novos registros de outros pesquisadores e permitiu uma análise em tempo real de curta duração, nos moldes labovianos (CALLOU, 1998).

Dialetologia e sociolinguística

O conhecimento sobre a realidade linguística brasileira, que teve início no âmbito da Dialetologia, atingiu seu ápice com a Sociolinguística, mais especificamente, com a sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos de análise estatística, um modelo de análise seguido em centenas de estudos na área. O livro clássico de Labov sobre a linguagem de Nova York (*The social stratification of English in New York City*, 1966) constitui o início do estudo sobre a variação linguística e da aproximação das duas disciplinas. O autor, representante máximo da sociolinguística variacionista atual, era visto como dialetólogo, tendo recebido críticas por parte de formalistas que faziam restrição ao uso de dados não-intuitivos em qualquer análise linguística. O autor procurou mostrar que a variação existe, mesmo no nível do idioleto, e é determinada por fatores intra-e-extra-linguísticos, condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística. A nova formulação de Labov pressupõe que a variação é inerente ao sistema (*formas alternantes com o mesmo valor de verdade*) e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema (diassistema), questão já levantada por Weinreich (1954), ao rebater, de certa forma, críticas do estruturalismo à Dialetologia.

Ao passar a levar em conta fatores linguísticos e extralinguísticos determinantes da dinâmica linguística, ultrapassa-se também a fase de investigação puramente descritiva. Se a Dialetologia chamava a atenção para a variação linguística — prioritariamente, a diatópica — e estava envolvida com a interação entre língua e meio social, seguia métodos distintos dos da Sociolinguística. Hoje, no entanto, embora sem abandonar o interesse diatópico, a Geolinguística leva

em conta também outros indicadores sociais, entre eles, faixa etária e grau de escolaridade, por exemplo.

Passados 50 anos de publicação do *Atlas prévio dos falares baianos*, a que se seguiram muitos outros, vencidas muitas batalhas, a realização do tão sonhado *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), torna-se realidade, no século XXI, e, como não poderia deixar de ser, em novos moldes. Essa tarefa¹, sonho de mais de 50 anos, foi sendo adiada, entre outras razões, pela extensão territorial do país, pela assimetria da densidade demográfica e por falta de recursos humanos e financeiros. Para sua concretização, contribuíram, direta ou indiretamente, figuras como a de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi, só para citar algumas, e, mais recentemente, Suzana Cardoso (UFBA) e Jacyra Mota (UFBA), e muitos outros pesquisadores (www.alib.ufba.br), espalhados por várias Universidades em todo o país.

O projeto NURC e os estudos variacionistas

O desenvolvimento do famoso *Projeto de estudo da norma linguística urbana culta* (Projeto NURC), que teve início no final da década de 60 e início da de 70, surge a partir da nova orientação dos estudos dialetológicos para os países do chamado Novo Mundo e da concepção de uma Dialetoлогия urbana e/ou Sociolinguística, sob a inspiração do *Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Linguística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica*. Em relatório solicitado pela Comissão de Linguística Iberoamericana do PILEI, em 1968, o Professor Nelson

¹ O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, definia como uma das finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Rossi, da UFBA, reiterava a conveniência em se estender o projeto ao Brasil, em virtude de serem tão evidentes e tão relevantes os pontos comuns à problemática do espanhol nas Américas e do português no Brasil.

Ao propor que se incluíssem cinco cidades para objeto de investigação, não apenas a capital, como no projeto para o espanhol — Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e Recife (RE) — ficava implícita a noção de variação e mudança, de diversidade regional, de impossibilidade de uma ‘norma’ única para o Brasil, de extensão territorial considerável e tão diversificada sócio-culturalmente. O Projeto cobre uma área não-contínua, de extensão considerável.

O acervo do Projeto NURC vem a ser o maior banco de dados de oralidade urbana culta do país e constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e complementadas na década de 90 do século XX, em três cidades, pelo menos, com o intuito de analisar a mudança linguística e identificar uma pluralidade de ‘normas’, a partir de um estudo em tempo real, de curta duração, nos moldes labovianos (LABOV, 1994). No que se refere à cidade do Rio de Janeiro, as amostras estão disponíveis *on-line* (www.letras.ufrj.br/nurc-rj) e digitalizadas quase integralmente.

Com esse projeto, juntou-se o regional ao social, o rural ao urbano e aprendeu-se a conviver com a diversidade, não só linguística, mas também teórico-metodológica. A este se juntaram, a partir da década de 70, outros projetos coletivos, tais como — para citar apenas alguns — o PEUL, o da GPF, o VARSUL, o VALPB, e o PHPB, além do ALiB, é claro, projetos que buscam oferecer uma fotografia da variedade brasileira da língua portuguesa — não apenas

da variedade *standard*, da chamada ‘norma culta’ — e traçar nossa história linguística e social nestes mais de 510 anos.

Estudos sociolinguísticos recentes já comprovaram que a variação regional não pode ser deixada de lado, ainda que seja para confirmar que determinados fenômenos se aplicam a vários pontos do país quase do mesmo modo ou de modo distinto, em termos percentuais, pelo menos, tanto no âmbito da fonologia quanto no da morfossintaxe. Observe-se, para isso, a distribuição de diversos processos, em cinco cidades, com base em estudos já realizados.

Vogais pretônicas e harmonização vocálica

Nos estudos sobre o português, o vocalismo átono tem sido considerado um fator de diferenciação não só entre os falares brasileiros, mas também entre o português do Brasil e o de Portugal. É com relação à altura que se verificam as maiores diferenças nos cinco dialetos. São Paulo tem as vogais altas mais elevadas e o [a] mais baixo, um sistema, portanto, mais polarizado, isto é, que apresenta uma maior distância acústica entre as vogais [i], [a] e [u]. Por outro lado, o sistema menos polarizado é o de Porto Alegre, acompanhado de perto por Recife, em que as vogais altas e a baixa estão mais próximas. Contrariamente às expectativas, Salvador não se alinha com Recife, mas sim com São Paulo, e o Rio de Janeiro ocupa uma posição intermediária.

Embora, à primeira vista, se nivelem as pronúncias de Recife e Salvador no que tange à realização aberta das vogais pretônicas [ɛ] e [ɔ], a análise revelou que essas vogais são acusticamente diferenciadas: as vogais médio-abertas de Recife são bem mais baixas que as de Salvador. Por outro lado, as vogais altas de Recife situam-se praticamente na mesma altura das médio-fechadas de outras regiões.

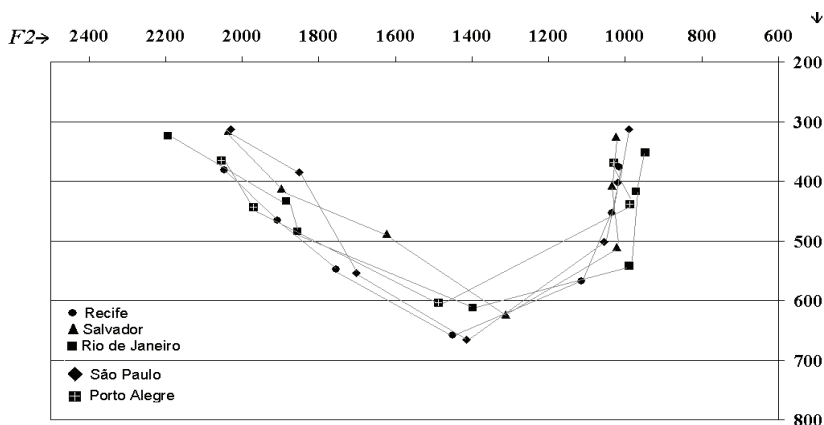


Figura 1 - Caracterização acústica das vogais pretônicas por cidade

Outro fator de distinção, no âmbito do vocalismo átono, entre o português do Brasil e o de Portugal se deve à regra de harmonização vocálica. Tradicionalmente, essa regra tem sido definida como a elevação das vogais médias pretônicas, em decorrência da presença de uma vogal alta em sílaba tônica, acarretando, no português do Brasil, a possibilidade de variação entre a forma com a vogal harmonizada (b[i]bida, c[u]ruja), e a não harmonizada (b[e]bida, c[o]ruja).

Recentemente, no Brasil, retomou-se o estudo do processo de harmonia vocálica em outra perspectiva, com a utilização da teoria variacionista laboviana (LABOV, 1972), com o objetivo de mensurar o percentual de variação e de especificar os fatores que favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra, já que existem alternâncias num mesmo dialeto e numa mesma palavra como referido anteriormente: m[e]lhor/m[i]lhor/m[ɛ]lhor.

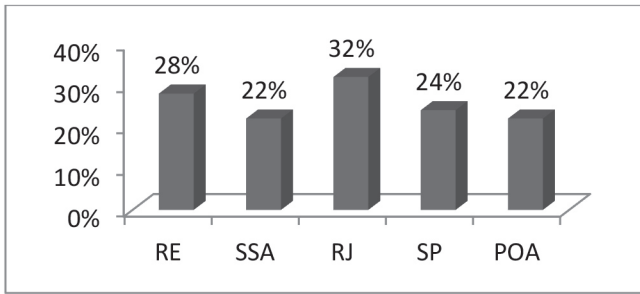


Figura 2 – Harmonia vocálica: distribuição diatópica

Róticos

Os róticos são conhecidos por sua considerável variabilidade entre as línguas do mundo. Dois processos são atestados, o de posteriorização (Figura 3) e o de apagamento, em coda silábica final (Figura 4), com aplicação diferenciada nas cinco cidades. Em relação ao apagamento em sílaba final de vocábulo, observam-se também comportamentos distintos por classe morfológica (Figura 5): o apagamento em verbos — *anda(r)* — em todas as cidades é mais frequente que nos não-verbos — *poma(r)*; *apesa(r)*.

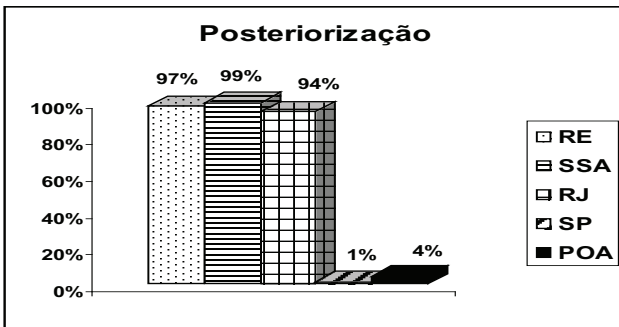


Figura 3 - Posteriorização do /R/

A distribuição da regra de cancelamento do R também está relacionada à região de origem do falante. As cidades de Salvador e Porto Alegre, por exemplo, seguem caminhos distintos, a primeira no sentido de perda do segmento e, a última, de preservação. As cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam ainda equilíbrio entre as duas tendências, se não for levada em conta a classe morfológica, variável atuante (Figura 4) em quase todas as cidades observadas. Trabalhos recentes mostram que em algumas regiões o apagamento do /R/ já atingiu, de forma significativa, os não-verbos, sendo de aplicação quase categórica, por exemplo, em Salvador.

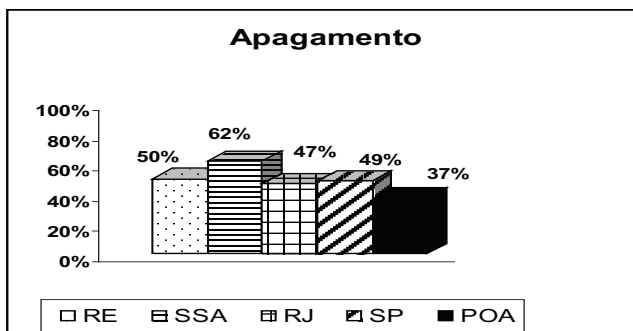


Figura 4 – Apagamento do /R/ em coda silábica final de vocábulo

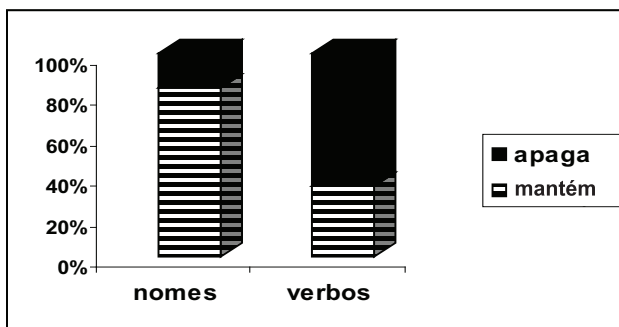


Figura 5 - Distribuição de manutenção e apagamento em nomes e verbos.

Palatalização

No que se refere à palatalização de /S/ em coda silábica, emblemática da fala carioca, Silva Neto (1956) afirma que não era aceita pelas normas da “boa pronúncia” do canto erudito, em virtude de este uso estar restrito a uma única área dialetal. A julgar pelas afirmações de Révah (1958), dois anos depois, essa pronúncia palatalizada, na linguagem do teatro, pelo menos, não seria mais estigmatizada, talvez por corresponder ao português europeu padrão.

A distribuição de ocorrência da realização palatal -- predominante no Rio de Janeiro e em Recife -- não é a mesma em todo o país, a julgar pelos dados da chamada fala culta do Projeto NURC (Figura 6), gravados na década de 70 do século XX.

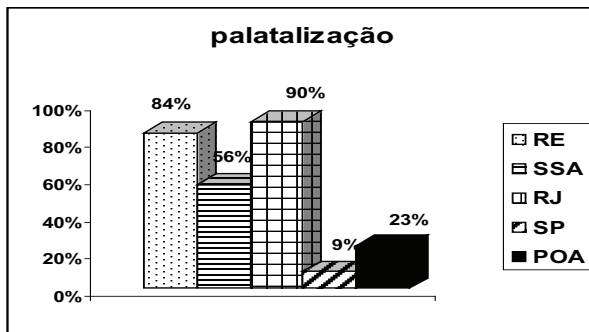
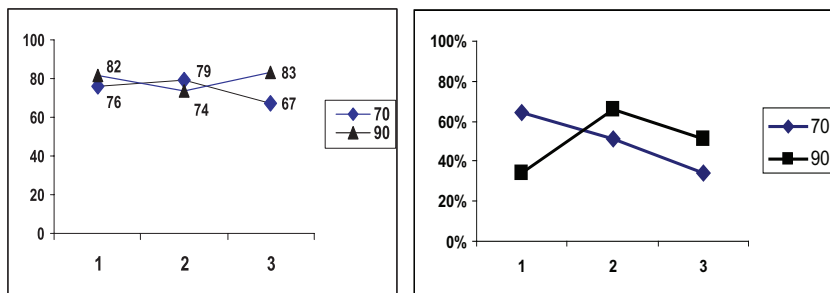


Figura 6 – Palatalização do /S/

Quando se comparam os dados gravados na década de 70 aos da década de 90 de fala culta, pode-se observar que há uma variação estável, com ligeiro aumento da frequência de uso entre os jovens, na década de 90, apontando, para a manutenção da regra de palatalização, no Rio de Janeiro. Segundo Mota (2002), houve uma modificação no comportamento linguístico dos falantes de Salvador no mesmo espaço de 20 anos, no que se refere ao uso da variante palatal. A julgar pela distribuição em tempo aparente (Figura 8),

estariamos diante de uma mudança em curso, com alto índice de palatalização na faixa mais jovem, o que não se confirma nos dados mais recentes, “restaurando-se, nesta faixa, o predomínio da variante [...] alveolar” (MOTA, 2002, p. 40). Ao que parece, houve uma retração da mudança.



Figuras 7 e 8 - Palatalização do S no Rio de Janeiro e em Salvador, em tempo real.

Uso do artigo definido

O uso do artigo diante de antropônimos é normalmente considerado pelas gramáticas normativas como indicativo do grau de intimidade entre falantes. Este uso variável, embora não estigmatizado ou valorizado socialmente, é raro hoje em textos jornalísticos e técnicos, que utilizam uma linguagem menos marcada, mais impessoal. Esse uso se intensificou do século XVIII em diante (OLIVEIRA E SILVA, 1982; CALLOU, 1992; CALLOU; OLIVEIRA E SILVA, 1997) e no Brasil de hoje é um dos traços linguísticos definidores da região de origem do falante.

A Figura 9 mostra que há uma oposição nítida entre o Nordeste (Bahia e Pernambuco) e o Sul/Sudeste do país (Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, esse último, numa posição intermediária).

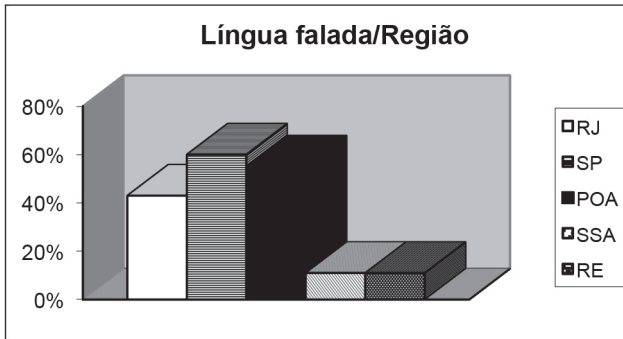


Figura 9 - Uso do artigo diante de nomes próprios na língua falada

Uma explicação plausível para essa oposição entre norte e sul poderia apoiar-se na diferença de ritmo dos dialetos. Esta hipótese poderia ainda dar conta da diferença entre o português europeu e o brasileiro, além das diferenças internas no Brasil.

Alternância nós/a gente

A inclusão da expressão *a gente*, no quadro dos pronomes pessoais, já motivou pesquisas, tanto na fala culta quanto na popular. Utilizando dados de Lemos Monteiro (1994) e de Lopes (1993), observa-se que o uso de *nós* e *a gente* não encontra grandes divergências entre as cinco capitais brasileiras, sendo o Rio de Janeiro — cidade cosmopolita e centro irradiador de cultura — a capital onde mais se usa o sujeito *a gente* (59%) em oposição às demais cidades que privilegiam o emprego de *nós* (Figura 10).

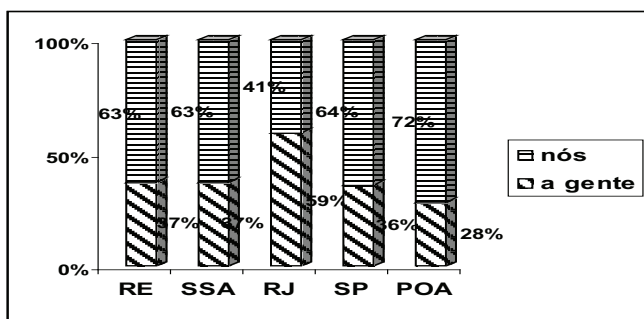


Figura 10 – Percentuais de uso de *nós/a gente*

Ter - existencial

O processo de substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro encontra-se em estágio mais ou menos avançado, na fala culta e popular, como já foi apontado em vários trabalhos (CALLOU; AVELAR, 2001; CALLOU; DUARTE, 2005, entre outros), e sua distribuição regional e etária não é a mesma (Figuras 11 e 12).

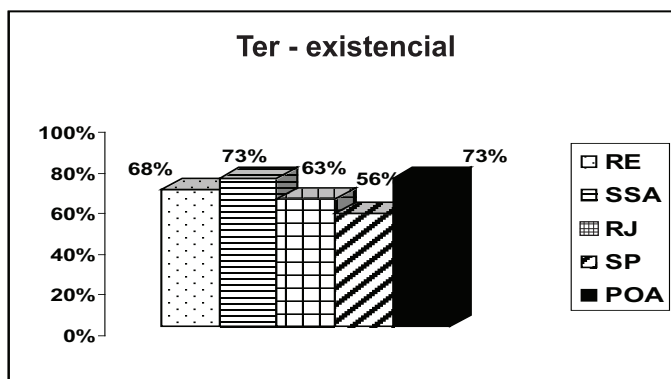


Figura 11 – Percentuais de uso do *ter - existencial* em cinco capitais

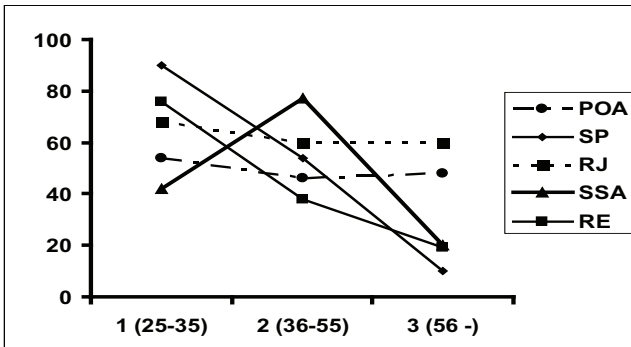


Figura 12 – Frequência de uso de *ter-existencial* por faixa etária e região.

Conclusões

Os estudos realizados sobre a diversidade dialetal existente no Brasil, quer de um ponto de vista geolinguístico, quer sociolinguístico, apresentam ainda um quadro incompleto. Um estudo sistemático das modalidades cultas dos falares urbanos do Brasil — pelo menos no que se refere às cinco cidades do Projeto NURC e aos aspectos focalizados — mostra uma diversidade de normas. Não se registrou uma coincidência entre o comportamento linguístico dos vários falares e as áreas geográficas: Recife, por exemplo, incluída na região Nordeste, aproxima-se, muitas vezes, mais de Porto Alegre que de Salvador. O Rio de Janeiro, cujo dialeto é considerado o “padrão”, em relação aos falares brasileiros, e incluído, segundo Nascentes, entre os dialetos do Sul, apresenta realizações que ora o aproximam de Salvador e Recife, como no caso do /r/, ora apenas de Recife como no caso da palatalização do /s/, ora o afastam tanto de Recife quanto de Salvador, como no caso do uso do artigo diante de nomes próprios, que o aproximam de São Paulo e Porto Alegre: *o João, a Maria*, em oposição a *João, Maria*, típico da região Nordeste.

Callou e Leite (2010) chamam a atenção para o fato de que a escalaridade de ocorrência de cada fenômeno não se sobrepõe *pari passu* a uma continuidade geográfica. No que se refere aos aspectos fonéticos e morfossintáticos analisados, não se pode traçar um feixe de isoglossas que determinem áreas dialetais nítidas. Pode-se antes dizer que cada dialeto tem uma combinação própria de atualização de regras, o que permitiria dizer que cada dialeto tem a sua “norma”, ditada pelo maior ou menor frequência de uso de uma determinada variante. De um ponto de vista estritamente linguístico, não existem diferenças valorativas entre as diversas variedades e a escolha de uma delas para ser utilizada nos meios de comunicação de massa e no ensino, que se baseia antes em razões ideológicas e políticas. A publicação do primeiro volume do ALiB permitirá uma comparação sistemática entre todos os *corpora*, quer coletados para estudos sociolinguísticos, quer para estudos geolinguísticos, no tão esperado *Atlas linguístico* do Brasil, hoje, uma realidade.

Em suma, os estudos dialetológicos propriamente ditos tiveram início no século XIX e continuam no século XXI, em novos moldes. Desses duzentos anos de percurso, destacamos aqui apenas alguns momentos e sua inter-relação com os estudos sociolinguísticos variacionistas de base laboviana. Para terminar, vale lembrar as palavras de Cardoso (2012): “este é um momento de reflexão, porque é de afirmação; é um momento para se comemorar, porque há muitas vitórias alcançadas; é um momento de se planejar, porque há ainda, muito por se fazer.” (CARDOSO, 2012, p. 13)

Referências

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo, 1920.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, 9,

p. 85-100, Niterói (RJ), Letras; UFF, 2001.

CALLOU, D.; LEITE, Y. La variación del portugués en el Brasil (original: A variação no português do Brasil). In: SICHTA, I. (Org.) *Atlas sociolinguístico de pueblos indígenas en América latina*. México; Ecuador, Mariscal, 2010. v. 2, p. 553-567.

CALLOU, D. *A variação no português do Brasil: o uso do artigo diante de antropônimos*. Conferência para o concurso de Professor Titular. FL; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

CALLOU, D.; OLIVEIRA E SILVA, G. M. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. da. *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 11-27.

CALLOU, D. Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. In: GROSZE, S.; ZIMMERMANN, K. (Eds.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 255-272.

CALLOU, D.; DUARTE, M. E. A fixação do verbo ter em contextos existenciais. ENCONTRO DA APL, 20, *Actas...* Lisboa, 2005. p. 149-156.

CARDOSO, S. Projeto ALIB: o sentido desta caminhada. In: MOTA, J.; CARDOSO, S.; PAIM, M. (Org.) *Vozes do X Workalib*. Amostras do português brasileiro. Documentos 3. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 13-32.

CINTRA, L. F. L. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983.

ISENSEE, D. *O falar de Mato Grosso (Bahia)*. Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do léxico, UNB, 1964. Dissertação de Mestrado.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *The social stratification English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LOPES, C. *Nós e a gente no português culto falado no Brasil*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de Mestrado.

LEMONS MONTEIRO, J. *Pronomes pessoais*. Subsídios para uma gramática do Português do Brasil. Fortaleza: UECE, 1994.

MOTA, J. A. *O –s em coda silábica na norma culta de Salvador*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Letras, 2002. Tese de Doutorado.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982. Tese de Doutorado,.

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIIe. siècle à nos jours. PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 387-399.

ROSSI, N. et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. MEC; INL, 1963.

ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos: introdução*. MEC; INL, 1965.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. Tradução de Celso Cunha.

WEINREICH, U. Is a structural Dialectology possible? In: MARTINET, A; WEINREICH, U. (Ed). *Word: Journal of the Linguistic Circle of New York*, New York, v. 10, p. 387- 400, 1954.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 30.11.2012

Som e sentido: inter-relações¹

Sound and sense: inter-relations

Carlota Ferreira*

(Universidade Federal da Bahia)

Suzana Alice Marcelino Cardoso **

(Universidade Federal da Bahia/ CNPq)

RESUMO: O exame do léxico do português, especificamente em áreas rurais do Brasil, põe em evidência mecanismos diversos que atuam na formação ou transformação de lexias, propiciando o aparecimento de novas configurações fônicas, transformações em que interagem expressão e conteúdo, significado e significante. Partindo dessa premissa, selecionaram-se para este artigo alguns exemplos fornecidos pelo *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963), pelo *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al. 1977), pelo *Atlas lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1985) e pelo *Atlas lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) os quais ilustram esses contrastes e coincidências que transitam na mente humana e se refletem nos atos de fala.

*carlotamrl@hotmail.com

** suzalice@ufba.br

1 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada ao III Encontro Nacional de Fonética e Fonologia (João Pessoa, 1988) e publicado em ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 3., 1994, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPb, p. 157-170.

Palavras-chave: Léxico. Geolinguística. Português brasileiro.

ABSTRACT: The examination of the lexicon of Portuguese, specifically in rural areas of Brazil, highlights several mechanisms that operate in the formation or transformation of lexias, resulting in the onset of new phonic settings, changes in interacting expression and content, signified and signifier. From this premise, for this article, we selected some examples provided by *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963), *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al. 1977), *Atlas lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1985) and *Atlas lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), which illustrate these contrasts and coincidences that transit the human mind and are reflected in speech acts.

Keywords: Lexicon. Geolinguistics. Brazilian Portuguese.

Caminhos convergentes e divergentes existem dentro de uma língua sem que minimamente se abale a sua lógica interna, pois, coerentes e contraditórios são aqueles que a falam, e quem sugere isso, muito singelamente, é Fernão de Oliveira, já há quatro séculos, ao dizer: “E não desconfiemos da nossa língua, pois os homens fazem a língua e não a língua os homens” (OLIVEIRA, 2000, p. 86).

Para este trabalho foram selecionados alguns exemplos fornecidos pelo *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963), pelo *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al. 1977), pelo *Atlas lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1985) e pelo *Atlas lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) que demonstram, ainda que minimamente, esses contrastes e coincidências que transitam na mente humana e se refletem nos atos de fala. Há como um jogo de perda e encontro entre som e sentido, previsível ou eventual.

O exame do léxico do português, especificamente em áreas rurais do Brasil, põe em evidência mecanismos diversos que atuam na formação ou transformação de lexias, propiciando o aparecimento de novas configurações fônicas, transformações em que interagem expressão e conteúdo, significado e significante.

Decréscimo da inter-relação som/sentido com consequente redução da motivação entre expressão e conteúdo em lexias simples.

Para o conteúdo “fenômeno atmosférico, identificado como estrela cadente”², registram-se, nos quatro estados brasileiros, três substâncias para uma mesma expressão:

exalação - em apenas três das 50 localidades inquiridas na Bahia;

zelação - em 47 localidades das quatro áreas estudadas (Bahia, 20; Minas Gerais, 13; Paraíba, 12; e Sergipe, apenas uma);

velação - apenas na Bahia, em 14 localidades.

Se se considera o número de ocorrências conjugado à extensão geográfica, não há como duvidar da maior vitalidade da substância da expressão *zelação*.

Observe-se que do verbo *exalar*, isto é, “emanar, emitir, evolvar-se, desprender-se”, tem-se o derivado *exalação*, com o sentido genérico de “emanação”, outro mais específico de “luz rápida, produzida por substâncias gazozas [sic] que se emanam do solo e se inflamam ao contacto da atmosfera” e também, por ampliação semântica, “luminosidade resultante de penetração na atmosfera de um bólido meteórico e que deixa um rastro luminoso” (SILVA,

2 Cf. APFB, carta 2, EALMG, carta 22, ALPB, carta 38, e ALS, carta 2.

1957, v. IV, p. 981), ou seja, exatamente o fenômeno identificado como *estrela cadente*³. *Exalação* é, pois, forma motivada, derivada da lexia *exalar*. A substância da expressão *zelação* resulta de modificações fônicas operadas em *exalação* e não seria formada, como pretendem alguns, de *zelar+ação*.

Da substância fônica *exalação* chegar-se a *zelação* parece não ser difícil explicar. Quanto ao sentido, houve diminuição da motivação semântica entre o derivado *exalação* (já no sentido de “estrela cadente”) e a base *exalar*. Favorecidas pelo decréscimo da referida motivação, mais facilmente as modificações fônicas se operam: (i) desaparecimento do fonema inicial, vogal inacentuada e elemento único da sílaba, como acontece em tantos outros exemplos: *abuzão/buzão*, *arapuá/rapuá*, *arriscoso/riscoso*, etc; além do mais, a vogal inicial poderia ter sido confundida com a forma verbal *é*, levando o falante a interpretar como se fossem dois vocábulos mórficos — **zalação* — e não apenas um único — *exalação*; (ii) a alteração de *zalação* para *zelação* se justificaria por dissimilação.

Até aqui se processou o que se pode interpretar como redução da motivação entre a expressão e o conteúdo, tendo como ponto de partida *exalar* para, por meio de *exalação*, chegar-se a *zelação*.

O falante, todavia, procurou resgatar uma nova motivação entre expressão e conteúdo por meio da substância fônica *velação*, documentada em 14 localidades apenas na Bahia. Para essa forma,

3 Encontram-se registros de *exalação* e *zelação* em textos literários, exatamente para o que se identifica como “estrela cadente”: “Velando a face com as asas radiosas, o anjo da guarda do moço cisterciense fugia esbaforido. Uma longa exalação pareceu deslocar-se do céu. Era uma lágrima que o serafim derramava”. HERCULANO, *O Monge de Cister* apud SILVA (1957, v. IV, p. 980); “Suzi foi virada na estrela que pula. É uma zelação”. MÁRIO DE ANDRADE, *Macunaíma*, apud SILVA (1957, v. XI, p. 888).

pode-se atribuir a seguinte explicação: o traço semântico /lumino-
sidade/, presente nas lexias *zelação* e *vela*, teria levado à substância
velação, tendo também para isso contribuído a coincidência entre
os traços fônicos /+anterior/, /+contínuo/, /+sonoro/ presentes
em /z/ e em /v/.

Cite-se outro exemplo que segue um caminho, até certo ponto,
semelhante, ou seja, decréscimo da motivação expressão/conteúdo.

A forma de expressão *pataqueiro* para o conteúdo “trabalhador
de enxada em roça alheia” foi registrada na Bahia, em nove locali-
dades, e, em Sergipe, em oito⁴. Para a Paraíba e para Minas Gerais
não há carta linguística correspondente.

As explicações anotadas aos informantes para *pataqueiro*,
tais como: “o que não tem roça, ganha patacas, é diarista”, “no
tempo das patacas, para ganhar patacas”, “ganhador, que ganha
meia pataca”, mostram que ainda existe, para muitos, uma relação
morfossemântica entre *pataqueiro* e *pataca*, esta última forma
marcada pelo traço semântico /unidade monetária de pouco valor/.
O referente *pataca* existiria para alguns certamente a partir de um
conhecimento transmitido e não por experiência direta e pessoal,
uma vez que a pataca, enquanto moeda corrente, desaparecera
desde o século XIX. Já não existiria, porém, para outros esse lado
referencial, como se pode deduzir de explicações ou contextos re-
lativos a *pataqueiro*, a saber: “pessoa que ganha fazendo trabalhi-
nho”, “trabalho alugado”, “trabalha de pataqueiro”, cujo conteúdo
da expressão em foco é marcado pelo traço /o que ganha pouco/,
/o que trabalha em roça alheia/.

4 Cf. APFB, carta 23, e ALS, carta 24.

Apesar de foneticamente próximos e morficamente ligados, para muitos falantes distanciam-se, semanticamente, *pataqueiro* e *pataca*, o que pode ter favorecido a eleição majoritária da forma *macaqueiro*, distribuída em 21 localidades da Bahia e caracterizada por alguns informantes como “o que trabalha na roça dos outros”, “trabalha particular a dia”. Ocorrem, pois, *pataqueiro* e *macaqueiro* como duas substâncias da expressão de um mesmo conteúdo.

A forma *macaqueiro* não sugere nenhuma ligação de derivação com *macaco*, pela ausência de traços semânticos coincidentes, mas parece, sim,

[...] um caso de substituição de uma forma (*pataqueiro*) que perdera substância com o desaparecimento de sua base (*pataca* ou *pataco*) pela que, dentro das possibilidades do sistema linguístico, dela mais se aproximava ou virtualmente podia aproximar-se, não no plano dos significados, mas — pelo menos preponderantemente — no plano dos significantes. (ROSSI, 1973, p. 158).

Se se comparam as duas primeiras sílabas, /pata-/ e /maka-/, registram-se traços fônicos coincidentes entre as consoantes iniciais de sílabas: /p/ e /m/ são ambas /+labial/ e /t/ e /k/, /-contínua/, /-sonora/. Se houver uma aproximação no plano do significado, essa seria apenas acessória, partindo-se do pressuposto de que estará fortemente presente no repertório linguístico do falante rural a lexia *macaco*.

Decréscimo da inter-relação som-sentido com consequente redução da motivação entre expressão e conteúdo em lexias compostas.

Em lexias formadas pelo processo de composição, pode haver modificações na substância fônica de um ou de todos os elementos da unidade lexical, e quanto mais intensas as alterações no nível

da expressão, maior distanciamento dos conteúdos primeiros que serviram de base para a composição. Assim, a modificação fônica seria proporcional ao decréscimo da modificação semântica.

Três exemplos ilustram esse caso:

Para o “verme, da classe dos hirudíneos que habita as águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais a fim de sugar-lhes o sangue” (SILVA, 1957, v. IX, p. 883) tem-se a denominação *sanguessuga*.

Na Bahia e em Sergipe⁵, há uma gama de variação que vai da própria substância de expressão *sanguessuga*, inteiramente motivada (*sangue+suga*), a substâncias como [ʃõbi'ʃugɐ], com acentuado decréscimo da motivação. Essa gradação fica demonstrada nas ocorrências:

[sɛ̃gi'sugɐ]	sem modificações
[sɛ̃gi'ʃugɐ]	com apenas uma modificação
[ʃɛ̃gi'ʃugɐ]	com duas modificações
[ʃɛ̃mi'ʃugɐ]	com três modificações
[ʃɛ̃bi'ʃugɐ]	com três modificações
[ʃumi'ʃugɐ]	com quatro modificações
[ʃõbi'ʃugɐ]	com quatro modificações
[ʃɛ̃mi'ʃu]	ocorrência única, com quatro modificações, entre as quais se inclui a perda da sílaba final.

5 Cf. APFB, carta 128, e ALS, carta 127.

Tratamento semelhante ao que aconteceu com *sanguessuga*, observa-se para a designação comum a diversas afecções oculares, isto é, *dor-d'olhos*⁶.

O segmento inicial da lexia composta é registrado com [ɔ] na totalidade das ocorrências anotadas na Paraíba, na quase totalidade das anotadas em Sergipe, onde apenas em quatro casos há um [o], e na Bahia, onde, também, em quatro localidades há [o], parecendo indicar, nesses últimos casos, a presença da formação da palavra *dor + de + olhos* na consciência linguística do falante.

Ora, nas realizações majoritárias constituídas de:

[dɔfi-]

[dɔfi-] + [ɔʎu], [ɔj], etc.

[dɔ-]

vê-se o distanciamento não só formal mas também semântico da lexia *dor*, favorecido, ao que parece, pela assimilação de abertura à vogal [ɔ] do segundo segmento.

Já o conteúdo semântico do componente *olhos*, presente na quase totalidade das ocorrências do tipo [dɔ'dɔʎu], [dɔ'dɔju], etc., talvez não mais esteja em realizações do tipo [dɔ'dɔj], [dɔfi'dɔjɐ], [dɔ'dɔjɐ], [dɔ,dɔʎɐ], registradas na Paraíba.

Na mesma linha, observa-se, para a lexia *arco-íris*, um número total de 196 ocorrências (Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe)⁷, na qual, ao perder-se a noção da composição *arco+íris*, salvaguardou-se *arco*, que se mantém preservado em todas as substâncias

6 Cf. APFB, carta 92, ALPB, carta 75, e ALS, carta 99.

7 Cf. APFB, cartas 3, 4, 5, 6, EALMG, cartas 1, 2, 3, ALPB, 30, 31, 32, 33, cartas e ALS, cartas 3, 4.

anotadas, provavelmente motivado pela própria forma do objeto que denomina e assegurado pela presença da lexia no vocabulário ativo dos falantes da área. O segundo elemento da palavra composta, *-íris*, provavelmente inexistindo a consciência maior de uma inter-relação som/sentido, é identificada de diferentes maneiras que vão desde a forma geral da língua, *-íris* (147 ocorrências) a, por ordem decrescente de frequência, *-iri* — que reflete também uma interferência morfológica — (21 vezes), *-iriu* (sete vezes), *-liru* (cinco vezes), *-liri* (três vezes), *-ris* e *-i* (duas vezes), *-ili*, *-li*, *-risu*, *-linu* e *-is* (cada uma delas documentada apenas uma vez), perfazendo um total de 49 ocorrências que se distanciam da forma de maior motivação.

Para designar “onde se guarda rapé”, registram-se 51 ocorrências (Bahia, Paraíba, Sergipe)⁸ à base de *cornimboque*, “Ponta de chifre de boi, usada como caixa de tabaco” (FERREIRA, 1986, p. 480), forma constituída a partir de *cornu*, “chifre”. Dessas 51 ocorrências, seis apresentam variação apenas na vogal da primeira sílaba — /u/ :: /o/ :: /ɔ/ — de que, pelo menos do ponto de vista formal, pode-se depreender a relação com *cornu*, “chifre”, material do qual, na origem, o objeto foi feito. As demais 45 ocorrências apresentam variação da sílaba inicial e da subsequente além de modificações na sílaba final. Disso se infere que a relação *cornu* “chifre”, *cornimboque* “objeto feito de chifre”, perdeu-se a ponto de permitir um rol muito amplo de realizações como *corrimboque*, *corimboque*, *curlimboque*, *carimboque* e *carnimboque* ou *quirimboque*, que denotam uma desvinculação som/sentido no segmento inicial e que desafiam qualquer tentativa de interpretação do ponto de vista fônico *stricto sensu*.

8 Cf. APFB, carta 53, ALPB, carta 135, e ALS, carta 54.

Acréscimo da inter-relação som/sentido com consequente ampliação da motivação entre expressão e conteúdo

Outros casos de mudança fônica são decorrentes de associações de ordem fonosssemântica. É o que se verifica nas expressões usadas para “cabra sem chifre”, de que foram anotadas 88 respostas (Bahia, Sergipe)⁹, 60 das quais sob a forma *mocha*, dicionarizada para designar o animal “que devendo ter chifres não os tem, por ter nascido sem eles ou porque lhos cortaram” (FERREIRA, 1986, p. 1145) e as demais 25 sob as formas *mucha*/*murcha*. Note-se que a forma *mocha* apresenta-se desprovida da motivação fonosssemântica, adquirida por *mucha*/*murcha*.

Assim, a presença desses 25 casos é indício da interferência do traço semântico /encolhido/, presente em *murcha* no genérico *murcha*, e virtualmente presente em *murcha* quando se aplica a “cabra sem chifre”. Dessa forma, a alternância /o/ :: /u/, em distribuição acentuada, evidencia maior ou menor grau de motivação semântica.

Em outras formas linguísticas — e o rol é bastante grande —, operam-se modificações fônicas inusitadas ou imprevisíveis, mas que podem ser explicadas, pelo menos parcialmente, por um processo associativo que leva a outra expressão, com a qual não se relaciona do ponto de vista do conteúdo. Assim há apenas uma associação no nível do som, mas nenhuma coincidência do ponto de vista semântico.

É o que se vê nestes exemplos-amostras:

dente ['kreju] (Bahia)

dente ['k^we'lɔ] (Bahia)

9 Cf. APFB, carta 132, e ALS, carta 133.

dente ['kedr] (Bahia)

quando a forma mais geral na Bahia e Sergipe é dente ['keru] para “dente do siso”¹⁰.

jaboticabra (Sergipe)

tapirucabra (Sergipe), registrada junto às formas *patiucabo* (majoritária) e *tapiucabo* para “marimbondo”.

naruegua (Bahia), que ocorreu ao lado de *noruega/naruega*, para “nevoeiro” na Bahia.

valeta (Bahia) que ocorreu ao lado de *mareta/maleta* (Bahia, Sergipe) para “onda”, entre outros¹¹.

Sem se ter tido a pretensão de examinar exaustivamente todos os casos de maior ou menor grau de motivação, em decorrência da inter-relação som/sentido, no *corpus* que se constitui dos citados atlas linguísticos foram apresentados apenas alguns exemplos e, para finalizar, acrescenta-se um caso distinto dos anteriores, cujo destaque é oportuno porque demonstra o quanto modificações fônicas — embora não somente essas modificações — condicionam a eleição de outra forma linguística.

Em Sergipe, para nominalizar o sexto e o sétimo meses do ano civil, registram-se denominações do calendário gregoriano — *junho* e *julho* — ao lado de denominações de caráter religioso — *São João* e *Santana*, estas duas últimas majoritárias e de uso mais frequente e espontâneo.

¹⁰ Cf. APFB, carta 55, e ALS, carta 55.

¹¹ Cf., respectivamente, APFB, carta 16, e ALS, carta 17.

A associação das festas do calendário litúrgico ao calendário leigo é amplamente conhecida no Ocidente cristão, logo não se estranhariam, em tese, as ocorrências *São João* e *Santana*. Mas por que exatamente *junho* e *julho* foram substituídos e não as designações para outros meses? Por um lado, tem-se uma resposta de caráter extralinguístico: os santos São João e Santana são muito comemorados na área. Há, porém, outras festas religiosas também muito marcantes na área e que não provocaram mudanças da mesma natureza. A resposta parece estar no campo estritamente linguístico. Na área em questão, as formas de expressão *junho* e *julho* têm realizações de que resulta uma maior aproximação fônica entre ambas, a saber:

[ʒũɲu] e [ʒũjʉ], com enfraquecimento do traço /consonantal/;

[ʒujʉ] e [ʒũjʉ] com neutralização do contraste /ɲ/ : /ʎ/;

[ʒuj] e [ʒũj], com perda da consoante palatal e da vogal final,

ficando, dessa forma a oposição a fazer-se apenas pela nasalidade. Para desfazer essa ambiguidade, que conduziu a uma quase igualdade de som para os dois sentidos, inteligentemente, os falantes elegeram outras lexias inteiramente distintas quanto ao som — são *joão* e *santana* — que salvaguardaram a distinção altamente significativa para a comunicação¹².

Se, de início, citou-se Fernão de Oliveira, conclui-se com as palavras de Eugenio Coseriu (1979), separados ambos por quatro séculos, mas muito próximos no entendimento de certos fatos de linguagem:

12 Os dados referentes a esse item foram retirados de Ferreira e Freitas (1976).

Nunca se viu uma gramática que se modificasse por si mesma, nem um dicionário que se enriquecesse por sua própria conta. E livre dos chamados “fatores externos” só o está a língua abstracta, consignada numa gramática e num dicionário. A língua que muda é a língua real em seu existir concreto.

Mas esta língua não pode ser isolada dos “fatores externos”—isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade do falante (p. 19).

O falar é atividade criadora, livre e finalista e é sempre novo, enquanto se determina por uma finalidade expressiva, individual, atual e inédita. O falante cria ou estrutura a sua expressão utilizando uma técnica e um material anterior que o saber linguístico lhe proporciona. A língua, pois, não se impõe ao falante, mas se lhe oferece: o falante dispõe dela para realizar a sua liberdade expressiva (p. 69).

Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: CNPq/UFPPB, 1984. 2 v.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: Presença, 1979. (Linguagem, 12).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith. *Junho y Julho en Sergipe (Brasil)*. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGIA DE LA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 3, 1971, San Juan. *Actas...*San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1976. p. 151 – 156.
- FERREIRA, Carlota et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA, Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática. TORRES, Amadeu; ASSUNÇÃO,

Carlos (orgs.). Braga: Academia das Ciências de Lisboa, 2000 [1536].

RIBEIRO, José et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

ROSSI, Nelson. Sobre designações para trabalhador de enxada na Bahia e em Sergipe. *Universitas*, Salvador, n.16, p. 153-161, maio/dez.1973.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1957.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 16.11.2012

Variação e mudança no português brasileiro: propriedades de pronúncia da fala urbana culta e de outras variedades como fundamentos de divisões na dialetologia geográfica

Variation and change in brazilian portuguese: properties of pronunciation of educated urban speech and other varieties as fundamentals of divisions in geographic dialectology

Brian Head*

(Professor *emeritus*, University at Albany)

RESUMO: Depois de referir algumas propriedades de pronúncia típicas da linguagem de falantes cultos de cinco das principais cidades brasileiras baseadas em dados do projeto NURC (*Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta*), o presente estudo compara estas informações com materiais do atlas lingüístico regional brasileiro mais recente, o *ALERS* (*Atlas*

* bfh122333@gmail.com

linguístico-etnográfico da Região Sul, KOCH *et al.*, 2002), que inclui dados representando localidades nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também são considerados alguns dos dados do primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI *et al.*, 1963). As comparações mostram que, de modo geral, é mais conservadora a linguagem do interior do que a fala culta da capital, com a exceção das vogais médias baixas pré-tônicas no interior da Bahia, que são mais comuns do que nos dados que representam a capital do Estado, Salvador. Além disso, os materiais dos atlas linguísticos regionais documentam propriedades típicas da linguagem popular do interior que são menos comuns no uso de falantes cultos urbanos tal como representados pelos dados do Projeto NURC. Os dados considerados revelam (1) padrões nas divisões dialetais principais da geografia linguística do Brasil mais atualizados do que os estereótipos tradicionais e (2) a direção da difusão geográfica das principais propriedades fonológicas diferenciadoras durante as últimas décadas. Os padrões atuais revelam claramente a existência de quatro áreas dialetais distintas, em vez de apenas duas (segundo noções tradicionais desatualizadas), enquanto a direção da ampliação geográfica representa a tendência geral de uma difusão no sentido do Norte para o Sul.

Palavras chave: Dialectologia. Variação. Mudança. Fonologia. NURC.

ABSTRACT: Following a summary of selected features of pronunciation typical of educated informants representing five major Brazilian cities, based on data from the NURC project (*Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta*), the present study compares that information with materials from the most recent Brazilian regional linguistic atlas, the *ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, KOCH *et al.*, 2002), which includes data representing locations throughout the states of Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul. Some data from the first Brazilian regional linguistic atlas, the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI *et al.*, 1963) are also considered. The comparisons show that inland speech is generally more conservative than the «fala culta» («educated speech») of the capital, with the exception of the pre-tonic low mid vowels in the interior of Bahia, which are more common than in the educated speech

of the state capital, Salvador. In addition, the materials of the regional linguistic atlases document features typical of inland popular speech which are less common in the usage of educated urban speakers as represented by the data of the NURC Project. The data considered reveal (1) more up-to-date comprehensive patterns of major dialect divisions in the linguistic geography of Brazil than the traditional stereotypes, and (2) the direction of the geographic spread of major distinguishing phonological features during the past several decades. The former clearly demonstrate the existence of four dialect areas, instead of only two (in accordance with traditional, out-dated notions), while the latter shows that the general trend of the geographic spread of defining features of pronunciation is from north to south.

Keywords: Dialectology. Variation. Change. Phonology. NURC Project.

Propriedades típicas da pronúncia de falantes urbanos cultos.

Alguns dos dados do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, iniciado há mais de trinta anos), referentes a propriedades fonológicas, documentam características de pronúncia que diferem entre os usos mais comuns dos informantes das cinco cidades brasileiras representadas no Projeto: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre¹. Tais propriedades incluem o “vocalismo átono”, em posição pré-tônica, a realização do “r pós-vocálico”, a realização do “s pós-vocálico” e a realização do “l pós-vocálico”².

1. Para informações sobre a história e o desenvolvimento do Projeto NURC, veja-se, entre outros, Cunha 1985, especialmente p. 23-30.

2 São estas as únicas propriedades da “fonética da fala culta” consideradas por Leite e Callou (2002). Uma visão mais abrangente encontra-se em Bisol (1996, 1999).

No que se refere ao vocalismo pré-tônico, destaca-se o fato de que as variantes pré-tônicas médias abertas [e] e [ɛ] apresentam diferenças na frequência de ocorrência de uma cidade para outra, nos dados considerados³.

Os percentuais da ocorrência de [ɛ], em vez de [e] em posição pré-tônica, nos dados do *corpus* são:

Tabela 1 - Vocalismo pré-tônico: ocorrência das médias abertas [e] e [ɛ]

Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
17%	60%	5%	0%	0%

Quanto ao “r pós-vocálico”, nos dados referentes à ocorrência de uma “não vibrante posterior” (isto é, uma fricativa velar ou laringea, aspirada), em final de sílaba, em vez de [r], uma vibrante simples apical, as porcentagens são:

Tabela 2 - O “r pós-vocálico”: ocorrência de uma “não vibrante posterior”

Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
99%	100%	97%	1%	4%

Quanto à vibrante simples em posição final, foram encontrados percentuais de ocorrência de 68% em Porto Alegre e 64% em São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, a referida realização quase não aparece.

³ É preciso lembrar que no português brasileiro a alternância entre as vogais médias altas e as médias baixas em posição pré-tônica não obedece ao condicionamento histórico que caracteriza, em geral, a diferença de ocorrência entre essas vogais, no contexto correspondente, no português europeu. Sobre a referida alternância no português europeu e o respectivo condicionamento histórico, veja-se Head (1964, p. 359, n. 3), entre outros. Sobre a alternância entre as vogais médias altas e as médias baixas em posição pré-tônica no português brasileiro, veja-se também, entre muitos outros estudos, D. Callou *et al.*, 1995.

No tocante às realizações do “s pós-vocálico”, foram encontradas as seguintes porcentagens na ocorrência da fricativa palatal, referida pelo termo “chiamento”, segundo os dados apresentados por Leite e Callou (2002, p. 46, Tabela 3):

Tabela 3 - Ocorrência da fricativa palatal como “s pós-vocálico”, em fim de sílaba

Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
68%	49%	90%	10%	12%

Quanto ao “l pós-vocálico”, destaca-se, como variante mais comum, a “vocalização” (isto é, a substituição da realização de algum tipo de lateral pela semivogal posterior [w], em fim de sílaba ou de palavra)⁴. Encontram-se as seguintes porcentagens (segundo os dados apresentados por Leite e Callou, 2002, p. 47, Tabela 4).

Tabela 4 - Ocorrência da semivogal [w] em fim de sílaba, em vez da lateral [l]

Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
90%	92%	88%	86%	54%

Com base nos dados considerados, a tese de Leite e Callou (2002) é a seguinte: as diferenças notadas na distribuição das variantes, na “fala culta” das cinco cidades representadas, permitem estabelecer “uma linha divisória entre os falares do Norte... e os falares do Sul” (p. 38-40 e *passim*).

Na maioria dos casos considerados (isto é, em três dos cinco conjuntos de dados), agrupam-se, por um lado, nos dados do Projeto NURC, os percentuais de três capitais de estados mais ao Norte:

4 É provável que a “vocalização” seja o resultado da evolução da lateral velarizada (ainda comum no português europeu) na seguinte sequência de mudanças, em final de sílaba: lateral alveolar > lateral velarizada (ou simplesmente, velar) > lateral velar labializada (isto é, realizada com os lábios em posição arredondada) > semivogal posterior.

Recife, Salvador e o Rio de Janeiro; por outro lado, as porcentagens das capitais dos dois estados mais ao Sul: São Paulo e Porto Alegre. Em dois dos conjuntos de dados, porém, tal agrupamento não se mantém: (1) é tão baixa a porcentagem da ocorrência das vogais médias abertas, [ɛ] e [ɔ], em posição pré-tônica, nos dados do Projeto NURC referentes ao Rio de Janeiro (5%) que se aproxima mais às porcentagens dos dados correspondentes de São Paulo e de Porto Alegre (0% em ambos os casos) do que as porcentagens bem mais elevadas de Salvador e Recife (respectivamente 60% e 47%); (2) são bastante elevadas as porcentagens da “vocalização do *l* pós-vocálico” em quatro das cidades: Recife (90%), Salvador (92%), Rio de Janeiro (88%) e São Paulo (86%), sendo de nível de frequência sensivelmente inferior, embora também apreciável, a porcentagem correspondente dos dados referentes a Porto Alegre (54%).

De uma perspectiva diacrônica, as configurações dos dados comparados sugerem algumas hipóteses ou perguntas em relação a certas variantes: (a) será o Rio de Janeiro o centro da difusão da fricativa palatal como realização correspondendo ao “*s* pós-vocálico”? (b) será Salvador o centro da difusão das vogais médias pré-tônicas? (c) haverá uma difusão geral, do Norte para o Sul, de algumas das variantes consideradas? Evidentemente, os dados citados do trabalho referido (Leite e Callou 2002) não constituem os fundamentos necessários para responder a tais perguntas, mesmo no que se refere aos casos de variação considerados — embora sejam sugestivos alguns dos conjuntos comparativos de porcentagens.

São mais relevantes, no tocante a possíveis padrões de mudança, algumas das informações referentes aos mesmos tipos de alternância, entre outros, de um trabalho que apresenta informações mais atualizadas, com dados representando conjuntos de localidades que formam uma rede de pontos geográficos que abrange toda a Região

Sul: o *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH *et al.* 2002). O *ALERS* abrange os Estados do Paraná (representado por 100 localidades), de Santa Catarina (80 localidades) e do Rio Grande do Sul (95 localidades). São especialmente relevantes os dados apresentados no *ALERS* no que se refere a duas questões: (1) a relação entre a linguagem do interior do Rio Grande do Sul e as propriedades da “fonética da fala culta” da capital, Porto Alegre, segundo Leite e Callou, e (2) possíveis indicações da direção da difusão espacial de diversas variantes (quer no Estado de Rio Grande do Sul, quer na Região Sul em geral), especialmente dos tipos considerados por Leite e Callou.

Quanto ao vocalismo átono, as pré-tônicas médias abertas, [ɛ] e [ɔ], são muito escassas na documentação do *ALERS*: na palavra *fervendo* (Questionário Fonético-Fonológico 16.a e Carta 52, p. 164-5) a vogal média baixa anterior [ɛ] tem uma porcentagem de apenas 3% em posição pré-tônica no Estado do Paraná, não sendo documentada neste contexto nos outros dois Estados. Por outro lado, os dados do *ALERS* não incluem nenhuma ocorrência da vogal média baixa posterior [ɔ] em posição pré-tônica. Assim, no caso destas realizações, os dados do *ALERS* para as localidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul não diferem da porcentagem dos dados correspondentes para a capital, Porto Alegre, 0%, segundo Leite e Callou.

No que se refere à realização do “*r* pós-vocálico”, nos dados das cartas relevantes do *ALERS*, sobre as realizações em fim de sílaba interna nas palavras *gordura*, *corta*, *corda* e *fervendo* (QFF 19.b, 38.a, 41.a, 16.a e Cartas 49-52, p. 158-165), não ocorre nenhuma realização como “não vibrante posterior” nos dados das localidades do Estado do Rio Grande do Sul (nem nos do Estado do Paraná, enquanto a porcentagem em Santa Catarina é de menos de 3% em

duas das quatro palavras, não havendo ocorrência nas outras duas). Nos dados referentes à palavra *calor* (QFF 14 e Carta 53, p. 166-7), documenta-se uma porcentagem de menos de 3%, no que se refere à presença de “não vibrante posterior”, em Santa Catarina, enquanto não está documentada nenhuma ocorrência dessa realização nos dados correspondentes do Paraná e do Rio Grande do Sul. Assim, segundo os dados do *ALERS*, tanto o interior do Estado do Rio Grande do Sul como a Região Sul, em geral, são mais conservadores do que Porto Alegre (com uma porcentagem de 4%, segundo Leite e Callou, 2002).

Ainda há mais duas realizações do *r* pós-vocálico que devem ser consideradas de uma perspectiva comparada: a vibrante simples e o “*r* caipira”.

Nos dados referentes às realizações da palavra *calor*, a vibrante simples tem uma porcentagem de pouco mais de 88% (em posição final de palavra). Nos dados referentes à realização em fim de sílaba interna (sobre as realizações das palavras *gordura*, *corta*, *corda* e *fervendo*, Cartas 49-52, p. 159-165), as respectivas porcentagens são de 99%, 90%, 94% e 96%. Observa-se que tais porcentagens são bem superiores à porcentagem citada por Leite e Callou (2002, p. 44) para a “fala culta” de Porto Alegre: 68%. Assim, na preservação da realização como vibrante simples, o interior do Estado do Rio Grande do Sul, segundo os dados do *ALERS*, mostra-se mais conservador do que a capital.

Como realização do “*r* pós-vocálico” na fonética da “fala culta”, Leite e Callou mencionam que ocorre “em casos raros, uma vibrante retroflexa, o famoso *r* caipira” (*ibid.*: 43)⁵, embora não indiquem

⁵ Está equivocada, evidentemente, a classificação como “*vibrante retroflexa*”. Para que qualquer componente do aparelho fonador possa acusar vibração (a ponta da língua, a úvula, os lábios, por exemplo), tal parte terá necessariamente que estar

nenhuma porcentagem para tal realização nos dados apresentados. Em contraste, a realização como retroflexa está bem documentada no *ALERS*, chegando a uma porcentagem de 50% no Estado do Paraná, nos dados referentes à palavra *calor* (Carta 53, p. 167). A respetiva porcentagem nos dados das localidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, para as realizações das palavras *gordura*, *corta* e *corda* (Cartas 49-51, p. 159-163), alterna entre 1% e 6%, sendo que, na Região Sul em geral, os percentuais da realização da variante retroflexa diminuem progressivamente no sentido do Norte (Paraná) para o Sul (Rio Grande do Sul). (A este respeito, a Carta 48-53, p. 171, referente a dados das palavras *gordura*, *corta*, *corda* e *fervendo*, indica a distribuição geográfica das ocorrências da variante retroflexa do /r/ nos dados do *ALERS* em toda a Região Sul). A ocorrência do “r retroflexo” evidencia um caráter mais popular da linguagem, tanto da Região em geral como do interior do Rio Grande do Sul, do que seria possível inferir dos dados da “fala culta” de Porto Alegre (representados por Leite e Callou, 2002, p. 39-48), que não incluem nenhuma ocorrência dessa variante⁶.

Quanto ao “s pós-vocálico” observam-se os seguintes percentuais nas realizações em dados relevantes do *ALERS*:

distensa. Isto não ocorre com a ponta da língua quando está virada para trás: a tensão musculatória da língua nessa posição impede a vibração da ponta. (Sobre a natureza fonética do “r caipira”, veja-se Head 1967, 1979).

6 Não obstante a ausência de qualquer porcentagem referente ao “r caipira” nos dados da NURC referentes à cidade de São Paulo no referido trabalho de Leite e Callou não se deve pensar que a “fala culta” seja isenta de variantes estigmatizadas. Sobre esta variante bastante estigmatizada e bem documentada nos dados do Projeto NURC referentes à cidade de Recife, veja-se Palácio, 1989.

Tabela 5 – Ocorrências do “s pós-vocálico”: dados do *ALERS*

	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	
<i>Paz</i> (Carta 01, p. 33)				
	sibilante	100%	99%	100%
	fricativa palatal	-	1%	-
<i>Cruz</i> (Carta 02, p. 35)				
	sibilante	99%	97,5%	100%
	fricativa palatal	1%	2,5%	-
<i>Três</i> (Carta 03, p. 37)				
	sibilante	97%	82%	100%
	fricativa palatal	3%	18%	-
<i>Dez</i> (Carta 04, p. 39)				
	sibilante	100%	87%	100%
	fricativa palatal	—	13%	-
<i>Lesma</i> (p. 191)				
	sibilante	99%	96%	100%
	fricativa palatal	1%	4%	-

No que se refere à ocorrência da fricativa palatal (o chamado “chiante”), os dados do *ALERS* documentam um caráter mais conservador do interior do Estado do Rio Grande do Sul do que indicam para a capital, Porto Alegre, os dados apresentados por Leite e Callou (2002, p. 46); por outro lado, porém, os dados do *ALERS* indicam uma difusão dessa variante a partir do litoral de Santa Catarina (especialmente nos dados das Cartas 03 e 04, p. 34-37).

Quanto ao “l pós-vocálico”, os dados sobre as realizações das palavras *revólver* e *calção* (QFF 09.b, 15.a e as Cartas, p. 126, 130, 135) referentes às ocorrências da “vocalização” (substituição pela semivogal posterior) indicam um caráter muito mais conservador, com uma porcentagem inferior a 3%, do interior do Estado do Rio Grande do Sul do que os dados citados por Leite e Callou para Porto

Alegre (Figura 4, p. 47), com uma porcentagem de vocalização de 54%. Por outro lado, porém, os dados do *ALERS* documentam uma aparente difusão dessa realização no sentido do Norte para o Sul, com maior ocorrência no Paraná, menos em Santa Catarina e menos ainda no Rio Grande do Sul.

O confronto de dados comparativos referentes a Porto Alegre (de acordo com as informações de Leite e Callou) com dados do interior da Região Sul permite as seguintes observações:

1. A comparação de dados fonológicos do Projeto NURC referentes a Porto Alegre com materiais do *ALERS* referentes à linguagem do interior do Estado do Rio Grande do Sul e da Região Sul, em geral, indica que a “fala culta” da capital não se distingue da linguagem interiorana em termos absolutos, mas antes de forma relativa (isto é, por diferenças de grau): os mesmos tipos de variação que se encontram da “fala culta”, segundo os dados do Projeto NURC, também se manifestam na linguagem popular do interior.
2. Da mesma forma que podem ocorrer na linguagem popular do interior propriedades mais difundidas na “fala culta” (por exemplo, a realização do “*r* pós-vocálico” como “não vibrante posterior”), também ocorrem na “fala culta” das grandes cidades variantes mais típicas da linguagem popular do interior (por exemplo, o “*r* caipira” como realização do “*r* pós-vocálico”, que se encontra, por um lado, na Região Sul, especialmente no Paraná, segundo a documentação do *ALERS*, e, por outro lado, “em casos raros” na “fala culta”, segundo afirmam Leite e Callou).

3. Na maioria dos casos considerados neste estudo, com base nas informações do Projeto NURC apresentadas por Leite e Callou, a documentação do *ALERS* é mais conservadora na linguagem do interior do Estado do Rio Grande do Sul, do que a “fala culta” de Porto Alegre, no que se refere às diversas variantes.
4. Os dados do *ALERS* indicam, nalguns casos, uma difusão no sentido do norte para o sul; tal aspecto das respectivas mudanças não se depreende dos dados do Projeto NURC. Por outro lado, os dados do *ALERS* também indicam que, no caso da fricativa palatal, como realização do “s pós-vocálico”, a costa de Santa Catarina constitui a área a partir da qual ocorre a difusão na Região Sul,
5. os dados do *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul (ALERS)* revelam que são bastante relativos os percentuais sobre as variantes na “fala culta” de Porto Alegre, visto que a linguagem do interior do Rio Grande do Sul, em particular, e da Região Sul, em geral, é sensivelmente mais conservadora, no caso da maioria das variantes referidas.
6. Segundo Leite e Callou, os dados do Projeto NURC sobre a fala culta nas cinco cidades representadas, permitem estabelecer “uma linha divisória entre os falares do Norte... e os falares do Sul” (p. 38-40 e *passim*), mas o exame mais atento revela que tal interpretação é inexata e incompleta, visto que os dados revelam três divisões (em vez de apenas uma), permitindo identificar quatro áreas dialetológicas diferentes (em vez de apenas duas).

Com base nos atlas regionais brasileiros editados até ao momento presente, também é possível comparar informações da “fala culta” de outra capital com a linguagem do interior do respectivo Estado: trata-se de um confronto, para os fins do presente estudo, entre, por um lado, as informações referentes aos percentuais de certas variantes na “fala culta” de Salvador, segundo as informações apresentadas por Leite e Callou, e, por outro, documentação do uso na linguagem popular do interior do Estado da Bahia, representada nos materiais do primeiro atlas linguístico regional do Brasil: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi *et al.*, 1963)⁷.

Quanto ao vocalismo átono, a alternância entre as vogais médias altas e as médias baixas em posição pré-tônica manifesta-se nos dados do *APFB* referentes às realizações das palavras *rescaldo*, “cinza quente” (Carta 50), *mermada*, “podre, estragada (fruta)” (Carta 44), *torrado*, “pó, rapé, fumo” (Carta 52) e *prostituta* (Carta 108), entre outras:

⁷ Não são rigorosamente equivalentes as comparações, por um lado, entre os dados do Projeto NURC referentes a Porto Alegre com dados do *ALERS* e, por outro, entre os dados do mesmo Projeto referentes a Salvador com dados do *APFB*: os dados do *APFB* são de algumas décadas anteriores aos dados dos *ALERS*, e representam informantes de nível de escolaridade mais baixo.

Tabela 6 – Ocorrências de vogais médias altas e médias baixas em posição pré-tônica: dados do APFB

<i>Rescaldo</i>		
	Localidades	Informantes
[ɛ]	97%	98%
[e]	3%	2%
outras variantes	---	---
<i>Mermada</i>		
	Localidades	Informantes
[ɛ]	100%	100%
[e]	---	---
outras variantes	---	---
<i>Torrado</i>		
	Localidades	Informantes
[ɔ]	100%	100%
[o]	---	---
outras variantes	---	---
<i>Prostituta</i>		
	Localidades	Informantes
[ɔ]	75%	76%
[o]	5%	5%
outras variantes	20%	19% ⁸

De modo geral, os percentuais das realizações das vogais médias baixas [ɛ,ɔ] em posição pré-tônica são mais elevados do que nos dados da NURC referentes à capital, Salvador (60%). É provável que esta relação se deva ao facto de que tais realizações têm a sua própria origem na linguagem popular rural do Nordeste, sendo transmitidas as realizações médias abertas pré-tônicas da difusão através do interior⁹. A este propósito, nota-se que, no Brasil, a ocorrência das médias baixas, no referido contexto, se associa, na

⁸ É notável a variedade nas realizações da palavra *prostituta*, que incluem diversas realizações.

⁹ Um trabalho clássico sobre a linguagem popular de Alagoas e Pernambuco menciona as realizações [ɛ] e [ɔ] pré-tônicas em determinados contextos (Marroquim 1934, p. 49, 51, 55-56). É provável que a alternância entre as médias altas [e] e [o] e as médias baixas [ɛ] e [ɔ] pré-tônicas tenha começado em contextos restritos,

percepção comum dos habitantes de outras regiões, à linguagem da Região Nordeste¹⁰.

Quanto ao “*r* pós-vocálico”, a documentação do *APFB* referente às palavras indicadas na seguinte tabela, *merma*, *mermada* (Carta 44) e *cabo verde*, “preto de cabelo liso” (Carta 81) indicam o predomínio da “não vibrante posterior” em posição final de sílaba interna:

Tabela 7 – Ocorrências do “*r* pós-vocálico”: dados do *APFB*

<i>Merma, mermada</i>	Localidades	Informantes
não vibrante posterior	83%	82%
vibrante apical	17%	15%
outras realizações	3%	3%
<i>Cabo verde</i>	Localidades	Informantes
não vibrante posterior	66%	74%
vibrante apical	23%	18%
outras realizações	11%	8%

Nos dados apresentados em relação ao “*r* pós-vocálico” na linguagem popular do interior da Bahia, segundo materiais do *APFB*, observa-se que a porcentagem da realização de uma “não vibrante posterior” é inferior à porcentagem desta variante segundo dados correspondentes do Projeto NURC para a capital, Salvador (Leite e Callou 2002, p. 45, Figura 2). Por outro lado, a vibrante apical (simples ou múltipla) aparece no referido contexto com frequência apreciável, segundo os dados do *APFB*. Ambas as diferenças de porcentagem, em comparação com os dados para Salvador, indicam

ampliando-se posteriormente até tornar-se geral, ou quase geral, em certas variedades.

10 É tão notável a variação na realização das vogais pré-tônicas, na linguagem do Nordeste, que até se encontram vogais médias (altas e baixas) em contextos que favorecem a harmonização vocálica (Castro 1995, p. 246-248).

um caráter relativamente conservador da linguagem do interior da Bahia, no que se refere às propriedades consideradas.

No que se refere ao “s pós-vocálico”, a documentação referente às palavras *escaldado* (Carta 45), *rescaldo* (Carta 50) e *espinha* (Carta 91) permite comparar a frequência da realização como “chiante” palatal com a realização como sibilante apical.

Tabela 8 – Ocorrências do “s pós-vocálico”: dados do APFB

<i>Escaldado</i>	Localidades	Informantes
fricativa palatal	37%	33%
sibilante apical	63%	67%
outras realizações	--	--
<i>Rescaldo</i>	Localidades	Informantes
fricativa palatal	22%	18%
sibilante apical	68%	75%
outras realizações	10%	8%
<i>Espinha</i>	Localidades	Informantes
fricativa palatal	36%	33%
sibilante apical	64%	67%
outras realizações	--	--

Nos dados do Projeto NURC referentes à “fala culta” de Salvador, a realização “chiada” (isto é, palatal) tem uma porcentagem de pouco menos de 50%, enquanto a porcentagem da realização “não chiada” é de pouco mais de 50% (Leite e Callou, p. 46, Figura 3). Assim, o confronto dos dados da capital com dados do interior indica que, neste caso também, a linguagem do interior é mais conservadora.

No tocante ao “l pós-vocálico”, a documentação do APFB referente às palavras, *escaldado* (Carta 45), *rescaldo* (Carta 50) e *calcanhar* (Carta 64) permite comparar os percentuais de ocorrência das

laterais, da “vocalização” (realização como semivogal posterior) e de outras realizações do referido segmento em final de sílaba interna¹¹.

Tabela 9 – Ocorrências do “L pós-vocálico”: dados do *APFB*

<i>Escaldado</i>	Localidades	Informantes
“vocalização”	43%	43%
lateral	26%	26%
outras realizações	31%	31%
<i>Rescaldo</i>	Localidades	Informantes
“vocalização”	33%	26%
lateral	35%	24%
outras realizações	56%	50%
<i>Calcanhar</i>	Localidades	Informantes
“vocalização”	12%	8%
lateral	16%	14%
outras realizações	72%	78%

Nos dados do Projeto NURC referentes ao “l pós-vocálico” na “fala culta” de Salvador, a porcentagem da vocalização é 92%. Observa-se que os dados do *APFB* também indicam um caráter mais conservador da linguagem do interior baiano tocante à “vocalização” do “l pós-vocálico”. Por outro lado, os conjuntos de dados referentes às variantes na realização entre informantes do interior da Bahia também revelam um elevado grau de polimorfismo — muito mais notável do que nos dados do *ALERS*. Além das diferenças entre os percentuais correspondentes de uma palavra para outra, também se encontra nos dados uma porcentagem elevada de “outras realizações”, as quais incluem diversas variantes típicas da linguagem popular, enquanto realizações que correspondem ao “l pós-vocálico”:

11 Não são de estranhar as somas superiores a 100%: para que isto aconteça, basta ocorrer mais de uma variante nos dados da mesma localidade ou do mesmo informante.

a fricativa velar, as vibrantes apicais simples e múltipla, o chamado “r caipira” e a ausência de qualquer segmento.

Dois estereótipos da pronúncia no Brasil

É bastante comum no Brasil distinguir entre as pronúncias de duas grandes regiões, uma que se estende do Rio de Janeiro para o Norte, outra de São Paulo para o Sul, segundo algumas características tradicionalmente consideradas gerais e típicas (cf. Stavrou 1947 *passim*): (1) a realização das átonas finais anterior e posterior como /i u/ (na região do Rio de Janeiro para o Norte), ou como /e o/, de São Paulo para o Sul (p. ex., as palavras *aquela* e *tudo*, pronunciadas com as vogais [i u] no Rio de Janeiro, mas com [e o] no Sul do País); (2) a realização do chamado “r forte” como fricativa velar (entre outras variantes afins, até à simples aspiração pós-velar) por um lado, ou como vibrante múltipla, por outro (por exemplo, as palavras *rato* e *carro*, pronunciadas com [x], ou com outra variante posterior, em posição inicial e intervocálica, respetivamente, no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, por um lado, em contraste com a realização como vibrante apical, [r], nos contextos correspondentes em São Paulo e em Porto Alegre); (3) a realização das sibilantes em final de sílaba como palatais, em vez de dentais (p. ex., as palavras *simples* e *mesmo* pronunciadas com [ʃ] e [ʒ] em posição final e média respetivamente, no Rio de Janeiro e em Salvador, em vez de [s] e [z], as realizações consideradas típicas de São Paulo e de Porto Alegre, além de outras localidades no Sul); (4) a palatalização dos fonemas /t d/ diante da vogal alta anterior /i/, em contraste com a ausência da palatalização neste caso (p. ex., nas palavras *tia* e *dia* pronunciadas com [tʰ] e [dʰ], variantes palatalizadas, como no Rio de Janeiro, em vez de variantes simples, não palatalizadas [t] e [d], como em Porto Alegre); (5) a inserção da semivogal palatal

diante da sibilante em posição final de palavra, em contraste com a realização sem a inserção desta semivogal (p. ex., “rapaiz” em contraste com “rapaz”); (6) a realização do segmento representado por *-l* como semivogal posterior (a chamada “velarização”, p. ex., a realização do advérbio *mal* de forma semelhante ao adjetivo *mau*).

De acordo com uma noção tradicional e ainda comum, o falante típico de São Paulo ou de Porto Alegre (os quais representam uma grande região no sul do país) difere nitidamente, no que se refere às referidas propriedades de pronúncia, do falante típico do Rio de Janeiro, que representa outra grande região linguística.

Como no caso de outros estereótipos, há algum fundamento na realidade (e na percepção impressionista ...) das noções das duas pronúncias distintas. E, tal como no caso de outros estereótipos, as generalizações são excessivas: no caso das diferenças de pronúncia, os estudos modernos, quer no âmbito da sociolinguística, quer no âmbito da dialetologia, revelam que as variedades linguísticas diferem em termos relativos (ou de grau), em vez de absolutos. Isto é, as diferenças de uma variedade para outra tendem a ser de acordo com a relativa frequência de ocorrência desta ou daquela característica “típica”, não segundo a presença total em contraste com a ausência absoluta de determinadas propriedades. Em outras palavras, uma pronúncia predominante pode não estar completamente generalizada de modo a excluir todas as outras realizações possíveis, em todas as ocorrências do segmento em questão, no ambiente em questão.

As propriedades consideradas típicas da pronúncia coloquial do Rio de Janeiro (e, por extensão, da respetiva região) são bem conhecidas. Foram descritas, com precisão, na primeira obra sobre a fonologia do português da autoria de um falante nativo desta língua (Câmara Jr., 1953).

Encontra-se num manual de pronúncia brasileira, editado há mais de sessenta anos (Stavrou 1947), uma comparação entre as pronúncias consideradas típicas na época do Rio de Janeiro, por um lado, e de São Paulo, por outro, com referência às principais diferenças acima citadas (no tocante às vogais átonas finais, ao “r forte”, às sibilantes finais, à palatalização dos fonemas /t d/, à vocalização da lateral /l/, à inserção da semivogal palatal diante de sibilante em posição final).

São tão comuns as noções das diferenças de pronúncia de uma região para outra com base nestas propriedades que se torna desnecessário citar outros exemplos. No entanto, convém reconhecer que se encontram contra-exemplos na documentação de trabalhos de dialetologia. Assim, a documentação linguística para fins de estudo objetivo não coincide inteiramente com as noções representadas pelos estereótipos acima referidos. Por isso, torna-se importante examinar os dados recentes sobre a linguagem em toda a Região Sul (*ALERS*, 2002), a fim de determinar a distribuição geográfica dos diferentes usos no que se refere às propriedades contrastivas nas seis categorias de características acima referidas.

A Região Sul inclui três estados: o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. No levantamento de dados para o atlas linguístico-etnográfico desta região (*ALERS*, 2002), são representadas cem localidades no Paraná, oitenta em Santa Catarina e cento e três no Rio Grande do Sul, sendo representadas de forma abrangente as micro-regiões homogêneas de toda a Região. O exame e comparação das ocorrências de variantes comumente consideradas típicas da *outra* grande região linguística do País permite ter uma ideia da difusão de tais variantes na Região Sul.

Diversas realizações representadas nos dados do *ALERS*

A realização das átonas finais anterior e posterior

Os dados transcritos de palavras tais como *sete e vinte* revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de variantes da vogal alta anterior /i/ (em vez de /e/) em posição átona final, enquanto os dados transcritos de palavras tais como *americano, genro, queijo, carro, caro, galo, macho e almoço*, entre outras, revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de variantes da vogal alta posterior /u/ (em vez de /o/) em posição átona final. A comparação entre as variantes nos diferentes estados, do Norte ao Sul, da Região, indica o grau relativo de difusão das respectivas realizações, não consideradas tradicionalmente típicas da Região Sul.

Foram registadas nas realizações observadas da palavra *sete* variantes de /i/ em posição átona final num maior número de localidades no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul do que as variantes de /e/. Algo comparável ocorre no caso da palavra *vinte*: foram registadas em posição átona final variantes de /i/ num maior número de localidades em todos os três estados do que as variantes de /e/.

A distribuição geográfica das variantes de /i/ em posição átona final, tanto no caso dos dados referentes às realizações da palavra *sete* como nos dados correspondentes para a palavra *vinte*, indica uma difusão a partir de Santa Catarina, com maior concentração das ocorrências das variantes de /i/ no sul do Paraná e no norte do Rio Grande do Sul e maior concentração das variantes de /e/ no norte do Paraná e no sul do Rio Grande do Sul (Cartas 31 e 33).

No caso das realizações das palavras *americano*, *genro*, *queijo*, *carro*, *caro*, *galo*, *macho* e *almoço*, os dados coletivos indicam maior frequência da realização de variantes da vogal alta posterior /u/ (em vez de /o/) em posição átona final. Neste caso, porém, as realizações das variantes de /u/ parecem ser, pelo menos no caso de algumas palavras, mais frequentes no Rio Grande do Sul do que nos outros dois estados.

A realização do «r forte»

Os dados transcritos de palavras tais como *revólver*, *genro* e *carro* revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de variantes posteriores do “r forte”, em vez da vibrante apical múltipla, comumente considerada uma das pronúncias típicas da Região. A comparação entre as ocorrências das diferentes variantes posteriores nos três estados, do norte ao sul, na Região, indica o grau de difusão relativa das respectivas realizações, tradicionalmente não consideradas típicas da Região Sul.

Foi registada nas realizações observadas das palavras *revólver*, *genro* e *carro* a ocorrência da vibrante múltipla (apical) [r̄] num maior número de localidades no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul do que as variantes posteriores do “r forte”, havendo, porém, uma frequência apreciável das variantes posteriores [x R] (entre 10% e 20%).

Quanto à distribuição geográfica, observa-se, por exemplo, no mapa referente aos dados das diferentes realizações da palavra *revólver* (Carta 44), maior ocorrência da variante posterior [x] no norte da Região, o que sugere uma difusão do norte para o sul.

A realização das sibilantes em final de sílaba

Os dados transcritos de palavras tais como, *paz*, *cruz*, *três*, *seis*, *dois* e *lesma* revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de realizações de sibilantes palatais, em vez das ápicodentais comumente consideradas características da pronúncia típica da Região. A comparação entre as ocorrências das sibilantes palatais nos três estados, do norte ao sul, na Região, indica o grau de difusão relativa das respectivas realizações, tradicionalmente não consideradas típicas da Região Sul.

Foram registadas nas realizações observadas das palavras *paz*, *cruz*, *três*, *seis*, *dois* e *lesma* algumas ocorrências da sibilante palatal, tanto no Paraná como em Santa Catarina, sem haver ocorrências dessas realizações nos respectivos contextos nos dados para o Rio Grande do Sul. A pequena diferença de frequência indica que, também neste caso, Santa Catarina seria o ponto de difusão das novas realizações.

A realização dos fonemas /t d/ diante da vogal alta anterior /i/

Os dados transcritos das palavras *tio*, *dia* e *mentira* revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de variantes palatalizadas, em vez da realização simples (não palatalizada) dos fonemas /t d/. As realizações não palatalizadas no referido contexto são comumente consideradas características da pronúncia típica da Região. A comparação entre as ocorrências das variantes palatalizadas nos três estados, do norte ao sul, na Região, indica o grau de difusão relativa das respectivas realizações, tradicionalmente não consideradas típicas da Região Sul.

Os dados referentes às realizações das palavras *tio*, *dia* e *mentira* revelam a observação, com bastante frequência, durante o levantamento, de variantes palatalizadas, em vez da realização simples (não palatalizada). A distribuição geográfica das diferentes realizações não permite identificar nenhum ponto plausível de difusão, nem o sentido da propagação das variantes palatalizadas, [t'] e [d'] nos materiais do *ALERS* (transcritas e descritas nos materiais do *ALERS* como africadas [tʃ, dʒ]).

O efeito, na vogal precedente, da sibilante em posição final de palavra

Os dados transcritos de palavras tais como *paz*, *cruz*, *três* e *dez* revelam as realizações observadas, durante o levantamento, de realizações com a semivogal palatal diante da sibilante, em vez da realização sem a referida semivogal, comumente considerada como característica da pronúncia típica da Região. A comparação entre as ocorrências das realizações com a semivogal palatal nos três estados, do norte ao sul, na Região, indica o grau de difusão relativa da respectiva realização, tradicionalmente não considerada típica de outra Região (do Rio de Janeiro para o Norte).

Os dados referentes às palavras *paz*, *cruz*, *três* e *dez* indicam ser mais comuns as realizações com a semivogal palatal, especialmente no contexto depois de vogal anterior (os casos de *três* e *dez*). Nos respectivos mapas, a distribuição geográfica das variantes indica uma difusão das realizações com a semivogal palatal no sentido de norte para sul, na região considerada (Cartas 03 e 04).

A realização correspondente ao segmento representado por *-l* na língua escrita

Os dados dos levantamentos para o *ALERS* não incluem palavras representadas na escrita com *-l* (em posição final de palavra), mas as transcrições das palavras *calção* e *revólver* revelam realizações observadas, durante o levantamento, da “vocalização” (com a semivogal posterior [w]), em vez da realização com lateral, comumente considerada como característica da pronúncia típica da Região Sul. A comparação entre as ocorrências das realizações como semivogal posterior nos três estados, do norte ao sul, representados pelo *ALERS*, indica o grau de difusão relativa da realização como semivogal posterior [w], tradicionalmente não considerada típica do Sul, mas do Rio de Janeiro para o Norte.

As transcrições de palavras *calção* e *revólver* indicam a observação de poucas ocorrências, durante o levantamento, de variantes com “vocalização” da lateral, ou seja, realização como semivogal posterior ou velar. Encontram-se, porém, alguns casos de ocorrência desta realização, não considerada típica da pronúncia da região. São demasiadamente escassos os respectivos dados para admitir qualquer hipótese quanto ao sentido ou ao foco da difusão.

Mudança na distribuição da população e suas implicações dialetológicas

Verifica-se na distribuição da população urbana e rural no Brasil durante o período de 1940 a 2000 uma mudança notável, conforme indica o gráfico seguinte. Tal mudança reflete a passagem do país de uma população majoritariamente rural para uma população predominantemente urbana. Observa-se que a referida passagem

ocorreu por volta de 1960, pouco antes da publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

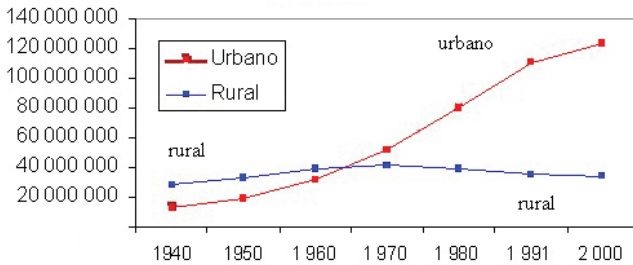


Fig. 1 -População urbana e rural no Brasil de 1940 a 2000, segundo dados do IBGE.

Em face da mudança na relação distribucional entre a população urbana e a população rural no Brasil entre 1940 e 2000 e a tendência evolucionar claramente indicada por esta mudança, tornam-se cada vez mais relevantes as noções expressas por Cardoso (1988) quanto ao papel da língua como meio de socialização e à função da instrução escolar.

No que se refere à dialetologia brasileira, a mudança da distribuição demográfica entre o meio rural e o meio urbano significa que atualmente as fronteiras entre as diferentes regiões dialetológicas podem ser identificadas com base em dados que representam os centros urbanos, tais como os dados do projeto NURC.

Nos mapas seguintes, estão indicadas as divisões dialetológicas baseadas em dados de pesquisas relativamente mais recentes, o projeto NURC e o *ALERS*. Tais pesquisas proporcionam dados mais atualizados do que os dos primeiros atlas linguísticos regionais: o *APFB* (ROSSI *et al.*, 1963), o *EALMG* (RIBEIRO *et al.*, 1977), o *ALPB* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *ALS* (FERREIRA *et al.*, 1987) e o

ALPR (AGUILERA, 1994). Nota-se porém que as informações dos primeiros atlas linguísticos regionais ainda são de grande interesse no estudo da dialetologia brasileira.

De modo geral, as divisões apresentadas no presente estudo refletem a transmissão do norte para o sul de diferenças de pronúncia tradicionalmente reconhecidas: a alternância entre vogais médias baixas e médias altas em posição pré-tônica, entre a realização de “r” em final de sílaba como fricativa posterior [x h] e a vibrante simples [r], entre sibilante palatal (“chiada”) [ʃ ʒ] e sibilante apical [s z] em fim de sílaba, a realização do “l” em final de sílaba como semivogal posterior [w] em vez de lateral [l]. Em todas estas alternâncias, as primeiras variantes de pronúncia referidas eram tradicionalmente consideradas típicas da região mais ao norte, sendo que, nos dados das pesquisas mais recentes, passaram a serem comuns na região mais ao sul. Assim, segundo mostra o presente estudo, os dados do projeto NURC e do *ALERS* indicam por um lado novas divisões na geografia linguística do Brasil e por outro lado o sentido das principais mudanças dialetológicas durante as últimas décadas. As diferentes áreas dialetais estão indicadas a seguir, no Mapa 1, “Divisões dialetológicas segundo dados do projeto NURC” e no Mapa 2, “As realizações fonéticas em que se fundamentam as divisões dialetológicas”, em que a seta ↑ indica a pronúncia comum ao norte da linha divisória, e a seta ↓ indica a pronúncia comum ao sul da respectiva linha. O Mapa 3, “Densidade da população com as divisões dialetológicas”, mostra a densidade relativa da população do oriente do Brasil junto com as divisões dialetológicas em quatro regiões costeiras: o Nordeste, o Centro, o Centro-Sul e o Sul.

As descrições e análises apresentadas no presente estudo mostram estar ultrapassada a noção de uma simples divisão entre duas grandes áreas, dos “falares do Norte” e “falares do Sul”,

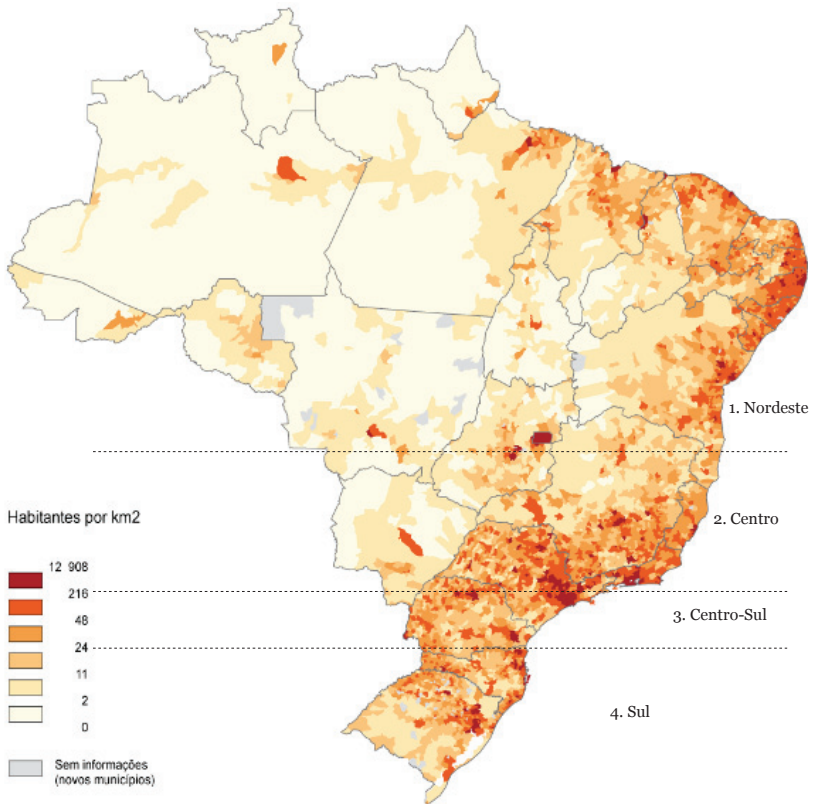
apresentada, por exemplo, por Stavrou (1947) e repetida por Leite e Callou (2002) mais de meio século mais tarde, embora não apoiada pela descrição pormenorizada e análise cuidadosa dos dados por elas apresentados. Como o presente estudo mostra, são *quatro* as áreas dialetais distintas. O estereótipo tradicional de apenas duas áreas dialetológicas não deverá ser perpetuado, mas antes adotada a caracterização mais precisa, segundo dados atualizados.



Mapa 1 - Divisões dialetológicas segundo dados do projeto NURC.



Mapa 2 - As realizações fonéticas em que se fundamentam as divisões dialetológicas.



Mapa 3 - Densidade da população e as divisões dialetológicas.

Referências

AGUILERA, Vanderci. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ARAGÃO, Maria do Socorro S.; MENEZES, Cleuza P. B. de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba / CNPq, 1984. 2 v.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, 1996 (2.^a edição, 1999).

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian; CUNHA, Cláudia. Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo R. Dias (Orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, 1995. p. 59-70.

CARDOSO, Suzana. Língua: meio de opressão ou de socialização?. In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade do português do Brasil; estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988. p. 231-235.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Para o estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

CASTRO, Vandersi Sant'Anna. A harmonização vocálica na Bahia (dados do APFB). *Alfa* 39, p. 243-250, 1995.

CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro, 1985.

FERREIRA, C. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA / FUNDESC, 1987.

HEAD, Brian F. Recensão a A[lexandru] Rosetti. *Introdução à Fonética*. 2ª edição. Tradução de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1962, *Revista Portuguesa de Filologia* XIII, p. 349-361, 1964.

HEAD, Brian F. O estudo do 'r caipira' no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*, v. 67, n. 8, p. 643-649, 1967.

HEAD, Brian F. Subsídios do *Atlas prévio dos falares baianos* para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 1, p. 21-34, 1979.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro, 2002.

KOCH, Walter, Mário Silfredo KLASSMAN; Cléo Vilson ALTENHOFEN. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*. Porto Alegre, 2002. 2 v.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo, 1934.

PALÁCIO, Adair. Um caso de permuta consonântica no dialeto do Recife. In: CASTILHO, Ataliba de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas, 1989. p. 25-33.

RIBEIRO, J.; M. R. ZÁGARI; J. PASSINI; A. GAIO. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, 1977.

ROSSI, Nelson *et al.* *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, 1963.

STAVROU, Christopher. *Brazilian-Portuguese Pronunciation, including word list with indicated pronunciation*. Philadelphia, 1947.

Submetido em: 10.10.2012

Aceito em: 30.11.2012

Revisitando o APFB: novos estudos e nova apresentação cartográfica de dados fonéticos

Revisiting the APFB: new studies
and new cartographic presentation of
phonetic data

Jacyra Andrade Mota*

(Universidade Federal da Bahia / CNPq)

Ana Regina Torres Ferreira Teles**

(Universidade Federal da Bahia)

RESUMO: O artigo apresenta variação alveolar *versus* palatal para o /S/ em coda silábica, no *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963), como resultado de um novo estudo, em nova formatação, reunindo as informações que se encontram em vocábulos documentados em diversas cartas léxico-fonéticas em uma carta fonética elaborada sobre base cartográfica oficial, com o georreferenciamento dos 50 pontos que constituem a rede de localidades do atlas. A nova apresentação cartográfica é mais precisa quanto ao posicionamento das localidades e apresenta maior legibilidade, contribuindo para a consulta rápida aos dados fonéticos do

* jacymota@ufba.br

** anaregi@ufba.br

APFB, facilitando, assim, a comparação entre os dados da segunda metade do século passado e os atuais.

Palavras chave: *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Geolinguística. /S/ em coda silábica.

ABSTRACT: This article presents alveolar versus palatal variation for /S/ in syllabic coda, in *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963), as a result of a new study in the new formatting, by gathering the information found in vocabulary items documented in several lexical-phonetic letters in a phonetic letter drafted on the basis of official cartography, with georeferencing 50 points that constitute the network of locations in the atlas. The new cartographic presentation is more accurate in the placement of locations and provides greater legibility, contributing to the quick reference to the APFB phonetic data, thus facilitating the comparison between the data from the second half of the last century and the present.

Keywords: *Atlas prévio dos falares baianos*. Geolinguistics. /S/ in syllabic coda.

Introdução

A geografia linguística até o final do século XX teve como objetivo primordial a identificação e a delimitação areal das variantes, propiciando uma macro-visão da área pesquisada, sem a preocupação de registro cartográfico da variação social, de que vem se ocupar, no século XXI, a Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, com a ampliação do número de informantes em cada ponto pesquisado, estratificados quanto ao gênero, à faixa etária, à escolaridade, ou a fatores outros, como, por exemplo, a topo-dinamicidade.

Ademais, obras pioneiras, como o *Atlas prévio do falares baianos* (ROSSI, 1963), que dá início à Geolinguística no Brasil, priorizam, em geral, a variação léxico-semântica, em detrimento dos outros níveis de estudo da língua, fornecendo os dados fonéticos a partir das transcrições das variantes cartografadas.

Do ponto de vista cartográfico, esses atlas são representações simplificadas do espaço e não oferecem maiores detalhes geográficos das áreas pesquisadas, muitas vezes limitados apenas à representação dos contornos dos limites dessas áreas. Além disso, a identificação das localidades se dá pelos respectivos topônimos, o que pode implicar em posicionamentos equivocados em estudos posteriores, principalmente quando há alteração dos próprios topônimos ou de dependência político-administrativa.

A volta aos dados do *APFB*, aqui proposta, pretende apresentar a distribuição, na Bahia, em carta fonética, das realizações alveolares ou palatais do /S/, em coda silábica, em posição medial ou final, em vocábulos como *cisco*, *espinha*, *prostituta*, *esbugalhado*, *óculos*, que se encontram nas cartas analisadas.

A realização sonora ou vozeada e surda ou desvozeada é condicionada pelo traço sonoridade do segmento imediatamente seguinte, registrando-se vozeadas diante de consoantes vozeadas, como em *treisnanteontem*, *esbugalhado*, e desvozeadas diante de consoantes desvozeadas, como em *diarista*, *chuvisco*, ou diante de pausa, como em *arco-íris*, *óculos*, documentadas, respectivamente, nas cartas 8, 76, 23, 37, 3 e 65.

A variação entre alveolares e palatais para o /S/ em coda silábica tem despertado o interesse de diversos pesquisadores, contando-se com trabalhos referentes a diversas áreas, a partir de *corpora* variados.

O atlas prévio dos falares baianos (APFB)

O primeiro atlas linguístico brasileiro, *APFB*, é de autoria de Nelson Rossi, tendo como principais colaboradoras Carlota da Silveira Ferreira e Dinah Maria Isensee. Iniciado em 1960, foi publicado em 1963.

Recobre o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem geograficamente em 16 zonas fisiográficas¹: Litoral Norte, Recôncavo, Cacaueira, Extremo Sul, Nordeste, Feira de Santana, Jequié, Conquista, Senhor do Bonfim, Encosta da Chapada Diamantina, Chapada Diamantina, Serra Geral, Sertão do São Francisco, Baixo-Médio São Francisco, Médio São Francisco, Barreiras.

Os 100 informantes, de acordo com os princípios metodológicos adotados, são naturais das localidades investigadas, com pouco ou nenhum afastamento do local em que nasceram, analfabetos ou semi-alfabetizados. São de ambos os sexos, com predominância do sexo feminino (57 informantes). Quanto à idade, se distribuem entre 25 e 84 anos, predominando a faixa etária entre 39 e 69 anos.

Em cada ponto, foram ouvidos, em geral, dois informantes, mas, em seis localidades, situadas no Oeste do Estado, foi inquirido apenas um e, em duas localidades, três informantes. No primeiro ponto de inquérito, que funcionou como ponto teste, realizaram-se seis inquéritos.

¹ As zonas fisiográficas às quais estão referenciadas as localidades do APFB foram adotadas pelo IBGE em 1945 e usadas, dentre outros fins, para a tabulação dos dados estatísticos até 1970, quando foram substituídas pelas microrregiões homogêneas. A partir de 1989, as informações sócio-econômicas passaram a ser associadas às Micro e Mesorregiões Geográficas.

O *APFB* constitui-se de 209 cartas: 198 cartas linguísticas, das quais se apresentam 44 cartas-resumo, e 11 cartas introdutórias, que fornecem dados complementares de caráter geral.

As cartas linguísticas vêm acompanhadas de notas que trazem explicações dos autores ou reproduzem trechos de fala dos informantes, como, por exemplo, a propósito da denominação *cam-bueiro* para “Chuva ou vento dos fins de setembro”, no registro do informante masculino de Maracás (ponto 21): “chuva que vem em setembro”. Disse ainda que “chamam a flor do umbu e a do café também de *cam-bueiro*”.

O /s/ em coda silábica, no português do Brasil

A referência à variação entre realizações alveolares e palatais, em coda silábica, já se encontra nos primeiros trabalhos sobre diferenças fonéticas entre o português do Brasil e o de Portugal, como na *Grammatica philosophica da língua portuguesa ou Princípios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, de autoria de Jerônimo Soares Barbosa, no trecho: os brasileiros “pronúncia com Z² o S líquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocábulo, dizendo: *Mizterio, Fazo, Livros novoz*, em vez de *Mistério, Fasto, Livros novos*” ([1822]1866, p. 36).

Essas realizações distinguem áreas dialetais, no português do Brasil, como observa Câmara Jr. (1970, p. 41):

Quanto à oposição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiante) ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional. É um ‘shibboleth’ entre o português do Rio de Janeiro e quase todo o resto do

2 A descrição corresponde à pronúncia alveolar ou sibilante. O “S líquido” refere-se à chiante portuguesa.

Brasil, bem como Portugal, e o português de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul.

Dados atuais têm sido trazidos por inúmeros pesquisadores, com base em *corpora* de diferentes áreas brasileiras, confirmando, em parte, a observação de Câmara Jr. e demarcando com mais precisão, as áreas palatalizantes e alveolarizantes, no português brasileiro, como observam Mota, Jesus e Evangelista, 2010, em artigo em que apresentam dados do *corpus* do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*.

Com base em dados percentuais, é possível distinguir entre as 25 capitais brasileiras que integram o *corpus* do *ALiB*³ dois grandes grupos: o das que se situam em áreas mais palatalizantes e o das que ocupam as áreas mais alveolarizantes. No primeiro grupo, distinguem-se (a) as capitais que apresentam maior frequência das realizações palatais, tanto em posição medial, quanto em posição final, diante de pausa, como Rio de Janeiro, Belém, Florianópolis e Macapá; (b) aquelas em que a predominância das variantes palatais restringe-se à posição medial de vocábulo, como Recife e Manaus. As capitais em que se documentam, majoritariamente, variantes alveolares, são: Boa Vista, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Recife, Salvador, Teresina e Cuiabá, com índices que variam entre 43% e 24% para a posição medial, e 6% e 3%, para a final; e Rio Branco, Porto Velho, São Luís, Fortaleza, Natal, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, Vitória, São Paulo e Curitiba, com índices ainda menos expressivos de palatais (entre 39% e 4%), restritos aos contextos mais favorecedores, como a posição medial, sobretudo diante de oclusiva dento-alveolar surda. Em Porto Alegre, não se registrou a variante palatal.

3 Não se consideram Palmas (Tocantins) e Brasília (DF), em virtude da metodologia adotada quanto à data de fundação das capitais.

Ocorrências de /s/ em coda silábica nas cartas do *apfb*

Metodologia

Consideram-se as realizações alveolares e palatais documentadas no *APFB*, como, por exemplo, na Carta 3, *arco-íri[s]* e *arco-íri[ʃ]*, sem levar em conta as ocorrências de zero, como em *arco-íri*, *arco-íro*, *arco-íli*, ou de rotacismo, como em *arco-írir*. Os casos de articulação dupla cujo início é alveolar e o final é palatal, ou vice-versa, como em *arco-íri* [ʃ], *arco-cele[ʃs]te*, foram computados segundo a articulação final.

Para o levantamento das ocorrências alveolares e palatais do <s> em coda silábica, partiu-se de CARDOSO; FERREIRA (2000) — glossário que reúne as formas cartografadas no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e no *Atlas Linguístico de Sergipe* —, selecionando apenas as do *APFB*.

Destacam-se, em transcrição fonética, apenas as duas realizações em foco, desprezando outras variações presentes no vocábulo, como, por exemplo, *auco* e *arco*, computados como ocorrências de *arco-íris*; *óculos*, *oclos*, *ocros*, *ocos*, como de *óculos*.

As 47 cartas do *APFB* que fornecem dados para a análise do /S/ em coda silábica são, na ordem em que se encontram no *APFB*: *Estrela cadente* (Carta 2), *Arco-íris* (Carta 5), *Primeiras (também últimas) horas do dia* (Carta 7), *Trasanteontem* (Carta 8), *Trovoada* (Carta 9), *Chuva ou vento em fins de setembro* (Carta 10), *Nevoeiro* (Carta 12), *Margem de rio* (Carta 13), *Onda de rio* (Carta 16), *Ondas baixas seguidas e espumosas* (Carta 17), *Trabalhador de enxada* (Carta 23), *Sabugo de milho* (Carta 28), *Parte terminal da inflorescência da bananeira* (Carta 32), *Onde se põe o feijão a secar* (Carta 36), *Regador* (Carta 37), *Outras espécies de abóbora*

(Carta 40), *Papa grossa de farinha de mandioca* (Carta 45), *Cálice* (Carta 47), *Cinza quente* (Carta 50), *Cigarro de palha* (Carta 51), *Onde se guarda rapé* (Carta 53), *Nascer o seio* (Carta 60), *Tornozelo* (Carta 63), *Óculos* (Carta 65), *Sutiã* (Carta 68), *Cicatriz* (Carta 74), *Esubugalhado (olho—)* (Carta 76), *Pessoa que tem uma perna mais curta que a outra* (Carta 79), *Pessoa de pernas arqueadas* (Carta 80), *Outros tipos de mestiço* (Carta 83), *Menstruação* (Carta 87), *Enjôo (como sintoma de gravidez)* (Carta 88), *Cisco que cai nos olhos* (Carta 90), *Terçol* (Carta 91), *Glândula* (Carta 95), *Perigoso (trabalho—)* (Carta 97), *Superstição* (Carta 98), *Gêmeos* (Carta 100), *Madrasta* (Carta 101), *Avarento* (Carta 105), *Prostituta* (Carta 108), *Cambalhota (virar, etc —)* (Carta 109), *Jogo de dados* (Carta 111), *Branco e preto (boi—)* (Carta 138), *Outras armadilhas de caça* (Carta 143), *Peça do arreio, correia que sustenta o estribo e fica afivelada à sela* (Carta 146), *Tacha* (Carta 153).

As cartas apresentam a distribuição diatópica das duas variantes, em dois contextos: 1. Diante de consoante inicial de sílaba seguinte, em posição interna, como em *arco-celeste* (Carta 5), e, em final de vocábulo, como em *as matina* (Carta 7); 2. Em posição externa, diante de pausa, como em *arco-íris* (Carta 3). A consideração conjunta dos dois primeiros casos justifica-se pelo reduzido número de ocorrências diante de consoante inicial de vocábulo seguinte, graças à metodologia utilizada nos inquéritos linguísticos, que prevêm, em geral, respostas monovocabulares.

Contexto 1 - Diante de consoante inicial de sílaba seguinte

Os vocábulos em que se encontram o /S/ em coda silábica, no primeiro contexto — diante de consoante inicial de sílaba seguinte —, são, em ordem alfabética: *arco-celeste*, *aresto*, *arriscado*, *arriscoso*, *bunda-canastra*, *casca*, *cascabulho*, *casco*, *castanha*, *chuvisco*, *chuviscado*, *cisco*, *cosme-e-damião*, *costela (de baleia)*,

costura, costurona, costurado, diarista, engasto, engastalho, esbotecado, esbugalhado, escaldado, escambota, escasso, escombro, espuma, esparrela, espinha, estaleiro, estatelado, estrela, estufado, mané-gostoso, mesquinho, -a, mestiço, nastro, padrastra, pescoço, prostituta, rescaldo, superstição, suspiro, susprandino, sustentaseio, trás-de-anteontem.

Nesse grupo, incluem-se, também, as ocorrências: *as cambota, as conjunção, as matinas, as visita, matinas do dia, cambueiros das flores, os buzinho, os tempo.*

Adiante, na Figura 1, apresenta-se um exemplo dos dados obtidos a partir da Carta *Ebugalhado (olho—)* (Carta 76).

Contexto 2 - Diante de consoante inicial de sílaba seguinte

No segundo contexto — posição final de vocábulo, diante de pausa — registram-se: *arco-íris, bunda-canas, calis (para cálice), cambueiros, chafariz, de trás, entojos, flores, gêmeos, ilhós, juntas, landras, loros, lunetas, maletas, matinas, mês, milonguês, neblinas, óculos, ondas, pincenês, ravanês, saragais, trovoadas, ternantontes.*

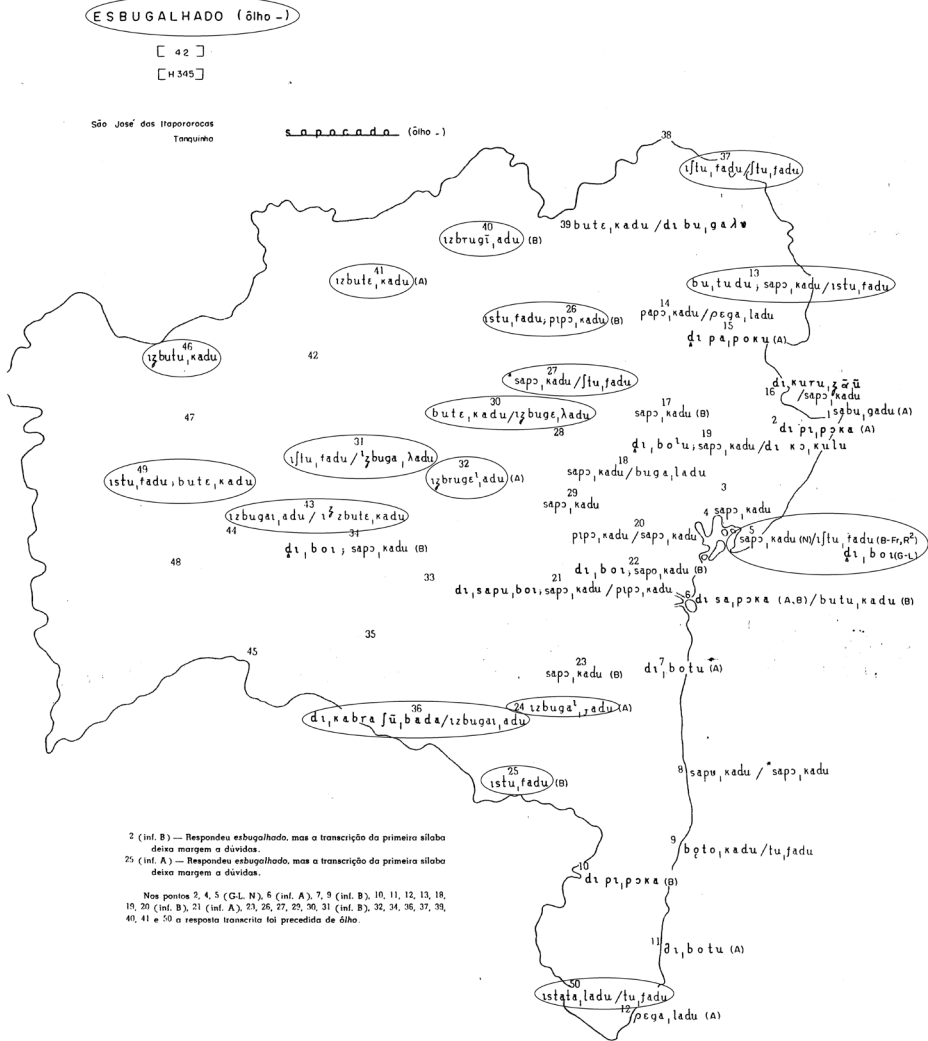


Figura 1 – APFB, Carta 76, com destaque para as localidades onde ocorreu a situação descrita no Contexto 1

Análise dos dados

Os 524 dados analisados — 400 diante de consoante de sílaba subsequente e 124 em final de vocábulo, diante de pausa — mostram, nas localidades baianas que integram a rede de pontos do *APFB*, maior frequência de variantes alveolares, com aproximadamente 58% de ocorrências, no primeiro contexto, e 64,5%, no segundo.

Distribuição diatópica

Quanto à distribuição diatópica das variantes palatais, observa-se que:

- a) diante de consoante de sílaba subsequente, onde se encontra maior número de dados, as variantes palatais documentam-se, com maior frequência, principalmente, em Rio Fundo e Abrantes, no Recôncavo; em Morro do Chapéu e Iraporanga, na Chapada Diamantina; e em Rodelas, no Sertão do São Francisco. Registram-se, ainda, com maior frequência do que as alveolares, mas com menor número de ocorrências, também nas outras duas localidades da Chapada Diamantina (Brotas de Macaúbas e Mato Grosso), assim como em Monte Santo e Vila Velha, no Nordeste; em Água Fria, na zona de Feira de Santana; em Encruzilhada, na de Conquista; em Mundo Novo, na Encosta da Chapada Diamantina; e em Carnaíba do Sertão e Pilão Arcado, no Baixo-Médio São Francisco.
- b) no contexto final de vocábulo, diante de pausa, a maior frequência é registrada, em Rio Fundo, no Recôncavo, e Vila Velha, no Nordeste. Em outras localidades, como Santiago do Iguape, no Recôncavo, Velha Boipeba, na zona do Cacau, Monte Santo, no Nordeste, Maracás, na Zona de Jequié, Iraporanga e Mato Grosso, na Chapada Diamantina, o número de ocorrências de palatais, embora superior ao de alveolares, é muito reduzido. Cf. Tabela 1.

Tabela 1 – Ocorrências por localidade: /S/ em coda silábica

ZONA FISIOGRÁFICA	LOCALIDADES	OCORRÊNCIAS							
		MEDIAL				FINAL			
		[s, z]		[S, ʒ]		[s, z]		[S, ʒ]	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº.	%
I – Lit. Norte	1. Abadia	6	86	1	14	3	100	-	-
	2. Aporá	6	86	1	14	1	100	-	-
II - Recôncavo	3. Rio Fundo	5	36	9	64	1	14	6	86
	4. Santiago do Iguape	4	67	2	33	1	25	3	75
	5. Abrantes	2	20	8	80	1	50	1	50
III – Zona do Cacaú	6. Velha Boipeba	5	50	5	50	3	43	4	57
	7. Faisqueira	7	64	4	36	4	100	-	-
	8. Poxim do Sul	7	70	3	30	2	100	-	-
IV – Extremo Sul	9. Santa Cruz Cabralia	6	67	3	33	2	100	-	-
	10. Buranhém	6	86	2	14	1	100	-	-
	11. Prado	5	71	2	29	4	100	-	-
	12. Mucuri	6	75	2	25	3	100	-	-
	50 Ibiranhém	4	50	4	50	3	100	-	-
V - Nordeste	13. Jeremoabo	7	78	2	22	2	50	2	50
	14. Monte Santo	2	33	4	67	3	43	4	57
	15. Mirandela	5	50	5	50	2	50	2	50
	16. Vila Velha	3	43	4	57	2	18	9	82
	17. Conceição do Coité	4	57	3	43	2	50	2	50
VI – Zona de Feira de Santana	18. Ipirá	4	67	2	33	1	100	-	-
	19. Água Fria	4	40	6	60	2	50	2	50
	20. Pedra Branca	5	56	4	44	3	75	1	25
VII – Zona de Jequié	21. Maracás	4	67	2	33	1	33	2	67
	22. Jiquiriçá	6	50	6	50	2	100	-	-
VIII – Zona de Conquista	23. Boa Nova	4	50	4	50	-	-	-	-
	24. Vitória da Conquista	5	100	-	-	4	100	-	-
	25. Encruzilhada	5	45	6	55	-	-	-	-

IX – Zona de Senhor do Bonfim	26. Campo Formoso	5	71	2	29	2	67	1	33
X – Encosta da Chapada Diamantina	27. Jacobina	10	91	1	9	1	100	-	-
	28. Mundo Novo	5	42	7	58	2	100	-	-
	29. Itaberaba	5	50	5	50	1	50	1	50
XI – Chapada Diamantina	30. Morro do Chapéu	1	9	10	91	1	100	-	-
	31. Brotas de Macaúbas	2	40	3	60	1	100	-	-
	32. Iraporanga	-	-	9	100	-	-	1	100
	33. Mato Grosso	1	25	3	75	-	-	1	100
XII – Serra Geral	34. Macaúbas	5	100	-	-	1	100	-	-
	35. Caetitê ⁴	5	50	5	50	1	100	-	-
	36. Condeúba	6	60	4	40	1	100	-	-
XIII - Sertão do São Francisco	37. Rodelas	2	25	6	75	-	100	-	-
	38. Pambu	4	57	3	43	3	100	-	-
XIV – Baixo-Médio São Francisco	39. Carnaíba do Sertão	2	40	3	60	2	100	-	-
	40. Sento Sé	4	67	2	33	1	100	-	-
	41. Pilão Arcado	2	40	3	60	2	67	1	33
	42. Barra	11	100	-	-	2	100	-	-
	43. Paratinga	10	100	-	-	2	100	-	-
XV – Médio São Francisco	44. Santana	4	80	1	20	2	67	1	33
	45. Carinhanha	4	67	2	33	-	100	-	-
XVI – Zona de Barreiras	46. Ibipetuba	4	57	3	43	-	100	-	-
	47. Taguá	1	100	-	-	-	100	-	-
	48. Correntina	4	57	3	43	1	100	-	-
	49. São Desidério	7	100	-	-	1	100	-	-
TOTAIS		231	58	169	42	80	64,5	44	35,5
		400			124				
		524							

Fonte: Elaborado com base no APFB.

4 No APFB, está grafado como Caitité (grafia oficial entre 1938 e 1943). Em 1963, a grafia já havia voltado a ser Caetitê, mantida até a data atual.

Distribuição segundo a consoante subsequente

Do ponto de vista contextual, as variantes palatais, tal como se registra em outras áreas brasileiras, ocorrem, com maior frequência, diante de /t/, na sílaba subsequente, independentemente da realização dento- alveolar ou palatal dessa consoante. Cf. Tabela 2.

Tabela 2 – /S/ em coda silábica: realizações alveolares ou palatais segundo o contexto subsequente

/S/ EM CODA SILÁBICA SEGUNDO O CONTEXTO SUBSEQUENTE							
Diante de / t /				Diante de outras consoantes			
[s, z]		[ʃ, ʒ]		[s, z]		[ʃ, ʒ]	
Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
47/125	37,6	78/125	62,4	184/273	67	89/273	33

Apresentação cartográfica

A partir do quadro das localidades e informações complementares constantes da Introdução do *APFB* (ROSSI, 1965) procurou-se identificá-las na base de dados⁵ do IBGE e verificar se suas denominações estavam em conformidade com os topônimos oficiais registrados, a fim de construir a nova carta base, com todas as localidades associadas aos respectivos geocódigos adotados pelo IBGE, garantindo dessa forma o vínculo permanente dos pontos do *APFB* com o banco de dados do IBGE. Sobre essa base, poderão ser registrados tanto os produtos originais (como reedição de cada carta, por exemplo) quanto novos estudos (como no presente caso). Iniciada a pesquisa, constatou-se que, apesar de as unidades político-administrativas serem praticamente as mesmas que as atuais, a divisão territorial mudou, tendo a subordinação

⁵ Tabela Base Territorial Brasileira da bCIMd - Base Cartográfica Integrada Digital do Brasil ao Milionésimo - v. 2.0

político-administrativa sido substancialmente alterada. Das 50 localidades, apenas 40 mantiveram suas características originais (mesma categoria – município/distrito/vila/povoado e mesma dependência administrativa); cinco mudaram de categoria — três alçaram ao *status* de município, quatro mudaram de subordinação e em uma houve alteração de topônimo.

A rede de pontos do *APFB* apresenta ainda uma situação ímpar: duas de suas localidades (Sento Sé e Pilão Arcado, 40 e 41, respectivamente) foram, literalmente, “transplantadas” para uma nova posição geográfica, em 1974, por ocasião da formação do Lago de Sobradinho, maior lago artificial do mundo. As sedes antigas foram inundadas e seus habitantes transferidos para as novas sedes que foram planejadas e construídas pelo Governo Federal.

O quadro 1 apresenta as localidades da rede de pontos com os respectivos geocódigos e as devidas classificações e subordinações administrativas, em 1963 e em 2014. Os povoados são georreferenciados pelas próprias coordenadas geográficas.

Quadro 1 – Rede de Pontos do APFB

Nº do Ponto	Localidade registrada/APFB	Situação 1960	Município	Zona Fisiográfica	Situação 2010	Município	Microrregião Geográfica	geocódigo
1	Abadia	Distrito	Jandaira	Litoral Norte	Distrito	Jandaira	Entre Rios	291790410
2	Aporá	Município	Aporá	Litoral Norte	Município	Aporá	Alagoinhas	290190805
3	Rio Fundo	Distrito	Santo Amaro	Recôncavo	Distrito	Terra Nova	Catu	293170715
4	Santiago do Iguape	Distrito	Cachoeira	Recôncavo	Distrito	Cachoeira	Santo Antonio de Jesus	290490215
5	Abrantes	Distrito	Camaçari	Recôncavo	Distrito	Camaçari	Salvador	290570110
6	Velha Boipeba	Distrito	Cairu	Cacauera	Distrito	Cairu	Valença	290540420
7	Faisqueira	Povoado	Ubaitaba	Cacauera	Distrito	Ubaitaba	Ilhéus-Itabuna	293220010
8	Poxim do Sul	Distrito	Canaieiras	Cacauera	Distrito	Canaieiras	Ilhéus-Itabuna	290630320
9	Santa Cruz Cabralia	Município	Santa Cruz Cabralia	Extremo Sul	Município	Santa Cruz Cabralia	Porto Seguro	292770505
10	Buranhém	Distrito	Porto Seguro	Extremo Sul	Distrito	Guaratinga	Porto Seguro	291180810
11	Prado	Município	Prado	Extremo Sul	Município	Prado	Porto Seguro	292550105
12	Mucuri	Município	Mucuri	Extremo Sul	Município	Mucuri	Porto Seguro	292200305
13	Jeremoabo	Município	Jeremoabo	Nordeste	Município	Jeremoabo	Jeremoabo	291810005
14	Monte Santo	Município	Monte Santo	Nordeste	Município	Monte Santo	Euclides da Cunha	292150005
15	Mirandela	Distrito	Ribeira do Pombal	Nordeste	Povoado	Banzaê	Ribeira do Pombal	(*)
16	Vila Velha	Povoado	Itapicuru	Nordeste	Povoado	Itapicuru	Ribeira do Pombal	(*)
17	Conceição do Coté	Município	Conceição do Coté	Nordeste	Município	Conceição do Coté	Seminha	290840805
18	Ipirá	Município	Ipirá	Feira de Santana	Município	Ipirá	Feira de Santana	291440005
19	Água Fria	Distrito	Irará	Feira de Santana	Município	Água Fria	Feira de Santana	290040505
20	Pedra Branca	Povoado	Santa Teresinha	Feira de Santana	Povoado	Santa Teresinha	Feira de Santana	(*)
21	Maracás	Município	Maracás	Jequiê	Município	Maracás	Jequiê	292050205
22	Jiquiriçá	Município	Jiquiriçá	Jequiê	Município	Jiquiriçá	Jequiê	291820905
23	Boa Nova	Município	Boa Nova	Conquista	Município	Boa Nova	Vitória da Conquista	290370605
24	Vitória da Conquista	Município	Vitória da Conquista	Conquista	Município	Vitória da Conquista	Vitória da Conquista	293330705
25	Encruzilhada	Município	Encruzilhada	Conquista	Município	Encruzilhada	Itapetinga	291040405
26	Campo Formoso	Município	Campo Formoso	Senhor do Bonfim	Município	Campo Formoso	Senhor do Bonfim	290600605
27	Jacobina	Município	Jacobina	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Jacobina	Jacobina	291750805
28	Mundo Novo	Município	Mundo Novo	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Mundo Novo	Itaberaba	292210205
29	Itaberaba	Município	Itaberaba	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Itaberaba	Itaberaba	291470305
30	Morro do Chapéu	Município	Morro do Chapéu	Chapada Diamantina	Município	Morro do Chapéu	Jacobina	292170805
31	Brotas de Macaúbas	Município	Brotas de Macaúbas	Chapada Diamantina	Município	Brotas de Macaúbas	Boquira	290450605
32	Iraporanga	Distrito	Seabra	Chapada Diamantina	Distrito	Iraquara	Irecê	291440610
33	Mato Grosso	Povoado	Rio de Contas	Chapada Diamantina	Povoado	Rio de Contas	Seabra	(*)
34	Macaúbas	Município	Macaúbas	Serra Geral	Município	Macaúbas	Boquira	291980105
35	Caitité	Município	Caitité	Serra Geral	Município	Caitité	Guanambi	290520605
36	Condeúba	Município	Condeúba	Serra Geral	Município	Condeúba	Brumado	290870505
37	Rodelas	Distrito	Glória	Serão do São Francisco	Município	Rodelas	Paulo Afonso	292710105
38	Pambu	Povoado	Chorrochô	Serão do São Francisco	Povoado	Abaré	Paulo Afonso	(*)
39	Carnaíba do Serão	Distrito	Juazeiro	Baixo Médio São Francisco	Distrito	Juazeiro	Juazeiro	291840710
40	Sento Sé	Município	Sento Sé	Baixo Médio São Francisco	Município	Sento Sé	Juazeiro	293020405
41	Pilão Arcado	Município	Pilão Arcado	Baixo Médio São Francisco	Município	Pilão Arcado	Juazeiro	292440505
42	Barra	Município	Barra	Baixo Médio São Francisco	Município	Barra	Barra	290270805
43	Paratinga	Município	Paratinga	Baixo Médio São Francisco	Município	Paratinga	Bom Jesus da Lapa	292370405
44	Santana	Município	Santana	Médio São Francisco	Município	Santana	Santa Maria da Vitória	292820805
45	Carinhanha	Município	Carinhanha	Médio São Francisco	Município	Carinhanha	Bom Jesus da Lapa	290710305
46	Ibipetuba	Município	Ibipetuba	Barreiras	Município	Santa Rita de Cássia	Cotejipe	292840605
47	Taguá	Distrito	Cotejipe	Barreiras	Distrito	Cotejipe	Cotejipe	290940615
48	Correntina	Município	Correntina	Barreiras	Município	Correntina	Santa Maria da Vitória	290930705
49	São Desidério	Distrito	Barreiras	Barreiras	Município	São Desidério	Barreiras	292890105
50	Ibiranhém	Distrito	Mucuri	Extremo Sul	Distrito	Mucuri	Porto Seguro	292200310

46 - Ibipetuba - houve alteração do topônimo para Santa Rita de Cássia, mas é o mesmo município.

(*) os povoados são georreferenciados pelas próprias coordenadas geográficas

A carta /S/ EM CODA SILÁBICA, INTERNA E EXTERNA foi elaborada, portanto, sobre uma base cartográfica oficial e a rede de pontos devidamente georreferenciada. No caso de Sento Sé e Pilão Arcado, foram mantidas as posições originais. Cf. Figura 2.

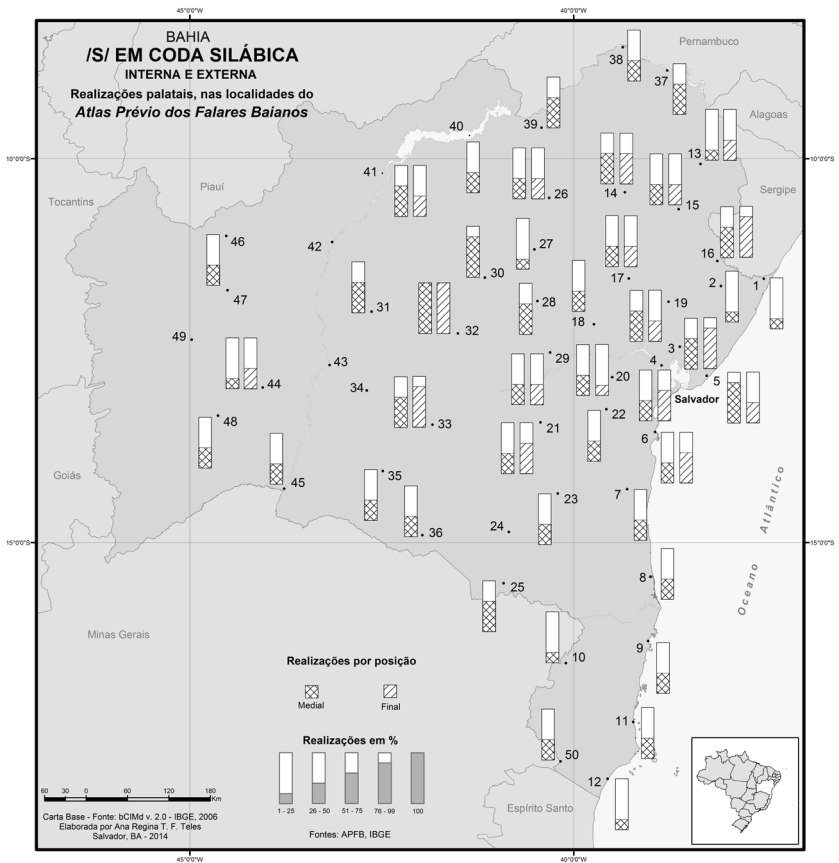


Figura 2 – /S/ em coda silábica, interna e externa: realizações palatais, nas localidades do APFB.

Considerações finais

A realização de novos estudos, a partir do *APFB*, e de uma nova apresentação cartográfica, mais precisa quanto ao posicionamento das localidades, ao tempo em que reforça a importância da Geolinguística para o conhecimento da diversidade areal documentada, aponta a possibilidade de se minimizarem, hoje, as dificuldades metodológicas resultantes das condições disponíveis há 50 anos.

Por outro lado, o prosseguimento da análise dos dados referentes a localidades do interior, nos volumes do ALiB que se seguirão aos dois primeiros, vai possibilitar o confronto entre as duas épocas que os atlas representam — 2^a. metade do século XX e início do século XXI —, fornecendo, apesar das diferenças metodológicas, indícios de continuidade ou de mudanças linguísticas em curso, que poderão ser aprofundados em pesquisas posteriores, especialmente nas nove localidades que, coincidentemente, constam dos dois Atlas — Santa Cruz Cabralia, Jeremoabo, Vitória da Conquista, Jacobina, Itaberaba, Caitité, Barra, Santana e Carinhanha.

Como o *APFB*, outros atlas linguísticos anteriormente publicados poderão se beneficiar da apresentação sob uma base cartográfica oficial, com o georreferenciamento dos pontos de inquérito e de uma nova formação dos dados, sobretudo com a reunião das informações de natureza fonética, que, em geral, acompanham a informação lexical.

Referências

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da língua portuguesa ou princípios de grammatica geral*. 4. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1866.

MOTA, Jacyra Andrade; JESUS, Cláudia Santos de; EVANGELISTA, Grace Kelly Souza. O <s> em coda silábica em capitais brasileiras, a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, Salvador: EDUFBA, p. 189-228, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino, FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Introdução. Questionário comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1965.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, bCIMd, v 2, 2006. CD ROM.

_____, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, v. XX e XXI. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

_____, Serviço Nacional de Recenseamento 1960. p. 89 a 115. Rio de Janeiro: IBGE, 1961.

_____, SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio.

Submetido em: 16.11.2012

Aceito em: 30.11.2012

O Atlas prévio dos falares baianos e os atlas nordestinos: variação léxica

The previous Atlas of the Bahia and northeastern speeches: lexical variation

Maria do Socorro Silva de Aragão

(Universidade Federal da Paraíba/
Universidade Federal do Ceará)

RESUMO: O Atlas Prévio dos Falares Baianos foi não apenas o primeiro atlas brasileiro, mas abriu caminho para os demais atlas, por apresentar uma metodologia bastante completa e detalhada, com todos os passos necessários de como fazer um atlas linguístico.

A partir dele outros atlas foram elaborados e publicados, sendo que o Nordeste como um todo, desde logo, se integrou aos estudos dialetais e geolinguísticos, produzindo seus atlas, ora como projetos de pequenas equipes, ora como trabalhos individuais de Dissertações e Teses.

Assim, com um total de 44 atlas entre publicados, elaborados e em andamento, apesar dos pesares, o sonho de Antenor Nascente e Serafim da Silva Neto vai aos poucos sendo concretizado, prevendo-se sua completa realização com o *Atlas Linguístico do Brasil*, com os dois primeiros volumes publicados recentemente e o restante em fase adiantada de elaboração.

Neste trabalho damos um rápido panorama da variação léxica dos falares nordestinos, através de seus Atlas Linguísticos.

Palavras-chave: Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Nordestinos, Variação Léxica

ABSTRACT: The previous Atlas of the Bahia Speech was not only the first Brazilian Atlas, but also opened the path to the various other Atlas, presenting a complete and detailed methodology, with all the steps necessary to produce a Linguistic Atlas.

From then on many other atlas were elaborated and published, and the Northeast as a whole, since then, was integrated to the dialectal and geolinguistical studies, producing their Atlas, as small projects from small teams or as individual work as Dissertations and Theses.

Therefore, with a total of 44 atlas published, elaborated or under production, with all the problems related to a work like this, the dream of Antenor Nascentes and Serafim da Silva Neto is becoming a reality, with the complete production of the *Linguistic Atlas of Brazil*, with the first two volumes recently published and the rest of them almost concluded. In this work we give you a brief view of the lexical variation of northeastern speeches, through their linguistic atlas.

Keywords: Previous Atlas of Bahia Speech, Northeastern Atlas, Lexical Variation

Introdução

O Brasil como um todo e o Nordeste Brasileiro em particular, a partir dos últimos trinta anos, vem se dedicando com maior empenho e seriedade aos estudos dialetais e geolinguísticos, e, conseqüentemente, muitos trabalhos em forma de atlas, teses, dissertações, monografias, conferências e comunicações em seminários e congressos de linguística têm sido apresentados e publicados, numa confirmação desse interesse.

O impulso inicial de todo este desenvolvimento foi, sem qualquer dúvida, a publicação, na década de sessenta, do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, pela equipe do Prof. Nelson Rossi, na Universidade Federal da Bahia.

O *APFB* foi não apenas o primeiro atlas brasileiro, mas abriu caminho para os demais atlas, por apresentar uma metodologia bastante completa e detalhada, com todos os passos necessários de como fazer um atlas linguístico.

Apesar dos problemas e dificuldades que tal tipo de trabalho enfrenta, com esforço e pertinácia de pesquisadores de todo o país, os estudos dialetais e geolinguísticos têm estado presentes em programas de graduação e especialmente de pós-graduação das universidades brasileiras, registrando os vários aspectos do português do Brasil em suas variedades diatópicas, diastráticas e diacrônicas.

O resultado dessas pesquisas, em termos de Brasil, é a publicação, até o momento, de 11 atlas estaduais e um regional: *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*; *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)*; *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)*; *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)*; *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)*; *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)*; *Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)*; *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*; *Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR - II)*; *Micro Atlas-Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)*, *Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)*; *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*.

Além dos atlas publicados temos três atlas estaduais e 18 atlas regionais e municipais elaborados e ainda não publicados: *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALPE)*; *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*; *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás*

(ALG); Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO); Atlas Linguístico Rural da Zona da Mata de Minas Gerais – Brasil: Nomes de Doenças Agropecuárias e Hortaliças; Atlas Linguístico de Ponta Porã (MS); Atlas Semântico-Lexical da Região do ABC; Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG); Atlas Linguístico do Oeste Potiguar; Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS); Atlas Linguístico de Adrianópolis; Atlas Linguístico Rural de Pinheiral (RJ); Atlas Linguístico de Iguatu (ALiG); Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE); Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte de São Paulo; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná (ALERO); Atlas Linguístico do Baixo Amazonas; Atlas Linguístico de Buíque (ALiBui); Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT); Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE (ALiCA) e Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente.

Há, ainda, 11 atlas em fase de elaboração: Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC); Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA); Atlas Linguístico do Piauí (ALiPI); Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN); Atlas Prévio do Espírito Santo (APES); Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio); Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP); Atlas Linguístico do Amapá (ALAP); Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO) e Atlas Linguístico de Alagoas (ALAL).

Assim, com um total de 44 atlas entre publicados, elaborados e em andamento, apesar dos pesares, o sonho de Antenor Nascente e Serafim da Silva Neto vai aos poucos sendo concretizado, prevendo-se sua completa realização com o Atlas Linguístico do Brasil, em fase adiantada de elaboração.

A geolinguística no Nordeste brasileiro

Os primeiros estudos e trabalhos dialetais na região nordestina, de modo geral, focalizaram mais o aspecto diacrônico, registrando-se apenas as alterações fonéticas sofridas pela língua, as palavras cujo significado sofreu mudanças na sua evolução em cada Estado ou as que permaneceram com seu significado ou pronúncia inalterados.

Um levantamento por nós realizado para a publicação de dados sobre trabalhos nas áreas de Dialectologia, Sociolinguística e Etnolinguística no Brasil, entre os anos sessenta e 2012, mostrou que num total de 3.250 trabalhos, 688 são sobre estados brasileiros e desses, 360, ou cerca de 52%, foram feitos no Nordeste ou sobre falares nordestinos.

Esses trabalhos abrangem os nove estados nordestinos e estudam temas nas áreas de fonética e fonologia, lexicologia, lexicografia, terminologia, sociolinguística, morfossintaxe, estudos gramaticais, arcaísmos, neologismos, atitudes linguísticas, coordenação e regência, dialetos sociais, empréstimos, estruturação silábica, linguagem popular, linguagem regional, norma linguística, variação linguística, variação profissional, verbos, glossários e vocabulários, em termos de língua falada e escrita, com enfoques em Dialectologia, Geolinguística, Sociolinguística e Etnolinguística.

Assim, a partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o nordeste brasileiro tem se destacado, no campo da Dialectologia e da Geolinguística, especialmente na elaboração e publicação de atlas linguísticos regionais, de modo que, dos 12 atlas publicados no Brasil, cinco são da região nordestina. Dos 21 elaborados no Brasil, sete são da região nordestina. Dos 11 em elaboração, quatro são do Nordeste. Se levarmos em conta que o Nordeste do Brasil é

composto de nove estados e temos 17 atlas publicados, elaborados ou em elaboração, é um índice muito alto de trabalhos nesta área de conhecimento.

Atlas estaduais do Nordeste: elaborados e publicados

Atlas Prévio dos Falares Baianos

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* se constitui em um marco nos estudos da Geografia Linguística no Brasil não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado, mas por sua fundamental importância para o conhecimento do falar regional da Bahia e, por extensão, de grande parte do falar nordestino.

Publicado em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* é constituído de dois volumes: o primeiro, compreendendo as cartas, em folhas soltas e o segundo, encadernado, com a introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas.

O Atlas tem a seguinte estruturação: 50 localidades, recobrando todas as áreas fisiográficas do Estado, 100 informantes na faixa etária de 25 a 84 anos, nível de instrução de analfabeto a semi-alfabetizados, homens e mulheres.

O questionário definitivo contém 182 questões nos campos semânticos: agricultura, pecuária, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia. As cartas, em número de 209, compreendem 11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas-resumo.

O volume referente à introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas complementa as informações e análises feitas no Atlas.

Atlas Lingüístico da Paraíba

O terceiro atlas linguístico publicado no Brasil é o da Paraíba e compreende dois volumes.

O Atlas está assim estruturado: 25 municípios base e 75 municípios satélite, 107 informantes, da faixa etária de 30 a 75 anos, com nível de instrução de analfabeto a primário completo, homens e mulheres.

O questionário divide-se em geral e específico, com 877 questões. No questionário geral, os campos semânticos são: a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais. No específico: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi.

O primeiro volume é iniciado com o mapa da Paraíba e sua localização no Brasil, as microrregiões homogêneas, a divisão municipal, as localidades, os gentílicos dos habitantes das localidades, os inquiridores e os informantes. A seguir, vêm as cartas propriamente ditas, com cartas léxicas e cartas fonéticas, intercaladas.

O segundo volume traz uma descrição detalhada da metodologia utilizada, os dados histórico-geográficos, geoeconômicos e socio-culturais das localidades, a ficha dos informantes, os informantes por localidades, a análise das formas e estruturas linguísticas encontradas sob os aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

O Atlas apresenta, ainda, um glossário, com 363 verbetes dicionarizados em sentido diferente do uso geral ou não dicionarizados. Cada verbete vem com a transcrição fonética da realização mais frequente na região e a indicação, entre parênteses, do número da carta onde se encontra.

Atlas Lingüístico de Sergipe

O *Atlas Lingüístico de Sergipe* está, assim, estruturado: 15 localidades, 30 informantes, na faixa etária de 32 a 52 anos, nível de instrução: analfabetos e semianalfabetos, homens e mulheres.

O Questionário contém 700 questões, nos campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais.

Foram elaboradas 180 cartas, sendo 11 introdutórias e 169 cartas léxicas com transcrição pormenorizada e numerosos dados etnográficos, tendo em vista a quantidade de notas que acompanha as cartas. Em cada carta há a remissão à carta correspondente no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Há no ALS, ainda, uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no APFB.

O Atlas vem numa caixa com as cartas em folhas soltas.

Atlas Lingüístico de Sergipe II

O *Atlas Lingüístico de Sergipe II* está, assim, estruturado: 15 localidades, as mesmas do *Atlas Lingüístico de Sergipe*; 30 informantes, de faixa etária: 32 a 52 anos; com o nível de instrução entre analfabetos e semi-analfabetos, homens e mulheres.

O Questionário semântico-lexical contém 700 questões nos campos semânticos: terra, homem, animais e vegetais.

O *corpus* utilizado foi o mesmo do *Atlas Lingüístico de Sergipe*, com um recorte para o campo semântico *homem*.

O Atlas vem numa caixa com as cartas em folhas soltas e um livro com uma introdução, a rede de pontos, os informantes, os inquiridores, o questionário, os critérios de apresentação das

cartas, comentários às cartas, índice das formas transcritas e índice onomasiológico.

Das 108 cartas, três são de identificação. As cartas semântico-lexicais são compostas com legendas coloridas e marcas diferenciadoras da realização masculina e feminina. Na parte inferior direita há histogramas com percentuais de ocorrência masculina e feminina. No verso estão as variantes fonéticas dos itens lexicais, seguidas de notas e comentários.

Atlas Lingüístico do Ceará

O *Atlas Lingüístico do Ceará* tem a seguinte estrutura: 69 localidades selecionadas dentro das microrregiões homogêneas, com características físicas, sociais e econômicas semelhantes, 268 informantes na faixa etária de 30 a 60 anos, com nível de instrução entre analfabeto a primário completo, homens e mulheres.

O Questionário tem 306 questões, compreendendo 583 itens nos campos semânticos: natureza; tempo; o homem — parentesco, partes do corpo, funções do corpo, doenças; o homem — características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião; animais e outros.

Foram elaboradas 240 cartas, das quais 108 lexicais e 132 fonéticas, constando, entre elas, as cartas de ocorrência única e de variação zero. O *ALECE* está organizado em dois volumes: no primeiro, há uma introdução com os antecedentes, a orientação teórica, os objetivos, a metodologia do trabalho e uma bibliografia dialetal cearense; o segundo volume traz as cartas léxicas e fonéticas, um glossário e uma bibliografia dialetal.

Atlas Linguístico de Pernambuco

O *Atlas Linguístico de Pernambuco*, resultado de uma tese de doutorado, está assim estruturado: 20 localidades, 80 informantes de faixa etária entre 18 a 65 anos, homens e mulheres, com o nível de instrução entre 5ª série do fundamental e superior completo.

O Questionário baseado no Questionário do ALiB, com modificações, contém 451 questões, sendo 243 léxicas e específicas da cultura pernambucana, 159 fonéticas e 49 morfossintáticas.

O Atlas contém 105 cartas, sendo 47 léxicas, 50 fonéticas e 08 morfossintáticas e seis introdutórias. As cartas, coloridas, contêm notas e comentários.

Síntese dos atlas do Nordeste publicados

Nos Quadros 1 e 2, apresenta-se uma síntese das informações sobre os atlas publicados e relativas a rede de pontos, número de informantes, questionários e aos dados gerais dos atlas do Nordeste, elaborados e publicados

Quadro 1 - Rede de Pontos, Número de Informantes, Questionários

Atlas	Nº de Pontos	Total de Informantes	Informantes por Ponto	Questionários
APFB (1963)	50	100	02 a 06	Questionário definitivo, com 182 questões, de acordo com a proximidade semântica. É, basicamente, Questionário Léxico - Semântico
ALPB (1984)	25	+100	03 a 10	Questionário Semântico-Lexical com 877 questões, sendo 289 gerais e 588 específicas da Paraíba
ALS I (1987)	15	30	02	Três questionários: dois experimentais e um definitivo, que contém 686 questões
ALS II (2005)	15	30	02	Questionário definitivo com 686 questões, sendo 181 retiradas do APFB e 505 do ALS I. O campo semântico explorado é o Homem.
ALCE (2010)	69	265	04	Questionário Semântico-Lexical, com 306 questões, com 583 itens lexicais
ALPE (2013)	20	80	04 em todos os pontos e 08 na capital	Questionário Semântico-Lexical, Específico, Fonético-Fonológico e Morfossintático com 451 questões.

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 2: Dados gerais dos atlas do Nordeste elaborados e publicados

Dados de Identificação	BA	PB	SE1	SE2	CE	PE
1. Localidades	50	25	15	15	69	20
2. Nº Informantes	100	+100	30	30	265	84
3. Idade	25-84	30-75	32-52	32-52	30-60	18-65
4. Sexo	M / F	M / F	M / F	M / F	M / F	M / F
5. Grau de Instrução	Analfabeto e semi-alfabetizado	Analfabeto e Primário completo	Analfabeto, semi-alfabetizado e alfabetizado	Analfabeto, semi-alfabetizado e alfabetizado	Analfabeto ou até a 4ª série do Ensino Fundamental	5ª série do Fundamental e Superior completo
6. Nº de Questões	187	877	686	686	306	451
7. Nº de Cartas	209	149	182	105	240	105
8. Nº de Volumes	02	02	01	02	02	01
9. Glossário	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
10. Bibliografia	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
11. Publicação / Elaboração	1963	1984	1987	2005	2010	2013

Fonte: Elaboração da autora.

Variação léxico-semântica de itens lexicais dos atlas nordestinos

Como *corpus* para esta análise comparativa utilizamos itens lexicais dos atlas linguísticos regionais do Nordeste do Brasil, elaborados e publicados até a presente data: Bahia, Paraíba, Sergipe, Sergipe II, Ceará e Pernambuco, no sentido de verificar a variação desses itens em cada Estado.

Tomando a definição de variável linguística dada por Calvet, temos que ela ocorre quando:

[...] duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social. (CALVET, 2002, p. 102-103)

Assim, a forma não terá tanta importância, mas, sim, a função que ela possa exercer, quer linguística, quer socialmente.

Em nossa análise estudamos a variação de itens lexicais que têm o mesmo sentido, seguindo as ideias de Cruse (1991, p.1) quando diz que “[...] a unidade lexical é a união de uma forma lexical e um sentido único”.

O mesmo autor dissertando, ainda, sobre as propriedades semânticas de um item lexical diz:

[...] The semantic properties of a lexical item are fully reflected in appropriate aspects of the relations it contracts with actual and potential contexts. (CRUSE, 1991, p. 86)

Para Cruse há dois tipos básicos de relações de significação do item lexical: as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas. Diz ele que as **relações paradigmáticas** representam sistemas de escolha que o falante faz quando codifica suas mensagens, acrescentando, ainda, que:

Paradigmatic relations, for the most part, reflect the way infinitely and continuously varied experienced reality is apprehended and controlled through being categorized, subcategorized and graded along specific dimensions of variation. (CRUSE, 1991, p. 86)

Já as **relações sintagmáticas** servem para dar coesão à mensagem, acrescentando-lhe redundância informacional. Em suas palavras:

Sintagmatic aspect of lexical meaning, on the other hand, serve discourse cohesion, adding necessary informational redundancy to the message, at the same time controlling the semantic

contribution of individual utterance elements through disambiguation, for instance, or by signaling alternative - e.g. figurative - strategies of interpretation. (CRUSE, 1991, p. 86)

Uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível do léxico. É nessas variações, como também nas fonéticas, onde se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais.

Em termos de atlas linguísticos as variações lexicais estão intimamente ligadas ao contexto regional, social e cultural do grupo estudado. As motivações semânticas são responsáveis pela grande variação de itens lexicais para um mesmo conteúdo.

Para nosso objetivo, trabalhamos em termos de contexto espacial ou diatópico.

Análise de Cartas Léxicas

Nem todos os atlas do Nordeste possuem os mesmos itens lexicais em cartas léxicas, tornando-se, muitas vezes, difícil comparar a riqueza lexical de cada estado. Assim, para nossa análise escolhemos itens lexicais existentes em todos eles.

Analisamos dois itens lexicais de algumas cartas léxicas dos campos semânticos “fenômenos atmosféricos” e “o corpo humano”, dos cinco atlas do Nordeste publicados e um elaborado.

Arco-íris

O conceito de **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**, apresentou, nesses atlas, as seguintes variações:

a) Na Bahia: Arco-íris; arco; arco-celeste; arco-da-velha; arco de velho; arco-de-boi; arco-da-aliança; sete-couros; barra-de-nuvem.

b) Na Paraíba: Arco-íris. arco-celeste; olho-de-boi; as barras; sub-dourada; as torres; os véus; os vieiras; arco.

c) Em Sergipe: Arco-íris; arco-celeste; arco-da-velha; arco-de-boi; arco-de-velho; olho-de-boi.

d) No Ceará: Arco; arco celeste; arco-íris; arco da velha; olho de boi; escama de peixe; arco da aliança; barra de chuva; aliança do céu; as barras; cometa; torreame; torres.

e) Em Pernambuco: Arco-íris; arco; arco celeste; olho de boi; arco flecha; arco da aliança; réstia de luz; véu.

Das vinte e três variantes encontradas para a forma básica, **arco-íris**, ela foi a única a ocorrer em todos os Estados. Outras formas, como *arco-celeste*, *arco-da-velha*, *arco-da-aliança* e *arco-de-velho*, são comuns a alguns Estados, mas não a todos.

Pode-se observar, neste caso, que o sema genérico comum a quase todos os itens lexicais é a forma de *arco* como se apresentam as **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**. Dos vinte e três itens encontrados, oito têm a forma *arco*, ou seja, 34,7 % do total. Alguns semas específicos e os virtuais é que vão marcar as variantes léxicas de *arco-íris*.

Tornozelo

O conceito do item lexical **tornozelo**, apresenta, nesses atlas, uma grande variação, como se vê a seguir:

a) Bahia: Tornozelo; rejeito; junta; mocotó; peadouro; mondongo; cotovelo.

b) Paraíba: Tornozelo; rejeito; junta; mocotó; junta do pé; osso de São Severino; osso do gostoso.

c) Sergipe: Tornozelo; rejeito; junta; mocotó; mondongo; tronco; machinho; cotovelo; joaninha.

d) Ceará: Tornozelo; rejeito; junta; mocotó; calcanhar; Maria Joaquina; osso da risada; osso de Maria Joaquina; osso do vintém; vintém; junta do pé; cartunilo; piatô; tulita; machinho; osso da madrugada; osso do pé; osso da canela; cotovelo.

e) Pernambuco: Tornozelo; mocotó; canela; calcanhar; mondrongo; osso gostoso; bodinho; tocó; tendão; pendão.

Das 32 variantes encontradas para a forma básica, **tornozelo**, ela foi a única a ocorrer em todos os Estados. Outras formas, como *junta*, *mocotó*, *rejeito*, são comuns a alguns Estados, mas não a todos. As demais formas encontram-se distribuídas de modo irregular entre os Estados.

Considerações finais

Ao propormos um estudo comparativo de alguns itens lexicais dos atlas linguísticos do Nordeste partimos do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, não apenas por ter sido o primeiro atlas brasileiro, mas por ser ele um marco dos estudos dialetais e geolinguísticos em nossa região e no país.

Analisamos dois itens lexicais dos atlas da Bahia, da Paraíba, de Sergipe e Sergipe II, Ceará e Pernambuco, que vão desde a década de sessenta até o século vinte e um, o último, concluído em 2013.

Vimos que, em determinados contextos, a definição de uma variação léxica torna-se difícil, uma vez que, ao mesmo tempo que os informantes são de uma determinada região, e apresentam a mesma variação diatópica, têm, também, todas as marcas sociais, de faixa etária, de sexo, de escolaridade, de nível socioeconômico diferentes, e as variações são diastráticas: diageracional, diagenérica, diafásica, que poderão influenciar no seu modo de falar.

Após a análise das cartas léxicas dos atlas linguísticos da Bahia, da Paraíba, de Sergipe, do Ceará e de Pernambuco, selecionadas como amostragem para este trabalho, chegamos a algumas conclusões:

1. Distribuição em todo o Estado:

As variantes distribuem-se em todo o estado, comprovando o princípio da norma linguística: alta frequência e distribuição regular.

2. Variantes comuns aos Estados:

Muitas das variantes são comuns aos cinco estados analisados, podendo-se pensar numa variação regional nordestina.

3. Motivações semânticas para o uso de cada variante:

3.1. As motivações semânticas para o uso das variantes de **arco-íris** têm marcas socioculturais e estão relacionadas com fenômenos físicos e meteorológicos, credices populares, interpretação zoomórfica, interpretação antropomórfica, forma cristã ou islâmica, interpretação bíblica, relacionada ao Gênesis.

3.2. As motivações semânticas para o uso das variantes de **tornozelo** estão relacionadas, na maioria, com os aspectos físicos do órgão.

4. Estrutura das lexias:

As variantes lexicais analisadas possuem várias estruturas, que podem ser lexias simples e compostas, Assim, vejamos:

4.1. Arco-íris

No caso de **Arco-íris** as variantes são lexias simples e compostas, não havendo nenhum caso de lexia complexa.

a) **Lexia Simples:** Das variantes encontradas para a forma básica, **arco-íris**, temos como lexias simples: *arco, as barras; as torres; os véus; os vieiras; cometa; torreamo; véu.*

b) **Lexias Compostas:** Das variantes encontradas para a forma básica, **arco-íris**, temos como lexias compostas: *Arco-íris; arco-celeste; arco-da-velha; arco de velho; arco-de-boi; arco-da-aliança; sete-couros; barra-de-nuvem; olho-de-boi; sub-dourada; escama de peixe; barra de chuva; aliança do céu; arco flecha; réstia de luz.*

4.2. Tornozelo

No caso de **Tornozelo** as variantes são lexias simples e compostas:

a) **Lexias Simples:** Das variantes encontradas para a forma básica, **tornozelo**, temos como lexias simples: *Tornozelo; rejfeito; junta; mocotó; peadouro; mondongo; cotovelo; tronco; machinho; joaninha; calcanhar; vintém; cartunilo; piatô; tulita; canela; bodinho; tocó; tendão; pendão.*

b) **Lexias Compostas:** Das variantes encontradas para a forma básica, **tornozelo**, temos como lexias compostas: *junta do pé; osso de São Severino; osso do gostoso; Maria Joaquina; osso da risada; osso de Maria Joaquina; osso do vintém; osso da madrugada; osso do pé; osso da canela.*

Pode-se perceber que, para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Trabalhos deste tipo confirmam, mais uma vez, a importância dos atlas linguísticos regionais e mais ainda do Atlas Linguístico do Brasil, que, a partir de pesquisa controlada pelos mais rígidos princípios teórico-metodológicos, resgatam não apenas a língua portuguesa falada em nosso país, mas, principalmente, os costumes, as tradições, os modos de viver e sentir do povo brasileiros, em toda a sua complexidade.

Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa P.B. de. *Atlas linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, 1984, v. 1, 2.
- BESSA, José Rogério F. et al. *Atlas linguístico do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. *Atlas linguístico do Brasil - ALiB - Projeto*. Salvador: UFBA, 1998.
- _____. *Atlas linguístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota da S. Geografia linguística no Brasil. *DELTA*, 11, n^o 2, p. 255-277, 1995.
- ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas linguístico de Pernambuco*. João Pessoa, 2013. 417 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 30.11.2012

A propos de deux courants d'expansion de la langue portugaise a Bahia*

On two streams of expansion of the
portuguese language in Bahia

A propósito de duas correntes de
expansão da língua portuguesa na Bahia

Nilton Vasco da Gama**

(Professor Emérito, Universidade Federal da Bahia)

* J'exprime ici ma reconnaissance à mon Maître M. Georges Straka qui, pendant son séjour comme professeur invité à l'Université de Bahia, m'a donné, pour le présent travail, de très utiles renseignements et m'a suggéré de nombreuses améliorations.

** Nota dos Editores: publicação autorizada pela Profa. Dra. Albertina da Gama. Este artigo foi publicado anteriormente em *Révue de Linguistique Romane* (Société de Linguistique Romane), tome 43, p. 132-161, 1979. Na versão aqui publicada: (a) alguns símbolos fonéticos presentes no original foram substituídos pelos correspondentes da fonte SILDOULOS IPA, de modo a facilitar a impressão e a leitura; (b) os mapas figuram em versão digitalizada.

RÉSUMÉ: L'intérêt pour les variantes de la langue portugaise à Bahia a suscité l'examen des cartes de l' *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) qui ont révélé l'existence de zones linguistiques dans le territoire de Bahia et la possibilité de les limiter à partir de facteurs extralinguistiques, notamment le facteur historique. Le tracé des limites linguistiques observées permet, à titre d'hypothèse, d'établir l'existence de deux courants d'expansion de la langue portugaise à Bahia, en rapport avec les deux directions suivies par les incursions des conquérants au moment de la pénétration dans le territoire brésilien de cette zone, hypothèse qui se voit confirmée à partir de l'examen des données.

Mots clés: Zones linguistiques. Isoglosses. Portugais du Brésil.

ABSTRACT: The interest for the variants of the Portuguese language in Bahia motivated an examination of charts from *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) which revealed the existence of linguistic areas in the territory of Bahia State and the possibility of delimiting them based on extralinguistic aspects, mainly the historical aspect. The outline of the linguistic boundaries observed in the process makes it possible, as a hypothesis, to establish the existence of two currents of expansion of the Portuguese language in Bahia related to two directions followed by the incursions of the settlers as they moved into the Brazilian territory in that specific area. This hypothesis has been confirmed through the analysis of the data.

Keywords: Linguistic areas. Isogloss. Brazilian Portuguese.

RESUMO: O interesse pelas variantes da língua portuguesa na Bahia motivou o exame de cartas do *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963) que revelaram a existência de áreas linguísticas no território da Bahia e a possibilidade de delimitá-las com base em fatores extra-linguísticos, sobretudo o fator histórico. O traçado dos limites linguísticos observados permite, a título de hipótese, estabelecer a existência de duas correntes de expansão da língua portuguesa na Bahia, relacionadas a duas direções

seguidas pelas incursões dos conquistadores no momento da penetração no território brasileiro nessa área, hipótese que se vê confirmada com o exame dos dados.

Palavras-chave: Áreas linguísticas. Isoglossas. Português do Brasil.

Introduction

Notre intérêt pour les variantes de la langue portugaise à Bahia nous a fait examiner, il y a quelques années, les cartes de l'*Atlas prévio dos falares baianos*¹, et cela au cours d'un travail préparatoire en vue du *Questionário*² que nous devions appliquer par la suite à la région de Maragogipe. Cet examen nous a permis d'observer des coïncidences d'aires linguistiques sur le territoire baïanais. D'après quelques cartes il nous a été possible de délimiter les aires en question et de les mettre en rapport avec des facteurs extra-linguistiques, surtout avec le facteur historique.

Ces cartes présentent des rencontres intéressantes de limites linguistiques qui, partant du Recôncavo³, vont jusqu'à la vallée du Rio São Francisco, et se dirigeant tantôt au nord, tantôt au sud,

1 Cf. Nelson Rossi (avec la collaboration de Dinah Maria Isensee *et al.*), *Atlas prévio dos falares baianos*, Rio de Janeiro, MEC, INL, UFBA, FF, LF, 1963, 14 p. + xi + 198 cartes.

2 Cf. Nilton Vasco da Gama, *Estudo linguístico de uma comunidade do Recôncavo baiano, Maragogipe; questionário*, Salvador, UFBA, IL, DLR, 1973-1974, 7 vol. polycopiés.

3 Nous prenons ce terme dans son acception historique, par opposition à la ville de Salvador. Cf. l'observation d'Andrée Mansuy, dans son édition critique et annotée de l'oeuvre d'André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, Paris, Institut de Hautes Études de l'Amérique latine, 1968, p. 78-79, n. 5 : « Par *recôncavo* on entend, non seulement les contours d'une baie, mais la frange

isolent quelquefois la région du plateau proche de la frontière du Minas Gerais et ne parviennent pas non plus jusqu'à la frontière du Piauí et du Goiás⁴. Nous avons pensé alors, à titre d'hypothèse, à la possibilité de l'existence de deux courants d'expansion de la langue portugaise à Bahia, consécutifs aux deux directions dans lesquelles avaient progressé jadis les incursions des conquérants et la colonisation du territoire (facteur historique). Les facteurs ethnique et social - il faut le souligner – contribuent à rendre cette hypothèse tout à fait plausible.

côtière qui la borde. Dans le cas de la baie de Tous-les-Saints, particulièrement vaste, ce terme s'applique à toute une région à laquelle le géographe du xix^e siècle Aires de Casal (*Corografia brasílica*, II, p. 210) accorde, sans autre précision, une largeur de 6 à 10 lieues, mais dont l'extension est diversement définie par les géographes contemporains ».

4 La carte II détermine ce que nous entendons par aire des « parlars baïanais ». Cf. à ce propos, Nilton Vasco da Gama, « Algumas observações sobre as variantes sociais dos dialetos baianos, com base no *APFB*; um estudo sociolingüístico », dans XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza, *Atti*, Napoli, 15-20 aprile 1974, Amsterdam, John Benjamin, vol. 2, 1976, p. 365-380.

Facteurs extra-linguistiques qui ont contribué à l'expansion de la langue portugaise à Bahia

Le facteur historique

Le peuplement de Bahia, qui est parti du Recôncavo Baïanais, s'est fait en deux directions. Mais il ne faut pas oublier que le peuplement du Recôncavo n'a été renforcé qu'à la fin du XVI^e siècle, grâce à l'expansion de la culture de la canne à sucre et des activités subsidiaires comme les cultures du tabac et du manioc, toutes deux fortement localisées dans le Recôncavo jusqu'à la première moitié du xx^e siècle.

Le premier de ces courants de peuplement partait du Recôncavo par la côte septentrionale de la baie et atteignait le nord et la vallée du Rio São Francisco le long du Rio Itapicuru jusqu'au Piauí. C'étaient les hattes⁵ de la *Maison de la Tour de Tatuapara*. Le second, venant lui aussi du Recôncavo, suivait les cours des fleuves Paraguaçu et Jaguaribe jusqu'aux régions de Lençóis et d'Utinga, atteignait le São Francisco et aboutissait au Minas Gerais, se dirigeant ainsi au centre et au centre-sud du territoire. A la *Maison du Pont*, qui constituait ce second point de départ, appartenait, au XVII^e siècle, le territoire qui allait du Morro do Chapéu jusqu'à la

5 Cf. les commentaires d'Andrée Mansuy (André João Antonil, *op. cit.*, p. 468, n. 7) : « Les *currais* sont des parcs, généralement très vastes, dans lesquels est clôturé le bétail. On pourrait donc traduire ce mot par « parc à bestiaux ». J'ai préféré employer le terme de « hattes », qui était d'un usage courant dans les Antilles françaises et en particulier à Saint-Domingue... » Nous avons donc préféré traduire *currais* par *hattes*.

source du Rio das Velhas⁶. Sur la carte 1, nous avons esquissé ces mouvements.

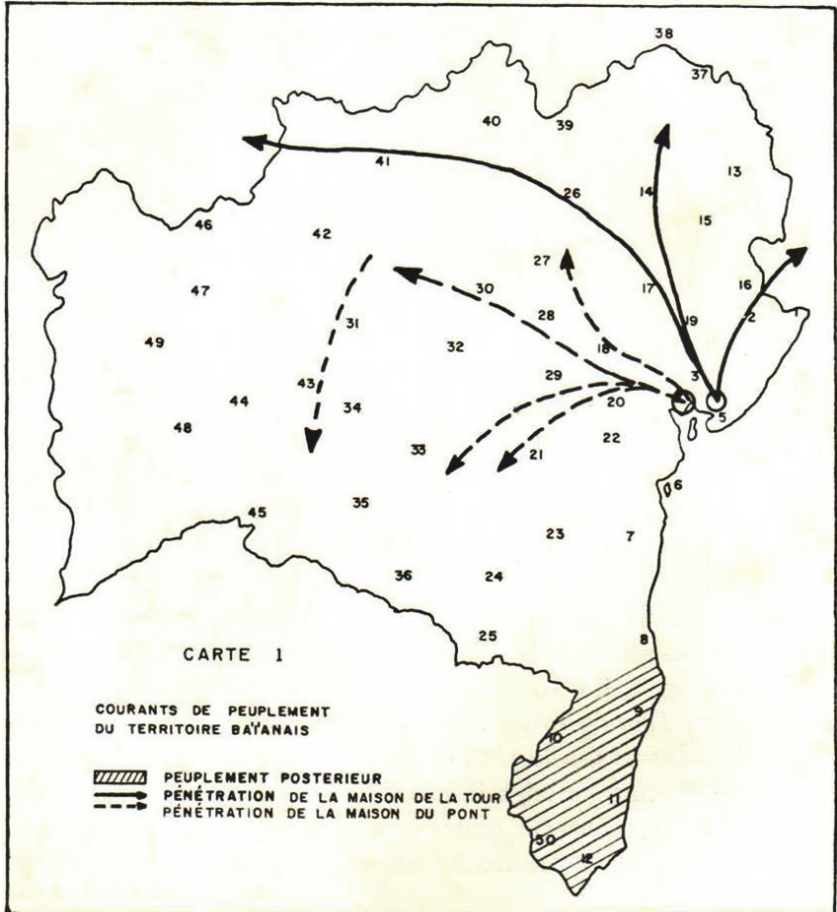
Ces deux peuplements présentent des caractéristiques différentes. Le premier avait pour but principal l'expansion des hattes de la Maison de la Tour ; le deuxième suivait d'abord la route des *mines*, en y menant le gros bétail (route du bétail), et conquérait des terres pour la Maison du Pont. La pénétration du nord et du nord-est présentait comme principale caractéristique un habitat espacé, tandis que celle du centre et du centre-ouest se caractérisait par des regroupements autour de l'habitation à sucre⁷ et, dans la

6 Cf. Pedro Calmon, *História da Casa da Torre; uma dinastia de pioneiros*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. 73. Il faut consulter aussi les commentaires critiques d'Andrée Mansuy (cf. André João Antonil, *op. cit.*, p. 479, n.34) : « La rivalité de ces deux familles se manifesta dans la possession des territoires qui leur étaient concédés pour y installer des domaines d'élevage. Cependant, en 1668, un arrangement à l'amiable put être réalisé : La Casa da Torre se réserverait les terrains situés au nord d'une ligne allant du rio Real à la source de l'Itapicuru et au São Francisco, tandis que les Guedes de Brito garderaient les terrains situés au sud de cette ligne, ce qui confirme les précisions apportées par Antonil... »

A propos de la route pour les mines, cf. ce qui a été écrit par Antonil (André João Antonil, *op. cit.*, p. 438-440) : « Partindo da cidade da Bahia, a primeira pousada he na Cachoeira ; da Cachoeira vão à aldea de Santo Antonio de João Amaro & dahi à Tranqueira. Aqui divide-se o caminho : & tomando-o à mão direita, vão aos curraes do Filgueira longo à nacença do rio das Raãs. (...) Mas se quizerem seguir o caminho à mão esquerda, chegando à Tranqueira metem-se logo no caminho novo & mais breve que fez João Gonçalves do Prado... » La planche VII préparée par Andrée Mansuy n'indique que les routes qui vont de Bahia au Minas Gerais (cf. *ibid.*).

7 Suivant la proposition d'Andrée Mansuy, nous traduisons *engenho* par *habitation à sucre*. Cf. l'observation d'Andrée Mansuy (Andrée João Antonil, *op.cit.*, p. 61) : « C'est ainsi que l'expression « habitation à sucre », telle qu'elle est définie par Dutrône la Couture et telle qu'elle apparaît de façon constante dans les ouvrages

région des mines, par le développement de centres urbains du fait de l'intérêt commercial immédiat éveillé par ces mines.



La région la plus peuplée est le Recôncavo, foyer de l'expansion, où se trouve la ville de Salvador, centre métropolitain dès le XVI^e siècle. Très tôt dans cette zone, il s'est développé une population d'habitat *urbain*. Il faut ajouter que les couches sociales, qui ont

relatifs à l'économie sucrière et dans ces correspondances privées, m'a semblé répondre à l'*engenho* brésilien dans son acception la plus large».

peuplé les régions don't il s'agit, étaient très diverses et d'habitats différents, mais que l'élément portugais prédominait ; ces faits ont dû se répercuter sur la différenciation linguistique⁸.

Le littoral sud était encore au XVIII^e siècle inhabité et le petit nombre de centres qui y existaient ne vivaient que de la culture de subsistance ; il n'a commencé à se peupler qu'à partir du milieu du XIX^e siècle, et ce n'est qu'au XX^e siècle qu'on note un véritable développement de cette région.

Il faut donc prendre en considération, pour ce qui concerne le défrichement et le peuplement du territoire baïanais, le peuplement de la zone du Recôncavo, ainsi que la pénétration et la colonisation du *sertão*⁹, qui viennent de deux grands courants d'irradiation, l'un de La Maison de la Tour (O – NO – NE), l'autre de la Maison du Pont (NO – O – SO), et cela qu'il s'agisse de fermes ou de centres d'exploitation des mines ou encore de centres commerciaux¹⁰. Il y a

8 Cf., par exemple, Fanny de Sivers, « Contacts, convergences, divergences », in André Martinet, *La Linguistique, guide alphabétique*, Paris, 1969, p. 63 : « Les causes sociales, au sens étroit du mot, sont probablement les facteurs les plus importants de différenciation linguistique. »

9 A propos du terme *sertão*, cf. Andrée Mansuy (André João Antonil, *op. cit.*, p. 283, n. 3) : « Pour Antonil, le *sertão da Bahia* désigne une zone littorale boisée, de climat chaud et humide, dite zone de la *mata*, située au nord et au nord-est de Bahia et qui s'étend jusqu'au rio Sergipe, hors des limites du Recôncavo. »

10 Il nous paraît utile de citer ce que dit l'historien Pedro Calmon (*História da Casa da Torre*, p. 75) à propos des limites des terres appartenant aux deux maisons : « Soara a hora das acomodações. Garcia e Guedes trataram como nações. Ajustaram dividir amigavelmente as suas terras de Jacobina e nordeste. E acertaram que do Rio Real se botasse um rumo para a serra de Taipiaba, que cai sobre o Itapicurú, donde uma linha partiria para o São Francisco, ficando com a Torre a parte do Nordeste, com os Guedes a do Sul. » Cf. aussi les observations de André João Antonil (*op.cit.*, p. 476-478) : « Sendo o certão da Bahia tam dilatado como temos referido, quasi todo pertence a duas das principaes familias

eu, en outre, les premières factoreries pour la défense de la côte et, plus tard, pour l'écoulement de la production de l'intérieur du pays.

Le facteur géographique

En ce qui concerne les facteurs géographiques, deux aspects doivent être pris en considération: l'orographie et l'hydrographie, tous deux d'une importance capitale pour l'expansion de la langue.

Sur la bande du littoral qui longe l'océan, au nord-ouest s'étendent les vastes paliers qui atteignent les plateaux. Les montagnes parcourent le territoire du sud au nord, séparant le bassin du Rio São Francisco des plateaux et des bassins du littoral.

da mesma cidade, que são a da Torre & a do defunto mestre de campo Antonio Guedes de Britto. Porque a casa da Torre tem duzentas e sessenta legoas pelo rio de São Francisco acima à mão direita, indo para o Sul ; & indo do dito rio para o Norte, chega a oitenta legoas. E os herdeiros do mestre de campo Antonio Guedes possuem desde o morro dos Chapeos até a nacença do rio das Velhas cento e sessenta legoas. » A lire aussi les commentaires critiques d'Andrée Mansuy (cf. André João Antonil, *op.cit.*, p.479, n. 34). Gabriel Soares de Souza, dans la *Notícia do Brasil* (São Paulo, Martins, s. d., vol. 2, introd., commentaire et notes par Pirajá da Silva) enregistre : « Tatuapara é uma enseada, onde se mete um riacho dêste nome, em o qual entram caravelões da costa com preamar : nesta enseada têm os navios muito boa abrigada e surgidouro, de que se aproveitam os que andam pela costa. Aqui tem Garcia d'Ávila, que é um dos principais e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com grandes edificios de casas de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda de abobada, em a qual tem um capelão que lhe ministra os sacramentos. Este Garcia d'Ávila tem tôda sua fazenda em criações de vacas e éguas, e terá alguns dez currais por esta terra adiante...» (p. 130) ; « De Tatuapara ao rio Jacoípe são quatro léguas, as quais ao longo do mar estão ocupadas com currais de gado, por serem de terra baixa e fraca ; os quais currais são de Garcia d'Ávila e de outras pessoas chegadas à sua casa. (...) Este rio de Jacoípe se passa de baixa-mar acima da barra uma légua de vau, ao longo do qual tem o mesmo Garcia d'Ávila um curral de vacas» (p.132).

Les fleuves les plus importants pour la pénétration et la conquête du *sertão* ont été l'Itapirucu et le Paraguaçu, tandis que les fleuves Contas, Pardo et Jequitinhonha ont servi de routes pour les expéditions («entradas», voire «bandeiras»¹¹) qui allaient à la recherche, dans le *sertão*, des chaînes de montagnes dissimulant des mines. Le Rio São Francisco, à son tour, a servi à véhiculer l'expansion vers le nord et vers le sud, amenant du sud jusqu'au territoire baïanais l'élément colonisateur provenant de São Paulo et de Rio de Janeiro.

Les courants de pénétration ont suivi de préférence les cours des fleuves, comme nous l'avons dit, mais le principal but du conquérant dans la région des montagnes était la découverte des mines. Sur les paliers, dans la zone littorale du nord-est, du *sertão* du Rio São Francisco jusqu'au Piauí, se sont établis les hattes («currais») de la Maison de la Tour. Les objectifs de la pénétration ont créé des habitats différents, ce qui allait se refléter dans l'expansion de la langue. Dans les hattes se sont développées des habitations disséminées, avec peu d'agglomérations, tandis que dans le Recôncavo et dans la zone des mines, on trouvera des centres *urbains*. Les colonisateurs utilisaient, dans ces hattes, plutôt une «lingua franca», dont la base était le portugais, mais qui résultait aussi du contact de celui-ci avec la langue tupi. Dans les centres *urbains* la langue de communication était le portugais, élément linguistique niveleur, et c'est la ville de Bahia (Salvador) qui s'est révélée un des centres culturels les plus importants¹².

11 Explorations vers l'intérieur des capitaineries.

12 Cf. Serafim da Silva Neto, *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2^a éd. augm., revue par l'auteur, Rio de Janeiro, MEC, INL, 1963, p. 66 et suiv.

Le facteur ethnique

Des trois éléments qui ont peuplé le territoire, le plus important était l'élément blanc (Portugais, Espagnols, Français, Hollandais, etc.); il prédominait grâce à sa culture européenne et, par conséquent, par la langue. Sans nul doute, les Portugais étaient plus nombreux de tous.

L'élément américain, autochtone, se présentait disséminé dans les tribus diversifiées et ne possédait aucune unité linguistique, bien que la plus grande partie de ces locuteurs n'ait appartenu qu'à deux groupes linguistiques, le tupi et le jê. La plupart de ces tribus ne représentait pas la plus ancienne couche de la population, et de ce fait même, il faut admettre une superposition de différentes couches ethniques et, en conséquence, des contacts mutuels entre les cultures et les langues de ces peuples. Les luttes entre ces tribus n'étaient pas rares, mais c'est l'homme européen qui est devenu le plus grand ennemi de l'Indien. Cela n'a d'ailleurs pas empêché que l'Indien fût l'élément le plus important pour le défrichement du *sertão*, c'est-à-dire dans l'oeuvre de la pénétration et de la colonisation du territoire.

Les Nègres amenés d'Afrique s'étaient déjà trouvés précédemment et partiellement en contact avec la civilisation européenne, et on peut distinguer, parmi eux, des *ladinos*¹³ et des *boçais*¹⁴. Les *ladinos* étaient déjà familiarisés avec la culture et la langue du Blanc portugais. Bien qu'ils aient conservé leur langue, surtout comme une variante linguistique religieuse, utilisée encore de nos jours, ils ont très tôt commencé à s'exprimer en langue portugaise.

13 C'est-à-dire ceux qui étaient habiles dans la langue portugaise.

14 Les « grossiers », les « rudes ». Cf. aussi le commentaire d'Andrée Mansuy (André João Antonil, *op. cit.*, p. 110, n. 10).

Le facteur social

Les facteurs historique, géographique et ethnique qu'on vient d'examiner montrent que l'homme blanc a été l'élément le plus en valeur sur le plan social. Cependant, bien que la mobilité verticale de la société ait été remarquable, permettant une ascension rapide des métis (*mamelucos*¹⁵ ou *mulatos*¹⁶), on doit faire une distinction entre la classe sociale riche – les nobles et les marchands – et les gens du peuple, représentés par des artisans, des officiers mécaniciens, des soldats, etc¹⁷. L'homme blanc, suivi de près pas le métis qui avait réussi à monter dans l'échelle sociale, représentait l'élite coloniale¹⁸.

Les Nègres constituaient, jusqu'à la fin du XIX^e siècle, une classe inférieure, celle des esclaves, n'ayant aucun droit dans la structure sociale en vigueur, et auxquels on refusait l'ascension sociale.

Les Indiens, d'abord esclaves, mais vite affranchis, ont été presque tous exterminés ; ils habitaient une partie de la zone rurale et certains d'entre eux aidaient les maîtres des habitations à sucre¹⁹, tandis que d'autres attaquaient leurs propriétés sans jamais

15 Né d'un Indien et d'une Blanche, ou d'un Blanc et d'une Indienne.

16 En français *mulâtre*, c'est-à-dire né d'un Nègre et d'une Blanche, ou d'un Blanc et d'une Nègresse.

17 Cf. Carlos B. Ott, *Formação e evolução étnica da Cidade do Salvador ; o folclore bahiano*, Salvador, Manú, 1955, p. 34-53.

18 Cf. Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, p. 70-71.

19 Là encore nous employons un terme proposé par Andrée Mansuy (André João Antonil, *op. cit.*, p 61) : « ... pour traduire *senhor de engenho*, je n'ai pas conservé le français « habitant », également en usage aux Antilles et en Guyane, parce qu'il ne m'a pas semblé posséder le même contenu psychologique et sociologique que *senhor de engenho*. C'est pourquoi, à partir de l'expression « habitation à sucre »,

s'intégrer à la société blanche. L'homme européen n'aurait donc pu ni survivre ni conquérir le territoire sans la contribution de l'homme américain. Parmi les Indiens on distinguait les *linguas*²⁰, c'est-à-dire ceux qui servaient d'éléments de liaison entre les deux cultures.

Ainsi, nous pouvons affirmer que le facteur social le plus pertinent a été la valorisation de l'élément portugais ou du métis de sang portugais – ce qui a entraîné l'europanisation du territoire et l'expansion de la langue du conquérant – sans oublier toutefois que cet élément a été très fortement influencé par les valeurs sociales américaines (adaptation du mode de vie) et africaines.

Les facteurs linguistiques

Il est évident que c'est du contact des peuples que vient le contact des langues. Dans notre cas, d'après les données extra-linguistiques, il y a eu trois types de contacts linguistiques à Bahia : 1) *portugais + indien*, 2) *portugais + africain*, 3) *indien + africain*. Cependant, si nous tenons compte du fait que les Indiens et les Africains, en entrant mutuellement en contact, connaissaient déjà la langue portugaise, il faut établir, à la suite d'Amado Alonso, qui expliquait ainsi la base linguistique de l'espagnol de l'Amérique, les relations linguistiques suivantes entre les trois peuples de Bahia (tableau I):

j'ai préféré fabriquer « maitre d'habitation à sucre » ou, plus simplement « maitre d'habitation ».

20 Certains Indiens étaient cités par les chroniqueurs comme des *linguas*, c'est-à-dire interprètes.

TABLEAU I.

Relations mutuelles de culture et de langue au Brésil colonial.

PEUPLES	LANGUES
Portugais et Indiens	portugais et tupi
Portugais et Africains	portugais et langues africaines
Indiens et Africains	tupi et langues africaines et portugais

On comprend ainsi que la langue portugaise jouait le rôle d'élément niveleur entre les trois cultures et qu'elle était à la base de la «lingua franca» utilisée au Brésil pour la communication générale ; elle est devenue particulièrement importante comme élément de valorisation sociale. C'était pour tous la langue générale de communication et, pour la minorité cultivée, la langue de communication avec la Métropole²¹, ainsi que la langue de l'école et de l'administration du pays.

Au commencement du XVII^e siècle s'est développée à Bahia une activité littéraire qui utilisait la variante la plus soignée du portugais selon les modèles de la Métropole²². Les Jésuites ont été les plus grands propagateurs de la langue portugaise, tant de sa variante soignée que de la variante servant de base à « lingua franca ». Ils étaient chargés d'élever les jeunes gens appartenant à l'élite blanche (et même métisse), mais aussi de catéchiser les Indiens en leur enseignant de s'exprimer dans une variante linguistique du portugais qui neutralisait quelques oppositions du portugais soigné. C'est encore aux Jésuites qu'on doit les plus anciennes systématisations de la langue des Indiens. D'autre part, le tupi était, comme le signale

21 Cf. Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, p. 67.

22. A Lisbonne et à Coïmbre ont été élevés les fils des familles brésiliennes nobles et les plus riches.

Serafim da Silva Neto²³, la langue «liée à la classe la plus humble et grossière de la société colonial», ce qui fait qu'elle n'a jamais eu de prestige social.

Les variantes linguistiques employées par les esclaves d'origine africaine relevaient de groupes linguistiques divers dont les locuteurs connaissaient, dans une certaine mesure, le créole portugais et l'utilisaient comme une « lingua franca » dans leur pays d'origine.

Les facteurs socio-linguistique ont donc conduit à la suprématie des variantes linguistiques portugaises et, par conséquent, à l'abandon du tupi et des langues africaines. Le portugais est devenu la langue commune et officielle du Brésil, reléguant le tupi dans les réserves des Indiens et laissant subsister les langues africaines uniquement comme une variante linguistique religieuse dans les *candomblés*²⁴.

Limites linguistiques d'après l'A.P.F.B.

En vue d'illustrer les deux courants de l'expansion de la langue portugaise à Bahia, nous avons choisi, dans l'A.P.F.B.²⁵, un certain nombre de cartes sur lesquelles les phénomènes phonétiques et

23 Cf. *op. cit.*, p. 67.

24 Nous employons ce terme avec le sens de « communauté religieuse d'origine africaine ».

25 Liste des localités de l'A.P.F.B. : 1 Abadia, 2 Aporá, 3 Rio Fundo, 4 Santiago do Iguape, 5 Abrantes, 6 Velha Boipeba, 7 Faisqueira, 8 Poxim do Sul, 9 Santa Cruz Cabralia, 10 Buranhém, 11 Prado, 12 Mucuri, 13 Jeremoabo, 14 Monte Santo, 15 Mirandela, 16 Vila Velha, 17 Conceição do Coité, 18 Ipirá, 19 Água Fria, 20 Pedra Branca, 21 Maracás, 22 Jiquiriçá, 23 Boa Nova, 24 Vitória da Conquista, 25 Encruzilhada, 26 Campo Formoso, 27 Jacobina, 28 Mundo Novo, 29 Itaberaba, 30 Morro do Chapéu, 31 Brotas de Macaúbas, 32 Iraporanga, 33 Mato Grosso, 34 Macaúbas, 35 Caetitê, 36 Condeúba, 37 Rodelas, 38 Pambu, 39 Carnaíba do Sertão,

lexicaux qu'elles représentent s'étendent tous sur une aire approximativement la même.

Parmi les cartes de l'A.P.F.B., les cartes suivantes peuvent illustrer notre étude: 3 *Arco-íris*, 4 *Arco-íris*, 5 *Arco-íris*, 6 *Arco-íris*, 8 *Trás-ante-ontem*, 11 *Frio forte (ou vento, chuva que o occasione)*, 12 *Nevoeiro*, 13 *Margem do rio*, 14 *Tona d'água*, 16 *Onda de rio*, 17 *Ondas baixas, seguidas e espumosas*, 21 *Buraco, sulco, grotta*, 22 *Umedecida (terra-) pela chuva*, 23 *Trabalhador de enxada*, 26 *Cova para semear*, 28 *Sabugo de milho*, 35 *Peça do aparelho de ralar mandioca*, 40 *Outras espécies de abóbora*, 41 *Espécie de fruta anonácea, semelhante à jaca-de-pobre*, 43 *Estragada (carne-)*, 44 *Podre, estragada (fruta-)*, 45 *Papa grossa de farinha de mandioca*, 46 *Terrina*, 47 *Cálice*, 49 *Recipiente para água, álcool, cachaça, etc.*, 50 *Cinza quente*, 52 *Pó, rapé, fumo*, 53 *Onde se guarda rapé*, 61 *Útero*, 63 *Tornozelo*, 64 *Calcanhar*, 65 *Óculos*, 66 *Pérola*, 68 *Soutien*, 70 *Cabide*, 72 *Sinal (pequena mancha escura na pele)*, 75 *Inchado, amarelo, opilado*, 76 *Esubalhado (ôlho-)*, 79 *Pessoa que tem uma perna mais curta que a outra*, 80 *Pessoa de pernas arqueadas*, 81 *Mestiço (Prêto com cabelo liso)*, 83 *Outros tipos de mestiço*, 85 *Coceira muito forte*, 87 *Menstruação*, 88 *Enjôo (como sintoma de gravidez)*, 89 *Abôrto*, 90 *Cisco que cai nos olhos*, 91 *Terçol*, 92 *Conjuntivite*, 95 *Glândula*, 98 *Superstição*, 99 *Feiticeiro*, 100 *Gêmeos*, 105 *Avarento*, 108 *Prostituta*, 109 *Cambalhota (virar, etc.)*, 114 *Galinha d'angola*, 116 *Casinha de prender galinha*, 125 *Lagartixa*, 131 *Cria da ovelha*, 132 *Cabra sem chifres*, 135 *Designações do boi conforme a idade (mamote)*, 137 *Branco (boi)*, 138 *Branco e prêto (boi-)*, 139 *Pastagem cercada para cavalos e bois*, 140 *Rabo*, 143 *Outras armadilhas de caça*, 144 *Sela para*

40 Sento Sé, 41 Pilão Arcado, 42 Barra, 43 Paratinga, 44 Santana, 45 Carinhonha, 46 Ibipectuba, 47 Taguá, 48 Correntina, 49 São Desidério, 50 Ibiranhém.

mulher, 145 *Peça do arreio que passa pela barriga do animal para segurar a sela ou a carga*, 146 *Peça do arreio, correia que segura o estribo e fica afivelada à sela*, 147 *Parte interna da sela que se põe sob a cangalha*, 149 *Peça do arreio, tecido felpudo que se estende sôbre a sela*, 151 *Outros tipos de chicote*, 153 *Tacha*.

La plupart de ces cartes ne fournissent, pour notre étude, que des faits phonétiques, quatre sont d'intérêt exclusivement lexical et douze présentent à la fois des faits phonétiques et des faits lexicaux.

Limites phonétiques²⁶

Notre attention a tout d'abord été retenue par quatre faits phonétiques : 1) la réalisation phonétique du [r] en fin de syllabe ; 2) la réalisation phonétique du [l] en fin de syllabe ; 3) la réalisation phonétique du [ʌ]; 4) la réalisation phonétique de la diphotongue [aw].

La réalisation du [r] en fin de syllabe

Dans l'*A.P.F.B.*, toute une série de cartes présente le [r] en fin de syllabe, soit dans une syllabe accentuée, soit dans une syllabe inaccentuée prétonique. Les formes qui figurent sur les cartes 12 (*norte*)²⁷, 13 (*corda, várzea*), 40 (*-de porco*), 49 (*dorna*), 61 (*dona-do-corpo, mãe-do-corpo, senhora-do-corpo*), 68 (*aperta-seio*), 70 (*torno*), 80 (*caverna*), 81 (*cabo verde*), 139 (*larga*), 143 (*desordem*) montrent la réalisation de la vibrante (vélaire ou alvéolaire) en fin

26 Nous préférons utiliser le terme de *limite* à celui d'*isoglosse*. Les termes employés par Hans Kurath, *lignes hétéroglossiques, hétérophoniques et hétérolexiques* (v. ses *Studies in area linguistics*, 2^o réimpr., Bloomington, Indiana University Press, 1974, xii + 202 p.), ne sont guère plus heureux que celui d'*isoglosse*.

27 Nous indiquons entre parenthèses la forme relevée sur la carte, qui illustre le phénomène qui nous intéresse.

de syllabe accentuée, tandis que sur les cartes 3 (*arco-íris*), 4 (*arco-da-velha*, *arco-de-velha*), 5 (*arco-celeste*), 6 (*arco-d'aliança*), 13 (*cordão*), 14 (*flor-d'água*), 16 (*carneiro-d'água*), 17 (*carneiro*, *carneiro da água*, *carneiro da espuma*), 23 (*jornaleiro*), 40 (*largateira*, *verdadeira*), 41 (*articum*), 43 (*ardida*), 44 (*mermada*), 46 (*porcelana*), 53 (*cornimboque*), 63 (*tornozelo*), 68 (*corpinho*), 80 (*borquilha*), 85 (*garfeira*), 87 (*repartição do mês*, *mermada*), 90 (*argueiro*), 92 (*dordolho*), 98 (*superstição*), 105 (*morto a fome*, *morto de fome*, *mão apertada*), 109 (*salto mortal*, *corta-tubi*, *bunda* [kar'nasa], 125 (*lagartixa*), 131 (*carneirinho*), 138 (*bordado*), 139 (*invernada*), 143 (*carpão*), 146 (*guarda-loro*), 147 (*salabardão*), on peut étudier la réalisation — vélaire ou alvéolaire — de l'[r] à la fin de la syllabe prétonique.

Nous ne nous occuperons que de deux réalisations (variantes) de la vibrante, car seules ces deux variantes intéressent notre étude. Certes, on peut rencontrer, outre les deux réalisations en question, vélaire et alvéolaire, la disparition de la vibrante (Ø) ou son changement en [i], ou encore une articulation latérale, parfois vélarisée. Mais les relevés portés sur les cartes montrent que le [r] implosif s'articule surtout comme [ɾ] vélaire dans 98% des cas à la fin d'une syllabe accentuée et dans 86% des cas à la fin d'une syllabe prétonique.

Quant à la vibrante alvéolaire, elle peut avoir plus ou moins de battements²⁸ d'une part et, d'autre part, elle peut se présenter aussi comme une cérébrale. Nous n'examinerons ici que les réalisations non cérébrales dans les deux positions. La vibrante alvéolaire cérébrale, bien qu'elle soit d'un intérêt évident pour l'évolution

28 Ce qui est signalé sur les cartes de l'A.P.F.B par un point mis au-dessus du symbole utilisé. Nota dos Editores: nesta edição, utilizaram-se os símbolos do I.P.A.

des vibrantes, n'a pas à Bahia une fréquence telle qu'elle puisse intéresser notre étude.

Pour la vibrante alvéolaire en fin de syllabe, les variantes linguistiques baïanaises offrent donc, outre la conservation de l'articulation alvéolaire primitive, l'innovation portugaise en une vibrante vélaire d'une part, et, d'autre part, le changement de [r] en une cérébrale, ou en une latérale, ou en un [i] voire sa disparition totale²⁹.

Sur la carte 2 nous présentons l'aire où s'est conservée la vibrante alvéolaire non cérébrale; elle a été délimitée d'après les relevés contenant la vibrante alvéolaire à plusieurs battements en fin de syllabe accentuée aux points 5 (carte 81), 8 (carte 81), 14 (carte 61), 27 (cartes 81 et 89), 31 (carte 40), 34 (cartes 40, 61 et 139), 35 (cartes 40 et 81), 37 (cartes 61 et 81), 41 (cartes 40 et 61), 43 (carte 49), 44 (cartes 40, 69 et 89), 46 (carte 61) et 49 (carte 40), et en fin de syllabe prétonique aux points 8 (cartes 3, 4, 46 et 68), 10 (carte 3), 16 (carte 80), 24 (carte 5), 26 (cartes 4 et 90), 27 (cartes 3, 90 et 92), 31 (cartes 3 et 44), 32 (cartes 3, 4, 5 et 80), 33 (cartes 4, 44, 46 et 139), 34 (cartes 6, 44, 46 et 147), 35 (cartes 6 et 68), 36 (cartes 3 et 5), 37 (cartes 5, 68, 90 et 92), 38 (cartes 5, 46, 90 et 92), 39 (carte 5), 40 (carte 90), 41 (cartes 43, 46 et 90), 42 (carte 90), 43 (cartes 41, 46 et 68), 44 (carte 44), 46 (cartes 5 et 90), 47 (carte 90), 48 (cartes 4, 5 et 90), 49 (cartes 3, 5, 44 et 80), 50 (carte 3).

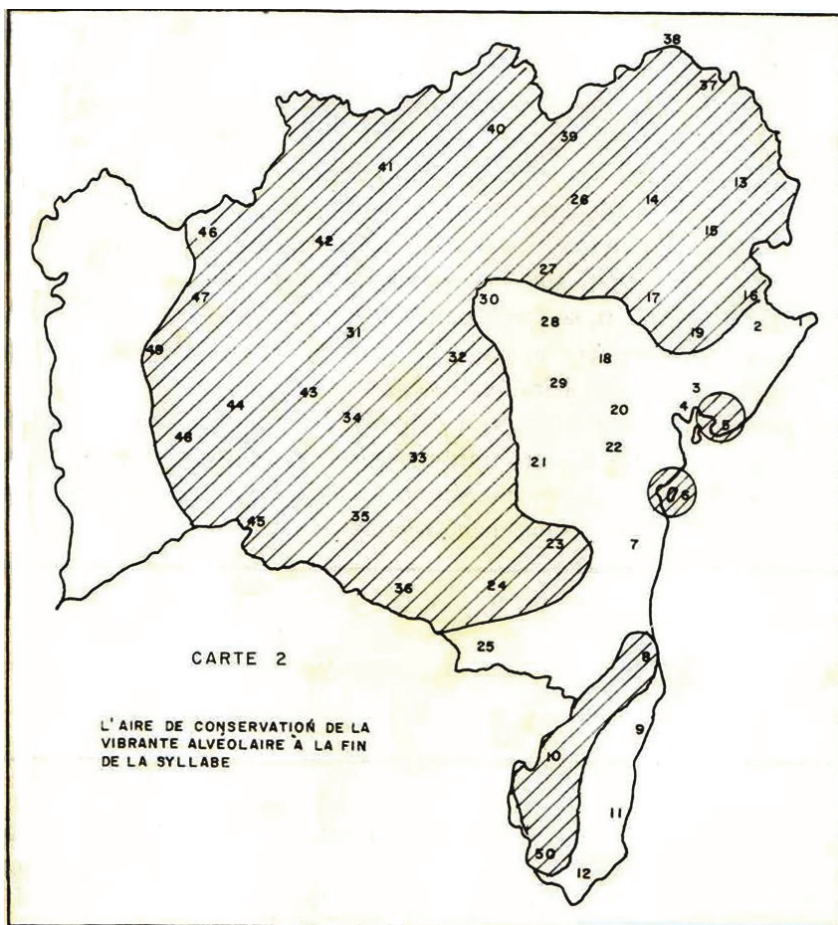
La variante alvéolaire à battements réduits peut se rencontrer en syllabe accentuée aux points 6 (cartes 81 et 89), 14 (cartes 61 et 81), 15 (carte 81), 16 (carte 81), 17 (carte 81), 19 (carte 89), 26 (carte 92), 31 (carte 81), 34 (cartes 81 et 89), 36 (cartes 40 et 61), 41 (carte

29 Pour le comportement des vibrantes dans l'évolution phonétique de la langue portugaise voir, parmi d'autres, Jorge Morais Barbosa, *Études de phonologie portugaise*, Lisbonne, Junta de Investigação do Ultramar, 1965, p. 205-208.

80), 50 (cartes 61, 81 et 89), et en syllabe prétonique aux points 6 (cartes 46, 63, 98, 125 et 147), 13 (carte 40), 14 (cartes 3 et 147), 15 (carte 147), 16 (carte 16), 17 (cartes 3, 68 et 143), 19 (carte 46), 23 (cartes 3, 4 et 5), 31 (cartes 3 et 43), 32 (carte 46), 35 (cartes 5 et 68), 36 (carte 68), 37 (carte 43), 38 (cartes 14, 43 et 90), 41 (carte 3), 42 (carte 5), 45 (carte 4), 50 (carte 147) ; les variantes de [r] affaibli ne sont pas notées aux points 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 12, 18, 20, 21, 22, 25, 28, 29 et 30.

En observant la carte 2, on peut constater que l'aire compacte représentant la conservation de la vibrante alvéolaire en fin de syllabe correspond d'abord à la zone des domaines de la Maison de la Tour, mais qu'elle se prolonge au sud dans le bassin du Rio São Francisco³⁰. La conservation de cette vibrante semble donc être un reste de la langue propagée depuis la Maison de la Tour, mais qui s'est étendue jusqu'au bassin du Rio S. Francisco.

30 Il faut remarquer que le point 30 correspond à Morro do Chapéu, région appartenant à la Maison du Pont.



La réalisation du [ʃ] en fin de syllabe

Outre les variantes alvéolaire et « vélaire » du [ʃ]³¹, on peut trouver les réalisations telles que [r] alvéolaire ou vélaire (à plus ou moins de battements), voire [ɽ] cérébral, ou encore la disparition

31 A propos du [ʃ] dit vélaire, il faut rappeler l'avis de M. Georges Straka (« Contribution à la description et à l'histoire des consonnes L », *TraLiLi*, VI, I, 1968, p. 279) : « En somme, le terme qui se prête le mieux pour désigner l'ʃ du point de vue articulaire est celui de consonne apico-alvéodentale pharyngée ».

totale de cette consonne. Nous n'examinerons que la réalisation vibrante et alvéolaire à plus ou moins de battements, innovation qu'on rencontre dans la variante du portugais utilisée à Bahia. Notre documentation repose sur les relevés des cartes 45 (*escaldado*)³², 50 (*rescaldo*), 64 (*calcanhar*), 137 (*alvação*) 139 (*solta*).

La réalisation alvéolaire, mais vibrante, à plusieurs battements, se rencontre aux points 4 (carte 64), 8 (carte 64), 22 (carte 50), 24 (carte 64), 27 (carte 64), 32 (carte 64), 33 (carte 64), 34 (carte 64), 35 (cartes 64 et 135), 38 (cartes 64 et 135), 43 (carte 64), 45 (cartes 45, 50, 64 et 135), 48 (carte 64), 49 (carte 64) ; la vibrante à battements affaiblis, aux points 13 (carte 45), 14 (carte 135), 16 (carte 50), 19 (cartes 45, 50 et 139), 37 (carte 64), 38 (carte 64), 42 (carte 64), 50 (carte 64). Notre carte 3 illustre l'aire de cette articulation, aire dont la configuration rappelle d'assez près celle de l'aire du maintien du [r] alvéolaire primitif (carte 2).

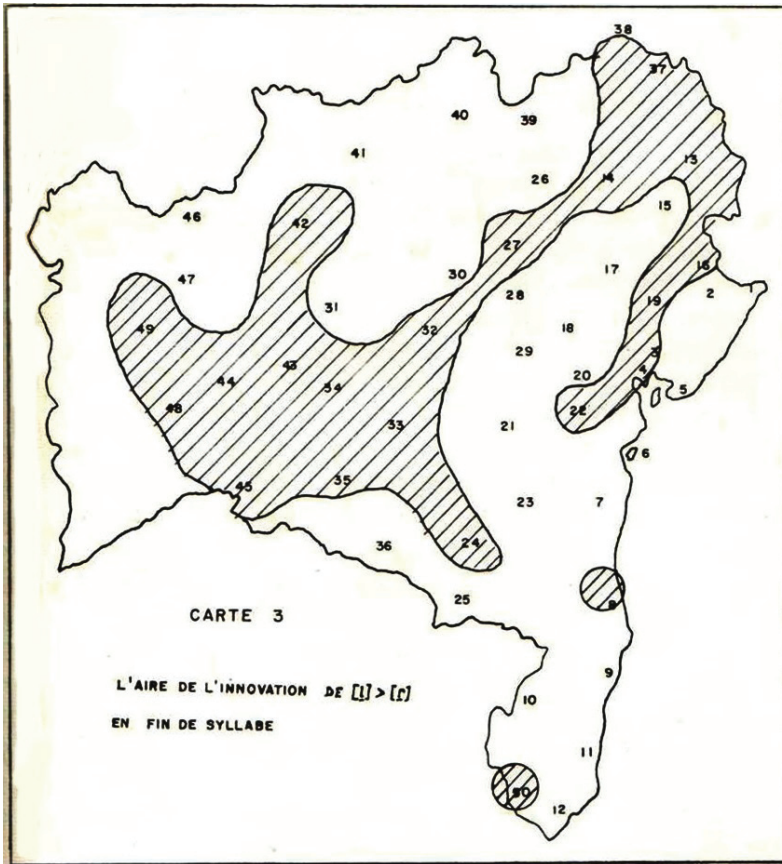
L'examen des autres variantes du [l] implusif nous permet de constater des innovations qui peuvent être rapprochées des réalisations phonétiques de la vibrante [r] dans la même position ; les deux phonèmes semblent avoir subi les mêmes modifications, par exemple :

32 Nous mettons entre parenthèses la forme relevée sur la carte.

[r]		[l]	
carte 89	carte 90	carte 64	
[ar'geru] (38) [ap'geru] (17) [aɾ'geri] (29) [a ^{ur} 'geru] (46) [a ⁱ 'gweru] (13) [a ^g 'weru] (15) [aɫ'geru] (39)	['perka] (6) ['peɾka] (24) ['peɾka] (29)	[kalkã'i'a] (14)	
		[karkã'i'a] (42) [kapkã'i'a] (21) [kaɾkã'i ja] (9) [kakã'i'a] (36)	[kaɫkã'ja] (46) [kauɫkã'i ^h a ^o] (47) [kaukã'i'a] (13)

La parenté des traitements est surtout frappante en syllabe pré-tonique, où nous croyons pouvoir établir les évolutions suivantes:

$$r > \begin{cases} \rho \\ i > \emptyset \\ \dagger > ur > u \end{cases} \qquad l > \begin{cases} r > \begin{cases} \rho \\ \emptyset \end{cases} \\ \dagger > u\dagger > u \end{cases}$$



La convergence apparaît en fin d'évolution, la latérale, devenue vibrante, ayant eu le même comportement que la vibrante primitive³³.

33 Cf. Georges Straka (« Phonétisme et physiologie : l'évolution phonétique du français à la lumière des données relatives au fonctionnement des circuits neuro-musculaires des organes articulatoires », dans *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, 31 de Março-4 de Abril, BdF, t. XVIII, 1961, p. 124) : « J'ai ainsi suivi de près... la vocalisation de *l* dans les idiomes slaves et en portugais, notamment du Brésil, son changement en *r* et sa disparition... »

Les cartes examinées de l'*A.P.F.B.* donnent, pour cette variante vibrante et alvéolaire (non cérébrale) du [l], une aire compacte (carte 3) qui comprend les points 16, 19, 4, 22, 13, 14, 37, 38, 27, 32, 33, 24, 35, 34, 42, 43, 44, 45, 48 et 49³⁴, et qui est formée en partie d'anciens domaines de la Maison de la Tour et en partie du cours moyen du Rio São Francisco.

La réalisation phonétique du [ʎ]

D'après les données des cartes 22 (*sarolha*), 28 (*cascabulho*), 50 (*borralho*), 76 (*esbugalhado*), 83 ([sara'gaʎu]), 138 (*malhado*), 139 (*malhada*), 140 (*celha*)³⁵, la variante baïanaise du [ʎ] portugais est le *jod* (noté y, i ou j). C'est la réalisation la plus fréquente du [ʎ] (92% de cas), mais elle ne retiendra pas notre attention, pas plus d'ailleurs que la disparition totale de cette consonne. En revanche la conservation de la latérale palatale, qui est un fait portugais³⁶, va nous intéresser : elle caractérise toute une zone archaisante (carte 4), comme c'était le cas du maintien de la vibrante alvéolaire que nous venons d'observer.

Des exemples de la conservation de la latérale palatale ont été relevés aux points 1 (carte 149), 3 (cartes 50, 80 et 139), 4 (cartes 22, 80 et 92), 5 (cartes 80 et 145), 6 (cartes 92 et 145), 7 (cartes 50, 80, 144, 145 et 149), 8 (cartes 92, 144, 145, 149 et 151), 9 (cartes

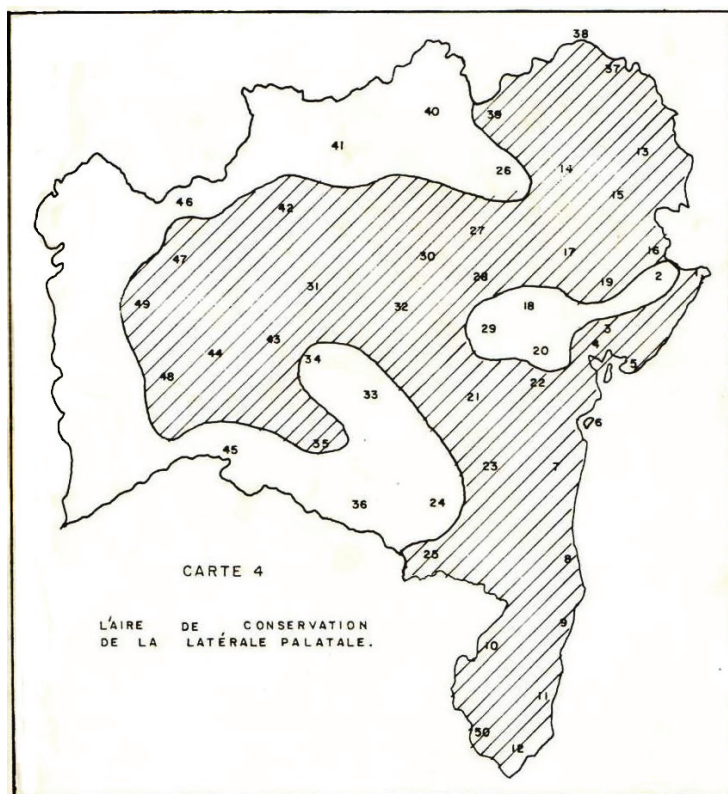
34 Les points 8 et 50 sont isolés.

35 Nous avons aussi pris en considérations les formes relevées sur les cartes 80 (*borquilho*), 92 (*dordolho*), 144 (*silhão*), 145 (*cilha*), 149 (*coxonilho*) et 151 (*bacalhau*).

36 Cf., à ce propos, Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, p. 197: « Como vulgarismos encontradiços em todas as partes do Brasil, mesmo nas classes baixas do Rio de Janeiro, há vários traços dignos de nota : iotização do *lh*... »

144, 145 et 149), 10 (cartes 92, 144, 145 et 149), 11 (cartes 22, 144, 145 et 151), 12 (cartes 22 et 50), 13 (carte 92), 14 (carte 50), 15 (carte 22), 16 (cartes 22, 83, 144, 145 et 149), 17 (cartes 22, 92 et 145), 19 (carte 92), 21 (cartes 22, 50, 92, 144 et 145), 22 (cartes 76 et 149), 23 (carte 140), 25 (carte 144), 27 (cartes 22, 50, 92 et 145), 28 (cartes 22, 76, 92, 145 et 153), 30 (cartes 22, 76), 31 (cartes 22, 76, 92 et 149), 32 (carte 76), 35 (cartes 144 et 149), 37 (carte 50), 38 (cartes 50 et 145), 39 (cartes 22, 50, 76, 92 et 145), 42 (cartes 28, 92 et 145), 43 (cartes 22, 28 et 50), 44 (carte 145), 47 (cartes 92 et 145), 48 (144), 49 (cartes 144, 145 et 151), 50 (cartes 92 et 138).

En comparant nos cartes 4 et 2, on constatera une concordance partielle entre les aires qui conservent la réalisation alvéolaire de la vibrante et la réalisation palatale de la latérale, bien que, dans la région de Morro do Chapéu, ainsi qu'au sud de Bahia, on rencontre aussi la latérale palatale, mais l'ancienne *r* latine n'y a pas survécu.



Réalisations phonétiques de la diphtongue *au*.

La carte 19 de l'*A.P.F.B.* relève, comme désignation d'un type de terrain, la forme *tauá*, qui remonte au tupi *tawá* et qui est le nom d'une sorte d'argile rouge et, par extension, celui de l'encre fabriquée avec cette argile. Le mot est d'un usage très répandu dans la fabrication des produits céramiques³⁷.

37 Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo dicionário da língua portuguesa*, 1^{re} éd., 3^e impression, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, s. v. *tauá*; voir aussi nos « Breves considerações sobre o vocabulário de uma variante linguístico-profissional em Maragogipe (a dos fabricantes de objeto de barro) », dans *I*

On connaît bien l'évolution de la diphtongue latine *au*. La carte 19 de l'*A.P.F.B.* nous révèle, à l'aide du mot *tauá*, trois de ses stades transitoires³⁸.

La forme tupi semble ne pas posséder la diphtongue *au*, mais la diérèse *a-u*³⁹. Cette réalisation peut se rencontrer encore, mais elle n'intéresse pas notre propos. Notre intérêt porte plutôt sur les formes qui possèdent la diphtongue ou les résultats de son évolution. D'une part, nous constatons qu'il existe une aire conservatrice, archaïsante, qui maintient la diphtongue, et d'autre part, une aire innovatrice, qui change *au* en *o*, ainsi que cela ressort de la carte 5.

Ainsi se dégagent nettement deux aires de réalisation de la diphtongue *au*. La ligne de démarcation entre les deux passe par le point 39, exclut le p. 26, inclut le p. 27, exclut les p. 30, 31 et 44, tout en passant par 43, contourne le p. 48, exclut le p. 45, passe par le p. 36, exclut les p. 24 et 23 et s'infléchit vers le sud, excluant encore le p. 10. Cette zone de l'est et du sud-est maintient la diphtongue, tandis que celles du nord-ouest et du sud-ouest la monophthonguent en *o*.

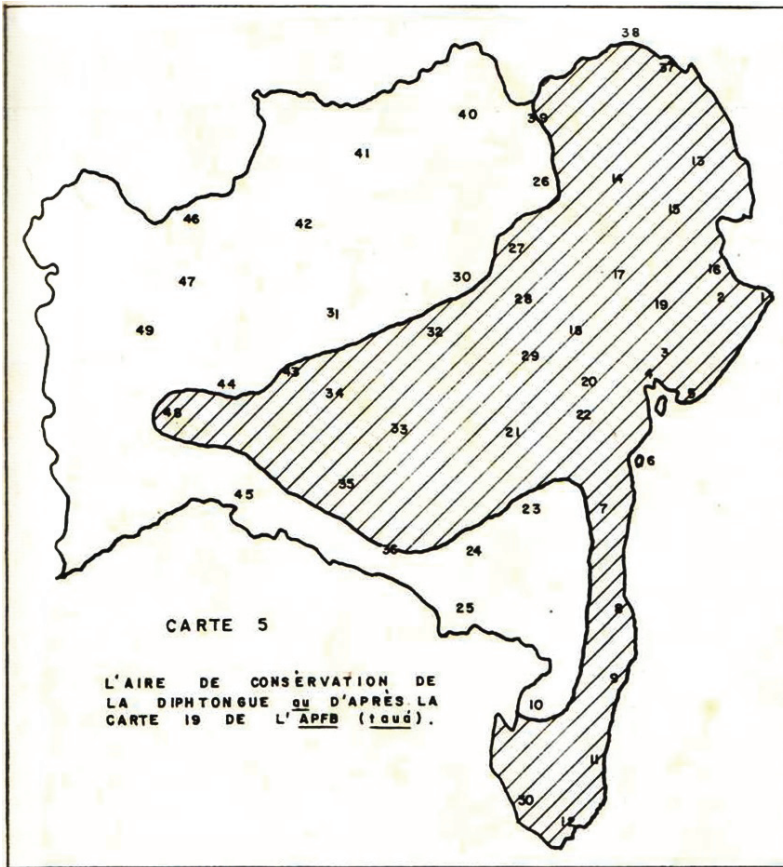
Encontro Nacional de Linguística ; Conferências, março de 1976, Rio de Janeiro, PUC, 1977, p. 406-452.

38 Cf. Georges Straka, *op. cit.*, p. 124: « Les écarts de l'articulation moyenne, normale, que ces variations représentent, ne sont rien d'autre que des modifications à l'état latent, que des débuts de transformations possibles, débuts semblables à ceux qui, dans le passé, ont abouti, dans tel ou tel idiome, à des changements complets. Plus ou moins avancés dans différents parlars actuels et, dans un même parler, chez divers sujets, voire chez un même sujet..., ils apparaissent parfois comme des changements en voie d'accomplissement. Je n'ai guère trouvé de changement phonétique du passé qui ne se manifeste pas ainsi à divers stades d'évolution dans le langage d'aujourd'hui. »

39 Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *op. cit.*, *loco cit.*

L'A.P.F.B. rel've encore d'autres mots avec *au* primaire, comme *cauda* (carte 140), qui conservent la diphtongue *au* ou présentent parfois, par suite de la contamination par des mots contenant un *l* ou un *r* en fin de syllabe (cf. ci-dessus), des réalisations phonétiques avec *ɹ* ou *l* apr's *au*: ['kaupda] (point 3), ['kaɹda] (point 48), voire apr's un simple *a*: ['kaɹda] (point 6), ['kaɹda] (point 30), ['kalda] (point 39). Plus remarquables sont les réalisations de la diphtongue avec une articulation postérieure de l'*v*, comme ['kɐuda] ; cette derni're réalisation serait le stade intermédiaire entre *au* latin et *ou* portugais.

Les réalisations de *au* secondaire, qui provient surtout de la vocalisation de *l*, se rencontrent dans les formes relevées sur les cartes 45 (*escaldado*), 72 (*sinal*), 91 (*espinha carnal*), 109 (*salto mortal*), 137 (*alvação*). L'étude du *ou* secondaire sur les cartes 79 (*coxo*) et 139 (*solta*) complétera notre examen des modifications de la diphtongue *au*. Enfin, il faut mentionner la réduction de la diphtongue nasale de *salão*, au point 15 de la carte 18, en [sɛ'lõ].



Les formes qu'offrent ces cartes présentent donc, dans l'évolution du *l* implusif après *a* et *o*, des stades intéressants sur le chemin vers la vocalisation du *l* et vers la monophthongaison de la diphtongue qui en était issue. Les formes ['koʃu] (au point 27) et [kɔʷʃɛ] (aux points 44 et 45), qui viennent de *coxo* (carte 79), confirment le résultat des processus:

al > aɫ > $\left. \begin{matrix} \text{eɫ} \\ \text{au} \end{matrix} \right\} > \text{eu} > \text{ou} > \text{o}$

ol > oɫ > eɫ > eu > ou > o

Carte 45	Carte 79	Carte 139
[iskɑɫ'dadu] (38) [iskɛɫ'dadu] (42) [iskau'dadu] (28) [iskɛu'dadu] (11)	['koʃu] (27) [kɔʷɫ'ʃɛ] (44 et 45)	['solta] (34) ['sɔɫta] (38)

D'une façon générale, on peut conclure que nous assistons à un processus en voie d'accomplissement, processus dont les preuves tangibles nous sont surtout fournies par les formes contenant la diphtongue secondaire.

Signalons enfin que, sur la carte 19 de l'*A.P.F.B.*, aux points 30 [tɔ'wa] et 36 [tɔ'wɔ], on rencontre déjà le groupe vocalique *ou*⁴⁰.

Limites lexicales

Nous essayerons maintenant de délimiter quelques aires lexicales, et cela par l'analyse des cartes 4 (*Arco-íris*), 12 (*Nevoeiro*), 22 (*Umedecida (terra-) pela chuva*), 26 (*Cova para semear*), 35 (*Peça do aparelho de ralar mandioca*), 41 (*Espécie de fruta anonácea, semelhante à jaca-de-pobre*), 52 (*Pó, rapé, fumo*), 79 (*Pessoa que tem uma perna mais curta que a outra*), 91 (*Terçol*),

40 A Coqueiros (Maragogipe-Bahia), cependant, nous avons enregistré sur la bande magnétique, pour les sujets 2 et 16, [tɔ'a] au sens de « ... um barrozinho vermelho... » (sujet 16) [= argile de couleur rouge]. Les deux informateurs utilisent le niveau de langue des ouvriers employés à la fabrication des objets de céramique (*louça* et *alguidares*) ; nous avons analysé cette variante linguistique dans l'article cité ci-dessus, p. 149, n. 1.

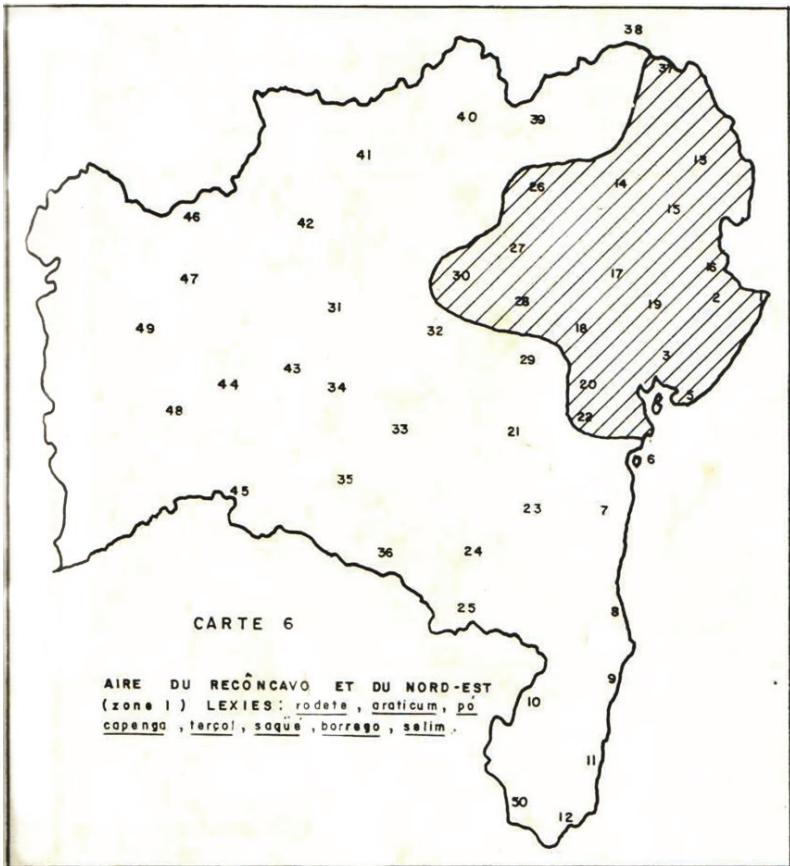
114 (*Galinha-d'angola*), 131 (*Cria da ovelha*), 144 (*Sela para mulher*), 145 (*Peça do arreio que passa pela barriga do animal para segurar a sela ou a carga*)⁴¹.

La variété des lexies désignant ces concepts nous oblige à déterminer les aires de ces lexies à l'aide du plus grand nombre de leurs attestations.

Après en avoir fait le dépouillement nous avons décidé de ne prendre en considération que les localités où l'on a relevé, parmi ces lexies, au moins quatre ou cinq unités.

Une première aire, qui se dégage de nos analyses, inclut le Recôncavo et la région du nord-est; caractérisée par une fréquence de 82,6% des formes relevées à 46% des points de l'A.P.F.B., elle est représentée sur la carte 6.

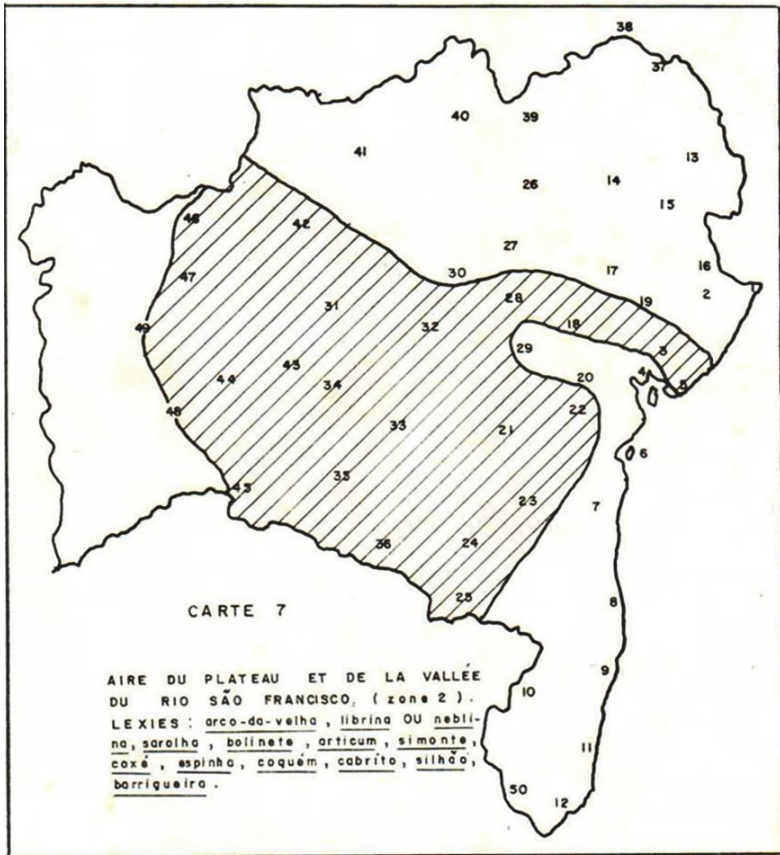
41 Voici, en traduction française, les désignations des concepts étudiés sur ces cartes: 4 (« arc-en-ciel »), 12 (« brume »), 22 (« terre humectée par la pluie »), 26 (« trou pour plantation ou semence »), 35 (« pièce de l'appareil servant à broyer le manioc »), 41 (« espèce de fruit de la famille des anonaces, *Anona crassiflora* »), 52 (« tabac à priser »), 79 (« boiteux »), 91 (« orgelet »), 114 (« pintade »), 131 (« agneau »), 144 (« selle pour femme »), 145 (« sangle »).



Il s'agit d'une aire où il y a partout, au minimum, la coïncidence de quatre lexies parmi les lexies suivantes: *rodete* (« pièce de l'appareil servant à broyer le manioc », carte 35), *araticum* (« espèce de fruit de la famille des anonaces, *Anona crassiflora* », carte 41), *pó* (« tabac à priser », carte 52), *capenga* (« boiteux », carte 79), *terçol* (« orgelet », carte 91), *saqué* (« pintade », carte 114), *borrego* (« agneau », carte 131), *selim* (« selle pour femme », carte 144).

L'aire complémentaire de cette première aire est représentée par la carte 7 : elle s'étend depuis le Recôncavo, par la vallée du Paraguaçu, jusqu'au Plateau et jusqu'à la vallée du Rio São Francisco. Elle se dégage de la coïncidence d'au moins 5 lexies parmi les suivantes: *arco-da-velha* (« arc-en-ciel », carte 4), *librina* ou *neblina* (« brume », carte 12), *sarolha* (« terre humectée par la pluie », carte 22), *bolinete* (« pièce de l'appareil servant à broyer le manioc », carte 35), *articum* (« espèce de fruit de la famille des anonaces, *Anona crassiflora* », carte 41), *simonte* (« tabac à priser », carte 52), *coxé* (« boiteux », carte 79) *espinha* (« orgelet », carte 91), *coquém* (« pintade », carte 114), *cabrito* (« agneau », carte 131), *silhão* (« selle pour femme », carte 144), *barrigueira* (« sangle », carte 145)⁴². Ces lexies ont été relevées avec une fréquence de 92%, dans 50% des localités de l'A.P.F.B. L'aire qui est délimitée sur cette carte n° 7 ne recouvre que dans une petite zone l'aire de la carte 6 ; cette zone forme une aire de transition où coexistent les lexies propres à la première aire et celles de la seconde.

42 Les cartes 4, 12, 22 et 145 ne présentent pas certaines formes parmi celles qu'on a relevées dans l'aire tracée sur notre carte 6.



Voici quelques observations sur les différentes désignations des concepts en question:

1) « pièce de l'appareil servant à broyer le manioc ». Parmi les formes relevées, seulement deux nous intéressent : *rodete* (zone 1) et *bolinete* (zone 2) – *Rodete*, qui est de la langue générale, désigne la « pièce principale de l'appareil servant à broyer le manioc », en vérité « un cylindre en bois muni de dents métalliques »⁴³, tandis que *bolinete* ne fait pas partie de la langue commune avec ce sens.

⁴³ Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *op. cit.*, s. v. *rodete* et *caititu*.

Dans nos enquêtes à Maragogipe, en réponse à la question 1441 *Aparelhos da casa-de-farinha. Indicar utilidade* [« appareils de la *casa-de-farinha*, en indiquer l'utilité »], nous avons noté, pour cette signification, les formes *comedor* et *bola*, qui figurent aussi sur la carte 35 de l'*A.P.F.B.*, dans le vocabulaire des sujets 8,10,11 et 21 ['bɔla] d'une part et, d'autre part, dans celui des sujets 11 et 21 [kume'do]⁴⁴. Nos sujets ont indiqué que la pièce servait à broyer le manioc, qui y passait deux fois⁴⁵.

2) « espèce de fruit de la famille des anonaces, *Anona crassiflora* ». Les formes relevées ne sont que des variantes d'un même mot.

3) « tabac à priser ». La forme de la zone 1, *pó*, est une réduction du syntagme *pó-de-fumo* et les dictionnaires l'indiquent, comme synonyme de *rapé*, au nord du Brésil. Quant à *simonte*, l'article du dictionnaire nous informe simplement que c'est une forme régionale baïanaise⁴⁶ sans préciser davantage.

A Maragogipe, nous avons noté, pour la question 1342 *Descrever a fabricação do charuto ou das demais formas de comercialização do fumo* (« décrire la fabrication du cigare et des autres formes des produits du tabac »), la forme *pó*, comme réponse des sujets 15 et 20.

4) « boiteux ». Les deux formes *capenga* (zone 1) et *coxé* (zone 2) se retrouvent dans les dictionnaires avec ce sens.

44 La carte 35 de l'*A.P.F.B.* fait à son tour l'observation suivante: « Dada a falta de conhecimento concreto por parte dos inquiridores, do mecanismo de que se trata, não se pode garantir que as respostas transcritas correspondam tôdas exatamente ao mesmo objeto. » Chez André João Antonil (*op. cit.*, p. 172), *rodete* est une petite roue de l'appareil utilisée pour moudre la canne à sucre.

45 Nous nous proposons d'étudier ces designations dans une autre étude.

46 Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *op. cit.*, s. v. *pó*, *rapé* et *simonte*.

5) « orgelet ». Il faut noter que les forme relevées, *terçol* (zone 1) et *espinha* (zone 2), ne désignent pas le même concept dans la langue commune⁴⁷.

Nous avons rencontré à Maragogipe la forme *terçol* (sujets 1, 3, 15, et 20) en réponse à la question 127 *Terçol*, à côté de *dordolho* (sujets 1 et 3), tandis que nous n'avons obtenu *espinha* que pour le concept de « bouton d'acné », « acné », en réponse à la question 148 *Acnes (no rosto), espinhas* (« acné »).

6) « pintade ». Ni *saqué* (zone 1), ni *conquém* (zone 2) ne figurent dans le dictionnaire général comme termes désignant *galinha-d'angola*⁴⁸ ; on n'y relève que *cocar* ou *cucar*.

7) « agneau ». La zone 1 emploie *borrego*, la zone 2, *cabrito*. Mais il y a une différence entre ces deux termes dans la langue commune: *cabrito* est le petit de la chèvre et *borrego*, celui de la brebis.

8) « selle pour femme ». Dans la langue commune, *selim* et *silhão*⁴⁹ désignent l' un « une petite selle » (*selim*), l'autre « une grande selle destinée aux femmes » (*silhão*). Ces deux mots ne se rencontrent pas dans les anciens traités de l'*arte da cavalaria*

47 Cf. *ibid.*, s.v. *terçol* et *espinha*.

48 Cf. *ibid.*, s. v. *galinha-d'angola*.

49 Cf. *ibid.*, s.v. *selim* et *silhão*.

(«l'art de chevaucher»)⁵⁰. Lycurgo Santos Filho⁵¹ explique *selins* par « selles petites et rases, très simples, utilisées par les vaqueiros » (« vacher », « bouvier »).

9) «sangle». Le terme employé dans les traités de l'*arte da cavalaria* est *cilha*⁵², et nous l'avons relevé à Maragogipe (sujets 5, 7, 13 et 16) ; il est très répandu sur la carte 145 de l'*A. P. F. B.*

Le terme *barrigueira* (zone 2) est une innovation, un dérivé de *barriga* («ventre», « panse »).

En récapitulant, on constate que la zone 1 (Recôncavo et nord-est) a conservé les termes *araticum*, *pó*, *terçol*, *borrego* et semble être par conséquent plus conservatrice que la zone 2 (les Plateaux et la vallée du Rio São Francisco) où ne s'est maintenue, parmi les anciennes formes, que la forme *silhão*.

50 Cf. Antonio Galvam d'Andrade, *Arte da cavallaria de gineta, e estardiota, bom primor de ferrar & alveitaria...*, Lisboa, Oficina de Joam da Costa, 1678 ; Francisco Pinto Pacheco, *Tratado da cavalaria da gineta, com a doutrina dos melhores authores*, Lisboa, Oficina de Joam da Costa, 1670 ; Antonio Pereira Rego, *Instrução da cavalaria de brida, com um copioso tratado de alveitaria*, Coimbra, Oficina de Ioseph Ferreyra, Impressor da Universidade, 1679. Dans le *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela de Dom Duarte* (cf. l'éd. critique avec notes et glossaire par Joseph M. Piel, Lisboa, Bertrand, 1944), nous n'avons pas trouvé d'exemples de cette forme.

51 Cf. Lycurgo Santos Filho, *Uma Comunidade rural do Brasil antigo ; aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, p. 240.

52 Cf. Antonio Galvam d'Andrade, *op.cit.*, p. 143 : « o pano da silha se accommoda ao ventre do cavallo, porê a medida geral entrando os ferros he oito palmos & meio, pouco mais ou menos... ».

D'autre part, les cartes 26, 144 et 145 de l'*A.P.F.B.*, qui donnent *muçuca* (26), *selim* en face de *silhão* (144) et *chinha* en face de *barrigueira* (145) (v. nos cartes 8, 9 et 10), fournissent des arguments supplémentaires en faveur de l'existence de deux courants d'expansion de la langue portugaise sur le territoire de Bahia.

La désignation du «trou pour plantation» par *muçuca* est la seule donnée que l'*A.P.F.B.* fournisse pour ce concept ; outre la région délimitée sur la carte 8, le terme *muçuca* n'a été relevé qu'aux points isolés 25 et 45.

A Maragogipe, le sujet 13 nous a donné la description du «trou pour plantation ou semence» appelé *muçuca* : « trou qu'on fait pour y mettre la semence ou la *maniva* (« tige du manioc ») ; il est à distinguer de ce qu'on appelle *virada*, espèce de trou peu usité d'ailleurs ».

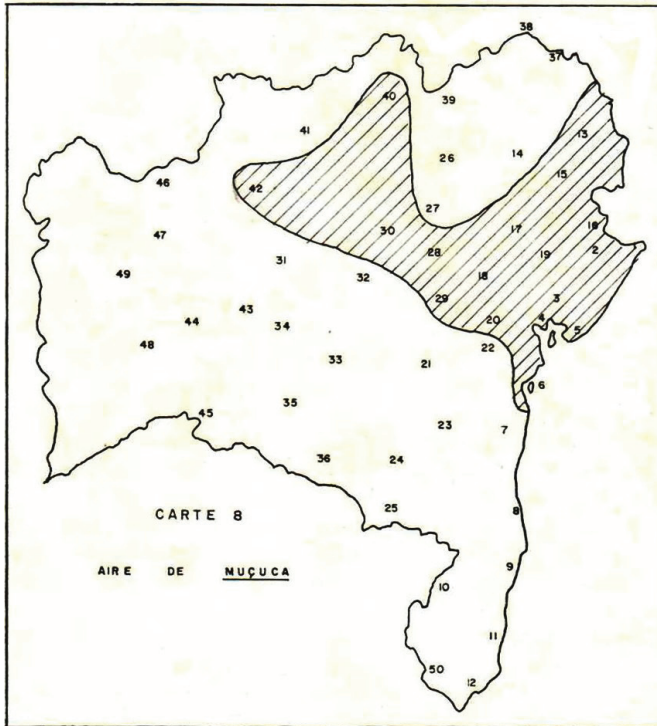
L'aire de *muçuca*⁵³ s'étend depuis le Recôncavo en direction du nord-est en même temps qu'elle atteint la vallée du Rio São Francisco vers le nord-ouest (carte 8).

D'après les aires de *selim* et de *silhão*, qui désignent « selle pour femme », nous avons esquissé la carte 9⁵⁴, sur laquelle on peut observer que les deux aires se sont, non pas superposées, mais seulement partiellement recouvertes. *Selim* a été relevé depuis le Recôncavo jusqu'au nord-est d'une part et, d'autre part, jusqu'au Rio São Francisco vers l'ouest, alors que *silhão*, répandu depuis le Recôncavo le long du cours du Rio Paraguaçu, atteint la région des Plateaux et le São Francisco plus au sud. Bien que localisé dans une aire conservatrice, *selim* se présente comme une innovation en tant

53 L'*A.P.F.B.* en présente une carte synthétique. Mais le mot ne se trouve pas chez Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *op. cit.*

54 Nous ne prenons pas en considération la région de l'*Extremo Sul*.

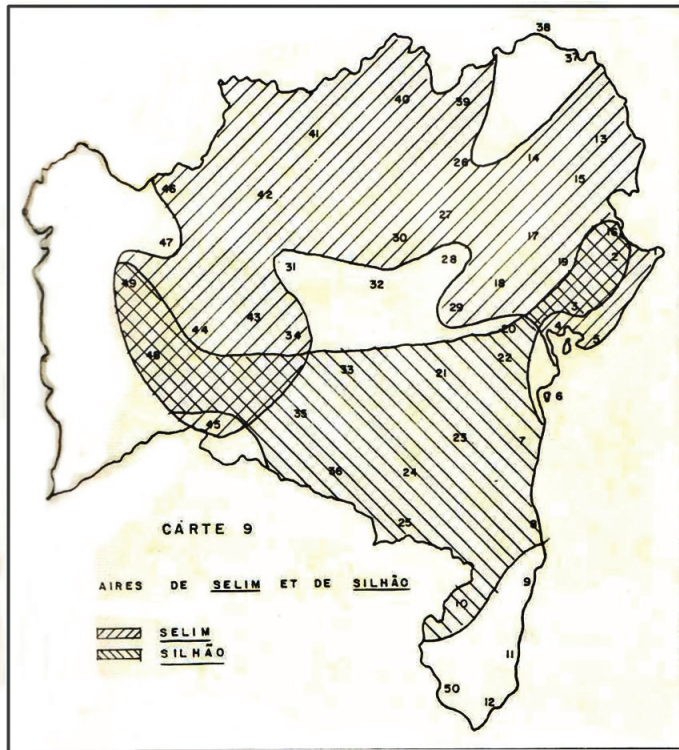
que désignation du concept « selle pour femme », ainsi qu'on peut le constater en consultant, par exemple, Lycurgo Santos Filho⁵⁵. *Silhão* représenterait-il donc la désignation la plus ancienne? Seul l'examen des documents anciens et des enquêtes nouvelles sur le terrain pourront sans doute jeter un peu plus de lumière sur cette question.



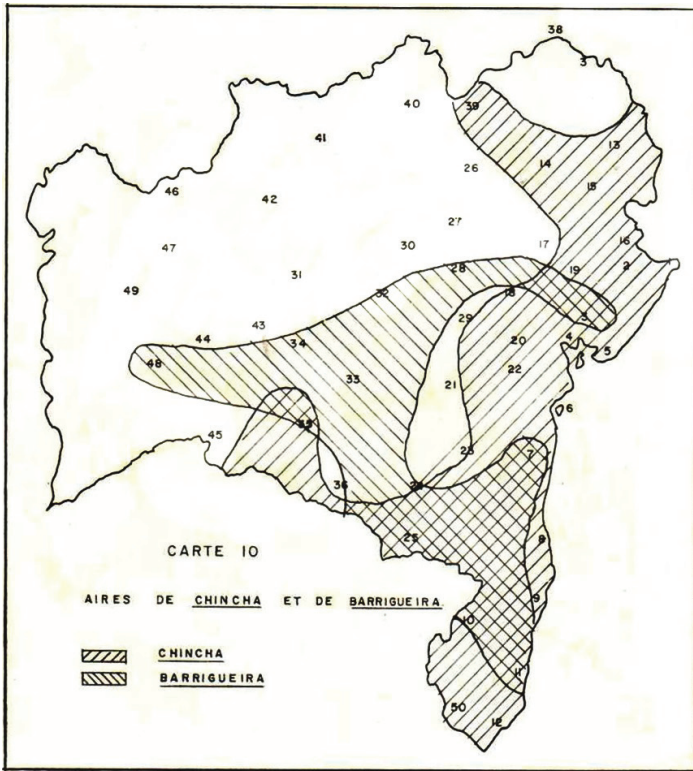
En ce qui concerne les termes désignant la sangle (145), les deux aires que présente la carte 10 offrent, d'un côté la forme *chinha*, empruntée à l'espagnol *cincha*, et de l'autre côté, une innovation brésilienne, *barrigueira*, dont il a déjà été question. Mais on ne dispose pas de données suffisantes pour déterminer si, dans le cas

⁵⁵ Cf. ci-dessus, p. 156, n. 51.

de *chinha*, nous sommes en présence de la conservation d'un vieil emprunt ou d'un cas d'innovation plutôt récente. Il est évident, cependant, que les deux zones ne se superposent que partiellement. L'aire de *chinha* comprend le Recôncavo, une partie du nord-est et la zone des *tabuleiros*, tandis que celle de *barrigueira*, qui part également du Recôncavo, atteint les Plateaux jusqu'à la vallée du Rio São Francisco, avant de rejoindre le sud de Bahia occupé par *chinha*⁵⁶.



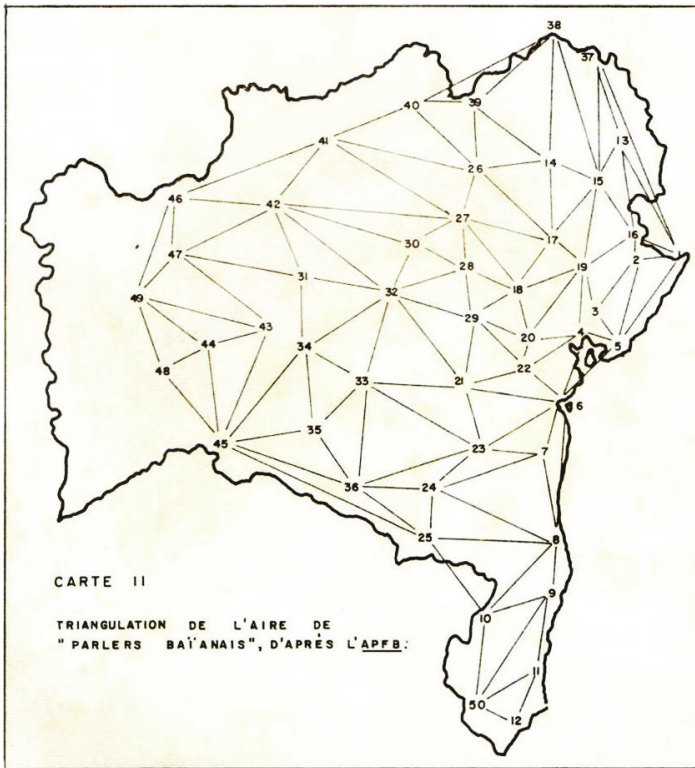
⁵⁶ Aux points 3, 7, 10, 11 et 25, on a relevé les deux termes *chinha* et *barrigueira*. Les données de l'A.P.F.B. ne sont cependant pas suffisantes pour donner des explications supplémentaires sur la rencontre et la coexistence de ces synonymes.



Conclusion

En conclusion, nous pouvons confirmer l'hypothèse formulée au début du présent article.

1. Il est certain qu'il y a eu deux courants d'expansion de la langue portugaise sur le territoire de Bahia : le premier était lié à la pénétration des colons venant de la Maison de la Tour, le deuxième, lui, à la pénétration de ceux qui dépendaient de la Maison du Pont. Les deux mouvements partaient du Recôncavo, mais les routes qu'ils suivaient étaient différentes (cartes 1, 8, 9 et 10).



2. L'expansion due à la Maison de la Tour semble être à l'origine d'une aire linguistique plus conservatrice, ainsi que nous croyons l'avoir démontré par l'examen de quelques faits phonétiques (cartes 2, 3, 4 et 5) et lexicaux (cartes 6 et 7), tandis que l'aire défrichée par les hommes de la maison du Pont révèle des traits linguistiques moins conservateurs, plutôt novateurs.

Referências

ANDRADE, Antonio Galvam d'. *Arte da cavallaria de gineta, e estardiota, bom primor de ferrar & alveitaria...*, Lisboa: Oficina de Joam da Costa, 1678.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Introdução e notas de André Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007.

BARBOSA, Jorge Morais. *Études de phonologie portugaise*. Lisbonne, Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre; uma dinastia de pioneiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GAMA, Nilton Vasco da. Algumas observações sobre as variantes sociais dos dialetos baianos, com base no APFB; um estudo sociolinguístico.

CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, XIV, 1974, Napoli, *Atti...* Amsterdam: John Benjamin, v. 2, 1976. p. 365-380.

GAMA, Nilton Vasco da. Breves considerações sobre o vocabulário de uma variante linguístico-profissional em Maragogipe (a dos fabricantes de objeto de barro). ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA; Conferências, 1976. Rio de Janeiro: PUC, 1977. p. 406-452.

GAMA, Nilton Vasco da. *Estudo linguístico de uma comunidade do Recôncavo baiano, Maragogipe*; questionário. Salvador: UFBA, IL, DLR, 1973-1974. 7 vol. polycopiés.

KURATH, Hans. *Studies in area linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1974.

MARTINET, André. *La Linguistique, guide alphabétique*. Paris, 1969.

OTT, Carlos B. *Formação e evolução étnica da Cidade do Salvador; o folclore bahiano*. Salvador: Manú, 1955.

PACHECO, Francisco Pinto. *Tratado da cavalaria da gineta, com a doutrina dos melhores authores*. Lisboa: Oficina de Joam da Costa, 1670.

- PIEL, Joseph M. *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela de Dom Duarte*. 1^{ère}. éd. critique avec notes et glossaire. Lisboa: Bertrand, 1944.
- REGO, Antonio Pereira. *Instruçam da cavalaria de bride, com um copioso tratado de alveitaria*. Coimbra: Officina de Ioseph Ferreyra, Impressor da Universidade, 1679.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC, INL, 1963.
- SANTOS FILHO, Lycurgo, *Uma Comunidade rural do Brasil antigo; aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 240.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1963.
- STRAKA, Georges. Phonétisme et physiologie : l'évolution phonétique du français à la lumière des données relatives au fonctionnement des circuits neuro-musculaires des organes articulatoires. CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA ROMÂNICA, IX, *Actas... BdF*, t. XVIII, p. 124, 1961.
- STRAKA, Georges. Contribution à la description et à l'histoire des consonnes *L. TraLiLi*, VI, I, p. 279, 1968.

Submetido em: 16.11.2012

Aceito em: 30.11.2012

Encontros vocálicos átonos em final de vocábulo: uma abordagem sociolinguística

Unstressed adjacent vowels in word-final
position: a sociolinguistic approach

Silvia Figueiredo Brandão

(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

David dos Santos Rocha

(Universidade Federal do Rio de Janeiro-IC)

RESUMO: Neste artigo, focalizam-se encontros vocálicos átonos em final de vocábulo com o objetivo de determinar os processos que atuam para evitar a emergência do hiato no nível superficial. O estudo foi realizado de acordo com os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e baseia-se em amostra de perfil sociolinguístico, representativa da fala de Nova Iguaçu-RJ. Demonstra-se, também com apoio em dados registrados em duas cartas linguísticas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, que, embora o ditongo crescente seja predominantemente implementado nesse contexto, há restrições estruturais que condicionam o apagamento de uma das vogais, especialmente da primeira delas.

Palavras chave: Encontros vocálicos átonos. Hiato. Ditongo crescente. Apagamento de vogal. Variação.

ABSTRACT: In this paper, we focus on unstressed adjacent vowels in word-final position in order to determine the processes that act to avoid the emergence of the hiatus at the surface level. The study was conducted according to the assumptions of the Theory of Variation and Change, and is based on a sample of sociolinguistic profile, representative of the speech of Nova Iguaçu-RJ. We demonstrate also by data recorded in two linguistic maps from *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, that, although the rising diphthong is predominantly implemented in this context, there are structural constraints that determine the deletion of one of the vowels, especially the first one.

Keywords: Unstressed adjacent vowels. Hiatus. Rising diphthong. Vowel deletion. Variation.

O desfazimento de hiatos – uma das tendências mais marcantes do Português – é um processo observado ao longo de toda a história da língua e, ainda hoje, bastante produtivo. Ele ocorre quando dois picos silábicos se encontram, no plano intravocabular, quer em contexto átono ambos, como em pi.e.dade → p[je]dade, su.a.douro → [swa]douro, quer em contexto átono/tônico como cri.aança → ['kɾjẽ]ça, mi.údo → ['mju]do. Tal tendência condiciona, inclusive, o alteamento das vogais médias em contexto pretônico (te.atro → [tʃi.'a]tro → ['tʃja]tro; mo.eda → [mu.'ɛ]da → ['mwɛ]da) e está, ainda, presente no plano intervocabular, como atestam os casos de sândi vocálico externo (Bisol, 2013, entre outros textos da autora).

Na passagem do latim ao português, em decorrência do que Silva Neto (1946, p. 135) caracterizou “sem exagero” como verdadeira “repulsa ao hiato, repulsa essa que tende a desfazê-lo”, verifica-se, em alguns contextos, a modificação/supressão desses encontros por meio de diferentes processos, como o cancelamento da primeira vogal, sua passagem a glide, por vezes com metátese ou com a consequente palatalização da consoante a ela antecedente.

Teyssier (1982, p. 11) afirma que, já no latim imperial, as coronais [i e] eram produzidas como iode. Assim, de contextos como os de “*pretium, platea, hodie, video, facio, spongia, filium, seneorem, teneo*” resultaram os grupos fonéticos [tj], [dj], [lj] e [nj] que se palatalizaram em [tsj] e [dzj], [ʎ] e [ɲ]”.

Neste estudo, interessam, em particular, os encontros vocálicos átonos que se encontram em final de vocábulo, listados grafematicamente e exemplificados no Quadro 1¹.

<ia> / <ea> família/alínea	<ua><oa> mútua/amêndoa
<io> / <eo> salário/aéreo	<ue> <oe> tênuê/áloe
<ie> série/cárie	<uo> árduo

Quadro 1 - Encontros vocálicos átonos em final de vocábulo

Tais encontros são pouco produtivos em vocábulos usuais, que são interpretados ora como proparoxítonos, ora como paroxítonos, tendo em vista outra tendência do português: a regularização do padrão acentual. Bechara (2008, p. 39-40), ao tratar da “acentuação gráfica das palavras proparoxítonas” denomina tais vocábulos de “proparoxítonas aparentes”, pois “terminam por sequências vocálicas pós-tônicas consideradas na prática corrente, como ditongos crescentes [...]”.

Rocha Lima (1997) classifica os encontros átonos finais *ia, ie, io, ua, eu, uo* como ditongos crescentes instáveis, pois “acusam certa flutuação de pronúncia — flutuação condicionada a fatores de ordem

1 Não se levaram em conta, na análise que aqui se realiza, os casos de <ua> antecedido por <g k>, como em água e oblíqua. Não há casos atestados de <ee>. Os casos de <oo>, com ambas as vogais átonas, só ocorrem nos vocábulos *ásoo, epíloo e mároo*, conforme o *Dicionário Houaiss*, em sua versão eletrônica.

regional, ou grupal, e, ainda, ao grau de tensão psíquica do sujeito falante” (pág. 24), acrescentando que “na fala espontânea do Rio de Janeiro, em condições normais de elocução”, seriam concretizados como ditongos (p. 25), diferentemente do que ocorreria com encontros formados por *i* e *u* átonos seguidos de vogal seguinte átona ou tônica (vi.olento, cru.eldade; pi.aga, su.or), que tenderiam a ser produzidos como hiatos.

Segundo Câmara Jr. (1970), em tais contextos, a fronteira silábica é “flutuante”: “do ponto de vista puramente fonético pode-se depreender ora um ditongo, ora um hiato, em variação livre, sem qualquer oposição distintiva (...). Do ponto de vista fonológico, porém, o que há na realidade é uma fronteira vocálica variável e não significativa” (p. 33). Para Callou e Leite (1990, p. 92), encontros como *glória* e *série* “podem ser pronunciados como ditongos ou hiatos”, sendo possível sua redução “quando a vogal silábica e assilábica são correspondentes como em “*série*”.

Neste estudo, parte-se do princípio, de acordo com Bisol (1989, 1994, 1999), de que não há ditongos crescentes no plano subjacente, sendo os ditongos decrescentes definidos no nível lexical e os crescentes no nível pós-lexical.

Tem-se, portanto, como objetivos (a) testar a produtividade desses encontros na fala espontânea urbana; (b) determinar os processos passíveis de implementação no contexto em pauta; (c) apontar os fatores linguísticos e extralinguísticos que concorrem para a implementação de diversificados processos, em especial para o cancelamento da primeira vogal.

A análise quantitativa foi realizada segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968) bem como dos

desdobramentos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001) e pautou-se em amostras de fala espontânea eliciadas de entrevistas pertencentes ao Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (www.lettras.ufrj.br/concordancia) e realizadas com 18 indivíduos naturais de Nova Iguaçu-RJ, distribuídos por sexo; três faixas etárias (18-35; 36-55 e 56-75 anos) e três níveis de escolaridade: fundamental (de 5^a a 8^a série), médio e superior.

Para dar continuidade ao desenvolvimento deste trabalho, na primeira seção, focalizam-se estudos que já trataram do tema; na segunda seção, apresentam-se e comentam-se os dados em que se registram, em cartas linguísticas do APFB², encontros vocálicos átonos no contexto em pauta. Na terceira seção, analisam-se, quantitativa e qualitativamente, os dados referentes à fala de Nova Iguaçu-RJ, depois de uma breve caracterização dessa área e de uma sintética exposição de aspectos metodológicos. Na última seção, tecem-se as considerações finais sobre o que aqui se discute.

Estudos sobre o tema

Raros são os trabalhos que focalizam o tema. Rodrigues (2012), na ótica da Teoria da Otimalidade, ocupa-se dos encontros vocálicos finais com o objetivo de analisar os processos que impedem que hiatos cheguem à superfície. Diferentemente do que ocorre no presente estudo, a autora trata também de encontros finais em que a primeira das vogais porta acento, como em *rio*, *boa* e *pontue*. Para a constituição de suas amostras, valeu-se do método de leitura de seis tipos de textos escritos informais por ela elaborados e que contivessem ocorrências dos encontros átonos e daqueles

2 *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963 (cf. Referências).

com primeira vogal tônica, ambos os casos analisados por meio de *corpora* específicos. Para testar os dados na fala mais espontânea, foram feitas perguntas relacionadas ao texto lido. Serviram como informantes dois indivíduos de nível médio um homem e uma mulher, respectivamente, de 38 e 49 anos e dois outros, com nível de pós-graduação: um homem de 52 anos e uma mulher de 30 anos. Em alguns testes, recorreu-se a um quinto informante.

A quantificação dos dados relacionados aos encontros átonos³ demonstra que:

a) em 89 ocorrências referentes aos oito vocábulos com encontro <ia> (*consequência, bactéria, Márcia, Babilônia, empresária, audiência, Índia, biópsia, residências*), em situação de leitura ou de fala semiespontânea, só se registrou o ditongo.

b) em 88 ocorrências relativas aos dez vocábulos com encontro <io> (*malefício, inflamatório, ovário, adultério, próprio, sócio, laboratório, adversário, edifício, empório*), 52 oriundas de leitura, 36 de fala semiespontânea, houve apenas dois casos de hiato, ambos quando da leitura, nas palavras *ovário* e *empório*.

c) em 20 ocorrências concernentes aos quatro vocábulos com encontro <ie> (*espécie, imundície, minissérie, superfície*), houve degeminação – [I], com um único caso de ditongo (*imundície*).

No que se refere aos encontros (i) <oa>, (ii) <oe> e (iii) <ea>, foram levadas em conta, respectivamente, ocorrências dos vocábulos (i) *páscoa, névoa, amêndoa, nódoa, mágoa*; (ii) *térreo, cutâneo, ósseo, arbóreo, homogêneo, glúteo*; (iii) *cutânea, área, arbórea*,

3 Selecionaram-se comentários apenas dos casos compatíveis com os contextos estudados pelos autores deste artigo.

várzea, rédea, férrea, orquídea, fêmea, áurea. Quanto ao resultado, a autora sintetiza dizendo que:

o alçamento da média foi praticamente categórico: em 99,5% das produções, houve ditongação por alçamento e em apenas em 0,5%, ocorreu o hiato. É importante ressaltar que, assim como nos dados analisados anteriormente, a produção do hiato ocorreu durante a leitura e, nesse caso, a informante não conhecia a palavra ‘várzea’ e, por isso, a produziu sem segurança e com a estrutura mais marcada, o hiato, praticamente soletrando a palavra.

No que toca aos encontros <ua> (em *Pádua, estátuas, língua, tábuas, trágua, légua, perpétua, árdua*)⁴, <uo> (em *ingênuo, inócua, árduo, ambíguo, indivíduo, contínuo, assíduo, vácuo*) e <ue>, representado apenas em *tênué*, Rodrigues diz que

Da leitura do texto, foram analisadas cento e quarenta e três produções, sendo oito do encontro -ue, representado apenas pela palavra ‘tênué’, a única na língua com essa terminação, setenta e cinco do encontro -ua e sessenta do encontro -uo. Das realizações, em 94% ocorreu a produção do ditongo e em apenas 6% o hiato foi realizado. A realização de vogais heterossilábicas ocorreu na produção de ‘tênué’, ‘inócua’, ‘ambíguo’ ‘assíduo’ e ‘vácuo’, provavelmente pelos mesmos fatores que motivaram os poucos hiatos já comentados: leitura mais cuidada, quase soletrada, em função do pouco uso ou do desconhecimento da(s) palavra(s) por parte dos informantes. É bom observar que a formação de ditongos nos casos observados foi promovida pelo alçamento dos elementos vocálicos médios, quando esses faziam parte do encontro. (p. 111)

4 Lembra-se, mais uma vez, que, no presente estudo, não foram considerados casos em que as vogais são antecedidas por [k g].

Como conclui a autora, os resultados de seu trabalho “comprovam que, de maneira quase categórica, não há produção de hiatos na borda direita da palavra” e que “ditongos chegam à superfície, (...) principalmente devido à ação do alçamento, da epêntese e da degeminação (...)” (p. 215).

Em Rodrigues e Gonçalves (2012) o tema é retomado nas mesmas bases.

Pode-se verificar que, em função dos objetivos do trabalho, dos tipos de amostra (leitura e perguntas sobre o texto) e, de certa forma, do nível de instrução dos informantes (dois deles pós-graduandos), não se registraram casos de cancelamento da vogal 1, como se observa na fala corrente, sobretudo de indivíduos com baixa escolaridade.

Hora (2013), em comunicação ao Congresso da ABRALIN, com base em amostra de fala rural, obtida com a aplicação de questionário por meio de gravuras, e pela leitura de frases, trata a questão, afirmando que o falante faz uso de três estratégias para desfazer o hiato: apagamento da vogal 1, espraçamento da vogal 1 para a consoante precedente e ditongação. Na sua análise variacionista, mostraram-se condicionadores do cancelamento da vogal 1, a escolaridade, a qualidade da vogal 2, e o contexto fonológico precedente.

Recentemente, Rocha (2013) apresentou trabalho com resultados preliminares da pesquisa que ora se apresenta.

Um levantamento no *APFB*

Como já se observou, alguns dos encontros elencados no Quadro 1 têm baixa frequência na fala cotidiana. Para se ter uma ideia de sua representatividade, basta dizer que dos 36 itens lexicais que

apresentam <ie> átono final, apenas sete – 17% (*calvície*, *cárie*, *espécie*, *imundície*, *série*, *planície* e *superfície*) poderiam ser considerados usuais na fala espontânea. Já outros encontros, como <io> e <ia> são mais recorrentes até por fazerem parte de sufixos como em *discriminatório(a)*, por exemplo. Não é, portanto, de estranhar que os atlas linguísticos brasileiros não tenham dado atenção especial a esses contextos, que, na versão de 2001 do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, está contemplado apenas nas questões 82 (*início*), 108 (*Santo Antônio*), 130 (*família*), 140 (*sandália*), em que são previsíveis/esperadas formas como ini[su]/iní[sju], anto[nu]/anto[nju], fami[ʎe]/famí[lje], sanda[ʎe]/sandá[lje].

A consulta ao *APFB*, a primeira obra brasileira em que a variação foi registrada com rigor metodológico, pode dar uma ideia do comportamento desses encontros na fala rural de cinquenta anos atrás, bem como permitir uma comparação não só com o que obteve Hora (2013) num outro falar do Nordeste, também de perfil rural, com o que se observou na fala urbana de Nova Iguaçu. Selecionaram-se, para tanto, as cartas linguísticas onde se encontram vocábulos em que dois desses encontros estão representados: a de número 100, referente a *gêmeos*, e a de número 105 (*avarento*), que tem, entre as variantes obtidas, o termo *usurário*.

Na carta nº 100 que apresenta, também, as variantes *imbabaço* e *mabaço*, há 48 ocorrências da variante *gêmeos*⁵, em que o encontro é produzido como hiato com a primeira vogal concretizada como [e] ou como [i], verificando-se, ainda, o cancelamento da última ou da primeira vogal, este o caso mais frequente com índice de 62%, conforme se observa na Tabela 1.

5 Houve, ainda, uma ocorrência de [ʒẽmms].

Tabela 1 - Variação na concretização de <eo> no vocábulo gêmeos no APFB

Tipo de concretização	Ocorrências	Percentual
Hiato com vogal 1 [e]	03	6,5%
Ditongo/hiato com [i] ⁶	14	29%
Com cancelamento da vogal 1 - gê[mu]s	01	2%
Com cancelamento da vogal 2 - gê[mI]s	30	62,5%
Total	48	100%

Na carta 105, relativa a *avarento*, cuja variante mais produtiva é *canguinho*, seguida de *usurário/usurave*, obtiveram-se 13 dados⁷, distribuídos conforme se expõe na Tabela 2.

Tabela 2 - Variação na concretização de <io> no vocábulo usurário no APFB

Tipo de concretização	Ocorrências	Percentual
Ditongo	03	23%
Com cancelamento da vogal 1 - (u)sura[rɯ]	09	70%
Com cancelamento da vogal 2 - usura[rɪ]	01	7%
Total	13	100%

Os dados do APFB foram obtidos por meio de questionário, como é praxe em trabalhos geolinguísticos, e retratam a fala de indivíduos de baixa ou nula escolaridade, nativos de 50 localidades baianas, de perfil rural, em fins da década de 1950/inícios da de 1960. Apesar de a amostra ser pouco expressiva e não se dispor de dados em que as duas vogais estejam precedidas de outros segmentos que não [m] e [r], observa-se uma forte tendência ao apagamento de uma das vogais, no primeiro caso a vogal 2 (62,5%), no segundo, a vogal 1 (70%). Tal processo não se restringe a zonas rurais, sendo

6 Em comunicação pessoal, Dinah Callou esclareceu que, em virtude de as transcrições terem sido feitas *in loco*, tão logo os informantes concretizavam os vocábulos, optou-se por não fazer a distinção, no contexto tratado neste estudo, entre ditongo e hiato. No entanto, segundo ela, esses encontros eram realizados primordialmente como ditongos.

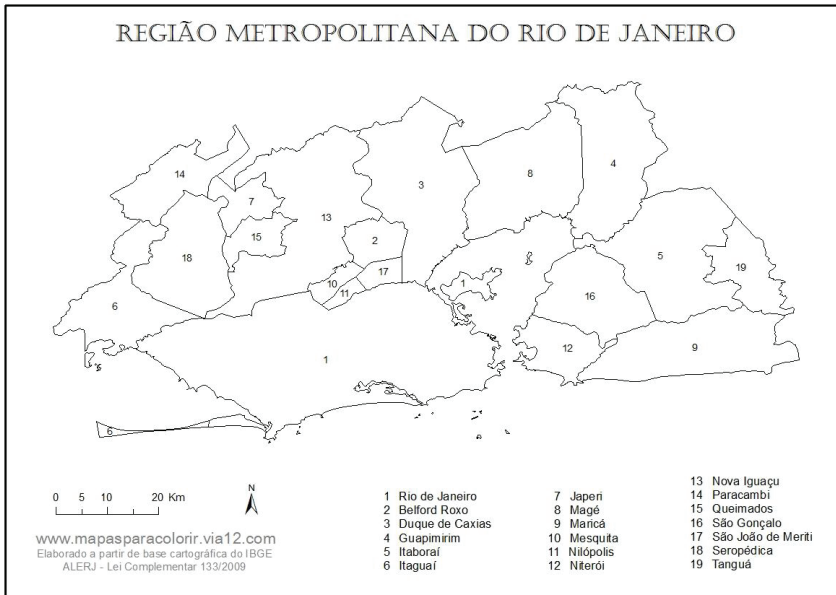
7 Registrou-se um caso de [uzu'rare].

observado também, em menor escala, em áreas urbanas, como se verá adiante, devendo-se salientar que, em alguns casos, tem caráter estigmatizante.

A análise com base na fala de Nova Iguaçu-RJ

A área de pesquisa

Nova Iguaçu, um dos dezenove municípios que constituem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (cf. Figura 1), está situado na chamada Baixada Fluminense e se compõe de cinco distritos — Nova Iguaçu, Vila de Cava, Cabuçu, Austin e Comendador Soares — ligados à cidade do Rio de Janeiro por ônibus e trens da Supervia. Por localizar-se às margens da Rodovia Presidente Dutra (Rio-São Paulo) é cortada por cerca de 300 km de rodovias municipais, estaduais e federais. De sua área original — 1.303,47 km² — restam hoje apenas 521.247 km² (IBGE), em função de sucessivos desmembramentos que deram origem aos atuais municípios de Duque de Caxias, o primeiro a ser criado, em 1943, Japeri, Queimados, Nilópolis, Belford Roxo e Mesquita, este último implementado em 1999.



Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/rm/rmj/regiao-metropolitana-rio-de-janeiro.jpg>

Figura 1 - Nova Iguaçu (nº 13) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Embora o município só tenha sido criado em 1833, a área em que se encontra é de povoamento bem antigo, tendo sido doada, no século XVI, a Martim Afonso de Souza como parte da capitania de São Vicente. Após a invasão francesa, já como parte da Capitania do Rio de Janeiro, ela foi dividida em sesmarias em que se desenvolveram atividades agrícolas: arroz, milho, mandioca, feijão, cana-de-açúcar e, posteriormente, a laranja, cujo período áureo de cultura vai do início da década de 1930 até finais da de 1950. Segundo Kamp (2003, p. 108-109), o progresso da área “deve ser creditado à abertura da Estrada Real do Comércio, primeira via aberta no Brasil para o escoamento do café do interior do Brasil”.

Com 796.257 habitantes, segundo o censo de 2010 (IBGE), e uma densidade populacional de 1.527,60 hab/km², Nova Iguaçu conta com estabelecimentos de ensino fundamental e médio, bem

como com *campi* avançados de universidades particulares. A região que, em seus primórdios, apresentava grande diversidade quanto à origem geográfica de seus moradores, recebeu, a partir da década de 1940, um enorme contingente populacional, sobretudo de migrantes de nordestinos e mineiros. Considerada, por muito tempo, uma cidade-dormitório, seus habitantes continuam a exercer atividades profissionais primordialmente na cidade do Rio de Janeiro, que se encontra a 34 km de distância.

Metodologia e corpus

A análise quantitativa foi realizada com o apoio do Programa GOLDVARB-X e levou em conta todas as ocorrências dos encontros vocálicos listados no Quadro 1 e constantes de 18 entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), de duração média de 50 minutos, do mencionado *Corpus* Concordância. Além das variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e nível de instrução nas bases já referidas, controlaram-se a atuação de cada indivíduo e o número de ocorrências do item lexical no inquérito, bem como sete variáveis linguísticas (i) natureza da vogal 1 (V 1); (ii) natureza da vogal 2 (V 2); (iii) modo de articulação da consoante antecedente à V 1; (iv) ponto de articulação da consoante antecedente à V 1; (v) tipo de segmento subsequente ao encontro (vogal labial, coronal ou dorsal, consoante, pausa); (vi) presença/ausência de morfema de número após a V 2; (vii) não ressilabificação / ressilabificação por sândi;

Resultados

Na fala espontânea, conforme se esperava, é baixa a produtividade de alguns dos encontros relacionados no Quadro 1. Em 1.496 ocorrências, não se registrou nenhum hiato, predominando a ditongação e o cancelamento da V 1, como se observa em (1) e (2):

(1) um lugar bom de convivên[sjɐ] com as pessoas é ótima

(2) porque tem muito colé[ʒu] lá.

O cancelamento da V 2, em geral, advém de fenômenos de sândi, como se exemplifica em (3) e (4), sendo pouco expressivo diante de pausa, como em reme[dI] (remédio):

(3) na época o impe[rja]inda tava no auge (império ainda)

(4) a violên[sjɛ] tão grande....(violência é).

Casos em que se verificou o cancelamento da V 1 e da V 2, concomitantemente, ocorreram também em decorrência de sândi, como em (5), enquanto o cancelamento da sílaba como um todo deveu-se, em geral, a um ritmo de fala mais acelerado, como em (6).

(5) sempre tendo violên[sɛ]ssas coisas

(6) nunca parei para sentar para ver neg[ɔ] de político não (<negócio>).

Quanto à representatividade dos encontros, obtiveram-se apenas:

(a) V 1 <i> seguida de V 2 <a> ou <o>, que ocorre nos itens lexicais listados no Quadro a seguir.

<p>Itens lexicais (87) com o encontro <ia></p> <p>adolescência, advertência, ambulância, angústia, aparência, Arcádia, assistência, audiência, ausência, bancária, bíblia, Brasília, Califórnia, carência, ciência, Colômbia, colônia, concorrência, consciência, consequência(s), convivência, deficiência(s), descendência, diária, discrepância, distância, dúzia, elegância, emergência(s), enciclopédia, etária, experiência, família, farmácia, férias, gíria, glória, Grécia, história, horária, ignorância, importância, inadimplência, incompetência, independência, índia, inexperiência, infância, influência, instância, inteligência, matéria, média, memória, mídia, misericórdia, missionária, múmia, notícia(s), obediência, ocorrência, paciência, palmatória, perícia, polícia, precária, preferência, pronúncia, própria, questionário, referência, represália, temporadas, rodoviária, sandália, secretária, sedentária, sequência, séria, sobrevivência, reserpoiária, tendência, transferência, universitária, urinária, várias, veterinária, violência.</p>
<p>Itens lexicais (90) com o encontro <io></p> <p>ambulatorio, aniversário, Antônio, armário(s), bancários, benefício(s), cálculo, calendário, colégio, comentário, comerciantes, comércio, condomínios, consultório, contrário, convênio, convívio, critério, dentário, dicionário, divórcio, domínio, dormitório, equilíbrio, escritório, Estácio, estágio, extermínio, funcionário(s), Getúlio, glossário, grêmio, Hélio, horário(s), império, índio(s), início, intercâmbio, intermédio, lábio, lírio, magistério, malefícios, maquinários, Márcio, médio, município(s), necessário, negócio, noticiário(s), operário(s), palavrório, patrimônio, Plínio, portfólio, precário, precipício, prédio, presídio, primário, princípio(s), privilégio(s), proprietário(s), próprio(s), rádio, refúgio, relógio, remédio(s), rodízio, Romário, sábio, sacerdócio, salário(s), secretário, Sérgio, sério(s), silêncio, sítio, sócio, solidário, somatório, subterfúgio, temporário, território, universitário, usuários, utensílio, vários, vício, vocabulário.</p>

Quadro 2 - Itens lexicais com Vogal coronal + <a> e <o> na amostra de Nova Iguaçu

(b) V 1 <e> seguida de V2 <a> ou <o>, apenas, respectivamente, nos vocábulos **área**, **contemporânea**, **espontânea**, **fêmea**, **rédea** e **aéreo**, **heterogêneo**, **instantâneo**, **momentâneo**, **núcleo**, **óleo**, **vídeo**, todos concretizados com alteamento da vogal [e].

(c) V 1 <u> seguida de <o>, numa única ocorrência, (**supérfluo**, produzida como super[flu]).

(d) V 1 <i> seguida de <e>, somente nos vocábulos **série** (13 ocorrências) e **minissérie** (02 ocorrências), todas com redução (mini)se[ri].

Tendo em vista o exposto, realizou-se a análise variacionista opondo-se o cancelamento da V 1 (valor de aplicação) à concretização do ditongo e considerando apenas os encontros formados

por <i/e> seguidos por <a/o>, os de maior produtividade (relacionados no Quadro 2 e no item (c), acima). Para não enviesar a análise, desconsideraram-se as ocorrências do vocábulo família (182 dados), em que o encontro se realizou categoricamente como ditongo crescente.

Foram, assim, considerados 916 dados, distribuídos como se demonstra na Tabela 3.

Tabela 3 - Concretização dos encontros vocálicos átonos formados por vogal coronal + <o/a> em final de vocábulo (amostra de Nova Iguaçu)

Variantes	Ocorrências	Percentual
Cancelamento da V 1	197/916	21,5
Ditongação	719/916	78,5

Mostraram-se favorecedores do cancelamento da V 1 o ponto de articulação da consoante antecedente ao encontro e a natureza da V 2.

Como se verifica pela Tabela 4, são as pós-alveolares (.74) e as alveolares sibilantes (.61), respectivamente [ʒ] e [s], as consoantes que concorrem para a redução do encontro, resultado bastante expressivo, quando se atenta para o fato de a regra ter *input* .16 na rodada de seleção.

Tabela 4 - Atuação da variável ponto de articulação da consoante⁸ antecedente para o cancelamento da V 1

Ponto de articulação da consoante antecedente	Ocorr.	%	P. R.	Exemplos
Labial [p b m v]	7/52	13,5	.29	munici[pu]
Alveolar sibilante [s z]	48/277	17,3	.61	poli[se] / nego[su]
Outras alveolares [t, d, n, l]	59/430	13,7	.35	histo[re] / colôn[ne]
Pós-alveolar [ʒ]	83/157	52,9	.74	cole[ʒu]
Input: .16	Significância: .000			

Pelos resultados da tabela a seguir, verifica-se que as reduções ocorrem sobretudo no encontro <eo/io>. No âmbito de <ea/ia>, houve apenas 32 casos de cancelamento da V 1, num restrito número de itens lexicais, como se expõe na Tabela 6, em que se indica o número de ocorrências de cada um deles. Tal condicionamento talvez derive do maior contraste existente, do ponto de vista articulatorio, entre [i] (subjacente ou alteado) e a vogal /a/, mesmo quando alteada/centralizada ([e]).

8 No Dicionário Eletrônico Houaiss, só há a indicação de 40 verbetes finalizados por <io> antecedido de <f>. Dos 16 que contêm o encontro átono, apenas os vocábulos píffio e epítáfio podem ser considerados usuais ou mediamente usuais. O mesmo ocorre quanto a <ia> antecedido de <f>. Das 610 entradas, 23 apresentam o encontro átono, sendo que destas apenas 4 podem ser consideradas como pertencentes ao vocabulário ativo/passivo de falantes do português: empáfia, máfia, ráfia, farófia, este último (denominação de um doce de claras) usual apenas no Português Europeu.

Deve-se, ainda, acrescentar que os fones transcritos na tabela correspondem aos segmentos mais recorrentes que antecedem os encontros em foco, como pode ser constatado em consulta ao referido dicionário. É, portanto, restrito o número de itens lexicais que ocorre na fala espontânea.

Tabela 5 - Atuação da natureza da V 2 para o cancelamento da V 1

Natureza da V 2	Ocorr.	%	P. R.	Exemplos
Labial	165/503	32,8	.69	diciona[rɔ]
Dorsal	32/413	7,7	.26	infan[sɐ]
Input: .16	Significância: .000			

Tabela 6 - Itens lexicais com cancelamento da V 1 no encontro com V 2 dorsal

Item lexical	Nº de dados	Item lexical	Nº de dados
área(s)	3	perícia	1
audiência	1	polícia	2
colônia	1	próprias	1
história(s)	4	sobrevivência	1
independência	1	vária(s)	4
infância	4	violência	8
paciência	1		

Embora uma das hipóteses iniciais fosse a de que o cancelamento da V 1 pudesse sofrer influência da variável nível de instrução, esta não se mostrou saliente em nenhuma das etapas de análise. Os índices percentuais são bem próximos (fundamental: 20,4%; médio: 23,4%; e superior: 20,9%), assim como os relativos à faixa etária (18-35 anos: 19,7%; 36-55: 20,1%; 56-70: 24,4%) e ao sexo (feminino: 23,4%; masculino: 19,6%). Há um equilíbrio que atesta, nesta amostra, a relevância dos fatores estruturais para a implementação da regra, diferentemente do que mostraram os resultados de Hora (2013), em que a variável nível de instrução se mostrou relevante: indivíduos analfabetos ou com até quatro anos de escolaridade são mais suscetíveis à síncope de V 1. Provavelmente, isso se deva ao fato de o estudo de Hora centrar-se numa variedade

rural, como parecem sugerir os poucos dados eliciados do APFB, de mesmo perfil. As entrevistas que serviram de base ao *corpus* de Nova Iguaçu foram realizadas no distrito do mesmo nome, a área mais urbanizada do município, o que justifica o baixo *input* da regra (.16). Atente-se, ainda, para os resultados de Rodrigues (2012), em que não ocorreram casos de cancelamento de V 1, como se esperaria de falantes de nível médio e superior de instrução em situação de leitura e de fala semiespontânea.

Considerações finais

Estudos sociolinguísticos na linha laboviana, além de propiciarem a observação de restrições que concorrem para a variação e a mudança, fornecem, indiretamente, informações sobre a produtividade de variáveis linguísticas no âmbito do sistema, bem como da recursividade de alguns fenômenos em diferentes estágios de uma língua. Nesse sentido, é importante que se combinem os métodos quantitativo e qualitativo de análise, o que se buscou fazer em relação aos encontros vocálicos átonos aqui tratados.

Verificou-se que é baixa a produtividade da maioria dos encontros vocálicos átonos em final de vocábulo, elencados no Quadro 1, à exceção dos formados por [i] subjacente ou alteado + V labial/dorsal. Os demais casos distribuem-se por um pequeno número de itens lexicais, em que também há variação. Por outro lado, constatou-se, no que concerne aos segmentos consonantais que podem formar sílaba com a V 1, que há restrições no âmbito do próprio sistema: entre as fricativas coronais, apenas [s z] e [ʒ] são licenciadas nessa posição, sendo raros os casos de [f] no ataque de tais sílabas.

Não obstante esses fatores e, ainda, a frequência de determinados vocábulos, que pode oscilar entre uma (*critério, etária*, entre outros) até 100 (*negócio*), 122 (*colégio*) ou 182 (*família*) ocorrências, este último item desconsiderado pela categoricidade da ocorrência de ditongo, fica clara a tendência, na fala monitorada ou não, rural ou urbana, ao desfazimento do hiato, com predomínio da ditongação, secundada pelo cancelamento de uma das vogais, sobretudo da V 1. O apagamento era e parece continuar a ser mais frequente na fala rural, como denotam os dados do *APFB* (1963) e os do estudo de Hora (2013) do que na fala urbana, como indicam as análises de Rodrigues (2012) e a referente a Nova Iguaçu-RJ. Tais recursos de fuga ao hiato remetem ao princípio do uniformitarismo (LABOV, 1972), que prevê a atuação, no presente, dos mesmos mecanismos que promoveram variação e mudanças ao longo do tempo.

Referências

- BECHARA, E. *O que muda com o novo acordo ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo. In: ABAURRE, M. B. M. *Gramática do português falado*. A construção fonológica da palavra v. VII. São Paulo: Contexto, 2013. p. 53-72.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (Org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. v. VII 2. ed. Campinas (SP): UNICAMP, 1999. v. 7.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10. n. Especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5. n. 2, p. 185-224, 1989.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂMARA JR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil*:. questionários 2001. Londrina: Editora UEL, 2001.

HORA, Dermeval da. Entre o dizível e o invisível: percepção da variação dialetal. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VIII, Natal, janeiro de 2013. Comunicação oral.

KAMP, Renato. *As belezas da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Summit, 2003.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishers, vol. 1, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, vol. 2, 2001.

ROCHA, D. dos S. Variação em encontros vocálicos átonos em final de vocábulo. JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRJ, XXXV, Rio de Janeiro, outubro de 2013. Comunicação oral.

ROCHA LIMA, C. H. de. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

RODRIGUES, M. C. *Encontros vocálicos finais em português: descrição e análise otimalista*. 2012. 223fls. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RODRIGUES, M. C.; GONÇALVES, C. A. Encontros vocálicos finais átonos na fala carioca: abordagem por *raking* de restrições. *Revista Letras & Letras*, v. 28, n. 1, Uberlândia-MG, p. 207-231, 2012.

ROSSI, N.; ISENSEE, D. M.; FERREIRA, Carlota. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA NETO, S. da. *Fontes do latim vulgar: o appendix Probi*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for the theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 30.11.2012

Nomes para a patela em *corpora* de sincronias e diatopias distintas: *APFB*, *ALPR*, *ALiB-BA* e *ALiB-PR**

Names for patela in *corpora* of distinctive synchronies and diatopies: *APFB*, *ALPR*, *ALiB-BA* and *ALiB-PR*

Vanderci de Andrade Aguilera**

(Universidade Estadual de Londrina/CNPq)

A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido (SAUSSURE, 2000 [1916], p. 200)

RESUMO: Este texto discute os resultados de uma pesquisa geolinguística acerca das variantes lexicais para a *patela*, realizada em quatro *corpora* distintos: (i) cartas 62 e 62R do *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB - (ROSSI, 1963), (ii) carta 75 do *Atlas linguístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994), (iii) dados coletados para o Atlas linguístico do Brasil – ALiB - na rede de pontos da Bahia e (iv) dados coletados para

* Dedico este singelo artigo ao grande mestre Nelson Rossi pelo seu passamento ocorrido no dia 26 de julho de 2014.

** vanderciag@gmail.com

o ALiB na rede de pontos do Paraná os quais se encontram armazenados no Banco de dados do referido projeto nacional (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2011). A pesquisa mostrou que, dentre as variantes mais produtivas do APFB e do ALPR: (i) são comuns a ambos: *bolacha*, *pataca* e *rótula*; (ii) são formas típicas da Bahia: *rodela* e *patinho/patinha* e do Paraná: *patacão* e *tramela*. Comparando-se os dados coletados para o ALiB em ambos os estados, pode-se verificar que, na Bahia, são mais frequentes: *rótula*, *bolacha* e *batata* e, no Paraná: *pataca*, *patacão* e *rótula*. Os dados demonstram, também, que, embora os atlas dos estados tenham selecionado informantes preferencialmente de origem rural, e o ALiB, informantes de origem urbana, as mudanças no nível lexical para nomear essa parte do corpo estão acontecendo muito lentamente.

Palavras chave: Nomes para a *patela*. Falares baianos. Falares paraenses.

ABSTRACT: This text discusses the findings of a geolinguistic research about the lexical variants for *patela* (patella), in four different corpora: (i) letters 62 and 62R from the Atlas of speeches of Bahia (*Atlas prévio dos falares baianos – APFB*) (ROSSI, 1963), (ii) letter 75 from the Linguistic Atlas of Paraná (*Atlas linguístico do Paraná – ALPR*) (AGUILERA, 1994), (iii) data collected for the Linguistic atlas of Brazil (*Atlas linguístico do Brasil – ALiB*) – at the net of spots in Bahia and (iv) data collected for the ALiB at the net of spots in Paraná, which are stored in the database of the aforementioned national project (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2011). The research showed that, among the most productive variants in the APFB and the ALPR, the following are common in both: *bolacha*, *pataca* and *rótula*; *rodela* and *patinho/patinha* are typical forms in Bahia; and in Paraná: *patacão* and *tramela*. Comparing the data collected for the ALiB in both states, one can verify that, in Bahia, the most frequent words are: *rótula*, *bolacha* and *batata* and, in Paraná: *pataca*, *patacão* and *rótula*. The data show that, although the atlases of the states have collected information from speakers preferably from rural origin and the ALiB from informants of urban origin, changes in the lexical level to name this part of the body have been happening very slowly.

Key words: Names for patella. Speeches from Bahia. Speeches from Paraná.

Apresentação

No momento em que se comemoram os 50 anos de publicação do *Atlas prévio dos falares baianos – APFB* – (ROSSI, 1963) e os 20 anos do *Atlas linguístico do Paraná – ALPR* – (AGUILERA, 1994), propomos revisitar os dados das cartas 62 e 62R do *APFB* e os da carta 75 do *ALPR*, sobre o *osso que recobre o joelho*, ou seja, a *patela*, na linguagem científica atual, com o objetivo de buscar as semelhanças e diferenças que possa haver entre *corpora* distintos quanto aos aspectos diatópico, diastrático e diacrônico.

O primeiro atlas estadual publicado no Brasil, o *APFB*, é uma referência obrigatória para os estudos geolinguísticos brasileiros, pela metodologia adotada e pelo rigor científico na coleta, tratamento e cartografia dos dados. Rossi (1963), além de inaugurar os estudos geolinguísticos no Brasil, dedicou-se à formação de jovens pesquisadores que, meio século depois, lideraram o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil, entre eles, Suzana Cardoso e Jacyra Mota.

O *ALPR*, por sua vez, é o primeiro atlas linguístico a contemplar dados paranaenses e o último publicado no século XX. Trata-se de um atlas bidimensional, isto é, além de dados diatópicos, traz os registros de homens e mulheres de cada localidade investigada.

Temos, assim, dois atlas separados pela distância ou localização geográfica - o primeiro, da região Nordeste e o segundo, da região Sul – e pela distância cronológica na coleta de dados: o *APFB* procedeu à coleta no começo da década de 60 e o *ALPR* o fez nos últimos cinco anos da década de 80, portanto, uma geração os separa.

Não se pode, com certeza, ignorar as condições sócio-históricas que definiram a origem e o desenvolvimento de ambos os estados: de um lado, a Bahia, primeiro local da costa brasileira onde aportaram os descobridores lusitanos, no século XVI, abrigou a primeira capital do país. Do outro lado, o Paraná, desde o século XVII, integrou a Capitania de São Vicente, de onde procederam os primeiros povoadores do litoral e do sul do atual território paranaense. A ocupação do restante de seu solo vai-se operar por meio de dois grandes movimentos: no norte, com a chegada e fixação de plantadores de café, mineiros e paulistas, no final do século XIX e início do XX; e no oeste e sudoeste, na mesma época, com a contribuição de gaúchos e catarinenses criadores de suínos e exploradores de erva mate.

Os 3^o e 4^o *corpora* englobam os dados coletados, no primeiro lustro do século XXI, pelas equipes do *Atlas linguístico do Brasil – ALiB* – nos dois estados: Bahia e Paraná. Os dados do ALiB dizem respeito à coleta feita junto a quatro informantes de nível fundamental de escolaridade, por ponto investigado, estratificados segundo o sexo e a faixa etária, em localidades do interior, e segundo essas duas variáveis independentes nas capitais, às quais se acrescentou mais um nível de escolaridade, o universitário.

Na descrição e análise das cartas de ambos os atlas estaduais, usamos a terminologia adotada por Montes Giraldo (1987) sobre os tipos de mapas, assim definidos:

El **literal analítico**, cuando en cada punto se transcriben las respuestas tal como se recogieron sin otra elaboración que algunas notas necesarias o útiles para la mejor comprensión de los fenómenos, la correspondencia del concepto en otros idiomas, etc.

El **sintético**, cuando se realiza un análisis previo a la cartografía y se reúnen los fenómenos que se dan de modo igual o similar en ciertas regiones, formando zonas que se distinguen en el mapa por rayados o coloraciones diversos.

Hay también mapas que pueden considerarse como de carácter **mixto o intermedio** entre los dos anteriores: no se da la respuesta literal pero sí se asigna un símbolo propio a cada variante, es decir, que podemos ver la respuesta de cada localidad, pero no su forma fonética detallada. (MONTES GIRALDO, 1987, p. 106)

Descrição, análise e distribuição diatópica dos dados no APFB

O APFB constitui-se de 134 cartas literais analíticas, portanto fonéticas, 44 cartas mistas, que os autores denominam de cartas resumo, elaboradas a partir das cartas analíticas, oito cartas mistas¹ e 12 cartas mistas com registros fonéticos² de algumas variantes que não estão representadas na legenda.

A Figura 1 reproduz a carta 62-Resumo do APFB com a distribuição das variantes coletadas.

1 As cartas mistas, isto é, as que trazem no interior da carta as variantes representadas por formas geométricas ou figuras coloridas que estão sintetizadas na legenda são as de nº 26, 42, 93, 110, 117, 118, 136 e 148.

2 As cartas que trazem figuras ou formas geométricas e incluem algumas formas transcritas foneticamente são as de nº 20, 27, 54, 77, 84, 85, 107, 120, 123, 129, 139 e 146.

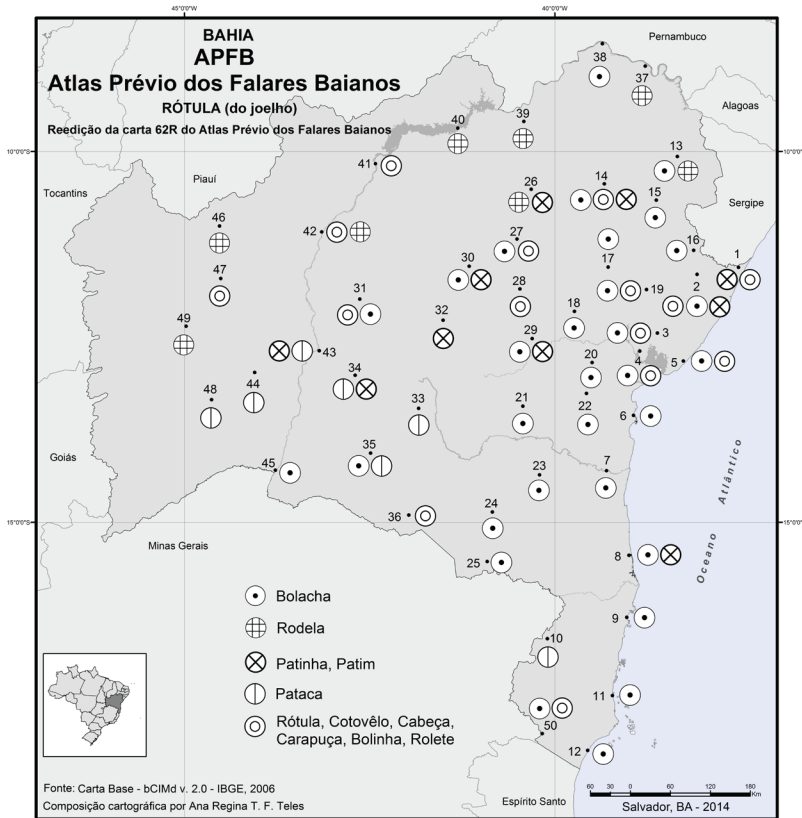


Figura 1 – Reedição da Carta 62 R – Rótula (do joelho), APFB (ROSSI, 1963)

Nas cartas 62 e 62R do APFB, para designar a patela, estão documentadas 11 variantes: *bolacha/bolachinha* com 55 registros; *patinha/patinho* com 11 registros, *rodela*, *pataca/pataquinha* e *rótula/rota*, com oito ocorrências cada, *cabeça*, com quatro e com apenas um registro de cada uma das variantes: *bolinha*, *carapuça*, *cotovelo*, *prato* e *rolete*.

Para facilitar a leitura, elaboramos a Tabela 1, com as formas mais produtivas do APFB:

Tabela 1 - Variantes de *patela* registradas no APFB

Variantes	APFB			
	registros	%	Nº de localidades.	%
<i>bolacha/bolachinha</i>	55	55.5%	31	62.0%
<i>patinha/patinho</i>	11	11.1%	11	22.0%
<i>rodela</i>	8	8.1%	8	16.0%
<i>pataca/pataquinha</i>	8	8.1%	7	14.0%
<i>rótula/rota</i>	8	8.1%	8	16.0%
<i>cabeça</i>	4	4.0%	4	8.0%
<i>outras/hápax</i>	5	5.1%	5	10.0%

Fonte: Cartas 62 e 62R do APFB (ROSSI, 1963)

Bolacha/bolachinha, com 55.5% do total das ocorrências, distribui-se por todo o litoral baiano e adentra o interior. Não foi registrada nas seguintes localidades e Mesorregiões: Burinhaém, no Sul Baiano; Campo Formoso e Mundo Novo, no Centro Norte Baiano; Iraporanga, Macaúbas, Mato Grosso e Condeúba, no Centro Sul Baiano; Rodelas, no Nordeste Baiano, na divisa com Sergipe; Carnaíba do Sertão, Sento Sé, Pilão Arcado, Barra, Paratinga, Santana, Ibipetuba, Taguá, Correntina e São Desidério, no Vale São Franciscano.

Patinho/patinha, com 11.1%, distribui-se por 11 localidades, partindo do Nordeste Baiano, caminhando na direção oeste até o Centro Norte: Abadia (ponto 1), Aporá (2), Poxim do Sul (8), Monte Santo (14), Campo Formoso (26), Itaberaba (29), Morro do Chapéu (30), Iraporanga (32), Macaúbas (34) e Paratinga (43).

Rodela, com 8.1% dos registros, concentra-se na parte correspondente às Mesorregiões: Nordeste Baiano, Extremo Oeste Baiano e Centro Norte Baiano, em oito localidades: Jeremoabo, Campo Formoso, Rodelas, Carnaíba do Sertão, Sento Sé, Barra, Ibipetuba e São Desidério.

Pataca/pataquinha corresponde a 8.1% e concentra-se no Vale São Franciscano e no Centro Sul Baiano.

Rótula/rotla/rota, também com 8.1%, distribui-se de forma descontínua pelos pontos 1, 4 e 5, na Mesorregião Metropolitana de Salvador; ponto 14 na Mesorregião Nordeste Baiano; pontos 27 e 28 no Centro Norte Baiano e 47 no Extremo Oeste Baiano.

Descrição, análise e distribuição diatópica dos dados no ALPR

O *ALPR* traz 191 cartas, das quais 92 são mistas lexicais; 37, mistas fonéticas; 33, literais analíticas e 29 sintéticas ou de isoglossas³. A carta 75 do *ALPR* traz 16 variantes para a *patela* com a seguinte frequência: *pataca*, com 55 ocorrências; *patacão* com 38; *tramela*, nove; *bolacha*, oito; *rótula/rota*, *batata* e *osso* com quatro cada e com apenas um registro de cada variante: *bacia*, *batata*, *buceta-do-joelho*, *capa*, *carretel*, *corona-do-joelho*, *rodela*, *rodilha* e *vintém*. O *corpus* mostra que alguns informantes registraram mais de uma variante para designar o osso do joelho.

A Tabela 2 traz as formas mais produtivas do *ALPR* (AGUILERA, 1994):

3 Tomamos o termo isoglossa na definição de Montes Giraldo (1987, p. 55): la línea que señala en la representación gráfica el área o dominio de vigencia de una determinada norma.

Tabela 2 - Variantes de *patela* registradas no ALPR

Variantes	ALPR			
	Informantes	%	localidades	%
<i>pataca/pataquinha</i>	55	42.3%	38	58.5%
<i>patacão</i>	38	29.2%	24	36.9%
<i>bolacha/bolachinha</i>	10	7.7%	9	13.8%
<i>tramela</i>	9	6.9%	6	9.2%
<i>rótula/rota</i>	4	3.1%	3	4.6%
<i>osso</i>	4	3.1%	4	6.1%
<i>batata</i>	3	2.3%	3	4.6%
<i>rodela/rotela</i>	1	0.7%	1	1.5%
<i>outras/hápax</i>	8	6.2%	8	12.3%

Fonte - Carta 75 do ALPR (AGUILERA, 1994)

Na Tabela 2, verificamos que as três variantes mais produtivas no Paraná: *pataca/pataquinha*, *patacão*⁴ e *bolacha /bolachinha*, juntas, representam quase 80% dos dados.

A Figura 2 traz a distribuição diatópica de seis variantes, pelo território paranaense.

4 Ao contrário das formas diminutivas que foram amalgamadas para efeito de análise, a forma aumentativa *patacão*, por definir uma área de isoglossa e por denominar outro referente - a moeda antiga de 960 réis - foi analisada em separado.

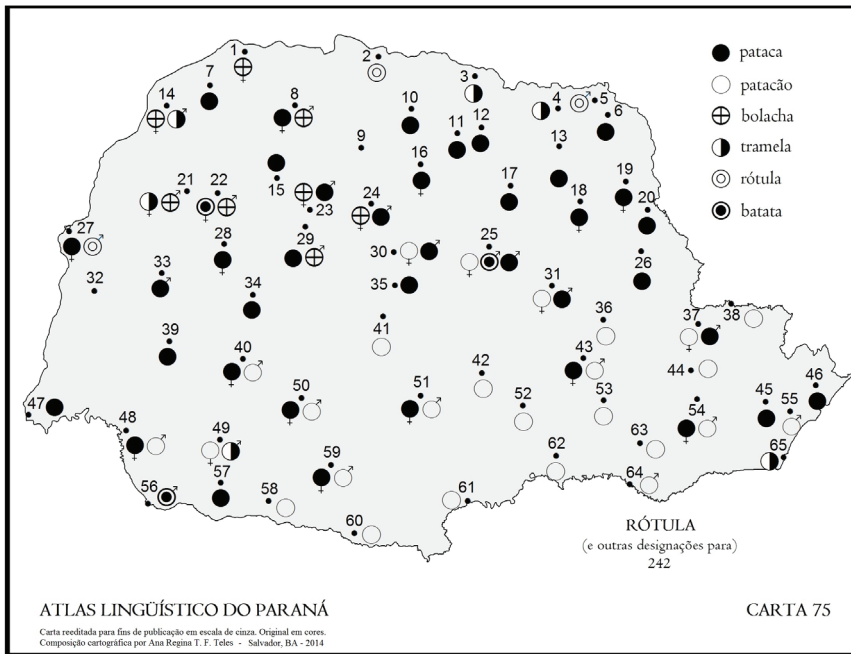


Figura 2 - Carta 75 do ALPR com as variantes para *rótula*

No *ALPR*, conforme a carta 75, Figura 1, *pataca* e *patacão* distribuem-se de modo a formar duas zonas de isoléxicas bem marcadas. A primeira concentra-se, principalmente, no espaço do Paraná Moderno, ou seja, nas localidades do Norte Pioneiro, Norte Novo, Norte Novíssimo, regiões povoadas sobretudo por mineiros e paulistas entre os séculos XIX e XX; e no Oeste, também de povoação recente, constituída por catarinenses e gaúchos, geralmente imigrantes ou filhos de imigrantes alemães, poloneses, ucranianos e italianos. A segunda, *patacão*, é uma forma típica do Paraná Tradicional, que parte de Paranaguá (a mais antiga cidade paranaense), continua pelo sul e caminha em direção ao centro e oeste do Estado. A presença de *pataca* e *patacão*, no Litoral, apontam,

provavelmente, para a influência dos primeiros povoadores paulistas procedentes de São Vicente, no final do século XVII.

Bolacha/bolachinha, registrada na fala de 10 informantes e em nove localidades, distribui-se pelas mesorregiões: Noroeste (ponto 1–Diamante do Norte; ponto 8 –Paranavaí; ponto 14–Querência do Norte; ponto 21–Umuarama e ponto 22–Cruzeiro do Oeste); Centro Ocidental (p. 23–Peabiru, ponto 29–Campo Mourão); Norte Central (São Pedro do Ivaí, ponto 24) e Centro Oriental (Tibagi–ponto 31). Algumas dessas localidades foram o destino escolhido por migrantes nordestinos, na primeira metade do século XX, que, certamente, trouxeram essa variante para as terras paranaenses.

Rótula/rota ocorre em apenas três localidades do Paraná Moderno: pontos 2 (Santo Inácio), 5 (Cambará) e 27 (Guaíra), nas Mesorregiões Norte Central, Norte Pioneiro e Oeste, respectivamente.

Comparando os dados do *APFB* e do *ALPR* e considerando que os dados do primeiro foram coletados com uma diferença de mais de 25 anos em relação aos do segundo, verificamos que as variantes *pataca*, *bolacha* e *rótula* são comuns a ambos os *corpora*, embora com índices diferentes de produtividade. Nesta análise também lembramos a divisão dialetal do Brasil proposta por Nascentes (1953): enquanto os dados do *APFB* correspondem à área dos subfalares baianos, os do *ALPR* estão na área dos subfalares sulistas, mas a coexistência de formas comuns aproxima ambas as áreas. A distribuição diatópica de *pataca* pelo Vale São Franciscano e pelo Centro Sul Baiano sugere a influência dos bandeirantes paulistas em suas incursões por essa região baiana durante os séculos XVII e início do XVIII.

DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DOS DADOS NO ALiB-BA E ALiB-PR

Os dados recolhidos pela equipe de entrevistadores do ALiB na Bahia foram dispostos na Tabela 3 para melhor visualização da frequência de cada variante.

Tabela 3 - Variantes para *patela* nos dados do ALiB-BA

Variantes/Atlas	ALiB/BA			
	total registros	%	total localidades ⁵	%
<i>rótula/rota</i>	31	41.9%	18	85.7%
<i>bolacha/bolachinha</i>	31	41.9%	15	71.4%
<i>batata</i>	5	6.9%	4	19.0%
<i>bola</i>	3	4.0%	2	9.5%
<i>rodela</i>	3	4.0%	2	9.5%
<i>pataca</i>	1	1.3%	1	4.8%
Total de registros	74	100%		

A Tabela 3 mostra as seis variantes coletadas para o ALiB no interior da BA, com duas formas predominantes: *rótula/rota* e *bolacha/bolachinha*, ambas com 41.9% dos registros válidos (excluídas as não-respostas). Com menor índice, foram registradas: *batata*, com 6.9%; *bola* e *rodela* com 4.0% cada e *pataca*, com 1.3%. O índice de não-respostas, considerando-se que foram investigados 84 informantes, ou seja, 4 por localidade, foi de 20,2%, nas quais a maioria dos informantes alegou desconhecer o nome desse osso do joelho.

Quanto à distribuição diatópica dos dados coletados pela Regional ALiB-BA, *rótula* e a variante paroxítona *rota* distribuem-se por 18 dos 21 pontos, isto é, só não foram registradas em Seabra e Caetité, na mesorregião Centro Sul, e em Carinhanha, no Vale São Franciscano. *Bolacha* e a variante morfofonêmica *bolachinha*

⁵ Consideramos apenas as localidades do interior, ou seja, 21 pontos de inquérito.

concorrem com *rótula* em 12 localidades, partindo do Litoral e irradiando-se para o centro da Bahia. *Bolacha* é forma exclusiva apenas em Carinhanha (Vale São Franciscano).

A figura 3 permite visualizar a distribuição diatópica das seis variantes mais produtivas no falar baiano, registradas pelos pesquisadores do ALiB.

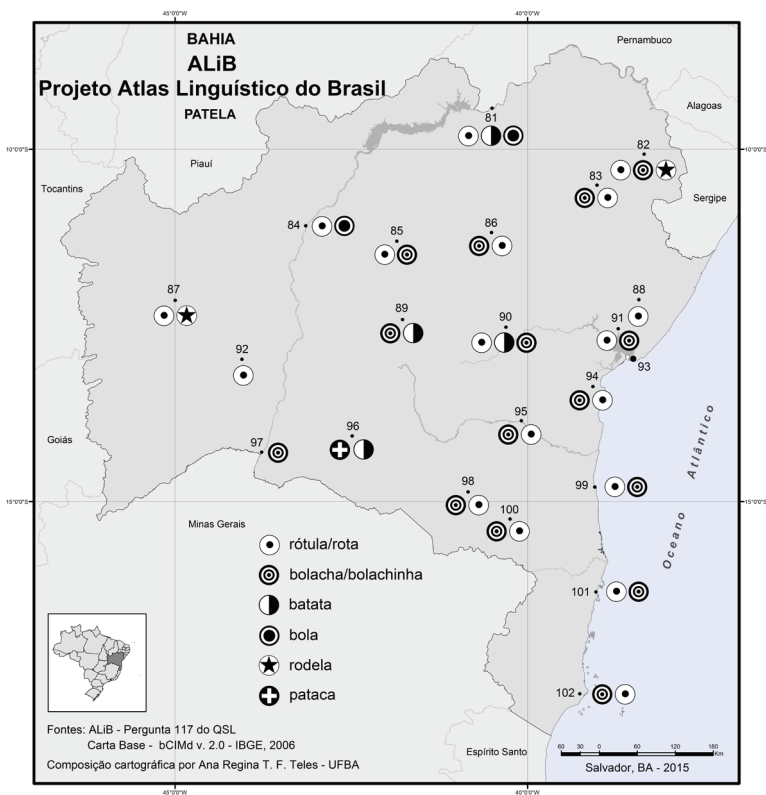


Figura 3 - Carta mista, preparada *ad hoc*, com os dados coletados pelo ALiB

Comparando os dados mais antigos e rurais (APFB, 1963) com os dados mais recentes e urbanos (ALiB-BA, 2011), verificamos que *bolacha* e *bolachinha*, formas então predominantes, nos dados atuais, somam 31 registros, concorrendo com *rótula* (*rota*), também

com 31 registros. Nos dados do final da década de 50, *rótula* (*rota*) havia sido registrada em apenas sete das 50 localidades, portanto, em apenas 14% delas, e hoje se encontra em 18 dentre as 21 localidades do interior baiano, representando 85.7% da rede de pontos desse Estado. Trata-se, pois, de forma que adquiriu prestígio ao longo dos 50 anos que separam as datas das coletas do APFB e do ALiB, constando de Ferreira (2004) como um termo da Anatomia.

Patinho e *patinha*, que estavam na vice liderança no APFB, não foram lembradas pelos informantes urbanos. Da mesma forma, *rodela* que, no APFB, foi registrada em 16% das localidades, hoje se apresenta em apenas duas delas, ou seja, em apenas 9.5% dos pontos da rede baiana para o ALiB. *Pataca* e *pataquinha* apareciam em sete localidades no APFB; nos dados atuais, porém, só *pataca* resistiu na fala de um informante idoso de Caetité, no Centro-Sul Baiano. *Cabeça* e outras *hápax* também perderam espaço nos falares baianos. Por outro lado, *batata* e *bola*, estão sendo incorporadas no interior do Estado.

A figura 4 mostra a área de isoléxica da variante *bolacha/bolachinha* e a sua distribuição pelo espaço baiano.

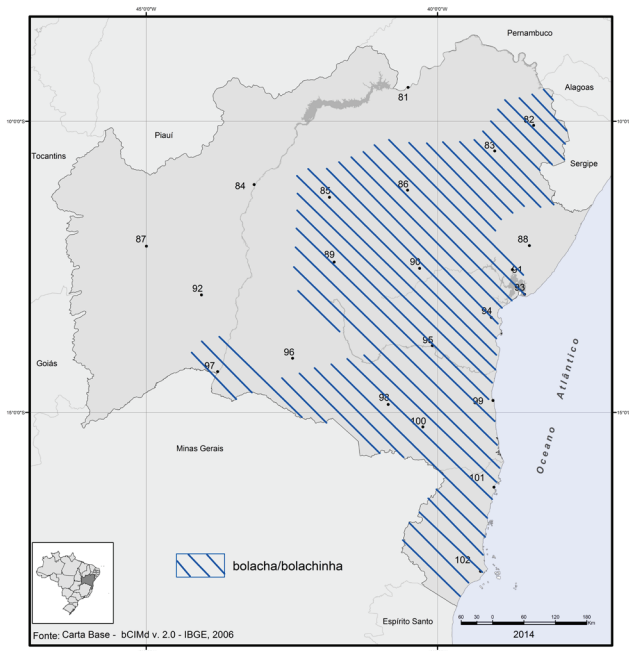


Figura 4 - Carta da isoléxica *bolacha/bolachinha* nos dados do ALiB-BA

As comparações que apresentamos sobre as duas diacronias e os dois *corpora* baianos ratificam a assertiva de que a língua está em constante movimento, adequando-se às necessidades das gerações que se sucedem, perdendo, ou lançando no esquecimento, formas outrora frequentes no vocabulário ativo, ou prestigiando variantes disseminadas pela escola e pelas diversas mídias. Outro aspecto a ser considerado nessas comparações diz respeito à diversidade metodológica de ambas as recolhas: o *APFB* entrevistou, na maioria dos pontos, dois informantes de origem rural sem qualquer preocupação com a estratificação social: sexo, idade, escolaridade, ao contrário do ALiB que, sistematicamente, entrevistou quatro informantes urbanos, estratificados segundo as variáveis mencionadas.

Quanto às variantes coletadas pelo ALiB na rede de pontos do Paraná, elaboramos, para melhor visualização, a Tabela 4.

Tabela 4 - Variantes para *patela* nos dados do ALiB-PR

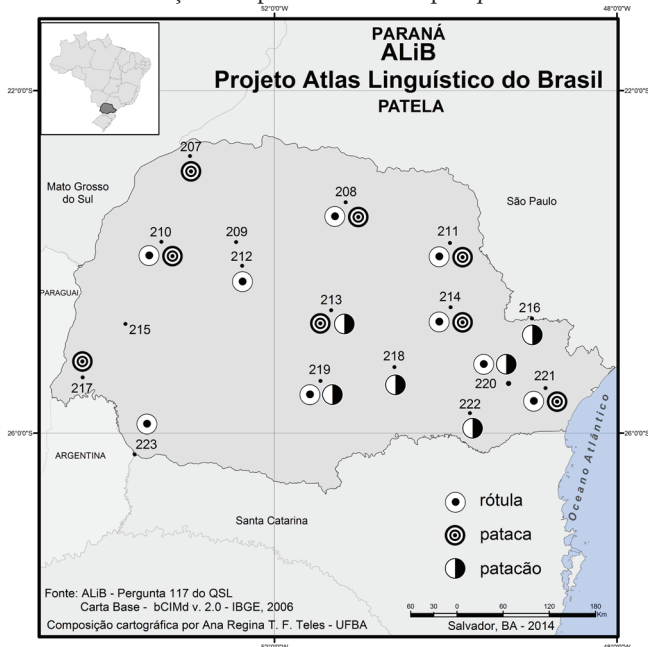
Variantes	ALiB/PR			
	informantes	%	localidades	%
<i>rótula/rota</i>	16	25.0%	9	56.3%
<i>joelho</i>	14	22.8%	9	21.9%
<i>pataca/pataquinha</i>	11	17.2%	8	17.2%
<i>patacão</i>	11	17.2%	6	17.2%
<i>tampa</i>	4	6.2%	3	6.3%
<i>bolacha/bolachinha</i>	3	4.7%	2	4.7%
<i>patela</i>	2	3.1%	1	1.6%
<i>tramela</i>	1	1.6%	1	1.6%
<i>bola/bolinha</i>	1	1.6%	1	1.6%
<i>roldana</i>	1	1.6%	1	1.6%
Total de registros	64			

A Tabela 4 mostra as variantes coletadas para o ALiB no interior do PR, com três formas predominantes registradas pelos 68 informantes, ou seja, quatro em cada uma das 16 localidades e quatro na capital: *rótula/rota*, com 25% dos registros válidos (excluídas as não-respostas), *pataca/pataquinha* e *patacão*, com 17.2% cada. Com menor frequência, foram registradas: *tampa*, com 6.2%; *bolacha/bolachinha*, com 4.7%, *patela* com 3.1%, e *tramela*, *bola/bolinha* e *roldana* com um registro cada, ou seja, 1.6% do total. Ao índice de não-respostas, podemos acrescentar a resposta *joelho* (22.8%) que, na realidade, é a forma pela qual o informante atribui, pelo processo metonímico, ao osso (a parte) que recobre o joelho a designação do todo por desconhecimento do nome específico.

Quanto à distribuição diatópica dos dados do ALiB-PR, ilustrada pela Figura 5, *rótula* e a variante paroxítone *rota* distribuem-se por nove dos 17 pontos, disseminando-se por todas as regiões, mas de forma descontínua. *Pataca*, além de se circunscrever aos pontos do

Paraná Moderno, foi registrada em uma localidade do Litoral, ratificando a hipótese levantada de *pataca* ter sido trazida pelos paulistas tanto nos primeiros tempos do povoamento do Paraná quanto nas suas novas incursões efetivadas no final do século XIX e no início do XX. *Patacão* é forma exclusiva nos pontos 216 (Adrianópolis), 218 (Imbituva) e 222 (Lapa) e concorre com *rótula* ou *pataca* nos pontos 213 (Cândido de Abreu), 219 (Guarapuava) e 220 (Curitiba).

Figura 5 - Carta da distribuição diatópica das variantes para *patela* nos dados do ALiB-PR



A leitura das cinco cartas (Figuras 1, 2, 3, 4 e 5) que serviram para documentar a existência e a vitalidade das variantes ratificam as considerações de Coseriu (1979, p. 114), ao afirmar que

Los mapas lingüísticos, además de consentir observaciones de carácter general acerca del funcionamiento del lenguaje como medio de intercomunicación social revelan la conexión entre la historia lingüística y los factores geográficos o geopolíticos:

permiten comprobar que las innovaciones en las “lenguas” proceden de ciertos centros y que su difusión se detiene en ciertos límites (...).

Motivação semântica das variantes elencadas nos quatro corpora

Como pudemos observar, o acervo lexical das variantes coletadas em ambas as sincronias e diatopias contém 23 formas distintas cuja motivação semântico-lexical aponta para:

(i) associação metafórica da forma arredondada do osso com outros referentes homônimos, também de formato redondo e que fazem parte do cotidiano do falante: (a) utensílios domésticos: *bacia, prato*; (b) alimentos: *batata, bolacha, bolachinha*; (c) moedas antigas: *pataca, pataquinha, patacão, vintém*; (d) objetos esféricos: *bola, bolinha, rodela, rolete, rodilha, rótula*;

(ii) associação metafórica pela localização do osso sobre o joelho: *cabeça, capa, carapuça, corona-do-joelho*;

(iii) associação metafórica com a função articulatória da patela: *boceta-do-joelho* (no sentido de caixa), *carretel, cotovelo, roldana, tramela*;

(iv) as ocorrências de *patinho, patinha*⁶, com 11 registros no *APFB*, envolvendo 22% das localidades, aventam a hipótese de ser uma variante fonética de *pratinho* (de *prato*, com a síncope do /r/); outra hipótese seria *patinha* ter se originado de *pratinha*, alusão feita à moeda de prata vigente na época. Por ora, são as especulações que nos permitimos fazer sobre a sua gênese.

6 Em Taunay (1914, p. 155), consta: *patinha*, s. f. Articulação da coxa do cavallo junto á virilha.

(v) *patela*, denominação científica adotada pela Anatomia e registrada por dois informantes de nível superior na capital paranaense, provém do latim *patella* diminutivo do latim *patera*, pátera: espécie de taça usada nos sacrifícios antigos. (FERREIRA, 2004). Desse modo, a denominação não deixa de ter uma motivação metafórica baseada na forma comum da taça e do osso arredondado.

Koogan e Houaiss (1998) registram que *pataca*, no Brasil, refere-se a uma moeda antiga de prata, que valia 320 réis e *patacão* é o nome dado a várias moedas portuguesas antigas. A Wikipedia informa, também, que as patacas

foram as moedas que por mais tempo circularam no país – de 1695 a 1834. A série era composta por moedas de 20, 40, 80, 160, 320 e 640 réis. O valor de 320 réis – pataca – deu nome à série. Pesava 8,96 gramas (em média) com teor de prata de 917 por mil. De 1810 a 1834, foi também cunhada outra moeda de prata, que valia 960 réis ou 3 patacas – o chamado patacão.⁷ (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pataca>. Acesso em 24 de julho de 2014).

Análise lexicológica das variantes

Buscando, nos dicionários de Ferreira (2004) e de Cunha (1994), as 23 variantes de *patela*, coletadas em ambos os *corpora*, verificamos duas situações:

⁷ “A moeda de 160 réis está na origem da expressão popular de meia-pataca, que designa alguma coisa de pouco valor ou de má qualidade. A série chegou a ser cunhada no Brasil até 1821, nas casas da moeda de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1834, a Casa da Moeda do Rio de Janeiro cunhou uma nova série de moedas de prata para substituir as patacas, que circularam durante o período colonial. O valor de 400 réis – cruzado – deu nome à série”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pataca>. Acesso em 24 de julho de 2014).

(i) A acepção registrada em ambos ou em um dos dicionários consultados corresponde ou se aproxima à de *osso que recobre o joelho*, como **cabeça**: Anat. Nome comum a certas extremidades arredondadas, como p. ex., em ossos (Ferreira, 2004); **patacão**: Bras. SP. Pop. *rótula do joelho* (Ferreira, 2004); **patela**: ‘Anat. a rótula do joelho’ (Cunha, 1994) e [Do lat. *patella* dim. do lat. *patera*, ‘pátera’]. 1. Anat. V. *rótula* (2) (Ferreira, 2004); **rodela**: [Do lat. tard. *rotella*] 3. V. *rótula* (2) (Ferreira, 2004); e **rótula**: [Do lat. *rotula*, ‘rodinha’]. Anat. Cada um de dois ossos situados adiante da articulação de cada fêmur com a tíbia homolateral. Sin. *patela* e (pop.) *rodela* ¹ (Ferreira, 2004).

(ii) O nome está dicionarizado, em ambos, com outra acepção, como *bacia*, *batata*, *bolacha/bolachinha*, *bolinha*, *boceta* (do joelho), *cabeça* (em Cunha, 1994), *capa*, *carapuça*, *carretel*, *corona* (-do-joelho), *cotovelo*, *pataca*, *prato*, *rodela*, *rodilha*, *roldana*, *rótula*, *rota*, *tampa*, *tramela*, *vintém*.

Diante desse quadro, em que apenas cinco das 23 variantes constam dos dicionários consultados, reafirmamos a inestimável contribuição que os estudos dialetológicos e, em especial, os atlas linguísticos, trazem para a construção de dicionários e glossários, contando momentos, quase sempre ocultos, da história da língua portuguesa falada no Brasil. São esses matizes, esses tecidos, muitas vezes esgarçados pelo tempo e pelo uso, que os atlas recuperam e eternizam. Nas palavras de Basseto (2001, p. 74), o atlas

mostra como as palavras se chocam entre si, migram, arcaizam-se, renascem ou desaparecem, tornando claro que, em última análise, o fator determinante de todo esse processo é o aspecto semântico, cuja busca fez nascer outros métodos de pesquisa.

Uma possível interferência de variáveis independentes

Diante de tanta diversidade lexical para denominar a *patela*, buscamos verificar a possível influência de variáveis independentes, como o sexo e a faixa etária, na escolha de algumas das variantes. Para tal, retomamos os dados baianos e paranaenses do ALiB, iniciando pela variante *rótula*, a mais produtiva em ambos os *corpora*.

Nos dados da Bahia, *rótula* apresenta 31 registros, dos quais 18 (58%) na fala masculina e 13 (42%) na feminina. Do ponto de vista da faixa etária, 22 registros (71%) de *rótula* estão presentes na faixa etária 2, isto é, entre 50 e 65 anos, e apenas 9 (29%) entre os adultos jovens, o que sugere tratar-se de uma forma mais conservadora e prestigiosa. Esses dados parecem contradizer as observações de Moreno Fernández (1998, p. 43), para quem *la adquisición de las formas prestigiosas es tardía, mucho más en los grupos sociales com menor instrucción*. No entanto, por dispormos de dados procedentes de localidades do interior do Estado e de apenas um nível de escolaridade, não nos é possível garantir que, nessas mesmas localidades, os demais níveis de escolaridade tenham assumido, com maior rapidez, a variante de prestígio *rótula*. Nos dados paranaenses, temos 12 registros de *rótula*, também concentrados, sobretudo, na fala masculina (75%) e na 2ª faixa etária (75%).

Quanto à influência da variável sexo sobre a produtividade da variante de prestígio *rótula*, os resultados nos dois *corpora* do ALiB, Bahia e Paraná, contradizem o que preceituam os primeiros estudos sociolinguísticos. Chambers e Trudgill (1994, p. 133) observam que

De hecho, lo que sabemos de la relación entre sexo y lengua nos indica que si se produce un cambio hacia la variedad de prestigio, se extenderá a través de las mujeres de clase media, mientras que los cambios que se alejan de la norma de prestigio tendrán en su vanguardia a los hombres de la clase trabajadora.

A segunda forma mais produtiva nos dados da Bahia é *bolacha/bolachinha* com 31 registros, que se distribui de forma equilibrada entre homens e mulheres (48.4% e 51.6% respectivamente), mas com uma diferença de quase 10% entre a fala dos mais jovens em relação à dos mais idosos: 54.8% e 45.2, respectivamente.

Para aventar a hipótese de se tratar de uma forma de prestígio inovadora, assumida pelos mais jovens e pelas mulheres, teríamos que ampliar o *corpus* e, sobretudo, diminuir os elevados índices de abstenção entre esse grupo que somaram 20.2% dos dados, ou seja, dos 84 informantes, 17 declararam não conhecer um nome específico para esse osso do joelho e, dentre esses 17, 11 eram jovens.

Nos dados do ALiB-PR, a segunda forma mais produtiva é *patacão* com 12 registros, dos quais 75% se concentram na fala dos homens e 66.7% na fala dos informantes da faixa etária 2. Em seguida, temos *pataca* com 11 registros, dos quais cinco (45.5%) são da fala masculina, seis (54.5%), da fala feminina, com uma concentração maior entre os falantes da faixa etária 2 (72.7%). Com base nesses resultados, também creditamos essa discrepância entre a fala dos jovens e a dos idosos ao alto índice de não-respostas observado entre aqueles falantes. Dos 68 informantes que compõem o universo de falantes do Paraná, 17 (25%) declararam não saber ou conhecer o nome para aquele osso e 11 (16.2%) o denominam também como *joelho*, não lhe atribuindo, portanto, um nome específico. Por outro lado, a variável independente que parece influenciar na produtividade de *pataca* e de *patacão* é a distribuição diatópica de ambas as variantes, culminando em duas áreas de isoglossas bem definidas: *pataca* no território do Paraná Moderno e *patacão* na área do Paraná Tradicional.

Conclusões

A pesquisa mostrou que, dentre as variantes mais produtivas do *APFB* e do *ALPR*: (i) são comuns a ambos: *bolacha*, *pataca* e *rótula* com índices de frequência bastante distintos. *Bolacha* e sua variante morfofonêmica *bolachinha* representavam, no *APFB*, 55% do total dos dados; *pataca*, 8% e *rótula*, 7%. No *ALPR*, *pataca/pataquinha* foi registrada em 42.3% dos dados; *bolacha* e sua variante morfofonêmica *bolachinha* em 7.7% e *rótula* em 3.1%. Verificamos, pois, que, em ambos os atlas, compostos por registros de falantes rurais, a forma dicionarizada *rótula* ainda não havia adquirido o prestígio na fala de baianos e paranaenses que realizavam preferencialmente as formas populares. Este dado parece ratificar as palavras de Moreno Fernández (1998, p. 43), já citadas, sobre a lentidão que envolve a aquisição das formas de prestígio pelos falantes de pouca escolaridade; (ii) no *APFB*, outras formas populares remetiam para variantes regionais, como *patinha/patinho* e *rodela*, como típicas da Bahia e *patacão* e *tramela*, como regionalismos paranaenses.

Comparando os dados coletados para o ALiB em ambos os estados, verificamos que, na Bahia, são mais frequentes: *rótula*, *bolacha* e *batata* e, no Paraná: *pataca*, *patacão* e *rótula*. Os dados demonstram, também, que, embora os atlas dos estados tenham selecionado informantes preferencialmente de origem rural, e o ALiB, informantes de origem urbana, as mudanças no nível lexical para nomear essa parte do corpo humano estão acontecendo de forma gradual e contínua, favorecendo a forma dicionarizada, *rótula*, em detrimento de variantes populares regionais, como *bolacha/bolachinha*, *pataca*, *patacão*, *rodela*, *patinho/patinha*, *batata* e *bola*, dentre outras.

Para facilitar a visualização do que afirmamos, elaboramos a Tabela 5, sintetizando os índices de frequência das variantes mais produtivas em cada um dos quatro *corpora* analisados.

Tabela 5 - Principais variantes de *patela* registradas nos quatro *corpora*: APFB, ALiB-BA, ALPR, ALiB-PR

Variantes	APFB	ALiB-BA	ALPR	ALiB-PR
	%			
<i>rótula/rota</i>	8.1%	41.9%	3.1%	25.0%
<i>bolacha/bolachinha</i>	55.5%	41.9%	7.7%	4.7%
<i>pataca/pataquinha</i>	8.1%	1.3%	42.3%	17.2%
<i>rodela</i>	8.1%	4.0%	0.7%	-
<i>patinha/patinho</i>	11.1%	-	-	-
<i>patacão</i>	-	-	29.2%	17.2%
<i>batata</i>	-	6.9%	-	-
<i>bola</i>	-	4.0%	-	1.6%

A Tabela 5 pode perfeitamente ilustrar a epígrafe que tomamos de Saussure, *a língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido* em que as mudanças operadas na sociedade exigem que a língua também varie e mude para continuar sempre uma e diversa simultaneamente, reciclando-se sem interrupção a partir do material sonoro e semântico que lhe é ofertado.

Referências

AGUILERA, Vanderi de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*, v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectología*. Trad. de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Banco de dados da Regional ALiB*, 2011, inédito.

- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil. Questionários 2001*. Londrina: Eduel, 2001.
- COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística, cap. IV, in: *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977. p. 103-158.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed. 6ª impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- KOOGAN; HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Direção geral, Abraão Koogan; supervisão editorial, Antonio Houaiss, 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1998.
- MONTES GIRALDO, José Joaquín. *Dialectología general e hispano americana: orientación teórica, metodológica y bibliográfica*. 2 ed. Instituto Caro y Cuervo: Bogotá, 1987.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000 [1916].
- TAUNAY, Affonso d' Escragolle (org.). *Lexico de Lacunas: Subsídios para os dicionários da língua portuguesa*. São Paulo, Publicação em separata do tomo XVI da Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, 1914.
- WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. s.l., s.n., 2014. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pataca>. Acesso em 24 de julho de 2014.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 30.11.2012

O APFB: uma fonte para estudos linguístico-etnográficos

The APFB as a source for linguistic and
ethnographic studies

Denise Gomes Dias*

(Universidade do Estado da Bahia/Campus I)

RESUMO: Este estudo apresenta caminhos possíveis para abordagens etnográficas empregando dados do *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)*, publicado em 1963. Além disso, o trabalho oferece um panorama das origens de um produtivo relacionamento entre a Geolinguística e a Etnografia, especificamente no domínio da Cultura Material. Em última análise, o artigo aponta algumas perspectivas para investigações de fenômenos culturais a partir de dados linguísticos, seguindo a trilha dos pioneiros nos estudos da Dialectologia Brasileira e Portuguesa.

Palavras-chave: Atlas Prévio dos Falares Baianos. Linguística e Etnografia. Geolinguística. Etnolinguística

ABSTRACT: This paper presents some possible routes to ethnographic approaches using data from *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, published in 1963. It is also presented an overview of the origins of

* denisegomesdias@gmail.com

the productive relationship between Geolinguistics and Ethnography, specifically involving Material Culture. Ultimately the study intends to offer some perspectives for further investigations of cultural phenomena following the tracks left the by work of the pioneers of Brazilian and Portuguese Dialectology.

Keywords: Atlas Prévio dos Falares Baianos. Linguistics and Ethnography. Geolinguistics. Ethnolinguistics

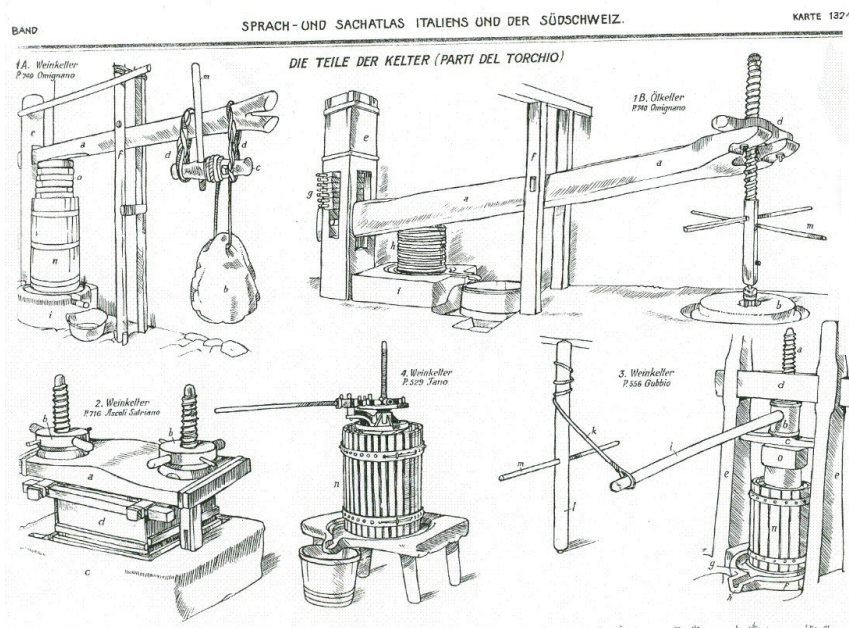
Parece mais próprio do linguista falar do interesse científico do estudo dos falares regionais. No entanto, é do seu interesse humano que, como tantas vezes o tenho feito verbalmente, desejaria hoje tratar por escrito. No duro e doloroso tempo que vivemos, quando, perante uma tão premente necessidade de acção, chego a pôr em causa, para mim próprio, o direito àquela tranquila investigação sobre as palavras, que é em princípio a vida do filólogo, penso frequentemente na minha experiência dialectológica e encontro nela motivos para prosseguir – e animar outros a possuir. Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que se situavam, contavam-me histórias, diversas também. (...) Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me tinha posto em contacto. (Cintra, 1983: 9)

A cultura material e os estudos dialetais

De uma atualidade impressionante, as palavras carregadas de emoção do Professor Lindley Cintra, em seus antológicos *Estudos de dialectologia portuguesa*, remetem às múltiplas dimensões da pesquisa dialetológica, a partir do inicial “interesse científico do estudo dos falares regionais”. Uma dessas dimensões é a Cultura Material, que sempre esteve associada à Geografia Linguística

desde as suas origens. Em suas jornadas em trabalho de campo, na direção dos usos linguísticos em seus diferentes níveis, muitos investigadores observavam e coletavam aspectos das culturas locais que se constituiriam uma espécie de “fotografia” de um determinado tempo e espaço geográfico, onde as pessoas desenvolviam artefatos e instrumentos que lhes possibilitavam lidar com o ambiente à sua volta e nele viver de forma produtiva

Sistematicamente, a Linguística e a Etnografia se aproximam a partir de 1909, com o estabelecimento da escola alemã *Wörter und Sachen* (Palavras e Coisas), que preconizava o estudo simultâneo e relacional das palavras e dos objetos por elas designados.



Carta de n.º 1324 do Atlas
Linguístico - etnográfico da Itália
e do Sul da Suíça.

Com a Geolinguística, a relação se concretiza com a publicação do *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (JABERG E JUD, 1928-1940).

Essa vinculação (dos fatos idiomáticos com os fatos culturais nos estudos da linguagem) é também uma herança do pensamento de Wilhelm von Humboldt¹, que entendia a linguagem não como um produto (*ergon*), mas como uma atividade do homem (*energeia*), estabelecendo uma essencial conexão entre a linguagem (que também é arte, criação) e a “peculiaridade do espírito” de um povo. Essas idéias compõem as bases epistemológicas que configurarão, posteriormente, a Etnolinguística como um campo do saber situado entre a Linguística e a Antropologia Cultural.

Eugenio Coseriu também se alinha a esta perspectiva de que as comunidades idiomáticas devem ser consideradas também como comunidades culturais, uma vez que cada uma delas retém um determinado patrimônio cultural que é refletido, de variadas formas, no uso linguístico. Para o linguista romeno, sobre o desenvolvimento das línguas atuam as forças internas que operam para o equilíbrio do sistema, e também os fenômenos que estão em profunda relação com o espírito de um povo, com a civilização, a arte, o pensamento, a política (cf. Coseriu, 1986).

No plano dos estudos dialetais, o relacionamento com a Cultura Material se manteve ao longo do tempo, de forma, digamos, respeitosa, guardando-se, contudo, as disciplinas em seus territórios, ao menos do ponto de vista teórico e metodológico. No entanto,

1 Sua obra póstuma *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade* foi traduzida para o espanhol e publicada em 1990, pelo Ministério de Educação e Ciência da Espanha (cf. Referências ao final).

embora, na atualidade, apenas alguns atlas se intitulem etnográficos², há geolinguistas que defendem que essa qualificação é, na verdade, inerente a qualquer atlas. Não somente porque a atividade



Carta n.º 53 do Atlas Prévio dos Falares Baianos.

2 Por exemplo, o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Cantabria*, 1995; *Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*; *Atlas Lingüístico (y Etnográfico) de Castilla - la Mancha*, 2003; *Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores*, 2001; *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil*, 2002.

da linguagem é parte integrante da esfera dos aspectos investigados pela Etnografia (atividade laborativa, religiosa, literária, social), mas, sobretudo, porque até no menos etnográfico dos atlas, quase toda carta pode oferecer material para um aprofundamento dessa natureza (cf. Telmon, 1990). Um exemplo dessa “natureza imanente” dos atlas é a bela carta de 53 “onde se guarda rapé”, do *APFB*:

A busca por um maior aprofundamento na relação entre esses campos do conhecimento, contudo, já era defendida pelos estudos “clássicos” da Dialetoologia Portuguesa. Manuel de Paiva Boléo, por exemplo, escreveu uma interessante monografia sobre as relações da Linguística com a Etnografia e o Folclore, reeditada pela Revista Portuguesa de Filologia, em 1991. Em suas considerações, pontuava que, num sentido estrito, a Etnografia vinha sendo definida como “o estudo dos objetos materiais necessários às actividades fundamentais do povo” como, por exemplo, “as alfaias agrícolas, os instrumentos piscatórios” (Boléo, 1991:255-7). Ainda assim, ele sugeria uma Etnografia que estudasse aquilo em que existisse o elemento popular, desde a base até o vértice da pirâmide social, interessando, em última análise aos estudos etnográficos não o que fosse individual ou temporal; mas o que fosse anônimo, coletivo e atemporal.

Boléo conclui suas reflexões propondo que os estudos da linguagem incorporassem temas da cultura popular. Entendia ser aquela uma tarefa urgentíssima, considerando que havia “particularidades de algumas regiões que já desapareceram por completo e que farão falta para explicar problemas de grande interesse científico” (1991, p. 277). Aconselhava, ainda, os estudiosos a “não estreitarem demasiado os horizontes das especialidades que cultivam”, mas que procurassem os caminhos da interdisciplinaridade”.

Linguagem, usos e costumes

Provavelmente, em virtude da complexidade dos fenômenos dessa natureza, que sempre direcionavam as interpretações para interfaces com outros domínios do saber, os estudos linguístico-etnográficos, por muito tempo, se limitaram à descrição, das *coisas*, tendência que se manteve até recentemente. Somente mais tarde, com aportes das metodologias da pesquisa antropológica, os estudos adquiriram uma feição mais científica, quando o interesse passa a ser dirigido para as relações entre as *coisas* e os *homens*, procurando-se identificar a funcionalidade dessas *coisas* para as comunidades em que se inseriam.

De fato, a redução da Etnografia à “descrição dos modos de viver e de sentir dos vários grupos humanos, levando em conta as tradições de seus usos e costumes, estilos ou normas de vida”, conduziu as investigações a uma abordagem um tanto “folclórica”. Essa abordagem dos fatos culturais teria levado à consolidação, no senso comum, da idéia de que estudos de fatos de cultura seriam periféricos em relação a outros estudos, uma vez que pouco teriam de cientificidade — seriam marcados, sobretudo, pela curiosidade do investigador e pelo inusitado das descrições, pelo exotismo das realidades descritas, quase sempre sem critérios metodológicos sistematicamente predeterminados.

A esse respeito, Santos Junior (1965) procura situar a Etnografia no quadro geral das ciências antropológicas, alertando os investigadores contra aquela abordagem reducionista, recomendando que fossem além do estudo “seco do fato folclórico em si”, pois toda manifestação etnográfica deve ser observada pelo analista como uma manifestação de vida “com seu determinismo, seus condicionantes, sua evolução e seu paralelismo, mais ou menos estreito, com fatos

similares de outros povos, outras gentes”, atribuindo à Etnografia um tríplice campo de estudos, voltado:

a. para o *homem animal* – observando-se, por exemplo, suas necessidades de comer e beber e modos de preparação de seus alimentos; suas formas de se defender das agressividades do meio (vestimentas, abrigos, etc.); modos de propagar a espécie (conjugação dos sexos, família, etc.).

b. para o *homem social* - observando-se como se congrega em grupos de diferentes categorias; como organiza e divide o trabalho; os princípios normativos da convivência (preceitos morais, direitos e obrigações).

c. para o *homem espiritual* – observando-se como lida com noções do bem e do mal, de morte, de transcendência, de religião (SANTOS JR., 1965, p. 500).

Ao final, aqui se configura uma visão mais ampliada sobre uma abordagem etnográfica: aquela que leva em conta a combinação de fatores geográficos, históricos e antropossociais como modeladores fundamentais na estruturação das condições de vida dos homens, e, por isso mesmo, condicionantes dos usos e costumes, da mentalidade, do modo de vida de qualquer povo.

Elementos para uma análise: a carta 35 do APFB – ‘peça do aparelho de ralar mandioca’

No *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, algumas cartas provocam, diretamente, um estudo dos fatos da cultura material. Essas cartas apresentam desenhos ilustrativos de objetos descritos pelos informantes, além dos dados linguísticos colhidos nos pontos percorridos pelos inquiridores:

Carta no. 49 – Recipiente para guardar água, álcool, cachaça

Carta no. 53 – Onde se guarda rapé

Carta no. 70 – Cabide

Carta no. 116 – Casinha de prender galinha

Carta no. 142 – Tipo de armadilha

Carta no. 142 – Outras armadilhas de caça

Carta no. 152 – Fecho de porta

Outras, embora não contem com o apelo das ilustrações das cartas acima referidas, podem conduzir a análises interessantes, do ponto de vista da descrição etnográfica e das necessárias intersecções com outros domínios, como a História, a Antropologia Cultural, a Sociologia. Escolhi para ilustrar esta breve reflexão as cartas referentes à cultura da mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), por razões que explico a seguir.

Entre os anos de 1994 e 1996, realizei um estudo etnolinguístico do vocabulário empregado por trabalhadores de casas de farinha artesanais, no distrito de Vila de Guai, município de Maragojipe, no Recôncavo Sul do Estado da Bahia. A pesquisa foi orientada pela Professora Suzana Alice Cardoso e resultou numa dissertação de Mestrado intitulada “O léxico da casa de farinha” (DIAS, 1997).

O tema das Casas de Farinha tem raízes antigas em nossa formação cultural: ao chegarem aqui, os portugueses já encontraram o cultivo e processamento da mandioca, principal fonte de alimentação dos povos indígenas. A farinha feita dessa raiz, “farinha de pau” (GÂNDAMO, 1858, p. 17-8) passou a ser largamente consumida pelos colonizadores e, posteriormente, pelos escravos africanos que para cá foram trazidos. Além do consumo, também a técnica

empregada pelos índios para a fabricação da farinha de mandioca foi rapidamente assimilada pelos portugueses e escravos que a transmitiram aos seus descendentes. Muitos desses métodos documentados nas crônicas de viagem do século XVI (e.g. Hans Staden, 1557; Gabriel Soares de Sousa, 1587) ainda eram empregados, com algumas poucas variações, nas casas de farinha artesanais, na época do estudo. Além dos processos, algumas designações também resistiram ao tempo e ainda permaneciam no inventário lexical dos trabalhadores de Vila de Guai.

Durante longos períodos de convivência nas casas de farinha da localidade, documentei os processos de cultivo e beneficiamento da mandioca para fabricação de vários produtos derivados (e.g. carimã, tapioca, beiju, goma). Os dados obtidos a partir da observação participante (COULON, 1995; DURANTI, 1997), e da aplicação de um questionário linguístico, revelaram que as atitudes dos informantes em relação ao trabalho que desempenhavam, assim como os sentidos que dão a essas atividades, são refletidos nas denominações e nos novos sentidos que, por sua vez, estas assumem no contexto social ao qual estão associadas.

As transformações sofridas pelo grupo, em diversos períodos de tempo, também deixaram seus “rastros” no léxico estudado, como se pode ver : a) nos antigos nomes para as casas de farinha: de ‘roda d’água’, de ‘roda de mão’, de ‘bolandeira’, de ‘moenda’; b) nos nomes para os tipos de farinha de mandioca produzidos na região: ‘farinha de comer’, ‘farinha de copioba’, ‘farinha de ganho’, ‘farinha de guerra’, ‘farinha manual’, ‘farinha motorizada’, ‘farinha de produto’, ‘farinha de vender’.

No *APFB*, quatro Cartas se referem ao campo léxico do cultivo e processamento da mandioca:

Carta 29 – Caule da mandioca

Carta 30 – Doença da mandioca

Carta 31 – Parte inútil da farinha de mandioca

Carta 35 – Peça do aparelho de ralar mandioca

Na carta 35, que se refere à ‘peça principal do aparelho de ralar mandioca’, estão documentadas as formas: *bola*, *bolandeira*, *bolinete*, *boneco*, *catitu*, *cevador*, *comedor*, *rodete*, *rodicho*, *serrilha*. Algumas dessas foram registradas no uso dos trabalhadores de Vila de Guaí, coexistindo com outras designações incorporadas ao léxico da especialidade em virtude de variadas configurações sociais, culturais e históricas.

À época em que foi realizada a pesquisa de campo (1994 – 1996), as raízes eram raladas em um cilindro de madeira, assentado sobre uma bancada, também de madeira, revestido por serras de aço nele engastadas longitudinalmente, e cujo eixo, montado sobre rolagens, tinha uma polia para receber transmissão de movimento por correia ligada a um motor a diesel. Na região, esse aparelho era designado por *bola*, *serrilha*, *bola da serrilha*, *motor*, *bola do motor*, *comedor* e *rodicho*. As explicações que os informantes deram para o nome com que se referiam ao objeto são bastante elucidativas quanto aos processos de que eles se utilizam para nomeá-lo:

(01) A *bola* é comprida, aqui assim, agora toda ao redor com vários dente de sirria. (Inf. 3)

(02) A *bola* é feita de um pedaço de pau; coloca as sirria; das sirria, bate uns aramezinho nos lado pra aguentar os pente da sirria... bate com o prego. (Inf. 6)

(03) A sirrilha precisa da bola. A pessoa compra a sirrilha e faz a bola de sucupira. Faz a *bola* pra botar os dente da sirrilha pra ralar a mandioca. (Inf. 7)

(04) Bota ali na banca, aí passa na *bola*, na *sirria*. Aí, cai na outra banda, aí já cai a massa no cocho. (Inf. 10)

Nessa pequena amostra, *serrilha* designa tanto a parte externa do aparelho de ralar que reveste a *bola de madeira* (que tem forma cilíndrica), quanto o próprio aparelho. A *boca da serrilha* é identificada como o ponto do conjunto de ralar onde são empurradas as raízes. Aqui, a comparação pode dever-se ao fato de o falante associar a ação de ralar a mandioca ao ato de comer – de fato, a impressão que se tem, observando o trabalho, é que o *motor* está engolindo as raízes – ou, ainda, conferindo àquela parte do aparelho o traço semântico [+ entrada, princípio], como constatamos, por exemplo, em expressões já consagradas no uso geral, como *boca do túnel* e *boca da garrafa*.

Banca é o nome que se dá ao estrado de madeira onde se assenta a *bola*. Na parte anterior da banca, fica acoplada uma espécie de caixa de madeira, onde vão sendo depositadas as raízes para que sejam raladas. A esse “caixotinho” eles chamam *comedor*. Aqui ocorreria o mesmo processo metafórico que identificamos em *boca da serrilha*. Além disso, *banca* e *comedor* são empregados ora para designar o objeto no qual as raízes são trituradas ora referindo-se a uma parte acessória do conjunto de ralar:

(05) Bota [as raízes já raspadas] no panicum e bota na *banca*. Aqui o pessoal trata mais de *banca*, mas muita gente trata de *comedor*. (Inf. 1)

(06) Vai empurrando ela [a mandioca] no *comedor*, pra cima da *boca da sirria*, aí ela vai cevando, cevando, até cevar toda. (...) *comedor* é a coisinha de cevar mandioca. É uma bola... cheia de dente... chama de dente de *sirria*. (Inf. 2)

(07) Bota no *comedor*, a *banca* que chama, bota e rala. (Inf. 4)

(08) A gente trata aqui de *bola*; os cara também em algum lugar trata de *comedor*. (Inf. 5)

(09) *Comedor* é um caixotinho assim, de tauba. (Inf. 8)

No caso de *motor* e *bola do motor* designando também a peça principal e não somente a parte acessória, ocorre o mesmo processo metonímico que se dá em *serrilha* e *bola da serrilha*:

(10) A sirria é a bola. É a *bola* e o *motor*. (Inf. 12)

(11) A gente vai empurrando a mandioca na *bola do motor*. (Inf. 6)

Quanto à forma *rodicho*, foi documentada no uso de um único informante idoso que pareceu tê-la de tal maneira cristalizada em seu inventário lexical, que não empregou nenhuma das outras lexias usadas pelos outros informantes e de uso bastante difundido na localidade. Além disso, não ocorre *rodicho* em nenhuma situação de conversa informal com os habitantes da região. A abonação do informante, todavia, não deixa dúvidas quanto ao objeto que ele descreve:

(12) É uma rodinha assim; agora, tem as sirria, os dentezinho. Ali agora, coloca ali dentro daquela... madeira, serra tudo com o serrote, coloca ali; cabar, mola até as cabeceira e aí agora pode botar um morão lá, outro cá e coloca o *rodicho*. Quando aligou o motor, aí agora a massa vai caindo no cocho. (Inf. 9)

Note-se que, quando descreve o processo de ralar, o mesmo informante distingue claramente o *rodicho do comedor*, o que não fazem outros informantes que identificam a peça principal com aquele acessório do aparelho de ralar:

(13) Coloca [as raízes] no *comedor* – trata o *comedor* o lugar do *rodicho*. Ali agora, um vai empurrando pro *rodicho*, o outro vai cevando.

A forma, tal qual emitida pelo informante, não está dicionariizada. No entanto, registra-se *rodício* (< lat. *roticinu) ‘roda’; em forma de roda’ e *rodízio*, apontado como ‘alteração de rodício’, conservando o mesmo conteúdo semântico. Dentre os muitos sentidos atribuídos a *rodízio*, há o de ‘haste de madeira, grossa e cônica, que movimenta a mó e que é movida pela água’. Tomando essa “pista”, pode-se interpretar *rodicho* como referindo-se a um aparelho de ralar antigo que era composto por uma roda d’água acionada por uma peça de madeira de características semelhantes à descrição dos lexicógrafos; ou, ainda, pode ser que a peça tenha passado a denominar todo o conjunto, tal qual pudemos constatar quando examinamos a forma serrilha. Outra possibilidade é que o formato da peça de ralar tenha motivado a denominação, da mesma forma que hoje ocorre *com bola*.

O desafio que se coloca nesse tipo de análise é recompor a trama do procedimento produtivo num plano paralelo, correlacionando o objeto de estudo à sua representação linguística e à sua funcionalidade no contexto laboral — levando em conta as dimensões socio-históricas que condicionam esses usos.

Além disso, uma descrição, por mais exaustiva que seja, pode desvendar a evolução da tecnologia e dos processos de fabricação, mas pouco revelará sobre os sistemas culturais e simbólicos em que um objeto da cultura material se insere. Concordando com Rede (1996), não se pode falar dos aspectos materiais da cultura sem falar da imaterialidade que lhes confere existência, como sistemas classificatórios, organização simbólica, relações sociais, etc. A cultura material, assim vista, “é material pela sua “física”, mas não por estar presa apenas a níveis materiais da vida social. No jogo social, a sua função depende de configurações mutáveis,

que não estabelecem fronteiras prévias entre as várias dimensões culturais” (Rede, 1996, p. 273).

Considerações finais

A Etnografia e, num sentido mais amplo, a Antropologia procura fazer no âmbito da cultura a mesma obra de observação, de descrição, de classificação e de interpretação que o botânico faz no âmbito da natureza. Se aliamos a Linguística a essa abordagem, aprofundaremos o potencial explanatório dos fatos representativos da cultura sob estudo. E aqui daríamos o que Lévi-Strauss, (em entrevista a G. Charbonnier, 1989) chama de “o grande salto” numa abordagem etnográfica: “Tudo o que o etnólogo pode fazer é dizer aos seus colegas de outras disciplinas: a verdadeira questão é a linguagem” (p. 37).

Os dados do *APFB* podem dar acesso a variados domínios, fornecendo elementos para a compreensão de heranças “espirituais” e coletivas expressas em fatos da cultura material dos pontos representados nas cartas. A complexidade inerente a essa perspectiva de observação requer trabalho de muitas mãos e integração de várias áreas do conhecimento – obviamente respeitando-se as delimitações pertinentes a cada uma delas.

Talvez seja este um caminho de retorno à antiga vocação das faculdades de Letras, ligadas às ciências humanas e sociais. Isto está claramente posto no Prefácio escrito pelo Professor Agostinho da Silva para o *APFB*:

De modo que só me será possível adivinhar ou sentir todo o paciente, exaustivo, assimilado saber sobre que o Atlas repousa, saber não apenas filológico no sentido estrito da palavra, mas filológico no sentido em que as ciências filológicas há muito

tempo deviam ter varrido do âmbito de nosso ensino superior a afrancesada designação de Letras: no sentido de que Filologia é Geografia e é História, é Sociologia e é Antropologia, é Zoologia e é Numismática, sempre que concorram à explicação da palavra; palavra-vocábulo, certamente, mas também palavra-logos.

Para seguir essa rota interdisciplinar, algumas questões deverão, inevitavelmente, ser postas: quais os potenciais e os limites da cultura material para propor e resolver problemas históricos? Quais as particularidades e adaptações metodológicas requeridas pela mobilização desse tipo de fonte? Como fazer da cultura material documento e quais as implicações para os estudos históricos, linguísticos e etnográficos? (cf. Rede, 1996, p. 266).

Enfim, o que é imperioso é “salvar-se o que daqui a pouco já não poderá salvar-se” (SILVA NETO, 1988, p. 176-7). A cultura material é repositório das tradições, da personalidade coletiva de um povo. O estudo e a salvaguarda dessas tradições pode se configurar numa valiosa e necessária contribuição da pesquisa dialetal que, nas palavras de Nelson Rossi (1967) “é essencialmente contextual”.

Referências

- BOLÉO, Manuel de Paiva. Relações da linguística com a Etnografia e o folclore. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIX. Coimbra, 1991. p. 249-281.
- CHARBONNIER, Georges. *Arte, linguagem, etnologia*. Entrevistas com Claude Lévi-Strauss. Campinas: Papyrus, 1989.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- COSERIU, Eugenio. *Introducción a la lingüística*. Madrid: Gredos, 1986.
- COULON, Alan. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DIAS, Denise Gomes. *O léxico da casa de farinha*. Salvador: UFBA, 1997. (Dissertação de Mestrado).

DIAS, Denise Gomes. Modos de dizer e modos de fazer: reflexões sobre linguagem e trabalho. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.29, p.9-27, jul./dez. 2003.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Historia da Prouincia Santa Cruz*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1858 [1576].

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas linguistique de la France*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1920.

HUMBOLDT, Wilhelm V. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990. (Traducción y prólogo de Ana Agud).

JABERG, K. ; JUD, J. *Sprach und Sachatlas italiens und der Südschweiz*. Zofingen: Ringier & Co., 1928.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: N. Sér. v. 4, p.265-82 jan./dez. 1996.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Brasília: INL/MEC, 1963.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. *ALFA*, Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, n. 11, p. 89-115, 1967.

SANTOS JR. J. R. dos. A Etnografia no quadro geral das ciências antropológicas. CONGRESSO NACIONAL DE ETNOGRAFIA, I. *Actas...* v. 1. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar/ Imprensa Portuguesa, 1965.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1974 [1587].

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Traduzido do alemão por Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988 [1557]. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 17).

TELMON, Tullio. Il trattamento dei dati etnografici. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelles. *Actes...Tübingen: Niemeyer, 2000*, v. 3, p. 44-78.

Submetido em: 10.10.2012

Aceito em: 30.11.2012

Diversidade lexical do português falado na Bahia

Lexical diversity of the portuguese
language spoken in Bahia

Marcela Moura Torres Paim*

(Universidade Federal da Bahia)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise da variação semântico-lexical na Bahia. Dessa forma, serão investigadas as denominações para *animal sem chifres* utilizadas por baianos com base no primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB-1963)*, e os registros referentes à Bahia, constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), coletados a partir de 2003, que possibilitam a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais em momentos diferentes no tempo. Pretendem-se, então, nos *corpora* em questão (i) registrar as denominações para o item semântico-lexical *animal sem chifres*; (ii) analisar os itens documentados; (iii) verificar o tipo de relação que se pode estabelecer entre o léxico baiano em 1963 e o coletado 40 anos depois no que diz respeito às designações que preenchem o conceito selecionado.

Palavras-chave: Geolinguística. Léxico. Variação.

* mmtpaim@ufba.br

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the lexical-semantic variation in Bahia. Therefore, will investigate the designations for *animal sem chifres* (without horns) Bahia based on the first Brazilian regional linguistic atlas, *Atlas prévio dos falares baianos (APFB-1963)*, and records relating to Bahia, contained in the *corpus* of the Linguistic Atlas Project Brazil (AliB Project), collected from 2003 to enable comparative studies, contributing to the identification and configuration of lexical linguistic variants in different moments in time. Then if they want us *corpora* in question (i) register the names for the semantic-lexical item *animal sem chifres*; (ii) analyze the documented items, (iii) verify the type of relationship that can be established between the Bahian lexicon in 1963 and collected 40 years later with regard to the assignments that meet the selected concept.

Keywords: Geolinguistics. Lexicon. Variation.

Introdução

A língua é heterogênea, afinal seu uso é variável, conforme a época, região, classe social, servindo como meio para interação do homem com seus semelhantes e com seu *habitat*, especialmente pela utilização do léxico. Nesse sentido, é possível mencionar que o sistema lexical da língua congrega as designações de que o homem se utiliza para identificar e nomear a realidade em que está inserido.

O campo lexical de uma língua vem configurando-se como objeto de estudo de muitas áreas da Linguística pelo fato de constituir uma das vias principais de que dispõem os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes, para expressar o mundo/espaco dito real. Assim, o nível lexical de uma língua tem papel fundamental no que diz respeito à variação, podendo-se, dessa forma, encontrar nesse âmbito uma considerável variedade regional e sociocultural da Língua Portuguesa, pois o vocabulário usado por indivíduos de uma área

geográfica específica reflete o ambiente físico e social em que esses falantes estão inseridos.

Este trabalho, de cunho dialetológico, dedica-se à investigação lexical. É, portanto, nesse contexto de descrição da realidade linguística baiana que se examinará a variação semântico-lexical do item *animal sem chifres* utilizada por baianos, com base nos dados do primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos (APFB-1963)*, e nos registros referentes à Bahia, constantes do *corpus* do Projeto Atlas linguístico do Brasil (Projeto ALiB), coletados a partir de 2003, no que permitem a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais em dois momentos diferentes.

Pretende-se, nos *corpora* em questão: registrar as denominações para o item semântico-lexical *animal sem chifres* e verificar o tipo de relação que se pode estabelecer entre o léxico baiano na década de 60 do século XX e o coletado 40 anos depois referente às denominações que preenchem o conceito selecionado.

Reflexões sobre o léxico e a Dialectologia

O léxico que aparece no acervo linguístico de um povo está relacionado a uma série de fatores como, por exemplo, o costume cultural, a questão do sexo, da região, entre outros. Afinal, o repertório lexical de uma comunidade de fala reproduz a visão de mundo de um determinado grupo como também fornece pistas sobre aspectos da identidade dos falantes, como faixa etária, classe social, origem geográfica, cultura, valores, crenças, que podem ser construídos, mantidos e projetados.

Assim, o léxico de uma determinada língua ocorre devido a uma relação entre sociedade e cultura que permite ampliar a acepção de um vocábulo de uma determinada região. Logo, vêm-se vocábulos que são utilizados constantemente, outros que deixaram de ser usados e, por fim, outros que são incorporados ao léxico ao longo do tempo. Conforme Santos (2011, p. 03):

Os itens constantes dos atlas linguísticos, atlas semântico-lexicais e estudos geolinguísticos, fazem parte dos discursos de uma dada comunidade e são produzidos na interação entre sujeitos, em torno dos quais se organizam as referências de espaço e de tempo, de modo explícito ou não.

Desse modo, o léxico permite a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural de um grupo.

Na elaboração do texto falado, os informantes buscam, constante e conscientemente, a realização de formulações o mais possível precisas para que haja a mútua compreensão e para que se atinjam os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação mecanismos que deixam evidente o trabalho da escolha lexical.

A ciência que se ocupa prioritariamente da variação espacial no âmbito da Linguística denomina-se Dialetoлогия que, conforme Cardoso (2010, p.15), é definida como

um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Na atualidade, a Dialetoлогия analisa não apenas as variações regionais dos dialetos e falares de uma localidade específica, num enfoque monodimensional, mas, também, as variações sociais,

nelas incluídas as variações diageracionais, diagenéricas, as variações culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade, estilo de fala, nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que “Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. (LOPE BLANCH, J. 1978, p.42)

Uma das formas de se investigar a língua no enfoque dialetológico é por meio dos atlas linguísticos, que são conjuntos de mapas, no caso, cartas linguísticas, onde ficam registradas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, existentes em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem.

A partir do século XIX, a investigação dos falares regionais brasileiros tem despertado o interesse de pesquisadores, pois, nessa época, surgem os primeiros léxicos e glossários regionais a que se seguem trabalhos de cunho monográfico, iniciados com *O Dialeto Caipira* (1920), abrangendo os diversos níveis da língua, entre os quais o lexical. Tal interesse ganha corpo com trabalhos sobre áreas específicas, marcados, no seu início, pela publicação de três obras que se tornaram referência — *O Dialeto Caipira*, Amaral, em 1920, *O linguajar carioca em 1922*, Nascentes, em 1922, e *A língua do Nordeste*, Marroquim, em 1934, — e com a publicação de atlas regionais, o primeiro dos quais, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963, marca o início efetivo da Geolinguística brasileira.

A análise dos atlas linguísticos bem como dos estudos geolinguísticos produzidos no Brasil nas últimas décadas revela o interesse crescente pelo enfoque do componente semântico-lexical por parte de muitas investigações que se dedicam à Geolinguística.

A esse interesse inicial soma-se o esforço bem-sucedido dos autores dos atlas linguísticos brasileiros em retratar a variação lexical de cunho diatópico, que resulta na elaboração de cartogramas lexicais na maioria dos trabalhos produzidos no último quartel do século XX. Acrescenta-se a essa produção muito expressiva um número relativamente grande de pesquisas geolinguísticas, artigos e capítulos de livro que enfatizam um dado item lexical, vários itens lexicais ou uma área semântica específica. O mérito desses trabalhos está no fato de focalizar o componente semântico-lexical, tarefa que um atlas, por objetivar a descrição da totalidade dos dados coletados, não objetiva fazer.

Um atlas linguístico é um instrumento rico e fruto de um trabalho extensivo dos seus autores. No atlas linguístico, encontra-se a representação da variação linguística, seja ela espacial, eminentemente, seja ela social. Conforme Ferreira et al. (1996, p. 484):

Um atlas linguístico reúne um conjunto de mapas de um território, mais ou menos vasto, que representam e localizam as realizações dos paradigmas linguísticos em estudo (de natureza fonética, lexical, morfológica ou sintática), registrando as respectivas variações geográficas.

Desse modo, o domínio geográfico-espacial de abrangência de um atlas linguístico pode ser pré-determinado por critérios de diferentes naturezas. Os atlas linguísticos também oferecem uma melhor visualização da distribuição espacial de um dado fenômeno linguístico, além de delimitar sua extensão. Vale citar que os atlas

não são um conglomerado de dados linguísticos, mas sim, segundo Ferreira et al. (1996, p. 484):

Os atlas permitem ainda isolar áreas dialectais, definidas pela concentração de fenômenos linguísticos idênticos, que, em determinados tipos de mapas, podem ser circunscritos por isoglossas, linhas que marcam o limite geográfico de um fenômeno linguístico. Um maior número de isoglossas a delimitar uma área determina a sua maior individualidade linguística. Por estes motivos, os atlas constituem um instrumento de trabalhos indispensável para a Dialectologia e para a História da Língua.

A partir destas considerações preliminares, observa-se que um atlas linguístico pode ser de extrema importância para os estudos linguísticos, além de salvaguardar a memória sociolinguística de um povo (documentação da história da língua), pode ser um poderoso instrumento para as políticas linguísticas (principalmente no que tange às políticas de ensino). Inegavelmente, um atlas é um tesouro muito valioso para vários ramos da ciência.

Podem ser considerados na história da Dialectologia brasileira, dois atlas como marcos fundamentais, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), e o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que terá seus primeiros volumes publicados em 2014. Nessa perspectiva, se faz necessário saber sobre os dois atlas, APFB e ALiB, os escolhidos para as análises desta pesquisa.

Nesse contexto, para este artigo, a proposta é realizar a análise das denominações para *animal sem chifres*, no que concerne à Bahia, no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, e nos registros constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), no que diz respeito à rede de pontos que integra o Estado da Bahia. Com esta breve referência histórica, é possível verificar que a pesquisa lexical é uma área que já vem sendo estudada e que

poderá ser mais explorada a partir da futura publicação dos dados presentes no Atlas Linguístico do Brasil. Assim, a análise pretende investigar os itens documentados para verificar o tipo de relação, de caráter histórico.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, que foi produzido e publicado entre 1960 1963 e tem como autor Nelson Rossi e como colaboradoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee, foi o primeiro atlas linguístico produzido em terras brasileiras. Esse atlas recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais. Essa obra se constitui de dois volumes: o primeiro, compreendendo as cartas, em folhas soltas, e o segundo, encadernado, com a introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas. O APFB contempla os campos semânticos da agricultura, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia e apresenta 209 cartas linguísticas que trazem a transcrição, legendas ou símbolos, em preto e branco e coloridos.

Partindo de exaustiva análise em sondagens preliminares, foi produzido um Extrato de Questionário contendo 182 perguntas (apesar de a numeração finalizar em 164, pois algumas dessas perguntas são subdivididas e indexadas com as letras A, B, C e D) e, na maioria das localidades, foram entrevistados dois informantes por ponto. Apesar de haver procurado incluir, em todas as localidades, falantes dos dois sexos e de idades diferentes, não consegue atingir, de forma sistemática, a distribuição diassexual, pois, no que se refere à seleção dos informantes, existem 43 homens e 57 mulheres. As idades estão distribuídas entre 25 e 84 anos, em sua maioria, estão situados na faixa entre 39 e 69 anos. As cartas linguísticas do APFB, em grande parte, estão em transcrição fonética e, em algumas delas, há notas de rodapé com transcrição grafemática com dados

relevantes para leitura da carta. No total, o APFB possui 11 cartas introdutórias e 198 cartas linguísticas, das quais 44 são resumos de cartas anteriores.

Para os inquéritos do *APFB*, atlas monodimensional, as respostas eram transcritas no momento do inquérito, ou seja, eram anotadas foneticamente pelos aplicadores no momento em que o informante respondia a pergunta. Tal técnica se deu, pois, na época, não existiam aparelhos gravadores portáteis; portanto, a opção adotada foi a transcrição manual e/ou transcrição direta, *in loco*. Vale salientar que todos tiveram um amplo treinamento sob a supervisão do professor Nelson Rossi.

É válido mencionar que o *APFB* se destaca por ter uma enorme importância para os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil, além de ser um reconhecido marco na história da língua portuguesa, pois forneceu dados empíricos coletados e analisados sistematicamente para o conhecimento de grande parte do falar baiano, na proposta de divisão dialetal do Brasil de Antenor Nascentes, em 1953. O objetivo, naquela época, era elaborar um atlas nacional, mas, como essa tarefa não foi possível, decidiu-se começar por atlas regionais.

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, que ocorreu em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Grenoble). Naquela ocasião, foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. São eles: os Professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota

(UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento¹.

Nesse sentido, o Projeto ALiB é um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por intuito a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, anseio que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX. O referido projeto fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar.

Assim, o Projeto objetivou mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Em relação ao questionário, o questionário atual (2001) foi elaborado após reformulações feitas do questionário de 1998, que serviu como um instrumento teste. O questionário aplicado nos inquéritos definitivos é composto de três subgrupos, a saber: o

¹ Atualmente, o Comitê Nacional do Projeto ALiB é constituído pelos professores Suzana Alice Cardoso (Presidente), Jacyra Andrade Mota (Diretora-Executiva), ambas da UFBA, e os diretores científicos Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

Questionário Fonético-Fonológico, QFF, que possui 159 perguntas, acrescidas por 11 questões de prosódia; o Questionário Semântico-Lexical, QSL, com 202 perguntas; o Questionário Morfossintático, QMS, com 49 perguntas. Além das questões de pragmática, 04, os temas para discursos semidirigidos, as perguntas metalinguísticas e um texto para leitura. Vale ressaltar que cada parte que compõe o Questionário ALiB (2001) objetiva apurar um tipo de variação, a fim de demonstrar se, realmente, há diferenças no modo de falar do brasileiro, baseado em dados empíricos.

Ao se concluir, em 2013, a recolha de dados da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser realizadas sobre áreas dialetais brasileiras. Assim, apresentam-se neste artigo, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais.

Sabe-se que, em toda pesquisa de cunho dialetal, a escolha da área a ser estudada se faz necessária, pois, far-se-á o confronto dos dados coletados, em princípio, numa perspectiva diatópica. Seguindo este parâmetro, é possível fazer uma análise comparativa em dez localidades, que foram pontos do *APFB* e que são pontos do Projeto ALiB. São elas: Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Juazeiro, Santana, Santa Cruz Cabrália e Vitória da Conquista.

Considerações sobre o item semântico-lexical *animal sem chifres* na Bahia

A língua é um fenômeno heterogêneo que está sempre sofrendo alterações de cunho histórico, sociocultural e geográfico. Dentre os diferentes níveis de análise da língua, o lexical é o que mais sofre a influência desses fatores através do conjunto de palavras que

representa o vocabulário de uma comunidade linguística. Nesse sentido, no estudo do léxico, é preciso levar em consideração a influência do contato das diversas culturas que ali conviveram e convivem para identificar e interpretar as influências linguísticas de um grupo.

Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe que o estudo da variação lexical objetiva explicar o uso alternante de certas formas léxicas em umas condições linguísticas e extra-linguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais.

Com o intuito de refletir sobre as denominações para *animal sem chifres* na região da Bahia, será realizado o mapeamento dos usos, em localidades baianas, a partir do exame da carta n. 132 do APFB e da resposta à questão 79 — *Como se chama a cabra que não tem chifre?* — que consta do questionário semântico-lexical utilizado no Projeto ALiB.

No APFB, para *animal sem chifres*, existem as seguintes designações nas localidades pesquisadas, a saber: *mocho(a)*, *mu(rcha)²*, *suruca* e *toca*.

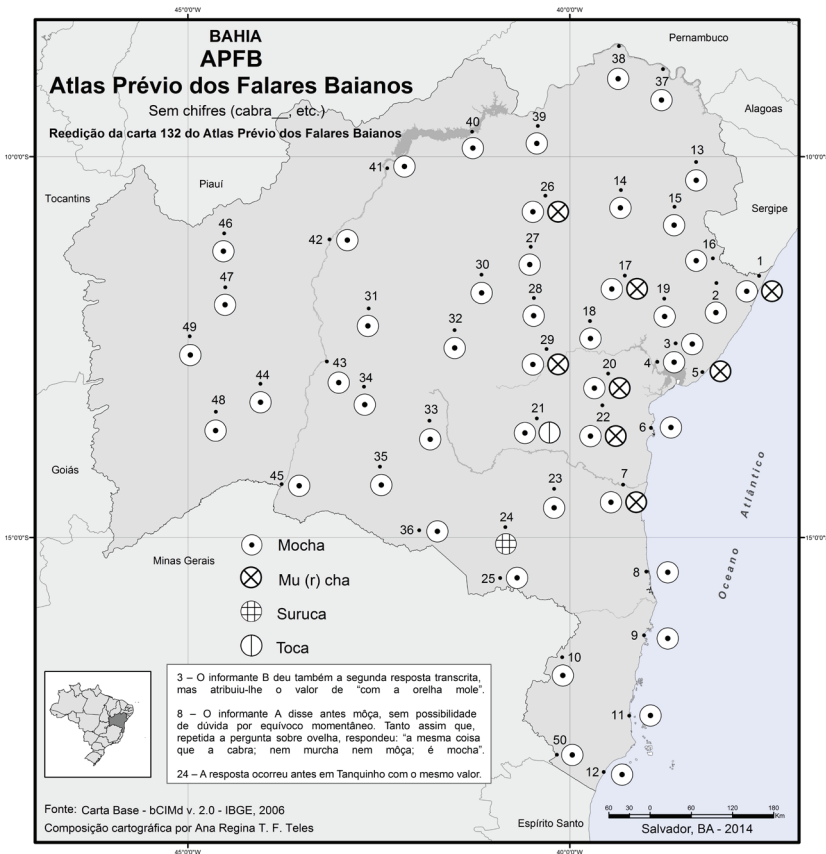
O quadro a seguir apresenta a distribuição diatópica dessas designações.

² *Mu(r)cha* é variante lexical de *mocho* (a), ou seja, re-interpretação da forma *mocho-a* como *murcho*, -a.

VARIANTES	LOCALIDADES
<i>Moch(a)</i>	Abadia, Água Fria, Aporá, Barra, Boa Nova, Brotas de Macaúbas, Buranhém, Caetitê, Campo Formoso, Carinhonha, Carnaíba do Sertão, Conceição do Coité, Condeúba, Correntina, Encruzilhada, Faisqueira, Ibipectuba, Ibiranhém, Ipirá, Iraporanga, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Jiquiriçá, Macaúbas, Maracás, Mato Grosso, Mirandela, Monte Santo, Morro do Chapéu, Mucuri, Mundo Novo, Pambu, Paratinga, Pedra Branca, Pilão Arcado, Poxim do Sul, Prado, Rio Fundo, Rodelas, Santa Cruz Cabralia, Santana, Santiago do Iguape, São Desidério, Sento Sé, Taguá, Velha Boipeba e Vila Velha.
<i>Mu(r)cha</i>	Abadia, Abrantes, Campo Formoso, Conceição do Coité, Faisqueira, Itaberaba, Jiquiriçá e Pedra Branca.
<i>Suruca</i>	Vitória da Conquista.
<i>Toca</i>	Maracás.

Quadro 1 - Denominações para *animal sem chifres* no APFB (1963)

O Quadro 1, que registra as denominações para *animal sem chifres* na Bahia da década de 60 do século XX, revelou que a variante *mocha*, naquela época, era a mais produtiva, ocorrendo na maioria das localidades do APFB. Tal aspecto pode ser melhor visualizado, através da seguinte carta linguística.



Mapa 1 - *Atlas prévio dos falares baianos* - Reedição da carta 132 – Sem chifres (cabra, etc.)

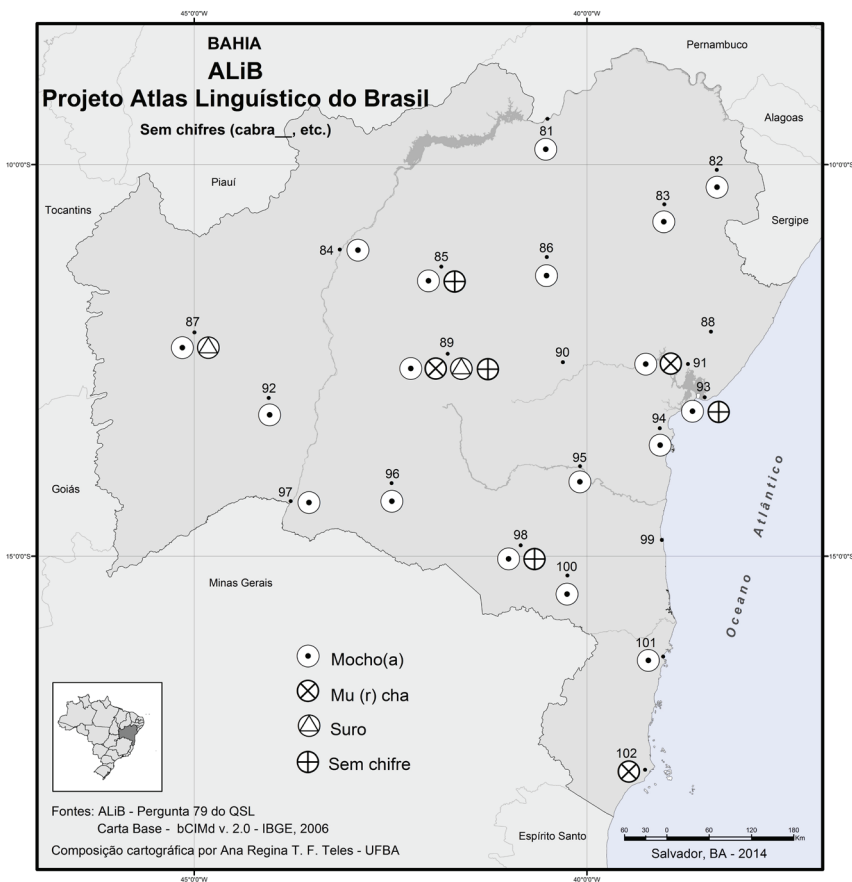
Como é possível verificar, na Bahia, os dados do APFB exibem a presença de *mocha*, em 48 dos 50 pontos que integram a rede desse Estado, apresentando, também, as variantes lexicais *suruca* e *toca* (cada uma em um ponto) e *murcha* (em 8 pontos).

No que se refere aos dados do Projeto ALiB, o quadro 2 apresenta as denominações encontradas.

Quadro 2 - Denominações para *cabra sem chifres* no Projeto ALiB (2003)

VARIANTES	LOCALIDADES
<i>Mocho(a)</i>	Barra, Barreiras, Caetitê, Carinhanha, Euclides da Cunha, Irecê, Itapetinga, Jacobina, Jequiê, Jeremoabo, Juazeiro, Salvador, Santa Cruz Cabrália, Santana, Santo Amaro, Seabra, Valença e Vitória da Conquista.
<i>Mu(r)cha</i>	Caravelas, Santo Amaro e Seabra.
<i>Suro</i>	Barreiras e Seabra.
<i>Sem chifre</i>	Irecê, Salvador, Seabra e Vitória da Conquista.

Assim, quanto à distribuição areal, é possível visualizar a carta linguística a seguir:



Mapa 2 - Cabra sem chifres

Ao confrontar esses dois *corpora*, verifica-se que existem coincidências entre os dados como aponta o quadro 3:

Quadro 3 - Denominações para *animal sem chifres* nos dados do APFB (1963) e Projeto ALiB (2003)

Denominações para <i>animal sem chifres</i>	
APFB (1963)	Projeto ALiB (2003)
<p><i>Mocho(a)</i> Abadia, Água Fria, Aporá, Barra*, Boa Nova, Brotas de Macaúbas, Buranhém, Caetité*, Campo Formoso, Carinhanha*, Carnaíba do Sertão, Conceição do Coité, Condeúba, Correntina, Encruzilhada, Faisqueira, Ibipetuba, Ibiranhém, Ipirá, Iraporanga, Itaberaba, Jacobina*, Jeremoabo*, Jiquiriçá, Macaúbas, Maracás, Mato Grosso, Mirandela, Monte Santo, Morro do Chapéu, Mucuri, Mundo Novo, Pambu, Paratinga, Pedra Branca, Pilão Arcado, Poxim do Sul, Prado, Rio Fundo, Rodelas, Santa Cruz Cabrália*, Santana*, Santiago do Iguape, São Desidério, Sento Sé, Taguá, Velha Boipeba e Vila Velha.</p>	<p><i>Mocho(a)</i> Barra*, Barreiras, Caetité*, Carinhanha*, Euclides da Cunha, Irecê, Itapetinga, Jacobina*, Jequié, Jeremoabo*, Juazeiro, Salvador, Santa Cruz Cabrália*, Santana*, Santo Amaro, Seabra, Valença e Vitória da Conquista.</p>
<p><i>Mu(r)cha</i> <i>Abadia, Abrantes, Campo Formoso, Conceição do Coité, Faisqueira, Itaberaba, Jiquiriçá e Pedra Branca.</i></p>	<p><i>Mu(r)cha</i> Caravelas, Santo Amaro e Seabra.</p>
<p><i>Suruca</i> Vitória da Conquista.</p>	<p><i>Suro</i> Barreiras e Seabra.</p>
<p><i>Toca</i> Maracás.</p>	<p><i>Sem chifre</i> Irecê, Salvador, Seabra e Vitória da Conquista.</p>

*Em negrito, as cidades coincidentes APFB-ALiB.

Observa-se que também existe a ocorrência da expressão *mocho(a)*, nas localidades de Abadia, Água Fria, Aporá, Barra, Boa Nova, Brotas de Macaúbas, Buranhém, Caetité, Campo Formoso, Carinhanha, Carnaíba do Sertão, Conceição do Coité, Condeúba, Correntina, Encruzilhada, Faisqueira, Ibipetuba, Ibiranhém, Ipirá, Iraporanga, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Jiquiriçá, Macaúbas, Maracás, Mato Grosso, Mirandela, Monte Santo, Morro do Chapéu,

Mucuri, Mundo Novo, Pambu, Paratinga, Pedra Branca, Pilão Arcado, Poxim do Sul, Prado, Rio Fundo, Rodelas, Santa Cruz Cabrália, Santana, Santiago do Iguape, São Desidério, Sento Sé, Taguá, Velha Boipeba e Vila Velha, no APFB, e em Barra, Barreiras, Caetitê, Carinhanha, Euclides da Cunha, Irecê, Itapetinga, Jacobina, Jequié, Jeremoabo, Juazeiro, Salvador, Santa Cruz Cabrália, Santana, Santo Amaro, Seabra, Valença e Vitória da Conquista, na rede de pontos do Projeto ALiB.

A denominação *mu(r)cha*, considerada variante lexical de *mocho (a)*, ocorre em Abadia, Abrantes, Campo Formoso, Conceição do Coité, Faisqueira, Itaberaba, Jiquiriçá e Pedra Branca, no APFB, e em Caravelas, Santo Amaro e Seabra, na rede de pontos do Projeto ALiB. A denominação *suruca* está presente em Vitória da Conquista, no APFB, e *suro* em Barreiras e Seabra, na rede de pontos do Projeto ALiB. A variante *toca* ocorre em Maracás, no APFB, e a designação *sem chifres* está em Irecê, Salvador, Seabra e Vitória da Conquista, na rede de pontos do Projeto ALiB.

Da análise, portanto, evidencia-se a maior utilização de *mocho(a)*, na Bahia, em dois momentos diferentes, em 1963 e em 2003, respectivamente.

Sobre essa questão, é válido mencionar que Peixoto (2007), ao realizar uma análise semântico-lexical da fala do vaqueiro do Sertão da Bahia, expõe a presença de *mocha* para o boi que não tem chifres, nos depoimentos dos informantes do município de Teofilândia. Ao fazer a pergunta “Como é chamado aqui o boi que não tem chifres?” a pesquisadora obteve respostas do tipo:

A gente conhece aqui por boi *mocho*. Agora tem o boi *mocho* de origem e tem o iscornado. A operação pra tirar o chifre do boi a gente chamamos ismochá. (Inf.01)

A gente chama a rês mocha. (Inf.06)

Assim, a autora indica quantitativamente as ocorrências de *mocha* e exemplifica como esta denominação está no depoimento dos seus informantes na localidade investigada.

As denominações encontradas na Bahia para *animal sem chifres* também foram pesquisadas em dicionários. Foram consultadas obras lexicográficas do século XIX (Moraes Silva), do século XX (Cunha, Ferreira e Nunes e Nunes) e do século XXI (Houaiss e Borba) e verificou-se que apenas o item *mocho* está dicionarizado.

Do ponto de vista etimológico, *mocho* está registrado em Cunha (1982) como proveniente do castelhano *mocho*, “sem cornos”, “que tem falta de algum membro”. Ao consultar os demais dicionários, foi possível observar que Moraes Silva (1813) define *mocho* como: “adj. Sem cornos, porque se cortaram [...] ou porque naturalmente os não tem”. Definição similar é registrada por Borba (2004) – “adj. Sem chifres ou de chifres cortados [...] animal sem chifre ou de chifres cortados” – por Ferreira (1995) – que expõe a forma *mocho* como característica daquele que “devendo ter chifres, não os tem, nasceu sem eles ou estes lhe foram retirados” – por Houaiss (2012) – “a que falta algum membro ou que sofreu mutilação (diz-se de animal)” e “desprovido de chifres, ou com os chifres aparados” – e por Nunes e Nunes (1996), para quem *mocho* designa “normalmente, uma raça de gado bovino, sem chifres ou com chifres atrofiados”. Nesse caso, o uso da variante *mocho*, para designar um tipo de gado.

Considerações finais

Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que recebe o item em questão, podem ser feitas algumas considerações preliminares:

a) existem variantes lexicais comuns ao *APFB* (1963) e ao *corpus* do Projeto ALiB (2003).

b) a designação mais representativa para animal sem chifres – *mocho(a)* – está presente nos dois *corpora*.

c) a variante lexical *mocho(a)* está presente nas localidades de Barra, Caetité, Carinhanha, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália e Santana nos dados do *APFB* (1963) e no *corpus* do Projeto ALiB (2003).

Dessa forma, por agora, mostrou-se uma identidade entre os dados do *APFB* e os registrados no Projeto ALiB, mesmo diante dos 40 anos que separam as duas coletas. Espera-se de agora em diante, com o término da constituição do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, pesquisar o item semântico-lexical *animal sem chifres* nas demais áreas brasileiras no intuito de aprofundar as questões relacionadas à variação temporal no português brasileiro.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias oferecem subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa, na Bahia. Não obstante a necessidade de se fazerem outras investigações com vistas ao aprofundamento e, eventualmente, ao redirecionamento de elementos do referencial teórico-metodológico, já é possível observar que a presente abordagem pode trazer um aporte significativo para o estudo do componente semântico-lexical na Dialetoologia.

Referências

BORBA, Francisco da Silva (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. 1470 p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 198 p.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: UEL, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Manuela Barros et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub et al. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, S.A., 1996. p. 479-502.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 16/02/2014.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE, BLANCH, M. (Orgs.). *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978. p. 35-49.

MORAES SILVA, Antonio. *Diccionario da lingua portugueza*. Vol. 1 e 2. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. Edição brasileira pela Livraria Francisco Alves, 1922. 783 p.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. 406 p.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Carlos. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 7. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996. 552 p.

PEIXOTO, Lílian Marilac Cornélio de Freitas. *A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical*. 2007. 171 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963. 167 p.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. *A variação lexical em atlas linguísticos paulistas: considerações em torno de “chuva”*. 2011, Uberlândia: EDUFU. Anais do SILEL, 2011. p. 1-12.

Submetido em: 10.10.2012

Aceito em: 30.11.2012

A delimitação de áreas dialetais no *Atlas prévio dos falares baianos*

The delimitation of dialect areas in
Atlas prévio dos falares baianos

Márcia Verônica Ramos de Macêdo

(Universidade Federal do Acre)

RESUMO: Neste artigo, apresentam-se a delimitação de áreas dialetais propostas para o Brasil e algumas considerações sobre três subáreas no Estado da Bahia, estabelecidas a partir da análise do conjunto das cartas linguísticas apresentadas no *Atlas Prévio do Falares Baianos*, com base em fatores linguísticos como a classificação morfológica, campo semântico e a etimologia. Tais áreas foram propostas tomando por base a divisão por macrorregiões do Estado, tendo como orientação metodológica os princípios da Geografia Linguística e vêm ilustradas com traçado de isoglossas.

Palavras-chave: Dialectologia. Geografia Linguística. Áreas dialetais.

ABSTRACT: In this article, are introduced the delimitation of dialect areas proposed for Brazil and some considerations on three subareas in the state of Bahia, established from the analysis of a set of linguistic maps presented in the previous linguistic map of speakers from Bahia, based on linguistic factors such as morphological classification, semantics and

etymology. Taking in mind the division of regions of the state, such areas were proposed. With the guidance of linguistic and geographic principles, isoglosses are determined.

Key words: Dialectology, Geographical distribution of dialects, Dialectal areas.

À guisa da introdução

Entre os objetivos que se propõem atingir os estudos dialetológicos, destaca-se o referente à delimitação de áreas dialetais. No Brasil, os estudos com esse enfoque começaram com Amadeu Amaral, em 1920, quando na introdução de *O Dialeto Caipira* o estudioso salientou:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grandes esforços zonas de diferentes matizes dialetal – o Litoral, o chamado Norte, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro (1920, p. 43).

Deve-se mencionar que a diversidade linguística que existe entre as regiões brasileiras espelha uma vasta pluralidade responsável pela diversidade dos usos expressa pelos falantes de cada área e decorrente de processos históricos e sociais que caracterizam a formação da nação. Se lembrarmos a época que em se deu a colonização, a origem dos colonizadores e as consequências linguísticas

de um contato heterogêneo, perceberemos que são aspectos que devem ser levados em consideração.

Ao longo dos anos, surgiram várias tentativas de traçar áreas dialetais brasileiras, com base em critérios diversos. Entre aquelas que adotaram o critério geográfico, citam-se as do filólogo Júlio Ribeiro, do dialetólogo Antenor Nascentes, do africanista Renato Mendonça e a do cientista social, Manuel Diegues Jr., entre outras. O que há de comum entre essas “tentativas” é o fato de que “partem sempre de fatos históricos e/ou socioculturais, sem um levantamento de traços linguísticos diferenciadores”. (LEITE; CALLOU, 2005, p. 18).

A proposta que vem tendo maior aceitação entre os estudiosos do assunto, até os dias atuais, tem sido a de Nascentes (1953) e, acredita-se, por ser uma divisão de base estritamente linguística. Com a feitura do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, quem sabe, teremos nova delimitação com base nos dados descritos e uma nova realidade se apresente.

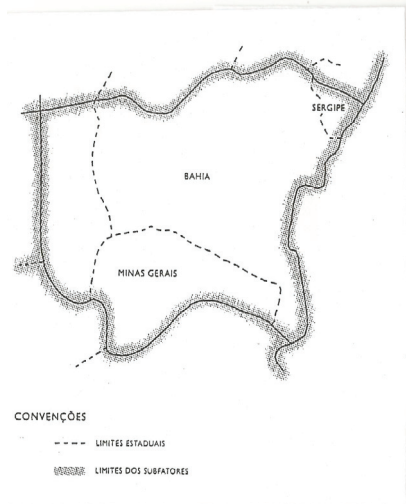
Sendo assim, com base na divisão de áreas dialetais de Nascentes (1953), especificamente, no reconhecimento “do falar baiano”, e na perspectiva da Dialectologia, da Sociolinguística e da Geolinguística, buscou-se definir algumas subáreas dialetais desse “falar” e identificar possíveis fronteiras dialetais nas áreas pesquisadas, fornecendo resultados em cartas de isoléxicas.

Breve retrospectiva

Retomando, entre as diversas tentativas de delimitação, feitas até o presente, destaca-se a proposta de Antenor Nascentes (1953, p. 25-26) que vem servindo de parâmetro para os estudos geolinguísticos brasileiros e norteia, também, essa pesquisa cuja finalidade é a delimitação de subáreas dialetais na região da Bahia.

Nascentes propôs a divisão do “falar brasileiro” em seis subfalares: 1. o amazônico, 2. o nordestino, 3. o baiano, 4. o fluminense; 5. o mineiro; 6. o sulista. Tais subfalares foram todos reunidos em dois grandes grupos: os falares do **Norte** e os falares do **Sul**. O autor justifica a delimitação com base em dois critérios: o primeiro, de *natureza prosódica*, o que chamou de *cadência*, e o segundo, da *pronúncia das vogais antes do acento* (pré-tônicas), ressaltando que as vogais abertas são características dos falantes da região Norte e as vogais fechadas, características dos falantes da região Sul.

Para o “falar baiano” – o que nos interessa, particularmente, neste artigo – o autor indica, como integrantes, os estados de Sergipe, Bahia, parte de Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste) e parte de Goiás (atualmente Goiás e Tocantins), como se mostra na Figura 1.



Fonte: Nascentes, 1953, p. 18.

Figura1 - Delimitação do “falar baiano” segundo Nascentes.

Estudos têm sido feitos tendo em vista examinar essa proposta de divisão dialetal de Nascentes, confrontando-a com dados, colhidos *in loco* já disponíveis. Com tal objetivo, Cardoso (1986), em artigo intitulado *Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil)*, ressaltou que, nessa área do *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (1966), registrava-se a realização das vogais pré-tônicas abertas. Salientou que o índice de maior frequência coube às vogais médias abertas, tanto no que diz respeito à vogal da série das anteriores quanto àquela da série das posteriores. Tal constatação demonstra a pertinência de Nascentes em relação aos limites estabelecidos por ele, pelo menos no que se refere a essa área considerada.

Ainda com base na divisão proposta por Nascentes acerca do falar baiano, Cardoso (1986, p. 53) confronta e analisa dados registrados pelo *APFB* com os que se documentam no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG*, o que permitiu avaliar de modo objetivo a realidade da área e esboçar algumas conclusões: 1^a) há uma unidade linguística configurada pelo Estado da Bahia e a parte Norte/Nordeste/Noroeste de Minas Gerais, explicitada na presença das vogais médias abertas pré-tônicas, documentadas majoritariamente na área; 2^a) a linha que demarca a fronteira entre o falar baiano e o mineiro e o fluminense aproximam-se consideravelmente dos limites estabelecidos por Nascentes, com base nos dados fornecidos pelos dois atlas; 3^a) realmente, **Nascentes tinha razão** ao elaborar a sua delimitação, após “*o ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá*” (1953, p. 24).

Neste artigo procura-se caracterizar as três subáreas dialetais da Bahia tomadas para estudo. Para dar cumprimento ao proposto, necessário se faz informar que as reflexões apresentadas

se fundamentam na Tese de Macêdo, defendida na Universidade Federal da Bahia, em 2012, cujo *corpus* base se constituiu a partir do conjunto de 154 cartas semântico-lexicais do *APFB*. Sobre a Tese são fornecidas, a seguir, breves informações.

A partir dos dados selecionados, foram elaboradas 54 cartas léxicas, das quais 10 foram denominadas de cartas *gerais* (aquelas que, de referência a um item considerado, apresentam distribuição diatópica de maior amplitude) e 44 cartas *de subáreas* (aquelas que apresentam dados específicos distribuídos de forma a configurar certa continuidade em determinada(s) área(s) da rede de pontos). Com base nesse último conjunto, foi possível a elaboração de cartas com traçado de isoglossas, foco da pesquisa. Para o estabelecimento dos traçados de isoglossas, consideraram-se, na Tese, os seguintes critérios:

- a) a concentração da lexia destacada na(s) subárea(s) específica(s);
- b) a ocorrência da lexia destacada em, no máximo, 29 pontos de inquéritos;
- c) o registro de, no mínimo, duas ocorrências por mesorregião integrante da subárea linguística;
- d) a correlação das áreas linguísticas (A, B, C, D, E, F, G, H, I) com as mesorregiões geográficas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7) estabelecidas;
- e) o registro das lexias destacadas no Glossário (vol. 3 da Tese) e no Quadro 6 - Cartas Léxicas de Subáreas (vol. 2 da Tese);
- f) a continuidade das formas no mesmo espaço geográfico.

Considerando os agrupamentos das etapas anteriores, empreendeu-se o estabelecimento de subáreas dialetais, buscando, para isso, correlacionar os usos linguísticos às mesorregiões do Estado da Bahia, assim definidas: 1 - Metropolitana de Salvador, 2 - Nordeste baiano, 3 - Centro Norte baiano, 4 - Vale São-Franciscano da Bahia, 5 - Extremo Oeste baiano, 6 - Centro Sul baiano e 7 - Sul baiano (Quadro 1 e Figura 2). No Quadro 2, complementarmente, apresenta-se a correlação entre as mesorregiões e as *Subáreas linguísticas* identificadas *A, B, C, D, E, F, G, H e I*.

Mesorregiões geográficas - IBGE	Pontos da rede -APFB
Metropolitana de Salvador	3, 4, 5
Nordeste baiano	1, 2, 13, 14, 15, 16, 17
Centro Norte baiano	18, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 32
Vale São-Franciscano da Bahia	37,38, 39, 40, 41, 42, 43, 45
Extremo Oeste baiano	44, 46, 47, 48, 49
Centro Sul baiano	21, 22, 23, 24, 25, 31, 33, 34, 35, 36
Sul baiano	6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 50

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 1 – Relação Mesorregiões Geográficas – Rede de pontos *APFB*

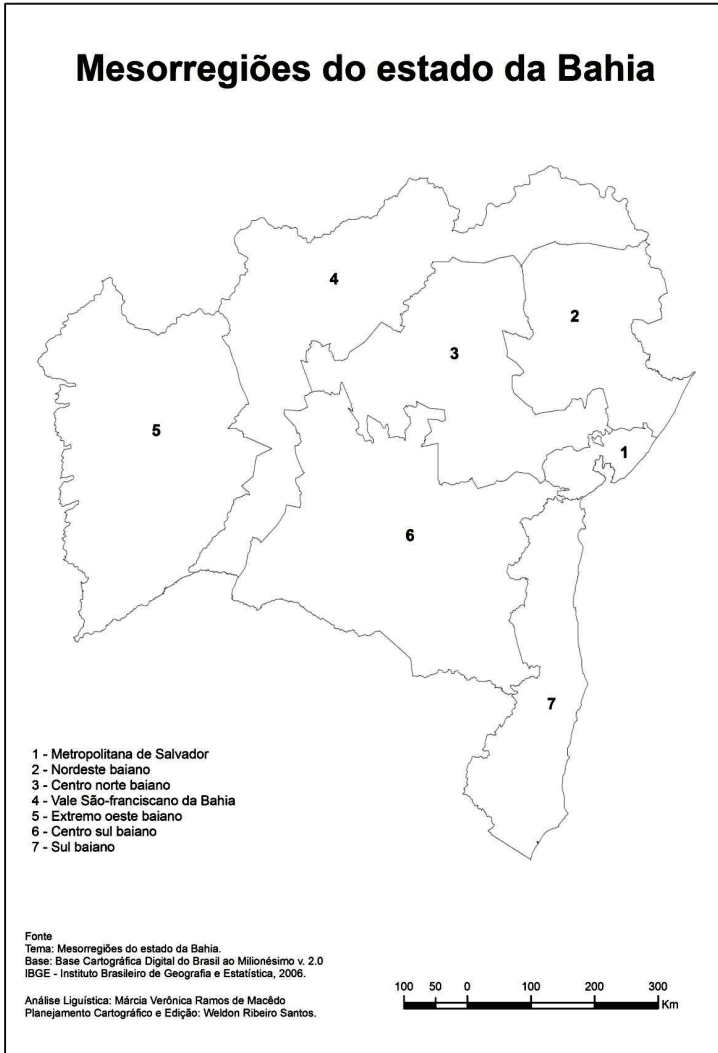


Figura 2: Mesorregiões

Desse modo, partindo-se da coincidência de usos em uma dada região, agruparam-se as lexias com vistas a identificar a constituição de áreas específicas, relacionando-as às mesorregiões, delimitadas conforme se apresenta no Quadro 2.

Subáreas dialetais	Mesorregiões geográficas	
A	1, 2, 3, 6, 7	Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano.
B	2, 3, 6, 7	Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano.
C	1, 2, 3, 7	Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Sul baiano.
D	1, 2, 3;	Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano.
E	6, 7	Centro Norte baiano, Sul baiano.
F	7	Sul baiano
G	3, 4, 6, 7	Centro Norte baiano, Vale São-Franciscano da Bahia, Centro Sul baiano, Sul baiano.
H	3, 4, 5, 6, 7	Centro Norte baiano , Vale São-Franciscano da Bahia, Extremo Oeste baiano, Centro Norte Sul, Sul baiano.
I	3, 4	Centro Norte baiano, Vale São-Franciscano da Bahia.

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 2 – Subáreas dialetais e Mesorregiões geográficas

Analisaremos três dessas subáreas dialetais: **A**, **C** e **F**.

Observando os dados das cartas de subáreas

Tomando por base os dados, observou-se que, em função da natureza do questionário semântico-lexical proposto pelo APFB, o perfil das respostas revela a presença prioritária de substantivos. Assim, para os 44 itens semântico-lexicais referentes às cartas de *subáreas*, foram registradas 61 respostas, das quais 53 são substantivos, 7 são adjetivos, verificando-se o registro de apenas um verbo. Dessas respostas, nove não têm registro nos dicionários de Língua Portuguesa. Com relação à etimologia, das lexias de *subáreas* verificamos que: 21 provêm do latim; 12 são de origem controversa/obscura; nove não estão dicionarizadas; oito são de

línguas africanas; cinco, de línguas neolatinas; quatro, do tupi e duas que se constituem formas expressivas — *ginge* e *conquém*.

As lexias de subáreas que não estão registradas nos dicionários de Língua Portuguesa pesquisados somam um total de nove, a saber: *mussuca*, *quiquio*, *mazá*, *barredeira*, *cobé*, *naruega*, *saqué*, *taruíra* e *jornadeiro*.

Em relação ao campo semântico foram selecionados para o estudo: astros e tempo, fauna, atividades agropastoris, ciclos da vida, fenômenos atmosféricos, convivência e comportamento social, corpo humano, acidente geográfico e vestuário e acessórios.

Em relação ao campo semântico das lexias de *subáreas*, constatou-se que os 61 itens lexicais estudados referem-se aos seguintes campos semânticos:

- Atividade agropastoril - 16 itens: *arataca*, *pataqueiro*, *macaqueiro*, *lavrador*, *sabugo*, *mussuca*, *cascabulho*, *batueira*, *moleque*, *rodete*, *garajau*, *gigo*, *capoeira*, *cacumbu*, *diarista*, *jornadeiro*.

- Corpo humano - 13 itens: *quiquio*, *argueiro*, *ovo-de-peru*, *xambouqueiro*, *capenga*, *coxé*, *coxo*, *náfego*, *borquilho*, *cambota*, *ginge*, *quipá*, *cafubira*.

- Convívio e comportamento social - 9 itens: *binga*, *mandraqueiro*, *macumbeiro*, *cobé*, *curador*, *barredeira*, *vassoura*, *rapariga*, *somar*).

- Fauna - 8 itens: *mazá*, *saqué*, *guiné*, *cocar*, *conquém*, *catende*, *taruíra*, *catueiro*.

- Fenômenos atmosféricos - 6 itens: *arco celeste*, *arco da velha*, *arco da aliança*, *cambueiro*, *neblina*, *naruega*.

- Vestuário e acessórios - 4 itens: *pincenê, califom, corpete, corpinho*.
- Astros e tempos - 3 itens: *zelação/velação, planeta, (as) matinas*.
- Acidentes geográficos - 2 itens: *carneiro d'água, marola*.

Delimitando as subáreas lexicais baianas

Para o estabelecimento das subáreas linguísticas, tomamos por base as mesorregiões geográficas do Estado da Bahia. Tendo a perfeita clareza de que os limites linguísticos não coincidem, necessariamente, com os limites político-administrativos e geográficos, mas com a finalidade de delimitar as subáreas linguísticas na região da Bahia, tomou-se como ponto de partida a divisão política proposta pelo IBGE, que estabelece sete mesorregiões homogêneas, conforme quadro 1.

À época da elaboração do *APFB*, vigorava a divisão regional em Zonas Fisiográficas. A partir da década de 70, passou a vigorar o sistema de divisão em Mesorregiões de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o qual esclarece que o caráter intrínseco da revisão da Divisão Regional do Brasil está fundamentado em um conjunto de determinações econômicas, sociais e políticas que dizem respeito à totalidade da organização do espaço nacional, referendado, no caso brasileiro, pela forma desigual como vem se processando o desenvolvimento das forças produtivas em suas interações com o quadro natural. A informação do IBGE (2010) salienta, ainda, que a Divisão Regional em *macrorregiões* – a partir de uma perspectiva histórico-espacial – enfatiza a divisão inter-regional da produção no país. Desse modo, a Divisão Regional do Brasil em *mesorregiões* buscou identificar

áreas individualizadas em cada uma das Unidades Federadas, tomadas como universo de análise e definiu as mesorregiões com base nas seguintes dimensões: o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial.

No caso específico da Bahia, as Zonas Fisiográficas passaram a corresponder a sete mesorregiões e a 32 microrregiões. Deste modo, partindo-se da coincidência de usos em uma dada região, agruparam-se as lexias com vistas a identificar a constituição de áreas específicas, do que resultou o estabelecimento de três subáreas consideradas neste artigo e, assim, delimitadas: Subárea A – mesorregiões 1, 2, 3, 6, 7; Subárea C – mesorregiões 1, 2, 3, 7; Subárea F – mesorregião 7.

A **Subárea A** abrange as mesorregiões 1, 2, 3, 6, 7 (Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano), conforme Carta Isoléxica Baiana – Subárea A.

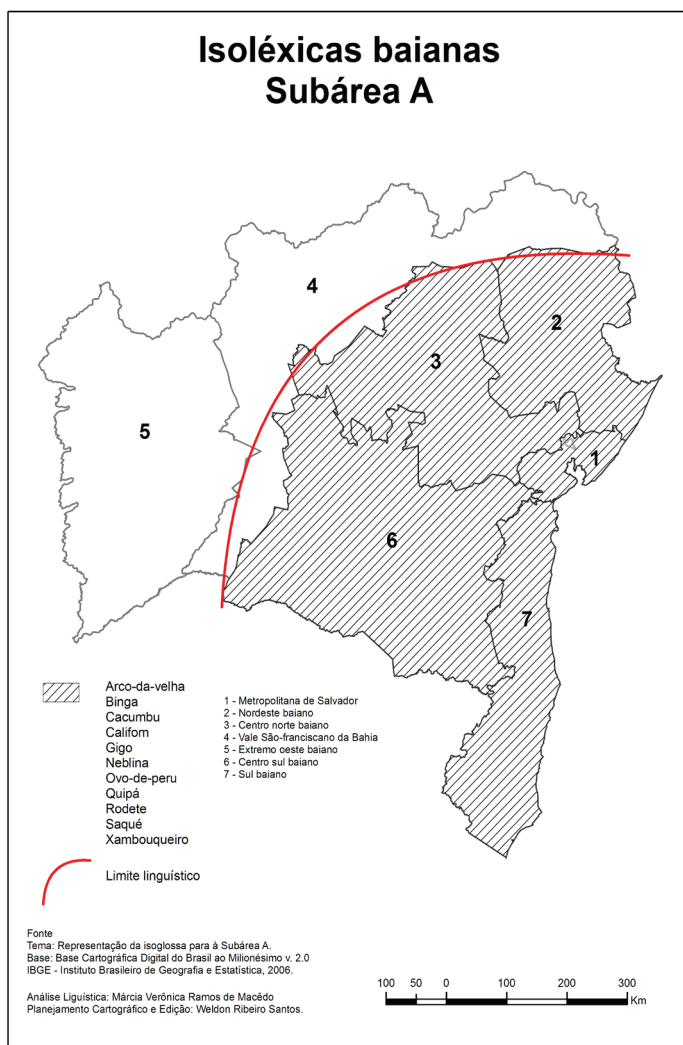


Figura 3 : Isoléxicas Baianas – Subárea A

As lexias encontradas na **Subárea A** foram *arco-da-velha*, *binga*, *cacumbu*, *califom*, *gigo*, *neblina*, *ovo-de-peru*, *quipá*, *rodete*, *saqué* e *xambouqueiro*, as quais se apresentam descritas, a seguir, sob a forma de verbetes que fornecem, na ordem, as seguintes

informações: (i) categoria gramatical; (ii) identificação; (iii) entre parênteses, pontos da rede onde ocorre; (iv) abonação com fala de informante; (v) conceito do dicionário Houaiss eletrônico (2012); (vi) etimologia; (vii) área semântica.

1. ARCO-DA-VELHA. s.m. Arco-íris (1, 4, 5, 8, 9, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 45, 48): *vergão que forma no céu, meio avermelhado e azul* (48). “m.q. arco-íris”. De arco (do latim *arcu*) e velha (feminino substantivado de *velho*), do latim *vetulu*. *Fenômenos atmosféricos*.

2. BINGA. s.m. Recipiente onde se guarda rapé (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31): *onde guardam o pó* (27). “Estojo para guardar um isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra”. Do quimbundo *mbinga* ‘chifre’. *Convívio e comportamento social*.

3. CACUMBU. s.m. Ferramenta muito gasta (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29): *tudo o que está velho, machado, enxada* (1). “Regionalismo: Brasil. faca, machado, foice, enxada, serrote ou outro utensílio cortante desgastado ou quase imprestável de tanto uso; caxirenguengue”. Do quimbundo *ka* ‘pequeno’ e *kimbu* ‘machado’. *Atividades agropastoris*.

4. CALIFOM. s.m. Sutiã (2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 43). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. *sutiã*”. Origem duvidosa. *Vestuário e acessórios*.

5. GIGO. s.m. Lugar onde se prendem galinhas: recipiente para transportá-las (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 25, 27, 28, 29, 35). *quintalzinho* [entenda-se cercadinho] *de vara pra prender um galo, por exemplo* (27). “Cesto de vime, junco etc., estreito e fundo; cabaz. Regionalismo: Brasil. Engradado de verga ou de junco, revestido de palha na parte interna e usado para

transportar louça”. Provavelmente de *giga*, de origem obscura. *Atividades agropastoris*.

6. NEBLINA. s.f. Nevoeiro (1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 19, 22, 25). “Névoa baixa e fechada; nevoeiro”. Do espanhol *neblina*. *Fenômenos atmosféricos*.

7. OVO-DE-PERU. s.m. Sarda (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29). “Pequena mancha cutânea pigmentada; efélide, sarda”. Ovo, do lat. *ovu*. Peru, do topônimo *Peru*. *Corpo humano*.

8. QUIPÁ. s.m. Coceira muito forte: *coceira seca; coceira braba, uma lepra que dá no corpo, coça, febre* (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 44). [Documentado em outra acepção]. Do tupi *ki'pá*. *Corpo Humano*.

9. RODETE. s.m. Peça do aparelho de ralar mandioca (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 27, 28, 31, 33, 50). “m.q. *caititu* (‘peça principal’), carretel de madeira usado na dobagem dos fios de seda; roda pequena; rodela, rodeta”. De *roda* (latim) + *-ete*. *Atividades Agropastoris*.

10. SAQUÉ. s.f. V. Galinha-d’angola (2, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 34, 35). [Não Documentado]. *Fauna*.

11. XAMBOUQUEIRO. adj. De corpo malfeito, desajeitado (1,2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 34). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: pejorativo. m.q. *chamboqueiro* (sem linha no porte, no trajar e/ou no trato; mal-amanhado)”. Variante de *xaboqueiro*, de *xaboque* (origem obscura) e sufixo *-eiro*. Derivado do radical *chamb-* de *chambão* nas acepções ‘rude, deselegante, malfeito’ ou derivado de *chabouco* + *-eiro*. *Corpo Humano*.

De acordo com os dados, a **Subárea A** apresentou a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 10 são substantivos (90,9%) e um é adjetivo (9,1%);

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que três são do latim (27,3%), três de origem desconhecida/duvidosa (27,3%), dois do quimbundo (18,1%), um do espanhol (9,1%) e um do tupi (9,1%). Além disso, temos um (9,1%) item que não se encontra registrado nos dicionários;

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que três itens lexicais estão relacionados às atividades agropastoris (27,3%), três ao corpo humano (27,3%), dois aos fenômenos atmosféricos (18,1%), um ao convívio e comportamento social (9,1%), um à fauna (9,1%) e um ao vestuário (9,1%).

A **Subárea C** compreende as mesorregiões 1, 2, 3, 7 (Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano e Sul baiano), conforme Carta Isoléxica Baiana – Subárea C.

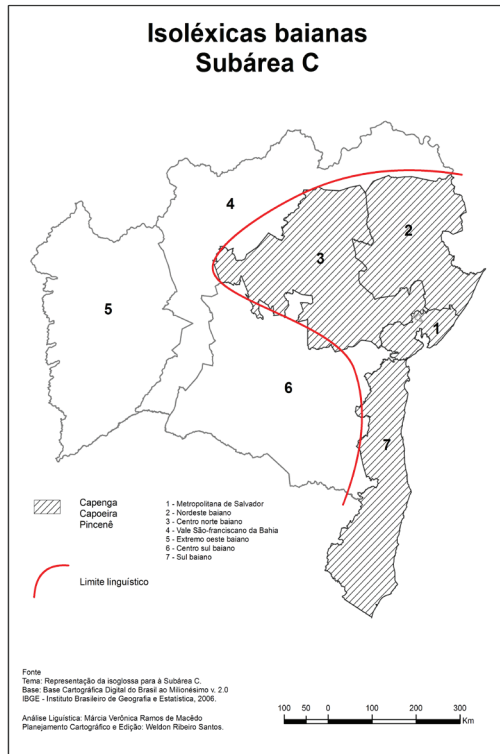


Figura 4: Isoléxicas baianas – Subárea C

As lexias encontradas foram: *capenga*, *capoeira*, *picenê*, a seguir descritas.

1. **CAPENGA**. adj. Pessoa que tem a perna mais curta que a outra (1, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 15, 16, 17, 19, 28, 29, 49). “Regionalismo: Brasil. Aquele que capenga, puxa da perna; coxo, manco, pernetá”. De origem controversa. *Corpo humano*.

2. **CAPOEIRA**. s.m. Cesto para transportar ou prender galinhas (3, 4, 5, 6, 7, 9, 15, 17, 19, 20, 27, 28, 33). “Espécie de cesto de varas, emborcado, usado para guardar capões e outras aves”. De *capão* e sufixo *-eira*. Cesto com a boca para baixo, onde me metem *capões*.

Capão (frango) do lat. vulg. **cappone* por *capone*. *Atividades agropastoris*.

3. PINCENÊ. s.m. Óculos (1, 3, 5, 6, 7, 13, 15, 30, 32, 38). “Óculos sem haste que se prende ao nariz por meio de uma mola”. Do fr. *pince-nez*. *Vestuário e acessórios*.

Por sua vez, a **Subárea C** apresentou a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que dois são substantivos (66,7%) e um é adjetivo (33,3%);

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que um é do latim (33,3%), um de origem desconhecida/duvidosa (33,3%) e um do francês (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que um item lexical está relacionado ao corpo humano (33,3%), um às atividades agropastoris (33,3%) e um ao vestuário e acessório (33,3%).

A **Subárea F** compreende a mesorregião 7 (Sul baiano).

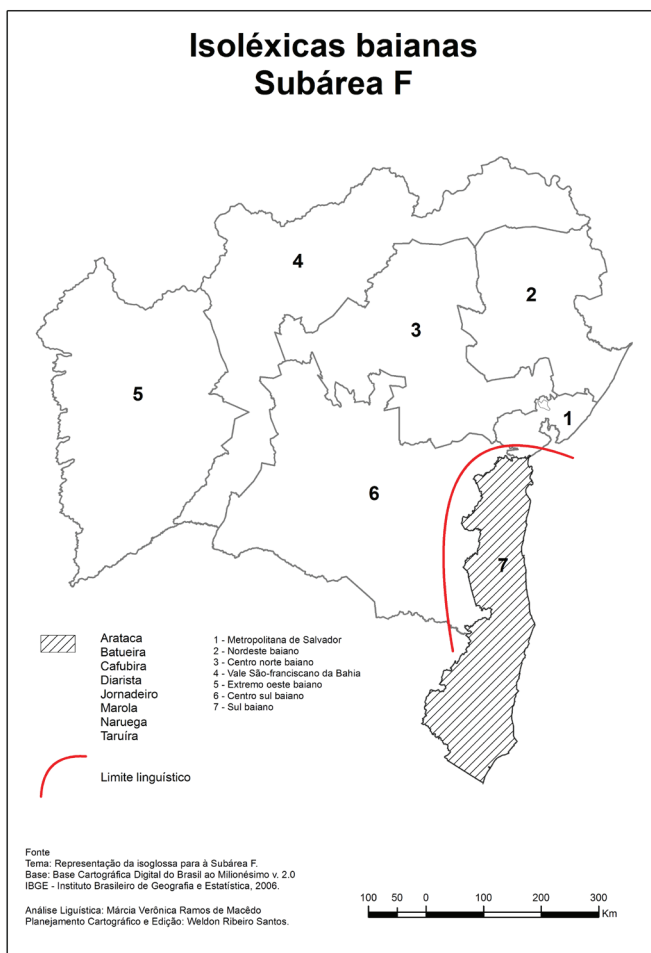


Figura 5: Isoléxicas baianas – Subárea F

As lexias encontradas foram: *arataca*, *batueira*, *cafubira*, *dianista*, *jornadeiro*, *marola*, *naruega* e *taruira*, descritas a seguir.

1. ARATACA. s.f. Tipo de armadilha de caça (7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 21, 39): *para pegar preá* (13). “Armadilha para caçar animais silvestres; arapuca”. Do tupi *ara'taka* ‘o que cai estalando’. *Atividades agropastoris*.

2. BATUEIRA. s.f. Sabugo de milho (11, 12, 50). “Regionalismo: Brasil. m.q. batuera; sabugo de milho”. Do tupi aba’ti ‘milho’ e ‘wera pret. de ser. *Atividades agropastoris*.

3. CAFUBIRA. s.f. Coceira muito forte (10, 12, 25). “Regionalismo: Minas Gerais, Goiás. prurido, coceira muito forte”. Segundo Nei Lopes, provavelmente de orig. banta, comparativo do quicongo *fibila*, com o umbundo *fumbila*. *Corpo humano*.

4. DIARISTA. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia (7, 9, 12). “Que ou quem não tem salário fixo, ganhando apenas os dias trabalhados (diz-se de ou trabalhador). De diária (latim *diarius*)+*-ista*. *Atividades agropastoris*.

5. JORNADEIRO. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia (6, 8, 9, 10, 22). [ND]. *Atividades agropastoris*.

6. MAROLA. s.f. Onda (9, 12, 50). “Regionalismo: Brasil. Ondulação natural na água do mar”. De *mar* + *-ola*. Mar, do latim *mare*. *Acidentes geográficos*.

7. NARUEGA. s.f. Nevoeiro. (10, 25, 50). [Não Documentado]. *Fenômenos atmosféricos*.

8. TARUÍRA. s.f. Lagartixa (9, 11, 12). [Não Documentado]. *Fauna*.

A **Subárea F**, por sua vez, apresentou a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que os oito itens levantados são substantivos;

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que dois são do tupi (25%), dois do latim (25%) e um do banto (12,5%). Além disso, temos três itens que não se encontram registrados nos dicionários (37,5%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que quatro itens lexicais estão relacionados às atividades agropastoris (50%), um à fauna (12,5%), um a acidentes geográficos (12,5%), um ao corpo humano (12,5%) e um item a fenômenos atmosféricos (12,5%).

A natureza dos itens lexicais das 3 subáreas

O Quadro 3 apresenta uma síntese das informações sobre os itens lexicais registrados nas três subáreas descritas, focalizando a classificação morfológica, a etimologia, o campo semântico e a informação sobre o registro ou não nos dicionários.

Nº	Lexia	Class. Morf.	Etimologia	Campo Semântico	Dic./ND
01	Arco-da-velha	s.m.	Latim	Fen. Atmosféricos	Sim
02	Binga	s.m.	Quimbundo	Convívio e Comp. social	Sim
03	Cacumbu	s.m.	Quimbundo	Ativ. Agropastoril	Sim
04	Califom	s.m.	Origem Duvidosa	Vestuário e acessório	Sim
05	Gigo	s.m.	Origem obscura	Ativ. Agropastoril	Sim
06	Neblina	s.f.	Espanhol	Fenômeno Atmosférico	
07	Ovo-de-peru	s.m.	Latim	Corpo Humano	Sim
08	Quipá	s.m.	Tupi	Corpo Humano	Sim
09	Rodete	s.m.	Latim	Ativ. Agropastoril	Sim
10	Saqué	s.f.	ND	Fauna	Não
11	Xamboqueiro	adj.	Origem Obscura	Corpo Humano	
12	Capenga	adj.	Origem Controversa	Corpo Humano	Sim
13	Capoeira	s.m.	Latim	Ativ. Agropastoril	Sim
14	Pincenê	s.m.	Francês	Vestuário e Acessório	Sim

15	Arataca	s.f.	Tupi	Ativ. Agropastoril	Sim
16	Batueira	s.f.	Tupi	Ativ. Agropastoril	Sim
17	Cafubira	s.f.	Banto	Corpo Humano	Sim
18	Diarista	s.m.	Latim	Atividade Agropastoril	Sim
19	Jornadeiro	s.m.	ND	Atividade Agropastoril	Não
20	Marola	s.f.	Latim	Acidente Geográfico	Sim
21	Naruega	s.f.	ND	Fenômenos Atmosféricos	Não
22	Taruíra	s.f.	ND	Fauna	Não

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 3 - Síntese das informações referentes às subárea A, C e F.

Podemos observar que dos 22 itens lexicais levantados nas subáreas A, C e F, em relação à classificação morfológica, 20 itens constituem-se de substantivos e apenas dois adjetivos (*xamboqueiro*, *capenga*). No que se refere à etimologia, observou-se que seis são do latim (*arco-da-velha*, *ovo-de-peru*, *rodete*, *diarista*, *capoeira* e *marola*); quatro de origem duvidosa/obscura (*califon*, *gigo*, *xamboqueiro*, *capenga*); três do tupi (*quipá*, *arataca*, *batueira*); dois do quimbundo (*binga* e *cacumbu*), um do espanhol (*neblina*), um do francês (*pincenê*) e um banta (*cafubira*).

Em relação ao campo semântico, observou-se que oito referem-se às atividades agropastoris (*cacumbu*, *gigo*, *rodete*, *capoeira*, *arataca*, *batueira*, *diarista*, *jornadeiro*); cinco ao corpo humano (*ovo-de-peru*, *quipá*, *xamboqueiro*, *capenga*, *cafubira*); três a fenômenos atmosféricos (*arco-da-velha*, *neblina*, *naruega*); dois ao vestuário e acessório (*pincenê*, *califom*); dois à fauna (*taruíra*, *saqué*); um a acidentes geográficos (*marola*); um a convívio e comportamento social (*binga*). Como se vê, o campo semântico de maior representatividade foi o da *atividade agropastoril*.

Em relação à dicionarização ou não dos itens lexicais, apenas quatro não estão dicionarizados (*saqué, jornadeiro, naruega, taruíra*).

Em relação ao limite linguístico das 22 lexias arroladas para este estudo, constatou-se que todas as lexias são comuns à mesorregião 7 (Sul baiano). Nenhuma delas, porém, está documentada nas mesorregiões 4 e 5 (Vale São Franciscano e Extremo Oeste Baiano), o que é um dado interessante, pois chama a atenção para o possível papel do Rio São Francisco, uma espécie de divisor das lexias, pois nenhuma delas ultrapassou os limites geográficos das suas águas.

O Quadro 4 apresenta a distribuição das lexias analisadas segundo a mesorregião onde foram registradas.

Lexia	Mesorregiões geográficas						
	1	2	3	4	5	6	7
Arco-da-velha	x	x	x	-	-	x	x
Binga	x	x	x	-	-	x	x
Cacumbu	x	x	x	-	-	x	x
Califom	x	x	x	-	-	x	x
Gigo	x	x	x	-	-	x	x
Neblina	x	x	x	-	-	x	x
Ovo-de-peru	x	x	x	-	-	x	x
Quipá	x	x	x	-	-	x	x
Rodete	x	x	x	-	-	x	x
Saqué	x	x	x	-	-	x	x
Xamboqueiro	x	x	x	-	-	x	x
Capenga	x	x	x	-	-	-	x
Capoeira	x	x	x	-	-	-	x
Pincenê	x	x	x	-	-	-	x
Arataca	-	-	-	-	-	-	x
Batueira	-	-	-	-	-	-	x
Cafubira	-	-	-	-	-	-	x
Diarista	-	-	-	-	-	-	x
Jornadeiro	-	-	-	-	-	-	x
Marola	-	-	-	-	-	-	x
Naruega	-	-	-	-	-	-	x

Taruíra	-	-	-	-	-	-	x
---------	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 4: Síntese dos registros das isoléxicas A, C e F.

Os dados constantes do Quadro 4 revelam que a mesorregião do Sul Baiano é a que apresenta maior riqueza vocabular.

Palavras finais

Neste artigo buscou-se retomar as áreas delimitadas por Nascentes (1953) no falar do Estado da Bahia, integrante da região do “falar baiano”. Para tal, tomou-se por base o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB publicado em 1966 e próximo de completar seus 50 anos, que ainda nos parece um ponto de partida para a elaboração de inúmeros atlas linguísticos já publicados e em andamento, dando vazão, inclusive, para a elaboração de minha Tese, em 2012, na qual pude elaborar 09 cartas com traçado de isoglossas, as isoléxicas baianas, nomeadas de A a I. Neste artigo demonstraram os resultados das cartas A, C e F.

Além disso, estudando a linguagem do homem e da mulher baianos, nos campos semânticos delimitados pela pesquisa do APFB, termina-se por fotografar as pessoas envolvidas no seu universo peculiar, com culturas bem mescladas em função da colonização nas regiões litorâneas, como a dos europeus, dos índios que já habitavam a terra na época da colonização e foram de algum modo, servil aos colonizadores, e dos africanos, que ‘serviram’ de mão de obra escrava, mas contribuíram para a constituição do léxico do português brasileiro.

Os traços lexicais, documentados nas cartas, são importantes para a história da língua portuguesa, em particular da feição regional, que o tempo e a modernidade se encarregam de modificar, transformar, apagar. E, nesse ponto, reside a principal importância da geografia linguística, sobretudo na região da Bahia, onde raças, línguas e costumes se unem numa dialeção, que o uniforme tende a nivelar todas as outras nuances do dialeto baiano.

No exame dos dados revelados pelas cartas linguísticas estudadas foi-nos possível perceber que há uma grande variedade de uso de lexias em relação aos itens semântico-lexicais e em determinados espaços; por outro lado, observou-se também que há uma concentração de algumas lexias em determinadas regiões como na região do Sul baiano.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- CARDOSO, Suzana. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n.5, p. 47-59, 1986.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 16/02/2014.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. *A Constituição de Subáreas Dialectais no falar da Bahia*. Tese de Doutorado. 460 f. Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2012.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO,

Suzana; In: MOTA, Jacyra Andrade; MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 321-357.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol.II, 1961.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos. Introdução. Questionário comentado. Elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1965.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

Submetido em: 10.11.2012

Aceito em:30.11.2012

Variação e mudança semânticas no léxico rural da Bahia

Semantic variation and change in rural
lexicon of Bahia

Maria Lúcia Souza Castro

(Universidade do Estado da Bahia/CampusV)

RESUMO: Neste trabalho verifica-se a variação e a mudança semânticas no léxico rural da Bahia, a partir de dados coletados nas localidades de Velha Boipeba, Abrantes e Santiago do Iguape. Comparam-se os dados obtidos com aqueles constantes de quarenta e nove cartas do *APFB* e de suas anotações de campo e de doze cartas-conjuntas Bahia-Sergipe, do *ALS*, que recobrem a área semântica “O Homem”. Observa-se se as ocorrências de alterações no conteúdo semântico das bases lexicais documentadas resultam de restrição, ampliação ou transposição de significado e se existem fatores externos que as condicionem.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Sociolinguística. Semântica. Lexicologia.

ABSTRACT: This paper verifies the semantic variation and change in rural lexicon of Bahia, from data collected in the villages of Velha Boipeba, Abrantes and Santiago do Iguape. Compare the data obtained with those contained in the forty-nine letters APFB and their field notes and letters

twelve-joint Bahia-Sergipe, ALS, that cover the semantic area “The Man.” It is observed that instances of changes in the semantic content of the lexical bases documented result of restriction, extension or implementation of meaning and if there are external factors that constrain.

Key words: Dialectology. Sociolinguistics. Semantics. Lexicology.

Introdução

O contato com os dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* e do *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* durante três anos como Bolsista de Iniciação Científica – CNPq, trabalhando sob a orientação da Profa. Suzana Alice Marcelino Cardoso, no Projeto *O léxico rural Bahia–Sergipe*, despertou em mim o desejo de retomar a pesquisa dialectológica na Bahia, iniciada pelo Prof. Nelson Rossi e sua equipe de estudantes, depois profissionais licenciados em Letras, que resultou na publicação do *APFB*. Desejo esse bastante pretensioso considerando-se que, naquela época, cinquenta localidades foram visitadas.

Além da paixão despertada pela pesquisa dialetal, contribuiu também para a definição do tema o fato de os estudos semânticos terem sido, ao longo da história do desenvolvimento da Linguística, menos contemplados em relação àqueles que envolvem outros níveis e áreas de abordagem da língua. Assim, ao decidir-me por realizar esta pesquisa, a intenção foi retomar a investigação dialetológica na Bahia, na perspectiva da análise semântica, com o intuito de poder contribuir para estimular o interesse por esses dois aspectos dos estudos linguísticos e pela análise e compreensão das diferenças de significado que separam os falantes de um mesmo dialeto, sejam nos aspectos temporal, geográfico, sociocultural ou psicológico.

Com esse objetivo e em face das dimensões da pesquisa, transformei meu sonho em realidade ao decidir-me pelo tema da minha dissertação de mestrado, cujos resultados encontram-se sintetizados neste trabalho: verificar a atualidade e a mudança semânticas no léxico de algumas das cinquenta localidades selecionadas para a elaboração do *APFB*. A escolha das localidades obedeceu a três critérios: antiguidade histórica, proximidade geográfica em relação à capital e necessidade de limitar a quantidade de dados a serem considerados em função dos objetivos traçados. De acordo com esses critérios, foram selecionadas três localidades: Velha Boibepa (A) – no município de Cairu, Abrantes (B) – no município de Camaçari, e Santiago do Iguape (C) – no município de Cachoeira.

Na definição do perfil dos informantes, foram observados os seguintes critérios: nível de escolaridade até a 4^a série do ensino fundamental ou analfabetos, naturais da localidade ou nela vivendo a, no mínimo, dois terços das suas vidas e não se terem afastado dela por períodos de tempo muito longos. Para atingir-se o objetivo de verificar a variação no tempo aparente, determinou-se que os informantes a serem inquiridos deveriam representar três faixas etárias: Faixa I – 10 a 20 anos; Faixa II – 30 a 40 anos; Faixa III – mais de cinquenta anos. Concluiu-se pela necessidade de inquirirem-se informantes de sexos diferentes, para analisar-se também a relevância desta variável no processo de variação ou mudança semânticas, distribuindo-se dois informantes, um do sexo feminino e um do sexo masculino, por cada faixa etária. Desse modo, decidiu-se pela aplicação de inquérito a seis informantes por localidade, num total de dezoito informantes. O quadro a seguir sintetiza os dados dos informantes.

Localidade	Nº	Sexo	Idade/ F a i x a Etária	Escolaridade	Profissão	Identificação
A – Velha Boipeba	1*	H	68 -FIII	2ª série	Pescador	A1HIII
	2	H	19 -FI	4ª série	Pescador	A2HI
	3	M	17 -FI	4ª série	Estudante	A3MI
	4	M	40 -FII	2ª série	Doméstica	A4MII
	5	M	60 -FIII	Analfabeta	Doméstica	A5MIII
	6	H	36 -FII	1ª série	Pescador	A6HII
B – Abrantes	7*	M	80 –FIII	Analfabeta	Doméstica	B7MIII
	8	M	15 -FI	4ª série	Estudante	B8MI
	9	H	17 -FII	4ª série	Vaqueiro	B9HI
	10	H	40 -FII	4ª série	Segurança	B10HII
	11	M	33 -FII	4ª série	Doméstica	B11MII
	12	H	65 -FIII	Analfabeto	Soldador	B12HIII
C – Santiago do Iguape	13	H	70 –FIII	3ª série	Comercian.	C13HIII
	14	H	38 -FII	Alfabetizado	Func.públ.	C14HII
	15	M	16 -FI	4ª série	Estudante	C15MI
	16	M	38 -FII	1ª série	Gari	C16MII
	17	M	65 -FIII	3ª série	Func.públ.	C17MIII
	18	H	19 -FI	4ª série	Biscateiro	C18HI

* Antigo informante do *APFB*.

Quadro 1 - Identificação dos informantes

Para delimitar o *corpus* a ser considerado, foram selecionadas quarenta e nove cartas do *APFB* e doze cartas-conjuntas Bahia–Sergipe, do *ALS*, que recobrem a área semântica “O Homem” e que constituem a base para o questionário aplicado, com cinquenta e sete perguntas. As perguntas incluídas no questionário abrangem as subáreas semânticas: o homem biológico – corpo humano, doenças, raças; o homem social – vestuário, adereços, trabalho; e o homem psicológico – personalidade, valores morais.

Sabe-se que, no plano diacrônico, ocorrem variações e mudanças de significado no léxico de uma língua. No plano sincrônico, podemos perceber a ocorrência de variações que poderão ou não

implicar em mudanças. A forma linguística concreta se distancia do seu conteúdo semântico original em decorrência de fatores diversos, que provocam o surgimento de novos sentidos, motivados ou não, em uma lexia ou desencadeiam restrição ou transposição do seu significado.

A hipótese considerada foi a de que, no período de tempo decorrido entre a elaboração/publicação do *APFB* (1960/1963) e o momento de execução da pesquisa de campo (1995), as bases lexicais já documentadas nas localidades novamente observadas tivessem sofrido mudanças no seu conteúdo semântico e/ou que essas mudanças estivessem ocorrendo no tempo aparente.

O questionário aplicado foi aquele utilizado para o *APFB* e reformulado para o *ALS*, destacadas as perguntas referentes às cartas selecionadas para este trabalho que constituem as cinquenta e sete perguntas formuladas aos informantes.

Num primeiro momento, as perguntas foram aplicadas através da formulação indireta – questionamento indireto; num segundo momento, e em virtude de não terem ocorrido espontaneamente, foram apresentadas as formas já registradas na localidade e anotadas no questionário, para reconhecimento ou não pelo informante – questionamento direto. Além da gravação, as respostas foram controladas no próprio questionário, assinalando-se aquelas coincidentes ou anotando-se as não coincidentes. A não coincidência das respostas dos informantes com as formas controladas no questionário implicou na apresentação das mesmas para reconhecimento através de questionamento direto.

Seguindo as orientações de Labov (1983, p. 75), as inquiridoras permaneceram em cada localidade por cinco dias, a fim de “observar el uso público del lenguaje en la vida cotidiana fuera de cualquier

situación de entrevista – con objeto de ver cómo utiliza la gente el lenguaje en su contexto cuando no hay una observación explícita”. Essa orientação visa a avaliar o grau de espontaneidade das respostas apresentadas pelos informantes ao entrevistador, comparadas ao uso que fazem do seu dialeto em situações de interação com a família ou demais membros da comunidade. Confirmou-se, assim, a ocorrência natural de diversas características dialetais, tanto no nível lexical como no fonético, registradas posteriormente através das entrevistas.

Análise dos dados

Na análise comparativa dos dados coletados em 1995 com aqueles registrados nas cartas selecionadas, considerou-se a ocorrência ou não das formas documentadas no *APFB/ALS*, bem como a manutenção ou não do mesmo conteúdo semântico. A partir desses dados, discutem-se aspectos das variações e/ou mudança no campo semântico, observando-se o seu alcance entre os informantes inquiridos e os possíveis fatores que as condicionam.

Formas registradas com o mesmo significado documentado no *APFB/ALS*

As declarações dos informantes revelam que o simples reconhecimento das formas não significa que estas façam parte do seu vocabulário ativo. O seu uso, muitas vezes, está restrito às gerações mais velhas ou pode ser condicionado pela variação livre e/ou pelo contexto, como no caso das entrevistas levadas a efeito, onde as lexias foram apresentadas aos informantes, durante o questionamento direto, ou surgiram espontaneamente nos seus discursos como uma segunda resposta ao questionamento indireto.

Os trechos das entrevistas transcritos a seguir confirmam que a seleção lexical depende, inclusive, de fatores que envolvem não só o falante como também o ouvinte. Dependendo daquele com quem fala, o indivíduo pode selecionar seu vocabulário de maneira que se possa fazer amplamente entendido, sem prejuízo das informações que deseja veicular. Essa seleção consciente ocorreu com alguns informantes, que, sabedores de que os inquiridores provinham de Salvador, preocuparam-se em fazer substituições no seu vocabulário, desistindo de uma seleção inicial para optar por outra que transmitisse claramente as suas informações, como se observa a seguir.

- DOC - Hum. E essa parte aqui, ó, Dona E.? (Mostra a rótula)
- INF 5 - A bola..., a rótula do joelho.
- DOC - Bom, a senhora ia falando outro nome aí. O que é que é?
- INF 5 - A bolacha do joelho.
- DOC - Chama também...
- INF 5 - Chama. É. (Superp.)
- DOC - ... bolacha.
- INF 5 - Chama. Um chama bolacha, outro chama rótula do joelho. (Inf. A5MIII - l. 100/7)
- DOC - Hum. Hum, hum. Saruabo ou saruaba.
- INF 13 - É esse nome que é conhecido como sarará. (Risos)
- DOC - A mesma coisa?
- INF 13 - Uns chama saruabo. Não tem idioma.
- DOC - Hum.

INF 13 - O povo não tem idioma. Um objeto só ele fala várias, fica vários nomes.(Inf.C13HIII-l.1533/8)

O conhecimento linguístico particular de cada falante, decorrente principalmente do grupo social a que pertence, é também um fator condicionante da conservação de formas não utilizadas pela maioria dos habitantes de uma comunidade. Estas formas não se mantêm no nível do vocabulário ativo e são utilizadas geralmente em situações restritas, como nos revela o informante C14HII.

DOC - Argueiro.

INF 14 - Argueiro... quer dizer, eu conheço biblicamente, argueiro quer dizer um cisco no olho de uma pessoa, no meu olho, por exemplo, aí a Bíblia trata dessa maneira, um cisco no meu olho e outro no seu...

DOC - Hum, hum.

INF 14 - E eu aí só posso enxergar o... o... o cisco no seu olho quando eu tirar o cisco do meu. (Risos)

DOC - Mas... e o povo aqui, em geral, utiliza essa palavra, conhece? O senhor sabe me dizer?

INF 14 - Só falam de argueiro, só conhece argueiro como, dessa maneira que eu estou falando, os evangélicos.

DOC - Quem, quem tem a leitura da Bíblia?

INF 14 - É. Outras pessoas não sabe nem o que é argueiro. (Inf. C14HII - l. 1350/60)

Formas com reconhecimento do significante sem identificação do significado

As características individuais de cada informante, a sua história de vida, o seu grau de afetividade para com a comunidade talvez também condicionem esse tipo de ocorrência. Porém não é possível,

aqui, apresentarem-se dados quantitativos que possam fundamentar essa possibilidade.

As formas que não tiveram o seu conteúdo semântico identificado pertencem a diferentes subáreas semânticas, não havendo, portanto, relevância desse fator no que diz respeito ao condicionamento das ocorrências.

São os informantes mais jovens, geralmente, que identificam algumas formas sem, contudo, identificarem o seu significado. O exemplo a seguir ilustra esse tipo de registro.

INF 3 - Eu ouço muita gente falar que tem a dona-do-corpo da gente.

DOC - Que tem o quê?

INF 3 - Que tem a dona-do-corpo da gente.

DOC - Ah, você ouve o povo falar isso?

INF 3 - É.

DOC - Hum.

INF 3 - Já ouvi, muita não, mas os mais velhos sim. Que a gente tem a dona-do-corpo da gente.

DOC - Hum. É? Os mais velhos que usam?

INF 3 - (Afirmativa com a cabeça) (Inf. A3MI - l. 619/27)

Os próprios informantes, notadamente os mais velhos, apontam as diferenças geracionais, o fator diacrônico, portanto, como aquele que os leva a desconhecerem e/ou esquecerem o significado das palavras, substituindo-as por outras “mais atualizadas”, conforme pode ser observado nos fragmentos das entrevistas transcritos a seguir.

- INF 13 - Usa. É um nome aplicado anteriormente; agora quase não está nem conhecido por este nome. A gente não conhece mais como pincenê. Quando fala pincenê, não sabe o que é, mas é óculos. (Inf. C13HIII - l. 1403/5)
- INF 17 - Antigamente, o pessoal dizia quando coisa... “Você está de flor vermelha!” quando cai um pouco de menstruação assim, de regra, num lugar, aí diz: “A sua flor vermelha manchou aquilo ali, viu?”
- DOC1- Hum.
- DOC2 - Hoje não se usa mais, dona J.?
- INF 17 - Não, hoje já tem tantos nomes, minha filha! (Risos) (Inf. C17MIII)

Formas documentadas no *APFB/ALS* e não reconhecidas em alguma das localidades

O não reconhecimento de formas documentadas no *APFB/ALS* e apresentadas aos informantes durante o questionamento direto pode ser classificado em três grupos.

No primeiro, estão basicamente as formas de *langue* que, talvez por esquecimento, provocado pela situação da entrevista, ou devido a características idioletais dos informantes, não foram reconhecidas, como:

APFB/ALS		Não reconhecimento por localidade/informante
Carta	Forma documentada	
Dente canino	Presa	A - MI
	Queiro	A - MI; B - MI
Nuca	Nuca	A - MI
Cavanhaque	Cavanhaque	A - MI; B - HI, MI, HIII; C - HI, MI
Abortar	Abortar	A - HI, B - HI
Aborto	Aborto	A - HI; B - HI
Rótula (do joelho)	Rótula	B - HI, MII; C - HI, MI
Sarda	Sarda	A - HI, MI, MII, MIII; B - HI, MI, MII, HIII
Que enxerga pouco	Míope	A - HI, MI; B - HI, MI, MII; C - HI, MI
Avarento	Sovino	A - HI, MI
Pérola	Pérola	B - HII, MIII
Cabide	Cabide	B - HI
Preto de cabelo liso	Cabo-verde	B - HI
Tipo de mestiço	Mulato	A - MI, B - HI

Quadro 2 - Formas do APFB/ALS não reconhecidas

Neste grupo, a grande maioria das ocorrências deu-se na fala de informantes da faixa etária I.

No segundo grupo, inserem-se as formas que estão caindo em desuso; sua permanência nas localidades está restrita a alguns falantes e geralmente fazendo parte apenas do seu vocabulário passivo. Abaixo estão relacionados alguns exemplos desse tipo de ocorrência.

APFB/ALS		Não reconhecimento por localidade/informante
Carta	Forma documentada	
Calvo	Calvo	A - HI, HII, MII, HIII, MIII
		B - HI, MI, MII, HIII, MIII
		C - HI, MI, HII, MII
Axila	Quiquio	B - HI, MI, HII, MII, MIII
Nascer o seio	Buzar	B - HI, MI, HII
Útero	Dona-do-corpo	A - HI, HII; B - HI
Aborto	Perca	A - HI; B - HI
Tornozelo	Rejeito	B - HI, C - MI
	Peador	B - HI, MI, MII, MIII

Quadro 3 - Formas não registradas

As formas não registradas no vocabulário de alguma das localidades inserem-se no terceiro grupo e encontram-se todas relacionadas a seguir.

<i>APFB /ALS</i>		Localidades onde não se registrou o uso da forma
Carta	Forma documentada	
De corpo malfeito, desajeitado	Chamboqueiro	B
Menstruação	Flor vermelha	B
Cisco que cai no olho	Argueiro	B
Conjuntivite	Dordolho	A, C
Madrasta	Padrasta	B
Pretensioso	Pábulo	A
Prostituta	Rudinha	A
Cambalhota	Carambela	C
Pérola	Aljofre	B
Sutiã	Galifõ	B
Trabalhador de enxada em roça alheia	Jornadeiro	A

Quadro 4 - Formas não registradas

Formas registradas que apresentaram variação e/ou mudança

A ocorrência de variações e/ou mudança semânticas nas formas registradas revela que estas seguem direções diversas. E os próprios informantes fornecem declarações que corroboram as teorias de Ullmann (1987, p. 401-491) que indicam os fatores que as condicionam e as direções que estas podem seguir. Assim, tem-se:

a) ampliação do campo semântico da forma

DOC - Hum, hum. Inchado.

INF 7 - Inchado, quando está doente fica inchado, né?
Também se usa também dizer inchado a pessoa que está zangado, né?

DOC - Hum.

INF 7 - A gente também diz que está inchado. “fulano está muito inchado hoje.”(Risos) Hoje já se usa dizer isso, antigamente não, mas agora... (Inf. B7MIII - l. 594/9)

b) a generalização do uso da forma

INF 14 - Marca é uma coisa assim no meu corpo. “Você está vendo essa marca aqui?” Vamos supor assim, isso aqui, esse risco (mostra no próprio corpo), isso aqui foi um arame, quer dizer, arame farpado, então ele riscou aqui e feriu, aí ficou essa marca, esse risco. Eu conheço como isso aqui, essa marca. Existe também coisas que eu conheço como marca, são momentos que fica na... que fica na nossa vida. Vamos supor assim, nós estamos agora conversando, discutindo esse assunto, quer dizer, pra mim pode ser um momento que vai marcar muito na minha vida, eu vou sempre me lembrar disso aqui, que eu estive com vocês e nós conversamos. (Inf. C14HII - l. 1153/9)

c) a restrição do campo semântico da forma

INF 14 - Perca, as pessoa falam como a pessoa perder, né? o menino na... é... é...

DOC - Hum, hum.

INF 14 - O pessoal aqui fala mais na fa... nas fazendas, quando, vamos supor assim, a gente vai sair agora de pessoas, né? pra animal, quer... eu quero... (inint.)... dar um pulinho lá fora, aí alguém diz assim: “Fulana, a vaca de Fulano de Tal deu uma cria mas foi perca.” Foi perca porque o gar... o bezerrinho nasceu morto.

DOC - E não usa pra gente não?

INF 14 - Pra gente não vejo usar não.

DOC - Só pra animal?

INF 14 - Só vejo usar lá em animal. É. (Inf. C14HII - l. 951/60)

d) a especialização do uso da forma:

DOC - Dois-dois.

INF 14 - Dois-dois é... já ouvi essa palavra, agora, isso fica em... chegado assim lá ao... candomblé, né? Negócio de dois-dois, o pessoal aqui conhece como aquele negócio de São Cosme,... (inint.).... Isso fica lá pro candomblé.

DOC - E o povo por aqui não costuma dar esse nome, dois-dois, pra os gêmeos também?

INF 14 - Já ouvi também falar isso, você me recordou. Já ouvi falar. A minha vó, ela falava sempre também nesse negócio, porque era um pessoal assim idólatra, né? e os povos idólatras, eles seguia muito por esse negócio de dois-dois. (Inf. C14HII - l. 1452/9)

Várias formas arroladas como exemplo de variação e/ou mudança semânticas, em relação ao uso que delas se fazia na época em que foram documentadas no *APFB/ALS*, denotam, muitas vezes, características idioletais dos informantes, o que, talvez, não implique exatamente em variação ou mudança, mas na possibilidade de que a) os informantes não possuam o conhecimento exato do seu conteúdo semântico ou b) representem manutenção/recuperação do seu significado original. Inclusive, não se pode afirmar categoricamente que na época da elaboração do *APFB* os conteúdos hoje documentados não fossem utilizados pela população local.

Outra questão a ser considerada neste caso é o de que boa parte dessas formas está inserida na subárea semântica “o corpo humano”, o que, em decorrência da sua especificidade, pode provocar uma certa confusão nos falantes quando estes estabelecem a relação

entre forma e conteúdo, levando-os a utilizá-las inadequadamente. A semelhança fonética entre formas de designação e a proximidade física de partes que compõem o corpo humano também podem provocar confusão: *tornozelo* pode ser utilizado para nomear *cotovelo*, *sarna* para nomear *sarda*, *rótula* passa a nomear a *batata da perna*, *cantareira* passa a designar o *ombro* e *nuca*, o *pescoço*.

As formas listadas a seguir, com o respectivo conteúdo apresentado pelos informantes, ilustram esses casos.

a) Possibilidade de que os informantes não possuam o conhecimento exato do conteúdo semântico das formas:

APFB /ALS		Conteúdo atual/informante
Carta	Forma documentada	
Dente canino	Presa	Dente queiro - AHII, BHIII
Dente do siso	Queiro	Dente de leite - AHII
Nuca	Nuca	Região posterior do pescoço-BMII
	Cangote	Pescoço - AMI
Clavícula	Cantareira	Região entre costelas, abaixo da clavícula - BHIII
Útero	Dona-do-corpo	Dor - BHII
Tornozelo	Tornozelo	Cotovelo - AMIII
		Joelho - BHIII
	Peador	Calcanhar - BHIII

Quadro 5 - Não conhecimento exato do conteúdo semântico das formas

Essa possibilidade também é confirmada pelos discursos dos informantes:

- DOC- Como é que vocês chamam aqui, C., esse dente que a gente tem aqui, que tem uma pontinha fina (mostra o canino).
- INF 6 - Qual? Esse daqui?
- DOC - Esse mais... É, que tem uma pontinha mais fina. Sim.

- INF 6 - O queiro, né?
- DOC - E esse que nasce lá atrás, quando a gente já está grande?
- INF 6 - Esse daí é o dente de leite. (Inf. A6HII, l. 1-6)
- DOC - E esse aqui, essa parte aqui mesmo, ó! (mostra o tornozelo)
- INF 4 - Ó! Esse daí eu nem sei. (Risos) Esse daí eu não sei não. Esse daí eu não sei não.
- DOC - E essa aqui? (mostra o calcanhar)
- INF 4 - Aí é... Como é? Joelho. Cotovelo é isso, né? Joelho. Né?
- DOC - Aqui?
- INF 4 - Cotovelo ou joelho? Agora eu não sei. (Risos) (Dúvida entre tornozelo e calcanhar)
- DOC - Você é quem sabe! (Risos)
- INF 4 - Isso aqui é o quê, né? Isso aqui é cotovelo (mostra o cotovelo). Cá é? Joelho (mostra o calcanhar). (Inf. A4MII, l. 125-35)

Possibilidade de que o conteúdo semântico atual represente manutenção/ recuperação do significado original das formas registradas:

<i>APFB / ALS</i>		Conteúdo atual/informante
Carta	Forma documentada	
Dente canino	Presa	Dente do cachorro - AHI
Nuca	Cangote	Pescoço do boi - AHIII
	Toitiço	Cupim do boi - AHIII
Clavícula	Cantareira	Prateleira - AHII, MII, HIII, MIII
Axila	Quiquio	Cócega - BHIII
Rótula (do joelho)	Bolacha	Biscoito - AMI, HIII
	Cotovelo	Cotovelo - BHI, HII, MII, HIII, MIII

Que não tem um olho	Piloto	Piloto - BMI, HIII
Xarope	Rompe-gibão	Planta medicinal- BHII,MII,HIII,MIII
Medalhinha de metal branco, santinho de pendurar no pescoço	Verônica	Nome próprio – AHI,MI; BMII; CMI, HII, MII

Quadro 6 - Manutenção/ recuperação do significado original das formas registradas

Nos casos específicos de *quiquio* ‘côcega’, *rompe-gibão* ‘planta medicinal’, *cantareira* ‘prateleira’ e *verônica* ‘medalhinha de metal branco, santinho de pendurar no pescoço’, observe-se que:

a) *quiquio* é uma forma onomatopaica, imitativa do barulho provocado pelo riso (qui! qui! qui!), que, inclusive, acompanha o ato de alguém ao fazer côcega em outrem;

b) *rompe-gibão*, segundo os informantes, é uma planta utilizada para fazer xarope ou chá;

c) *cantareira*, dicionarizada em Ferreira (1986) com a acepção de “Prateleira ou paiol de pedra que se usa nas cozinhas para depositar cântaros com água”, é apontada como brasileirismo com o sentido de ‘clavícula’;

d) *verônica* é um nome que, além de designar uma personagem bíblica – a mulher que enxugou o rosto de Cristo quando este caminhava para o Calvário carregando a cruz em que seria pregado –, por metonímia, designa também “A imagem do rosto de Cristo gravada em metal” (Ferreira, 1986). Na tradição religiosa brasileira, adotou-se o costume de nomear como *verônica* uma pequena medalha onde estivesse gravada a imagem de qualquer santo, que antigamente era muito utilizada pelos católicos, especialmente por aqueles de origem humilde, a quem se comumente atribui maior fé nos amuletos.

Essas informações nos levam a concluir que, para o informante BHIII, se mantém o conteúdo original de *quiquio* ‘côcega’, tendo havido, desde a época da coleta dos dados para o APFB, para os demais informantes, transposição do significado desta forma, através de processo metonímico: o nome da ação passou a designar o local onde a mesma é executada – a axila, o sovaco.

Para *rompe-gibão* ‘planta medicinal’, na localidade B, e para *cantareira* ‘prateleira’, na localidade A, considerando-se que esses significados foram apresentados pelos quatro informantes mais velhos, pode-se afirmar que houve recuperação do conteúdo original, tendo ocorrido, anteriormente, para os informantes do APFB, também a transposição de significado através de metonímia. Naquela época, a designação da planta passara a ser utilizada para nomear o xarope que com ela é feito para desobstruir os pulmões carregados de secreção; e a forma *cantareira* passara a ser utilizada para nomear a clavícula, devido a sua proximidade com o ombro, local onde as mulheres apóiam o cântaro – o pote, atualmente uma lata –, quando vão à fonte buscar água.

No caso da forma *verônica*, a recuperação do significado original, como nome próprio, deve-se ao fato de já não ser costume utilizarem-se medalhas com a imagem de um santo nelas gravada. As declarações dos informantes que reconheceram essa forma com o sentido relacionado à imagem de um santo confirmam que o seu desuso relaciona-se também ao desaparecimento dessa tradição. Ao reconhecê-la, a informante A5MIII, de 60 anos, faz referência à sua avô:

INF 5 - É umas medalha que tinha de primeiro.

DOC - Como que eram essas medalhas?

- INF 5 - Essas medalha tinha... era umas medalha com uma santinha. Minha vó botava muito em eu.
- DOC - É?
- INF 5 - Minha vó botava, enfiava em um cordãozinho...
 “Toma, minha filha, essa verônica pra botar em seu pescoço!” (Inf. A5MIII, l. 1202-7)

Algumas ocorrências indicam que o conteúdo semântico registrado na época da pesquisa não reflete mudança, mas, sim, a conservação de uso de outros significados, inclusive documentados no *APFB* para outras localidades. Nesse caso específico, tem-se o registro de *malina* ‘espécie de febre, doença’ com o significado de ‘criança traquina’, documentado em vários pontos do *APFB*.

Como exemplo de efetiva mudança semântica, mas em muitos casos não generalizada, isto é, restrita a alguns informantes, tem-se:

<i>APFB</i> / ALS		
Carta	Forma documentada	Conteúdo atual/informante
Rótula (do joelho)	Bolacha	Tapa - BHIII; CMI
Olho esbugalhado	Sapucaia	Tipo de armadilha - AMIII Fruta - AMII
Entrar na menopausa	Virou homem	Operou as trompas - BMII Lésbica - BHIII
Óculos	Pincenê	Espiar às ocultas - AHIII
Tipos de agasalho	Cachecol	Samburá - AMIII

Quadro 7 - Casos de mudança semântica

Em certos casos, apesar de ocorrer mudança semântica para algumas formas, o novo significado continua mantendo estreita relação com o anterior. Pode-se citar o exemplo de *cacumbu* ‘ferramenta muito gasta’, para o qual foram registrados três diferentes significados: faca quebrada (BHI); cabelo curtinho (BMII) e pessoa pequena (BMIII), que estão relacionados ao antigo significado pelo fato de conterem o sema [+ dimensão reduzida]. O que não se pode

afirmar é que, nas localidades, anteriormente já não se fizesse uso também desses conteúdos.

Considerações finais

As línguas, como organismos vivos, se movem através do tempo e do espaço. Movimento lento, é certo, mas inevitável. Perceber para onde e como se processa o movimento ou movimentos empreendidos por uma língua é tarefa não pouco árdua, mas extremamente interessante. É vasculhar escaninhos, gavetas e baús escuros e empoeirados; é enredar-se por caminhos tortuosos e desvendar mistérios escondidos no interior profundo de memórias e consciências diversas; é tentar entender a própria natureza humana.

As variações e mudanças sofridas por uma língua são explicadas, nos seus diversos níveis, por analogia, associação, lei do menor esforço, eufonia, diferenças espaciais, geracionais, sociais, profissionais, de estilo etc. Em se tratando, mais especificamente, do plano do significado, o que mais pode levar um indivíduo a perceber determinado conceito de forma diferente daqueles que participam de uma mesma comunidade linguística? O que nos leva, por exemplo, a discutir sobre o significado das palavras *liberdade* e *democracia*? O fato de as percepções sobre elas serem diferentes, como diferentes são os homens, como diferentes são as experiências de vida, os valores, os hábitos culturais.

Os homens mudam e com ele a língua que adquirem e utilizam como instrumento maior de comunicação, de interação social. As diferenças que os separam, no manuseio desse instrumento, não impedem, entretanto, que permaneçam interagindo e se comunicando, pois elas se processam e se instalam lentamente.

Serão trinta e cinco anos um período de tempo suficiente para se afirmar que ocorreram mudanças em uma língua? Ou poder-se-ia afirmar apenas que estas estão se processando e que seus usuários seguem utilizando-a indiferentes a esse movimento, já que continuam se entendendo plenamente, porém conscientes de que as línguas mudam, se “atualizam” de acordo com as necessidades, com a percepção daqueles que a detêm?

Os dados analisados neste trabalho nos levam a considerar que, ao fazer um estudo semântico de uma língua, além de avaliarem-se fatores objetivos, como os já citados, condicionantes de variação e mudança, lidar-se-á principalmente com a subjetividade dos falantes e que percepções diferentes de um mesmo mundo implicam também em diferenças nos planos da expressão e do conteúdo. E essas diferenças não dependem, necessariamente, da interferência da escola ou dos meios de comunicação, ou mesmo do grau de desenvolvimento de uma comunidade. As gerações mais jovens ou os falantes mais escolarizados podem manter vivas características dialetais utilizadas pelos mais velhos ou pelos menos instruídos, e estes, se “atualizarem”, aprenderem “palavras de ciência”, como declararam os informantes B7MIII e C14HII, respectivamente.

Nas localidades reinquiridas, registraram-se variações de significados entre os membros da população. Também se verificou que algumas bases lexicais estão caindo em desuso. O que não se pode afirmar é que as variáveis sociais consideradas para avaliar esse processo possam realmente condicioná-lo ou se dever-se-ia creditá-lo à ação do tempo, a características individuais do sujeito falante e à afinidade que este possui com a sua comunidade, que parecem ser fatores preponderantes a considerarem-se na análise de variações ou mudança de significado.

Observando-se as declarações dos antigos informantes do APFB novamente inquiridos – A1HIII, 68 anos, e B7MIII, 80 anos –, percebe-se que o comportamento linguístico destes não se diferencia dos demais e que suas características pessoais são mais relevantes na análise das suas declarações que o fato de pertencerem a sexos diferentes e à faixa etária III.

O informante A1HIII, por exemplo, passava seus dias a consertar redes de pesca enquanto assistia à televisão, confundiu *clavícula* com *vesícula* e do seu vocabulário fazem parte palavras como *super-homem* para ‘pretensioso’, *bóia-fria* para ‘trabalhador de enxada em roça alheia’.

Já a informante C7MIII reconheceu formas como representativas de hábitos linguísticos antigos e apresentou outras, “modernas”, que as substituem: *entojo*, *boi*, *vilide* e *lambedor* são formas antigas substituídas pelas modernas *enjôo*, *regra*, *catarata* e *xarope*; e destaca, inclusive, que “antigamente a coisa estava mais atrasada, a gente chamava vilide [a catarata], porque não ia nem ao médico, dizia o que queria!”

Localizar, no tempo aparente, os processos de variação semântica observados seria também afirmar que uma língua mantém-se estanque por determinados períodos de tempo, assim como se negaria também a possibilidade evolutiva dos seres humanos em todos os seus aspectos e a capacidade que estes possuem de retomar antigos hábitos e conhecimentos.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador, UFBA/

Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Tradução para o espanhol por José Miguel Marina Herreras. Madrid: Cátedra, 1983. 411 p.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5 ed. Tradução por J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. 577 p.

Submetido em: 03.09.2012

Aceito em: 30.11.2012

	COLOFÃO
Formato	15 x 21,5 cm
Tipologia	Georgia 11/16
Papel	Alcalino 75g/m ² (miolo) (capa)
Impressão	Edufba
Capa e acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	100 exemplares